

LADY  
AUDÁCIA



KARINA HEID



LADY AUDÁCIA

Série Damas de Aço — Livro 1

KARINA HEID

CONTENTS

[Dedicatória](#)

[O livro vem com um blog?](#)

[Prólogo](#)

[Chapter 1](#)

[Chapter 2](#)

[Chapter 3](#)

[Chapter 4](#)

[Chapter 5](#)

[Chapter 6](#)

[Chapter 7](#)

[Chapter 8](#)

[Chapter 9](#)

[Chapter 10](#)

[Chapter 11](#)

[Chapter 12](#)

[Chapter 13](#)

[Chapter 14](#)

[Chapter 15](#)

[Chapter 16](#)

[Chapter 17](#)

[Chapter 18](#)

[Chapter 19](#)

[Chapter 20](#)

[Chapter 21](#)

[Chapter 22](#)

[Chapter 23](#)

[Chapter 24](#)

[Chapter 25](#)

[Chapter 26](#)

[Chapter 27](#)

[Chapter 28](#)

[Chapter 29](#)

[Chapter 30](#)

[Chapter 31](#)

[Chapter 32](#)

[Chapter 33](#)

[Chapter 34](#)

[Chapter 35](#)

[Epílogo](#)

[Outros Livros da Autora](#)

[Sobre a Autora](#)

Copyright© 2020 Karina Heid Rocha Todos os direitos dessa obra são exclusivos da autora.

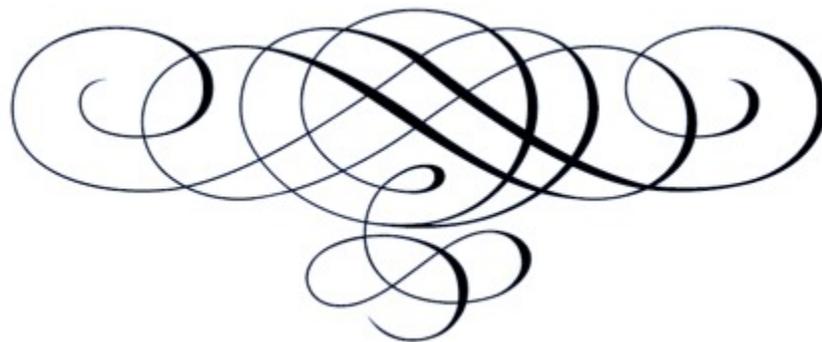
**É expressamente proibida sua distribuição ou cópia, parcial ou inteira.**

Editoração: Karina Heid Rocha

Revisão: Ingrid Heid

Capa: Larissa Chagas

[Created with Vellum](#)



D E D I C A T Ó R I A

E

muitas linhas de agradecimento. Usualmente

dedico meus livros àqueles mais próximos, e sempre em poucas palavras. Mas este, em especial, merece mais que poucas.

Pela primeira vez, tive **betas** me ajudando no processo, e o resultado desse esforço conjunto está aí, nas próximas páginas. O

trabalho de uma beta é ler, reler, apontar erros e incongruências na história, e eu não poderia desejar gente mais positiva ao meu lado.

Agradeço

de

todo

o

coração

a

**Daiane,**

do

IG

[@minhasviagensliterarias](#) por todo apoio e amor. Se eu um dia mostrasse as palavras que essa pessoa generosa compartilha comigo sobre minhas histórias, vocês tentariam roubá-la de mim para contratá-la como *coach* de apoio emocional. Como a quero pertinho de mim nos próximos projetos, não postarei prints :) Meu segundo agradecimento

vai para **Nariane**, uma leitora muito alto astral, empoderado e engraçada que eu tive a sorte de encontrar em 2019 e que me deu toques importantíssimos. Ela me ajudou MUITO

a colocar a história nos trilhos. Agradeço também a **Denise**, leitora/amiga/escritora que se tornou beta, mesmo sendo médica, mãe, festeira semi-profissional e escritora!! Sua alegria sempre me elevou!! Agradeço ainda imensamente a [Sarah Summers](#), também escritora/amiga/enciclopédia-alto-astral pelas vibrações, gritos e surtos coletivos. Por fim, à super diva maravilhosa [Victoria Gomes](#),

que virou um tipo de fada-madrinha e mostrou que a gentileza, sororidade e torcida atravessam oceanos! Sempre avante, meninas!

Espero retribuir um dia tudo que fizeram por mim!

Não poderia esquecer de agradecer, também, à turma mais bagunceira desse universo literário, que faz uma ou duas festas de arromba por dia dentro de um grupo cor-de-rosa de WhatsApp.

Vocês, bagunceiras, foram minha saúde mental em tempos de

Corona ( a verdade é que já estavam sendo há tempos) e merecem ser citadas em qualquer coisa que eu publique.

Agradeço ainda ao grupo mais exclusivo dos grupos, chamado, estranhamente, de *comer, escrever e focar* pelo suporte, espaço terapêutico e bunker dos planos mais mirabolantes para a conquista do mundo. Vocês são pura força <3

No mais, agradeço ainda a Aislan, André e Nina por serem tão pouco exigentes com a qualidade do jantar e me permitirem escrever à noite. Prometo continuar pagando plano de saúde e colaborar mais tarde com o psicólogo! (Mentira rsrs vocês são meus amores, e estão tão bem com o papai à noite como estão comigo de manhã. Amo vocês)

Por fim, agradeço a cada leitora que lê, compartilha, indica, e vem falar comigo. Vocês são a razão de tudo!

O L I V R O V E M C O M U M B L O G ?

S , vem!

O **Diários de uma Lady** é um blog de **curiosidades** sobre o reino de Württemberg (que existiu entre 1871 e 1914) e hoje faz parte da Alemanha moderna.

Tive a ideia do blog quando comecei a escrever e não vi como colocar

tanta

informação

relevante

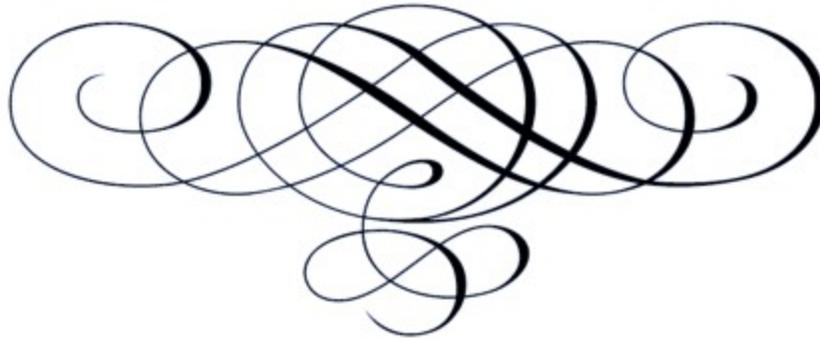
dentro

da

história.

Principalmente, porque senti necessidade de explicar algumas particularidades da nobreza alemã e como ela se diferenciava da nobreza inglesa (a vasta maioria dos livros que lemos se passa na Inglaterra, então alguns costumes diferem).

Se quiserem conhecer um pouquinho de história, do reino e da própria formação da Alemanha, deixo o blog no fim do livro para quem quiser visitá-lo!



## PRÓLOGO

*R*

*W*

*, 1871*

O INDUSTRIAL DO RAMO DO AÇO, Wolfgang Thiessen, tinha dinheiro e poder — e muito dos dois. Tinha também quatro paixões que o moviam como as reluzentes locomotivas que agora cruzavam as cidades alemãs, de quem cuidava com esmero quase obsessivo e vigiava com olhos de águia: uma siderúrgica que crescia monstruosamente e três filhas.

Criaturas de fácil operação, suas usinas demandavam algum manejo, mas respondiam a comandos e floresciam em uma sociedade cada vez mais industrial. Sua preocupação com elas era pouca: os tempos favoreciam o aço.

O tempo, no entanto, não favorecia suas filhas.

Ele olhou pela janela da confortável mansão com vistas para a Friedrichstrasse, no centro de Stuttgart, e lembrou que

mais uma temporada havia se passado e Charlotte, Emma e Arabella seguiam solteiras. Não era comum começar o dia preocupado com elas, mas elas estavam se tornando um aborrecimento vago, daqueles que não se resolvem nem desaparecem sozinhos. Com vinte e quatro, vinte e dois e vinte e um anos, respectivamente, esperava-se que já estivessem encaminhadas. Essa era a ordem do mundo: mulheres casavam-se cedo, ponto. A solteirice era um fracasso pessoal e Herr [1 Thiessen não era dado a fracassos.](#)

O industrial trouxe o punho às vistas, tentando fechar a abotoadura enquanto pensava na diferença entre siderúrgicas e mulheres. A diferença era absurdamente simples: com um tipo ele sabia lidar, com o outro, não. Seu valete pediu permissão para

ajudá-lo e ele estendeu o braço, vendo o jovem enfiar o botão trabalhado na casinha de bordas costuradas. Indústrias alteravam sociedades, costumes, hierarquias. Embora ele conseguisse ver o horizonte de possibilidades que elas permitiriam ao mundo, ele não tinha ideia — ou vaga competência — para entender as complicadíssimas demandas femininas.

Na rua, carruagens cruzavam para lá e para cá no ritmo da modernidade, sob o céu sem cor de inverno. O gramado costumeiramente verde estava pálido da geada, e resquícios de neve acumulavam-se rentes às sebes bem aparadas.

Seu valete havia acabado de ajeitar a manga do casaco sobre o punho quando Frau [2 Herta](#) irrompeu no cômodo. Ela ofegava, as bochechas vermelhas pelo esforço da subida apressada até o segundo andar.

— Trouxe a correspondência, Senhor — A senhora de cabelos brancos e aspecto rechonchudo resfolegou. A pequena bandeja com as correspondências tremia em sua mão.

Embora a residência dos Thiessen contasse com uma dezena de empregados, entre eles um garoto de recados, a governanta, parte da família há duas décadas, fazia questão de acumular funções — e não deixar que ninguém se esquecesse disso.

— Esse não é o seu trabalho, Frau Herta, e a senhora sabe.

— Devido à urgência da mensagem, decidi trazê-la eu mesma —

ela respondeu em tom de decisão, praticamente encostando a bandeja no cotovelo do patrão. — O mensageiro está lá fora, aguardando a resposta.

Os olhos cansados do homem encontraram os do valete, que se retirou. Herr Thiessen pegou o envelope e o girou entre os dedos.

— O que é isso?

— Este é o brasão da casa de Württemberg — ela falou, tomando o convite de suas mãos. — Importa-se se eu abrir?

A governanta quebrou o lacre sob os olhos entediados do homem e retirou do envelope um cartão retangular. Ela ia arregalando os olhos à medida que corria as vistas pelo papel.

— *Lieber Gott.* [3](#) Acabamos de ser convidados para um baile em Solitude, a residência oficial dos Württemberg-Winental.  
— Herr

Thiessen mal teve tempo de expressar reação. — Ao que parece, fomos convidados a toque de caixa. O baile é amanhã!

Bailes evocavam em Herr Thiessen a mesma excitação que registros contábeis e balancetes financeiros. Mentira, balancetes e registros eram mais interessantes. No entanto, depois do desastre de ter três mulheres e nenhum filho para substituí-lo na administração dos negócios, tudo que lhe restava eram bailes. Eram nesses eventos tediosíssimos que suas filhas circulavam pelos mais altos níveis sociais, e relacionavam-se com pessoas distintas.

Felizmente ou infelizmente, a nobreza adorava bailes. Embora *nobres* não estivessem entre as coisas que Herr Thiessen considerasse distintas.

Nos últimos tempos, alguns amigos do clube de cavalheiros haviam casado suas filhas com nobres endividados, mas o industrial via esses arranjos com desconfiança. As meninas herdavam o título e alguma duvidosa influência junto ao rei, mas traziam para casa a indolência crônica e a mente mofada da nobreza. Muitos dos condes e barões a quem os amigos agora chamavam de genros tinham mais dívidas que interesse nos negócios, e a palavra trabalho, tão cara para ele, soava aos preguiçosos como palavrão. Indústrias inteiras haviam ruído nas mãos de genros abobalhados, e fortunas se perderem por falta de gerenciamento. Contudo, admitindo ele ou não, aquelas criaturas ociosas ainda tinham os melhores relacionamentos.

— Mande confirmar nossa presença — o homem respondeu, conferindo as horas no relógio de bolso. — A senhora irá como acompanhante das meninas.

— *Confirmar?* — Frau Herta perguntou, horrorizada.

O homem parou com o relógio na mão, sem entender a expressão apavorada da governanta. Bailes não eram coisas boas? Só havia uma pessoa ali que desejava mais o casamento das meninas do que ele próprio: Frau Herta. Desde que a mãe delas morrera, décadas atrás, Frau Herta havia assumido a missão de criá-las, educá-las e discipliná-las com o firme objetivo de colocá-las no verdadeiro caminho feminino: o do matrimônio.

Até o momento, caso não estivesse enganado — e Herr Thiessen jamais estava —, a casa funcionava como uma máquina

alemã e suas três filhas, como engrenagens bem endentadas de um mecanismo lubrificado. E, embora soubesse que mulheres e aço reagissem de formas distintas, o fabril daquela casa havia produzido moças prontas para o casamento, e bailes, via de regra, era onde tudo começava.

A governanta andou até a janela e apontou para o mensageiro que aguardava do lado de fora:

— Herr Thiessen, por que acha que os Württemberg estão dando um baile?

— Não faço ideia dos objetivos de um baile, Frau Herta. Não oferecemos muitos nos últimos anos. Mas assumo que descobriremos quando estivermos lá — o empresário respondeu.

Havia rumores de uma greve iminente, seu principal convertedor estava dando sinais de falha e seu gerente geral estava em viagem de negócios. Uma junta de advogados o aguardava para uma reunião para a qual já estava atrasado, e mesmo assim — mesmo com o caos que

o esperava — ele preferiria estar na fábrica do que ali, falando sobre festas.

Frau Herta arregalou os olhinhos azuis e sussurrou como se trocasse confidências:

— Estão dando um baile para que o duque finalmente escolha uma esposa!

— Esposas de nobres não são escolhidas em bailes — o homem desmereceu a ideia. — Elas são escolhidas em reuniões de negócio.

A governanta balançou a cabeça que não, como se Herr Thiessen não estivesse entendendo a gravidade da situação.

Atravessando o quarto com passos duros, ela parou ao lado da escrivaninha e começou a procurar algo entre os jornais empilhados.

— Por que nos convidariam? — Frau Herta perguntou de costas para ele.

— Por que temos três jovens solteiras em casa?

— Desespero — ela respondeu à própria pergunta. — O senhor tem *três* filhas.

Herr Thiessen suspirou. Enquanto via a governanta procurar alguma coisa entre a desorganização, tentava lembrar-se do que

ouvira recentemente no clube de cavalheiros. Alguém havia mencionado algo sobre o duque, mas como o assunto não tinha relevância para os negócios, ele não deu importância. Agora, refletindo melhor, perguntava-se: qual seria a

verdadeira intenção do convite? Nobres eram esnobes, arrogantes e tão enrijecidos que chegava a cair pó de seus ouvidos. Seus bailes eram exclusivos e costumavam ignorar a elite surgida da indústria.

— Se ao menos eu conseguisse achar o jornal! — a mulher resmungou.

— Que jornal?

— O *Württembergisches Blatt*<sup>4</sup>! Tenho certeza que li algo a respeito do duque.

Antes que Herr Thiessen pudesse bater o martelo sobre a ida —

recusar convites era ruim para os negócios — Frau Herta gritou:

— ACHEI!

Ela arrancou o jornal da pilha e começou a folheá-lo atrás da coluna. Parando ao lado da janela, deslizou as vistas até a pequena nota e dobrou o jornal, estendendo-o ao patrão.

A governanta aguardou que Herr Thiessen lesse a coluna, atenta às suas mudanças de expressão. A saudável tonalidade do rosto do homem transformou-se em lividez.

— A duquesa está desesperada — Frau Herta disse em um tom que misturava advertência e predição. — Eles já extinguiram as chances com todas as damas do reino. Provavelmente estão convidando as meninas porque desejam *novidade*.

— O que estão dizendo aqui sobre o duque é... *horrível*.

Frau Herta assentiu, a boca curvada para baixo como uma meia lua.

— Ele realmente levou um tiro no ... nos...?

A governanta fingiu ajeitar um vinco imaginário na saia rodada, fazendo que sim.

O industrial abaixou o jornal, e um silêncio pesado como chumbo caiu sobre o aposento. Aquilo poderia ser apenas uma nota maldosa em uma coluna mexeriqueira, mas dificilmente seria inventada.

— Pode não significar nada — ele coçou a testa. — Pode ser ruim para os negócios se...

— ... se um genro como aquele entrar para a família? — Frau Herta cogitou, sugestiva.

Herr Thiessen endireitou as costas. Não havia pensado na possibilidade de que uma de suas filhas pudesse, eventualmente, ser cortejada pelo anfitrião.

De súbito, a solteirice das filhas parou de incomodá-lo, e ele foi tomado por um sentimento brando de cautela.

— Entendo sua preocupação — o homem disse, ciente das implicações em aceitar o convite — ...porém, não podemos esquecer da relevância de um baile...

— ...para os negócios. — A governanta resmungou.

— Avise ao mensageiro que iremos, por favor.

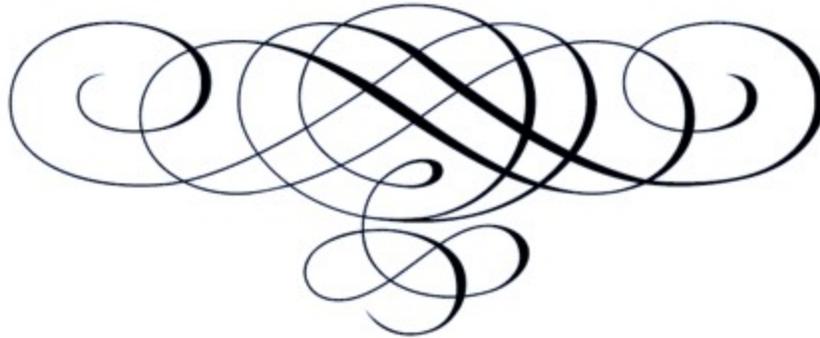
Frau Herta assentiu a contragosto, e com uma mesura deixou o quarto.

**1** Pronome de tratamento: Senhor

2 Pronome de tratamento: Senhora

3 Meu Deus!

4 Algo como “A Folha de Württemberg”



1

— E

? — Arabella perguntou, fechando o livro que tinha nas mãos.

— Sim. Foi levar a correspondência para papai. — Emma desenrolou os mapas que tirou de debaixo do sofá e os estendeu sobre a mesinha de centro. — Temos pouco tempo.

Emma ergueu a saia e se sentou no chão, entre camadas e camadas de tecido. Tirou um lápis de dentro do caderninho e recomeçou o estudo do trajeto. Arabella enfiou a mão sob a poltrona e puxou um livro fino de encadernação colorida, folheando-o até encontrar o trecho marcado. Limpando a garganta, recomeçou a leitura de onde tinham interrompido no dia anterior:

— *“Trudy alisou os pelos negros das mãos do corsário, perguntando-se que tipo de poder o dorso de uma mão*

*possuía.*

*Aquela não era uma mão ordinária: era a mão mais masculina que já havia visto. Dedos longos de unhas bem feitas deslizavam pela pele melada de sal e suor, arrepiando os pelos claros de seu braço.*

*Tudo o que Trudy conseguia pensar, quando não estava tentando se acalmar, era em como podia sentir-se ao mesmo tempo irritada e atraída pelos malditos dedos morenos, cujas falanges estavam cobertas por fios escuros e sedosos. Por Deus, ele era um pirata. Um tigre, uma criatura selvagem e sorrateira que se aproximava de donzelas para atacá-las. Uma vez atacadas, elas estariam perdidas."*

Arabella baixou o livreto e olhou com a testa franzida para Emma. A irmã do meio, inclinada de maneira torta sobre o mapa incrustado de nomes exóticos, ergueu o rosto. As duas deslizaram juntas os olhos até a mais velha das três, Charlotte.

— *Tigre?* — Emma repetiu. Charlotte sequer subiu os olhos do bordado. Inabalável, continuou a transpassar a agulha pelo tecido

preso ao bastidor, esticando lentamente a linha até a altura do queixo e voltando a mergulhá-la no tecido, com a paciência de uma santa. Aos poucos, a imagem de um pequeno colibri azul começava a se formar no linho estirado. — Como foi que a frase mais repetida por Frau Herta acabou parando na história?

Um discreto movimento no canto dos lábios era a única prova de que Charlotte as estava ouvindo. Um sorriso minúsculo para uma diabrura relativamente pequena.

— Para quem sabe ler, pingo é letra — Arabella alertou, voltando ao livreto nas mãos. — Isso aqui jamais pode cair nas mãos dela .

— Esse livro jamais poderá cair nas mãos de quem quer que seja — Emma a corrigiu.

— O livro não cairá nas mãos de ninguém. Vamos, continue —

Charlotte pediu.

Arabella apoiou o livreto sobre o corpete, esparramada sobre o pequeno sofá de estofado adamascado e continuou, com voz baixa e firme:

— *"Uma trilha de pelos lisos e escuros descia pela barriga até o epicentro de sua virilidade. O caminho de aspecto sedoso desaparecia sob o umbigo, escondendo-se sob as bombachas.*

*Trudy sentia as pernas amolecerem cada vez que as coxas do homem esbarravam nas dela. As muitas camadas de vestido mal escondiam o interesse do pirata. Um pensamento a fez congelar inteira: se ele a desejava, em breve tentaria despi-la. O pensamento seguinte agiu de modo contrário, agitando-a: ora, ela mesma desejava despir-se! Queria sentir a pele morena daquele homem em contato com a sua; sentir os ombros largos eclipsando a visão do teto do navio enquanto se movia sobre ela. Experimentar a sensação de sentir as mechas do cabelo escuro roçarem em seu rosto no ritmo das ondas..."*

— Uau — Arabella parou de ler para exclamar. — Gostei desse último parágrafo.

— Também gostei — Charlotte admitiu, guardando os romances azuis enquanto decidia a próxima cor.

— Só não entendi uma coisa. Como pode um corpo eclipsar a visão do teto do navio?

Inclinada sobre os mapas, Emma riu.

— Use a imaginação, querida.

Arabella olhou para o teto, pensativa. Então corou.

— Oh.

Arabella havia conseguido imaginar. Não era fácil visualizar as cenas quando não se sabia nada sobre o universo dos relacionamentos íntimos, um assunto geralmente mantido tão escondido, mas *tão* escondido, que nem mesmo aqueles em um relacionamento íntimo conseguiam visualizar. Mas com ajuda das leituras certas — e das erradas —, as imagens iam ficando mais detalhadas.

— Não sei se estou imaginando certo — Arabella falou com a boca escondida atrás do livro, uma edição mensal contrabandeada de uma tabacaria do centro. — É *assim* que acontece?

— Digamos que seja *uma* das formas de acontecer — Charlotte respondeu. — Mas sem a parte do sal na pele, do cheiro do porão e do "perfume de almíscar sobre a pele bronzeada".

— Bem, se uma donzela for sequestrada por um pirata, será assim que acontecerá — Emma olhou divertida para a irmã.

— Agora entendo por que quer desbravar o mundo, Emma —

Arabella virou o livro para conferir a capa. — Para encontrar corsários de falanges cabeludas. Eles são realmente fascinantes.

— A culpa de minha fascinação é exclusivamente de Lady Malícia — Emma admitiu. — Por causa de suas histórias cheias de piratas, ciganos, aventureiros e exploradores de pele bronzeada, visitei mais lugares que imaginei visitar, e sonhei com mais cretinos morenos que uma dama deveria sonhar.

Charlotte ergueu os olhos do bordado e encarou a irmã. Emma sorriu de volta, voltando a estudar o mapa.

— Acha que encontrará pessoas assim em suas aventuras?  
—

Arabella perguntou a Emma.

Emma estava para responder quando Charlotte disse primeiro:

— Infelizmente não existem homens como nesses livros, querida.

Só na literatura.

Emma fez que sim. Romances eram romances.

— É uma pena — Arabella passou o polegar sobre a imagem do corsário de cabelos escuros na capa. — Homens com dedos morenos definitivamente mexem com a minha imaginação. E o que

dizer de peles douradas? Aliás, o que exatamente seria uma *pele dourada*? Sempre que leio isso, imagino papiros egípcios e homens pintados de ouro.

— Pense em uma pele banhada pelo sol durante todo o verão —

Charlotte respondeu. — Imaginou? *Isso* é uma pele dourada.

Arabella pareceu ter gostado da imagem que surgiu na mente.

Os espanhóis eram conhecidos por terem pele morena, assim como os italianos do sul, especialmente quando visitavam o mar.

— Por que todos os personagens de Lady Malícia são assim? —

Arabella quis saber.

— Digamos que Lady Malícia tem um tipo de leitora em mente —

Charlotte olhou para a irmã do meio. — E essa leitora prefere os morenos.

Emma sorriu. *Sim, essa leitora encantava-se com tudo que remetia a sol, saúde e vitalidade*, pensou, traçando um círculo ao redor de um minúsculo ponto do mapa. Principalmente quando essa leitora mal podia sair de casa.

— “Com olhos que fazem a mocinha desejar mergulhar na escuridão...?” — Arabella perguntou, sonhadora.

— É uma boa frase — Charlotte pousou o bastidor ao lado e tirou do bolso do vestido um pequeno lápis unido a um bloquinho. —

Vou anotar.

— Sim, sim, sim! — Arabella ergueu animadamente o livro, adicionando: — "Olhos de uma escuridão absurda, como o oceano em noites sem lua..." Anote, Charlotte.

As irmãs pararam de rir ao ver que Emma não estava mais se divertindo. Ela havia paralisado na frente do mapa, e o olhava com a unha do mindinho entre os dentes.

Arabella deitou o livro sobre a barriga e perguntou: — O que foi, Emma?

— Não existem estradas de ferro na África — Emma suspirou, desanimada. — Não, pelo menos, para onde a expedição vai.

A troca de assunto foi tão abrupta que as irmãs demoraram para entender. Emma trouxe de volta à mesa o imenso mapa que mostrava os contornos do continente Africano e apontou para onde a expedição aportaria: — Não há malha ferroviária no país.

— Mas você já sabia disso, não? — Charlotte perguntou.

— O país está em expansão... Achei que tivessem trens por lá.

— Não muda o fato de que é a *África* — Arabella disse. — Em algum momento você teria que prosseguir de camelo.

— Não há camelos nessa parte da África — Emma disse, paciente.

— Mas há cavalos — Charlotte lembrou.

Emma fez uma careta de desânimo. Cavalos não estavam em seus planos.

Quando ouviu pela primeira vez, meses atrás, que o botânico Gerhard Barth havia sido convidado para compor uma expedição rumo ao continente Africano, Emma decidiu que partiria com eles.

Exímia desenhista e calígrafa talentosa, ela poderia muito bem acompanhar a caravana tomando notas para os etnólogos e botânicos, e desenhando qualquer bicho, planta ou paisagem que surgisse no caminho.

Seu único impedimento era ela mesma. Ou melhor: a forma como os outros a viam. Por causa dos pulmões fracos e da inexplicável falta de ar, Emma fora criada em uma redoma, como uma flor vulnerável. Era impedida de realizar qualquer atividade que a forçasse além do necessário — como praticar exercícios — e, recentemente, os médicos pediram que considerassem a solteirice, já que ter filhos poderia matá-la. Emma sabia que ali, no reino, estava fadada a uma vida solitária e sem emoção, e seria obrigada a se contentar com atividades caseiras desinteressantes até a morte.

Há alguns meses, ela havia decidido que sua saúde a impediria de ter quase tudo que poderia desejar, mas não lhe roubaria a chance de ver o mundo. A decisão pela África foi inconsciente, mas não incompreensível. O continente Africano era um tipo de desafio quimérico, a forma simbólica de alcançar o inatingível. Ele tinha a resistência, a robustez e a vastidão que lhe faltavam, e, sozinho, incorporava tudo que ela precisava. Havia nascido em um corpo frágil, um vaso feito por um artesão relapso, mas seus sonhos eram nada menos que de aço. Um continente conhecido por sua força atraía sua alma forte, e ela contava que seu corpo fraco a levasse até lá.

Ela só precisava achar um modo de ser aceita na expedição.

Seu primeiro contato com o Sr. Barth não dera em nada — ele sequer a olhou duas vezes quando ela o abordou no parque botânico de Stuttgart. No entanto, quando a viagem foi marcada para o fim do verão, e seu trajeto, definido, Emma precisou agir.

Ignorando algumas regras e burlando outras, escreveu para o Sr.

Barth e enviou alguns de seus desenhos, assinando-os como *E.*

*Thiessen.*

Emma havia estudado cada trecho daquela viagem. Sabia que subiriam até Hamburgo e de lá zarpariam de navio até o assentamento. Ela só não contava que milhões de pequenas dificuldades acumulariam-se junto às grandes. *Ser mulher* fazia parte das grandes; *não saber montar*, das pequenas. Emma passou as mãos pelo rosto, adicionando mais um entrave à ida. *Montar*, ela escreveu no pequeno caderno de bolso, no fim de uma lista que parecia infinita. Em algum momento da expedição ela precisaria prosseguir a cavalo.

— Posso continuar? — Arabella perguntou, virando a página.  
—

Mais cinco parágrafos e a história pega fogo. É sempre assim nas histórias de *Lady Malícia*.

— Preciso conversar pessoalmente com o Sr. Barth. —  
Emma ignorou a irmã, olhando para Charlotte. — Mas onde?  
Como abordá-lo?

— Acho que em breve terá a sua chance — Charlotte falou perpassando o fio verde pelo linho branco.

— Por que diz isso?

Charlotte levou a linha até a boca e a partiu.

— O Sr. Barth é apenas um etnólogo, você não conseguirá nada abordando-o na rua. Precisamos descobrir quem são os verdadeiros financiadores da expedição — Charlotte deu um nó no verso do tecido, deixou o verde-floresta de lado e pegou outro carretel, de um verde mais claro.

— Ouvi dizer que há financiadores particulares entre a nobreza

— Emma disse. — Ao que parece, ela está interessada em artigos raros para suas coleções.

— O interesse da nobreza é comercial — respondeu Charlotte.—

Precisamos saber quem são os financiadores de Württemberg. São

eles que podem abrir as portas para você.

— Faz sentido. Mas por que acha que terei em breve a chance de conversar com o Sr. Barth?

Charlotte inclinou o corpo para observar a rua através do vão entre as cortinas, onde um mensageiro aguardava atrás dos portões.

— Porque sabemos que em breve haverá um baile no reino, e aquele veículo pertence a uma casa ducal.

Ela apontou para fora, onde uma carruagem preta aguardava na frente do portão trabalhado. Arabella sentou-se para ver por entre a fresta da cortina, enquanto Emma

encarava Charlotte. De súbito, as chances de descobrir quem era o financiador da expedição pareceram maiores.

— Você acha que...

Emma não conseguiu completar a frase. A tábua solta do último degrau da escada rangeu, denunciando a aproximação de Frau Herta.

— Meninas? — A voz da governanta as colocou em ação.

O livro caiu das mãos de Arabella, que, em um movimento ágil, chutou-o para debaixo do móvel. Emma terminou de enrolar os mapas e os enfiou sob o sofá bem no instante em que a governanta abriu a porta.

Frau Herta entrou na sala encontrando o clima de completa tranquilidade. Arabella, sentada castamente no sofá, folheava uma edição encadernada em capa dura. Emma inclinava-se sobre uma pesada bíblia apoiada na mesa de centro, enquanto Charlotte terminava tranquilamente a cauda do pássaro que havia começado a bordar naquela manhã.

— Como vão os estudos? — A governanta perguntou ao entrar.

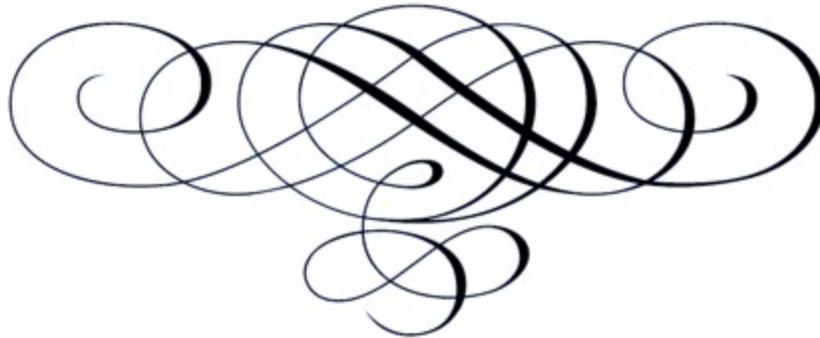
Arabella largou *Os Sofrimentos do Jovem Werther* e ergueu os braços, espreguiçando-se: — Amo Goethe. Poderia lê-lo o dia inteiro.

Frau Herta cruzou os braços na frente do vestido e fez uma carranca ao ver que Emma estava sentada no chão.

— Levante-se do tapete pelo amor de Deus, Emma. Quer pegar um resfriado?

Emma apoiou-se na mesinha e se levantou, ajeitando a saia de modo que a barra tapasse os rolos enrolados sob o sofá.

— Arrumem-se — A governanta mandou, visivelmente emburrada. — Vocês foram convidadas para um baile. Precisamos providenciar vestidos apropriados.



2

*Do outro lado da cidade*

D

inconvenientes de levar um tiro nas partes íntimas, estava a necessidade de provar que elas ainda funcionavam. Pelo jeito, sobreviver ao tiro não havia sido o maior desafio de Dietrich, o nono duque de Württemberg-Winnetal.

Mostrar que ainda mantinha-se viril, sim.

E era por causa da virilidade do filho que a duquesa estava naquele bordel. Ela subiu as escadas tentando não encostar em nada, amaldiçoando Dietrich em um vocabulário que chocaria estalajadeiros beberrões. Tivesse tido ela três *filhas* ao invés de três filhos, não estaria ali. Se uma delas voltasse da guerra com um tiro no lugar onde Dietrich foi alvejado, duvidaria que ela estivesse em um bordel, com as saias levantadas, tentando provar sua feminilidade.

A duquesa alisou as têmporas doloridas. Não eram apenas as calças que o filho andava tirando com frequência: ele andava tirando sua paz, também. Em parte porque ela ainda sofria de palpitações ao pensar em como quase o perdera; em outra, porque um tiro no meio das pernas — ainda que a desgraça fosse contada, hoje, com nuances heróicas e levemente cômicas — poderia significar o fim de sua linhagem. Medalhas não produziam herdeiros; partes íntimas funcionais, sim. Uma terceira preocupação se juntava às outras, levando-a finalmente até ali: a aversão de Dietrich aos rumores.

A corte estava sendo cruel. Os mexericos, constantes, rudes e indiscretos. Ao invés de lidar com a crise com discrição, Dietrich

havia decidido chocar os fofoqueiros. Entre seus novos hábitos, por exemplo, estava testar suas capacidades reprodutoras com as prostitutas da Allemannenstrasse. E só por isso a duquesa desejava fazer picadinho dele, como os açougueiros faziam com a carne no mercado central.

A duquesa chegou ao quarto com as mãos em punhos, tomada por uma vontade insana de esganá-lo. Ela havia procurado Dietrich por cinco dias em meio a um turbilhão social — o reino de Württemberg havia acabado de ser anexado à Prússia, Bismarck fora eleito Chanceler, e uma nova constituição surgia junto com o país — mas não era a anexação ou a belicosidade do chanceler o maior burburinho da cidade: a sem vergonhice do filho continuava sendo o assunto da vez. Segundo a vulgar coluna do *Württembergisches Blatt*, o duque "parecia ter se mudado para o famoso prostíbulo de Stuttgart, já que não saía mais de lá". A nota terminava alfinetando-o: "Mas ele estaria lá fazendo o quê?"

Dietrich sempre lhe causara dores de cabeça, desde criança.

Mas o infame sorriso de lado e a capacidade de derreter corações o permitiram ir longe demais. Sua inconsequência e falta de compromisso com os deveres ducais justificavam suas decisões.

Não foram decisões muito pensadas, mas foram bem executadas.

Wilhelmine abriu a porta do quarto e deu de cara com o filho em posição espalhafatosa. Onde estava a decência daquele homem?

No chão, junto com as suas roupas. Seu cabelo estava desgrenhado, e o ridículo cacho que insistia em cair sobre a sua testa, erguido em posição deselegante. Nada naquela criatura parava no lugar, e a extensão dessa afirmação era vasta: dos conselhos que entravam pelos seus ouvidos até suas partes íntimas.

Mas sua vingança estava sendo articulada. Ele não saberia o que o havia atingido até que fosse tarde demais.

DO LADO OPOSTO DO CÔMODO, Dieter concluía que o respeitado bordel já fora mais bem frequentado. Não que ele

pudesse criticá-lo, dado o quanto o frequentava, mas o controle de acesso às acomodações do terceiro andar estava um fiasco.

Sua mãe, por exemplo, estava ali, e não deveria estar. Não com ele *naquela* posição.

A prostituta de seios generosos e bochechas afogueadas, sentada em seu colo, parecia igualmente surpresa. Não era todo dia que uma aristocrata invadia um bordel, estatelava a porta na parede e mandava todos para fora. Adicionando, em seguida, que a *Fräulein* 1 *ruiva* saísse de cima do filho. A *Fräulein ruiva*, no caso, era ela.

— Bertha — Dietrich ajeitou-se na cadeira, sorrindo para a mocinha sobre suas pernas. — Poderia nos dar licença, por favor?

Bertha tirou lentamente uma das pernas de cima das dele, e ele aproveitou a cintura larga da moça, que tapava a visão da mãe, para fechar os botões da calça.

Bertha abaixou a saia, tensa. Não era apenas a reputação de um homem em jogo, ali; a sua estava em jogo também. Ela o olhou de maneira cúmplice:

— E o pequeno Dieter? Nada?

O duque balançou com desconforto a cabeça que não, enquanto, do outro lado do quarto, a duquesa rosnava. O objeto da fofoca maledicente tinha agora um apelido.

Dietrich deveria se preocupar em ajeitar as calças ou a camisa, mas só conseguia se concentrar na dolorosa verdade que *não* queria aceitar: ele não controlava mais pequeno Dieter. Não que pequeno Dieter fosse pequeno; ele estava apenas combalido e assustado. Ele havia tentado de tudo, e de cada coisa, muitas vezes. Havia tentado a seleção e a repetição; as manhãs e as noites; sóbrio e bêbado, animado e amuado. Tentou com ruivas e morenas, com mulheres grandes e pequenas, roliças e magricelas.

Nada.

— Dietrich!

Bastou um chamado da mãe para um dos Dieter se levantar. A mãe observou o filho erguer-se como uma muralha e quase bater no teto. Bertha juntou as peças de roupa espalhadas no chão e saiu de fininho, evitando o olhar da dama que parecia feita de pedra.

Dieter não gostou do modo como a mãe o olhava. Seu tronco estava exposto, mas por sorte estava de calças.

Sem ajuda de um valete, Dietrich gastaria o triplo de tempo para se vestir — caso conseguisse. Não era intenção irritar a duquesa, mas sua cabeça estava longe. Era a quinta vez em menos de três dias que suas tentativas o frustravam. Ele abotoou a camisa com um sulco na testa. *E se Pequeno Dieter jamais subisse outra vez? E*

*se nunca mais conseguisse deitar-se com uma mulher?*

*O que homens sem Dieters faziam?*

Ele não queria pensar naquilo agora. Subindo os olhos até a mãe, Dieter falou: — É curioso vê-la aqui, *Mutti*. [2](#)

— *Curioso* seria imaginar o esqueleto do seu pai se contorcendo no túmulo, seu inconsequente. Que amanhã estaremos de novo no *Württembergisches Blatt* merece outra palavra.

— Não seja exagerada. — Dieter lambeu a palma da mão e ajeitou a mecha rebelde ao resto da cabeleira. Ao tentar colocar o colete, enfiou o braço na manga errada. Ainda estava tonto pela bebedeira da noite anterior.

— *Oh, du Trottel* [3](#) — a duquesa bufou, adiantando-se para ajudá-lo. — Foi através do jornal que eu soube que estava

aqui. Por sorte eles terão, em breve, coisas mais interessantes para publicar.

Ela ajeitou o lenço em volta do pescoço do filho, tentando enfiar as pontas dentro da gola amassada.

— Terão? — O duque perguntou, vendo-a perder a paciência com sua roupa mal cuidada.

— Você terá uma surpresa.

Dietrich não gostava de surpresas.

— Como consegue? — Ela murmurou mais para si do que para ele, correndo os olhos pelo quarto. — O que está tentando provar nesta pocilga?

Ele não respondeu. Ela se escandalizaria se dissesse em voz alta o que estava tentando provar há vários dias. Sem sucesso, mas, ainda assim, com tocante perseverança. A duquesa, nem um pouco interessada na resposta, deu-lhe as costas e dirigiu-se para a saída, arrastando atrás de si a fabulosa cauda do vestido.

— Espero não a ter aborrecido demais, mamãe.

A mãe fez um gesto de desdém com as mãos.

— Meus aborrecimentos estão mais perto do fim que imagina, *mein Lieber*. [4](#) Estou descendo — avisou. — Não se demore, se quiser retornar para casa.

A duquesa desceu a escadaria como uma avalanche descendo os Alpes: ela poderia carregar qualquer um que se pusesse em sua frente. Dieter desceu atrás dela, tentando não pisar no tecido do vestido, sob olhares arregalados e

cochichos femininos. Sua cabeça latejava em dois mil lugares, como se duas mil facas o torturassem.

— O que quis dizer com "se eu quiser retornar para casa?"

— ele perguntou. — Onde está minha égua?

— Mandei levarem-na para Solitude.

— Você o quê? — Ele tropeçou em uma garrafa jogada no meio da escada, amparando-se nas paredes para não cair.

— Quando fez isso?

— Hoje, mais cedo. — A duquesa se virou, encarando-o duramente: — Como pôde deixá-la tantos dias em uma cavaliça tão imunda? Aos cuidados de gente sem experiência, enquanto você... — ela prensou os lábios, irritada. — Você não merece aquele animal.

Aquilo não era verdade. Se havia algo que ele amava mais que tudo era aquela égua. Ele mandou que a levassem ao parque, e caprichassem na limpeza da baia enquanto estava lá. Não era um lugar perfeito, mas Emma já tinha visto lugares piores.

— Não quero voltar para Solitude. Meu lugar é em Stuttgart

—

Dietrich falou.

A voz da mãe ecoou pelas paredes descascadas do velho casarão:

— Você irá para Solitude. *Hoje* se preferir que as coisas corram bem, ou *amanhã*, se não quiser que eu feche este lugar.

Os olhos ferinos de Wilhelmine passaram pelos muitos rostos maquiados que a observavam. Não demorou um segundo para que Dietrich fosse expulso do estabelecimento sob o coro de "Vá para casa!"

Do lado de fora, Dietrich sentiu as consequências dos dias enfiado no bordel, à base de bebidas, mulheres e lamentações.

Ele mal conseguia se manter em pé, muito menos enxergar.

Círculos escuros cintilavam na frente dos olhos, como se ele fosse

um animal noturno tentando se habituar à luz. Quando finalmente achou a mãe, ela já estava dentro da carruagem. Seu rosto era uma máscara de indiferença.

— Vejo você na residência ducal — ela disse.

Aquilo era demais. Ele queria permanecer na cidade, e não isolado a quilômetros da civilização, entediado dentro de um castelo vazio. Solitude o enlouquecia.

— Você já tentou se colocar no meu lugar? — Dietrich perguntou, escorando-se em um poste. A haste de ferro balançou, chacoalhando a lanterna sobre sua cabeça. — Estou passando por um momento delicado!

— Oh, eu entendo muito bem a delicadeza da situação — a duquesa rebateu. — Só estou cansada de esperar que a resolva sozinho.

— Não estou tentando resolver isso *sozinho* — Dietrich falou, ciente de ter piorado um pouco mais o que já estava ruim.

A duquesa poderia ter corado ao imaginar tudo que aquele idiota fez para restabelecer sua masculinidade, mas estava muito velha para corar. Estendendo a mão ao secretário sentado ao lado, ela pediu o monóculo. Trazendo-o às vistas, inspecionou a aparência do filho com uma careta de desgosto: roupas amassadas, barba por fazer, aspecto desgrenhado. Ali estava a promessa não realizada de um duque esplêndido, um homem outrora belíssimo, hoje perdido em autocomiseração. Uma sombra do antigo duque, tentando mostrar sua masculinidade no lugar errado, da forma errada.

— A Sra. não pode me acusar de não estar tentando resolver o assunto! — Dietrich abriu os braços.

— Aqui? — A duquesa perguntou. — Está tentando resolver "o assunto" *aqui*?

— Em algum lugar eu preciso...— Dietrich achou melhor não terminar a frase.

— Antes que você resolva o problema e dele *nasça outro* - e de uma das mocinhas do estabelecimento - , providenciarei que venham pelas vias certas. Podemos partir, Ernst.

O secretário avisou ao cocheiro pela pequena janela que estavam prontos. O cocheiro estalou o chicote no ar, e as enormes rodas da carruagem começaram a girar pela rua de pedra.

Dietrich não entendeu a última frase. *Como assim, vias certas?*

Ele não teve tempo de perguntar. A duquesa já havia deixado a janela, e a carruagem seguia lenta pela rua de calçamento irregular.

Dieter acelerou atrás do veículo, tentando alcançá-los.

— *Mutti*, o que está aprontando?

Se já era difícil entender os planos da mãe sóbrio e atento, bêbado e zozzo era praticamente impossível. Ele apressou o passo, esbarrando com um ou outro pedestre desavisado que caminhava rente à carruagem, e gritou:

— Preciso resolver esse problema primeiro! — Dieter apontou para baixo. Ele sabia muito bem que a mãe estava planejando apresentá-lo às jovens da nova temporada. O problema? Sem a colaboração de pequeno Dieter, ele queria distância daquelas malditas mulheres.

— Esteja em Solitude amanhã, antes que o sol se ponha. E venha com roupa de baile.

Dietrich estancou no lugar. *Baile?*

— Por quê? — Ele gritou, mas o coche virou na Marktstrasse e desapareceu na curva. — Por que devo me apresentar em Solitude?

— Ele perguntou para si mesmo, colocando o chapéu na cabeça. *E*

*por que vestido para um baile?*

Dietrich precisaria aparecer para saber.

Na carruagem, um senhor de suíças grisalhas e bochechas flácidas sacudia ao lado da duquesa pelas ruas mal cuidadas daquela parte da cidade. Nem ele nem ela prestaram atenção quando surgiram os primeiros casarões clássicos enfileirados ao lado da rua, ou às tílias que

flanqueavam a Friedrichstrasse. Ambos suspiravam de desgosto pela longeva linhagem de duques que parecia fadada a terminar ali.

Desde que um projétil havia perfurado um dos testículos do filho, saído pela lateral da coxa e feito um belo estrago na base de seu traseiro, a duquesa aguardava um milagre. Um milímetro para um lado, e Dietrich teria morrido; para o outro, e teria sido impossível

salvá-lo. Agora, um ano depois, ela não esperava mais milagres. Ela havia decidido agir.

— Acha que ele irá, Herr Winkel? — Wilhelmine perguntou com voz fraca, tentando pensar em outra coisa.

— Podemos organizar um sequestro, senhora.

O rosto envelhecido da duquesa se iluminou em um meio sorriso. Herr Winkel, secretário da duquesa e também do falecido duque há mais de duas décadas, olhou para fora, sem humor. Ele não estava brincando.

— Quanto tempo acha que ele levará para descobrir o que pretendo? — A duquesa perguntou para a paisagem.

— Ele desconfiará quando vir a razoável quantidade de moças no salão. — Wilhelmine bufou. Uma pausa se seguiu antes que Herr Winkel completasse: — Acha que ele desconfia do quanto Vossa Graça está determinada a casá-lo até a primavera?

— O senhor dá muito crédito a Dieter, Herr Winkel. Ele não faz ideia do que uma mulher determinada é capaz.

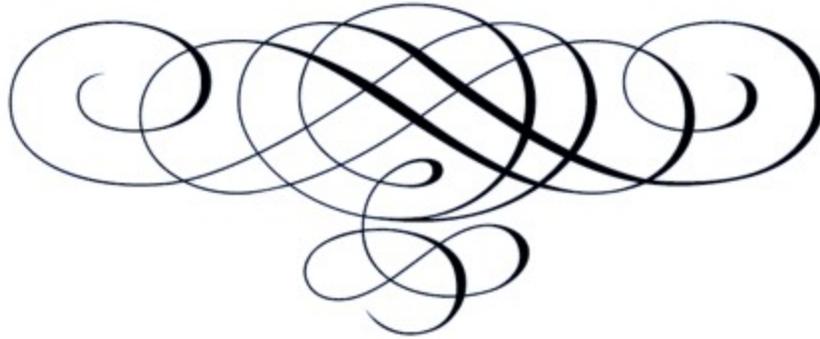
*Nenhum de vocês faz*, a duquesa pensou.

**1** Senhorita

**2** Forma de dizer “mãe”

**3** Seu tolo

**4** Meu Querido



3

0

congelante de fevereiro deixava o céu límpido de nuvens e incrustado de estrelas. A temporada de bailes retomava aos poucos, em grande estilo, como antes da guerra. Para os alemães, a estação fria era o tempo das danças.

A carruagem dos Thiessen estacionou em frente à entrada do castelo, e um senhor de casaca vermelha e cartola abriu a porta. O

vento cortante invadiu a carruagem, penetrando por cada fibra de tecido e fazendo todos se encolherem.

— Sejam bem-vindos a Solitude — o criado desejou a Herr Thiessen com uma mesura. O industrial desceu primeiro, seguido de Frau Herta. O criado ajudou as três jovens a saltarem, e, indicando o caminho até a escadaria com um

gesto educado, fechou a porta do veículo. As grandes rodas se moveram, liberando a vista do castelo.

Emma e as irmãs apertaram os mantos de lã ao redor do corpo, escondendo as mãos enluvadas dentro dos *muffs* [1de](#) pele. A mudez do grupo era total. O silêncio só era cortado pelo barulho do cascalho sendo moído pelas rodas e o burburinho que envolvia os grupos que chegavam. Solitude, o secular castelo da dinastia Winnental, recortava luminoso o horizonte.

Em formato abaulado, o palácio construído em estilo rococó no século XVIII por um ancestral da família fazia jus ao nome.

Reinando solitário no alto de uma colina, era rodeado por florestas e trilhas sinuosas utilizadas pelos amantes das caminhadas. Emma tinha ouvido dizerem que uma larga pista privada de terra circulava toda a imensa propriedade, e era usada nos meses quentes para corridas de cavalo.

Emma deu as costas para o castelo, observando a vista dali de cima. Uma imensa estrada conectava em linha reta Solitude à cidade de Stuttgart, a onze quilômetros de distância. As luzes da cidade, minúsculos pontilhados luminosos na escuridão, lembravam uma pequena procissão carregando ao longe velas e lanternas.

Era simplesmente maravilhoso. Emma já tinha ouvido falar da beleza da construção, mas jamais visto-a com os próprios olhos. Na verdade, era a primeira vez que ela participava de um baile em um castelo. Não em um alugado para o fim, mas um que ainda servia como residência de seus proprietários.

Ela sentiu o braço de Charlotte passar ao redor do seu.

— Sabe por que podemos ver daqui todo o caminho até a cidade? — A irmã perguntou com um cochicho, envolvendo o rosto de Emma na névoa branca que escapava da boca.

— Não, por quê? — Emma olhou para ela.

— Para que o duque pudesse ver a duquesa se aproximando, e tivesse tempo de dispensar as amantes.

Emma ergueu as sobrancelhas, surpresa. O eterno sorriso de lado de Charlotte, que sempre escondia mais do que mostrava, abriu-se em um riso divertido.

— Será que isso diz algo sobre o anfitrião da noite? — Emma perguntou.

— Deus, como pode pensar tão mal de um duque que passou *apenas* cinco dias em uma casa de facilidades? — Charlotte devolveu, rindo. — Vamos andando. Você não pode pegar sereno.

Os Thiessen se uniram a dezenas de outros convidados, enquanto carruagens não paravam de chegar.

— Quem sabe um dia não moraremos em um castelo lindo assim? — Arabella virou-se para trás, abrindo um sorriso luminoso para as irmãs.

— Pelo menos não correríamos o risco de surpreender nosso marido com outra —, Charlotte cochichou no ouvido de Emma. As duas caíram na risada, aconchegando-se nos braços da outra.

A ligação entre Emma e as irmãs sempre fora boa, mas mudou completamente depois que a doença começou a mostrar seus sinais. Enquanto Charlotte e Arabella eram

crianças alegres que gostavam de correr e se divertir, Emma se cansava com facilidade e

ficava sempre para trás. Por mais que as irmãs a estimulassem, era da natureza da filha do meio empalidecer e tombar à menor tentativa de esforço. Após uma peregrinação por médicos diversos, Emma acabou diagnosticada com fadiga crônica. Seus pulmões eram fracos e ela tinha propensão a arfar até desmaiar. Desde então, Charlotte e Arabella haviam ajustado a vida para encaixarem-se às demandas da irmã. Se iam dar um passeio, tudo era meticulosamente pensado para caminharem pouco e retornarem cedo. Se iam a bailes, só dançavam se encontrassem alguém disposto a dançar primeiro com a irmã — o que raramente acontecia

— ou simplesmente recusavam as danças. Não adiantava Emma protestar ou dizer que não queria ir: onde uma ia, todos iam, ou não ia ninguém. Emma relutava em aceitar que elas diminuíssem o ritmo da própria vida para adaptarem-se ao dela, mas suas reclamações eram em vão. Quando Emma um dia decidiu que partiria para ver o mundo — nem que fosse um pouquinho dele — tinha em mente escapar não só das próprias limitações, mas também das limitações que impunha às irmãs. Ela queria que as irmãs tivessem a chance de viverem uma vida plena, sem o peso que sua existência trazia.

Enquanto caminhavam, Emma pensava no quanto eram diferentes. Enquanto uma encantava-se por castelos e sonhava com príncipes, a outra os via como prisões. Se tivesse que avaliar onde estava, ela se posicionaria no segundo grupo de pessoas, mas por motivos diferentes. Moças de constituição frágil sonhavam com outras coisas, não com príncipes ou castelos. E tinham mais medo da

prisão que as casas de saúde representavam do que as que construções pomposas de aspecto gelado sugeriam.

Talvez, por não poder se dar ao luxo de ter sonhos românticos, Lady Malícia existia. Mas o entretenimento que Charlotte oferecia era uma brincadeira perigosa. Muitas vezes quis pedir à irmã que parasse de escrever aqueles romances por medo de que fosse descoberta. Uma intrincada rede de conexões permitia que os textos de Charlotte saíssem da Alemanha em formas de cartas e voltassem anonimamente de Amsterdam em forma de livros. A venda desse material era ilegal, embora pudesse ser facilmente adquirido clandestinamente em tabacarias e outros recintos ao redor

da cidade. Caso descobrissem que elas estavam por trás daquelas histórias, seria o fim. Dela e de toda a família.

Depois de entregarem os mantos de inverno e os acessórios a um criado, os cinco foram levados até o hall para aguardarem juntos aos outros o momento de serem anunciados.

Vestidas com o que conseguiram ajeitar em tão curto espaço de tempo, as irmãs trajavam vestidos de matizes distintos. O de Charlotte, azul cobalto, era coberto por uma sobressaia da mesma cor, costurada ao corpete na lateral. A inovação deixava às vistas camadas e mais camadas de vestido, que formava um tipo comprido de cauda na parte de trás. A frente, lisa, era a grande inovação que as novas anquinhas permitiam. O vestido de Emma se parecia com o de Charlotte, com a diferença de ser de outra cor, um tipo seco de rosa onde das mangas, do decote e da barra saíam delicadas rendas de seda que davam ao traje um aspecto nobre. Arabella vinha com o mesmo modelo em um tom

verde, que combinava perfeitamente com os cabelos louros e os olhos claros.

— Nunca mais volto naquela modista — Frau Herta reclamou enquanto aguardavam. — Onde já se viu, empurrar algo assim para seus clientes? Esse novo modelo de vestido expõe completamente a silhueta frontal!

— Não está tão diferente assim dos nossos outros — Charlotte retrucou.

— Onde pararemos, senhor? — a governanta a ignorou, voltando a reclamar.

— Se os vestidos serão tendência ou afronta, descobriremos logo — Emma falou. — Chegou a nossa vez.

Emma sentia as mãos úmidas dentro das luvas quando os Thiessen foram apresentados. As portas foram abertas, e o hall de espera foi inundado de luz. Um gigantesco salão dourado coberto por espelhos adornados por molduras suntuosas abriu-se à frente, roubando o ar dos presentes. Elas mal conseguiam esconder o deslumbre. Embora circulassem por bailes oferecidos pela nata da sociedade do reino, não costumavam participar de bailes oferecidos pela alta nobreza.

Emma tentava respirar pausadamente, mas o espartilho apertava suas costelas justamente ali, onde o ar circulava.

Geralmente era dispensada de usá-lo por causa dos pulmões fracos, por isso estava desacostumada com a peça maldita. Sentia-se abraçada por uma jiboia, dentro da boca de um animal.

— Pense em vastidões — Charlotte murmurou ao ver a irmã lutar por ar. Pensar em campos abertos ajudava. Emma

sorriu, inspirando fundo.

— Detesto bailes — ela murmurou. Bailes significavam longos períodos de tempo sentada, e uma vasta coleção de cartões de dança em branco. Só serviam para esgotar suas já limitadas energias.

A maioria das pessoas no salão circulava em pares ou trios. Um ou outro virava-se para olhá-las, estranhando os rostos desconhecidos, mas logo voltavam a conversar em voz baixa sobre assuntos mais relevantes e variados. Wolfgang Thiessen orientou Frau Herta a não sair de perto das meninas e juntou-se a outros homens no *fumoir*, um salão de fumo que também poderia ser chamado de sala anti-tédio. Ele estava ali para decidir os rumos do país, não para entediá-las.

As quatro se estabeleceram em um canto discreto do salão, de onde podiam ver e serem vistas.

— Vocês não estão sentindo um certo nervosismo no ar? —

Charlotte perguntou, olhando ao redor.

Um tipo de energia tensa pairava sobre o salão, circulando por entre mulheres de penteados elaborados. Essa tensão fazia olhos girarem nervosos ao redor, e deixava o local com a impressão de estar carregado de eletricidade, como o chão depois da queda de um raio.

— Acho que estão nervosas porque precisam abafar a necessidade de falar sobre *o assunto* — Arabella disse.

Frau Herta sorriu discretamente para um casal que acabava de passar. Assim que o casal passou, ela fez uma carranca para as três: — Não sei o que está insinuando, Arabella, mas

tomem cuidado com o que repetem em voz alta. Alguém pode nos ouvir.

— Desculpe — Arabella pediu sem sinceridade. — Tentarei ser a única a *não falar* sobre isso durante a noite.

Frau Herta balançou a cabeça em desgosto. Por que a providência divina havia negado às meninas o temperamento dócil

das senhoritas respeitadas, ela não sabia. Mas sabia que não as havia agraciado com o talento do silêncio.

A verdade era que o salão fervilhava de fofocas. Os escândalos do ducado eram muitos, e recorrentes, mas como aquele era a primeira vez. Duas senhoras paradas ao lado se perguntavam, sem ao menos baixarem a voz, como o anfitrião da noite, *o aleijado*, podia estar procurando uma moça para se casar. Aleijado foi a palavra mais gentil que usaram para se referir ao duque no transcorrer da conversa.

— O que faz uma sociedade inteira transformar um homem em objeto de mexericos tão rancorosos? — Emma perguntou, como se questionasse aquilo a si mesma.

— Ter sido um homem desonrado — Frau Herta respondeu em tom de lição. — Mulheres não perdoam cavalheiros desavergonhados. Elas chocam o rancor como galinhas chocam ovos. Então, um dia, quando menos se espera, a casca se rompe e acontece o que está acontecendo aqui.

As meninas precisaram esconder o rosto nos ombros das outras para disfarçar as risadas. Ninguém conseguiu discordar de Frau Herta.

**1** Cilindro de peles para as mãos se aquecerem.



4

D

T

, o Conde de Urach, eram tão distintos quanto o dia e a noite, embora fossem irmãos. Em comum tinham a altura, que podia ser rastreada de antepassado a antepassado até a antiguidade, as pernas compridas e fortes, e a mesma constituição maciça das rochas. Ambos tinham ainda rostos de feições angulosas e masculinas, perfis que pareciam ter sido lapidados em pedra e cabelos fartos. Mas, enquanto Dietrich havia puxado o lado sulista do pai — olhos e cabelos escuros, pele levemente bronzeada

—, Theodor tinha a compleição loira dos alemães do norte, como a mãe.

— Como está, meu irmão? — Theodor perguntou, sentado no braço da imensa poltrona enquanto observava o valete acertar os últimos detalhes do uniforme de Dietrich.

— Bem.

Uma mentira, repetida diversas vezes, tinha o poder de tornar-se uma verdade.

Theodor retirou um pequeno cantil de prata do bolso e o chacoalhou no ar: — Como não acredito em você, trouxe algo para ajudar a aguentar a noite.

— Ela costurou tudo com mestria — Dietrich resmungou, pegando a garrafa das mãos do irmão. — Achou que, se não fizesse alguma coisa, eu acabaria conseguindo um escândalo maior.

— Maior? — Theodor riu. — Difícil, até mesmo para você. Mas preciso concordar: a duquesa é uma estrategista. Um baile é a oportunidade perfeita para substituir rumores.

Na estranha e complexa lógica dos rumores, o anúncio de um casamento só perdia no ranking para uma traição escandalosa ou a queda de um monarca, mas definitivamente ficava na frente de sua impotência e das idas infrutíferas ao bordel.

— Ela quer me forçar a escolher uma noiva. Hoje. — Dietrich deu um gole na bebida, e depois outro. — Hm. O que é isso?

— *Kirschwasser*<sup>1</sup>. Mas é melhor moderar, ou acabará escolhendo a dama mais errada do salão.

— Gosto das erradas. É a duquesa que não as aprova.

— Moças erradas não dão boas duquesas — Theo rebateu.  
— E

no mais, você quer se divertir com as erradas, e não formar uma família com elas.

Dietrich bufou.

— Quem disse que queria formar uma família? Por mim, continuaria com as erradas.

O problema era que nem mesmo se divertir ele estava conseguindo.

Theodor deu espaço para que Schmidt, o valete de Dietrich, ajeitasse a última medalha no peito do irmão. O idoso poliu cada uma delas demoradamente, e Dietrich olhou para cima, pedindo paciência aos céus.

— Não posso culpá-lo — Theo falou enquanto esperava o criado terminar a tarefa. — Embora no momento a oferta esteja em alta, a qualidade deixa a desejar, se é que me entende.

— acredite, eu entendo. Mas acho que temos conceitos distintos sobre o que consideramos qualidades.

— Besteira. No fundo, queremos a mesma coisa: uma dama obediente e servil. Uma boa cristã que nos dê herdeiros saudáveis.

A cada característica que Theo descrevia, mais o rosto de Dietrich crispava.

— Deus me livre desse destino! O que eu faria com uma mulher assim?

— Assim que as lâmparas se apagassem, você saberia —

Theo o olhou, divertido.

— Eu morreria de tédio antes dos trinta.

— Dieter, você *já tem* trinta. Não pode se recusar a dar um herdeiro para o ducado.

— Um condado também precisa de herdeiros, e não vejo você procriando por aí.

— Estou esperando um dos meus irmãos abrir a temporada.

— Que Hans seja o primeiro — Dietrich expulsou a ideia para longe. — Tenho problemas mais sérios no momento.

Theo esperou que ele explicasse quais eram esses problemas, mas Dieter hesitou. Ele eventualmente precisaria dizer aquilo em voz alta, e, *raios*, por que não agora? Ele esperou o valete se afastar, então falou, baixo:

— Não posso arrumar uma esposa agora, Theodor. Não adiantaria *nada*.

Theo não entendeu.

— O que quer dizer com ... *nada*?

Os irmãos trocaram olhares. Nada significava *nada*.

— Espere — Theodor alisou a testa, intrigado. — Você está recuperado, não? Lembro do médico dizendo que estava tudo bem, que .... Que suas *partes* haviam sido salvas por milagre, mas que ficaria tudo bem.

— As partes que importam estão lá, mas elas ... — Dietrich gesticulou, sem saber direito para que lado levantar o dedo.

Por um segundo Theodor não entendeu. Então, foi como se uma nuvem pesada descesse diante dos olhos. Pela palidez que tomou seu rosto, Dieter soube que o irmão havia compreendido.

Theo pegou o cantil e o virou na boca. Quando o abaixou, a palavra parecia um fantasma assombrando o cômodo.  
*Impotente.*

— Eu não entendo — Theo falou. — Os médicos chegaram até a afirmar que você poderia ter filhos!

— E *talvez* eu possa — a voz de Dietrich soou alta e irritada.  
—

Se a maldita *mecânica* da coisa funcionasse!

— Mamãe sabe disso?

— Oras, quem nessa porcaria de reino ainda não sabe?

— E ainda assim ela quer forçá-lo a escolher uma noiva?

— Para que eu tenha *filhos*, Theodor. No plural!

Theodor balançou a cabeça. Não entendia muito de mecânica, só o suficiente para saber que pressionar um homem nessas horas não adiantava nada.

Um criado parou à porta e avisou aos irmãos que os convidados já haviam chegado, e a duquesa solicitava a presença dos dois.

Theodor e Dietrich pegaram o corredor em direção ao salão.

— Talvez estejamos vendo as coisas pelo pior ângulo —

Theodor disse. — Você está sob pressão. E quando nos sentimos assim, a... a *mecânica* pode falhar.

— Brilhante dedução, meu caro, mas tenho ciência disso —

Dietrich respondeu, azedo.

— Um casamento tranquilo pode acalmá-lo. Dará a você o tempo e a segurança para que as *coisas* voltem ao normal.

— Afinal, se estou com problemas na área íntima, empurrar outro problema para a mesma área trará chances de melhores resultados.

O duque afastou a gola apertada do pescoço, sentindo tudo ao redor do contato coçar. Ele não tinha cabeça para escolher uma mulher agora. Precisava descobrir primeiro o que estava errado *com ele*. Uma mulher insatisfeita não colaboraria em nada com a sua situação. Na verdade, tinha o poder de piorá-la. A corte inteira estaria atenta aos próximos capítulos daquela tragédia, e ele forneceria mês após mês material para mais mexericos.

— Já ouviu o que dizem de mim? — Dietrich perguntou. Theodor fez que não. — Eles andam me chamando de o *duque capado*.

— Ora, as mulheres do bordel podem provar que não é — Theo ameaçou rir, ao mesmo tempo consternado. — Não podem?

— Elas dirão que ele *não funciona!* Do que adianta ter alguma coisa entre as pernas se ela não... — Dietrich ergueu a mão, pedindo novamente a garrafinha.

Theo lhe estendeu, concordando que adiantava pouca coisa.

— A corte é bárbara — Dieter resmungou. — Os sons das orquestras mal abafam os mexericos. Um duque alvejado nas partes íntimas? A história já virou lenda.

— Não ajuda muito que a metade feminina do reino odeie você.

— O que realmente não ajuda em nada é esse comentário.

Theo fingiu coçar o nariz, escondendo uma risada.

— Eu preciso de tempo — Dieter estava agora irritado. — Pensei em me alistar em alguma guerra. Sabe de algum país que esteja guerreando?

Dessa vez Theodor não fez questão de esconder a risada.

— Dieter, você já considerou que possa estar com medo?

— Medo? — Dietrich deu outro gole generoso na bebida. Seu rosto avermelhou como brasa, e sua voz saiu rascante, em meio a uma careta: — Medo de quê?

— Das mulheres, oras.

Dietrich olhou para Theodor.

— Não me olhe dessa maneira — o irmão disse, calmo. —

Pense comigo: você aprontou com mulheres demais. Já fugiu pela janela de maridos enraivecidos, já fez juras que não cumpriu, já desonrou mais moças que um homem minimamente digno teria o direito de desonrar. Você redefiniu em Württemberg o termo 'fora dos limites'.

Dietrich tentou se defender, mas Theo ergueu a mão.

— Depois que foi alvejado, achou que nunca mais conseguiria dormir com outra mulher. Passou a associar os encontros a sós com o medo de falhar. Talvez, agora, simplesmente tema as mulheres em geral. Você acha que vai falhar.

— Eu não acho que vou falhar: eu estou *falhando!* E se acha que as mulheres são santas, elas ...

— Por favor, a maioria é bastante inofensiva.

— Ninguém é inofensivo entre quatro paredes. Elas sentem desejos.

Os dois pararam atrás das enormes portas que levavam ao salão. Do outro lado, uma centena de víboras os esperavam.

— Não as que estão nesse baile —, Theo disse cheio de propriedade. — Essas querem atos bonitos e gestos românticos.

Escolha essa noite uma moça casta. Uma que não pareça ligar para o sexo e deixe que o tempo resolva o problema.

Dietrich olhou para o irmão, intrigado. Ele realmente achava que existiam mulheres dispostas a abdicar de sexo?

— Você parece conhecer bem pouco as mulheres, Theo. Tanto minha experiência com damas respeitáveis quanto com prostitutas me asseguram que as mulheres pensam tanto em sexo quanto nós.

— Que heresia! — Theo riu. — Uma boa dama...

— Não existem *damas* entre os lençóis.

— Uma *boa* dama...

— ... me faria roncar de tédio — Dietrich encerrou a conversa.

Só de pensar em passar a vida acordando ao lado de uma criatura

assexuada o fazia querer ingerir arsênico.

— Que outras opções você tem? — Theo perguntou. — Não pode fugir das demandas do ducado, ou terminará sem título e sem sexo. Não conseguirá ignorar a duquesa, ou ela

fará da sua vida um inferno, uma provação que precisará suportar, a propósito, *sem sexo*. Não há para onde correr. Escolha uma mulher *segura* e reze para que o tempo resolva o seu problema.

— O que seria uma mulher segura, pelo amor de Deus? —

Dieter perguntou para o teto decorado. Ele havia conhecido mil tipos de mulheres, e nenhuma podia ser considerada segura.

— Não sei.— Theodor ajeitou o uniforme. — Mas sei que a autocomiseração não combina com você. A noite pode trazer surpresas. Quem sabe não é arrebatado por uma linda valquíria capaz de realizar desejos?

— Céus — Dieter inspirou fundo. — As valquírias eram conhecidas por recolherem os mortos dos campos de batalhas. Não poderia me desejar algo melhor?

Theo riu.

— Confie na sua boa sorte, meu irmão.

— Usei minha parcela na batalha de *Amiens*. As chances de arrumar uma valquíria assexuada inexistem.

— Você levou um tiro nas bolas e sobreviveu — Theo falou vendo as portas do salão se abrirem. — Você deveria acreditar na sorte.

**1** Tipo de cachaça feita de cerejas



5

— A

a ideia de fazer um baile para escolher uma noiva algo tão romântico — Arabella suspirou ao lado das irmãs.

— Romântico?— Charlotte fez uma careta. — Esqueceu-se de quem esse nobre é? Se ele adoecesse, deixaria metade da Europa preocupada.

Arabella precisou virar o rosto para o lado para esconder a risada, e até Emma achou graça, embora admitisse que sim, havia algo de romântico em bailes. Ela só não estava interessada em romance. Desde que chegara, seus olhos corriam pelo salão prestando especial atenção aos cavalheiros. Alguém ali devia conhecer o financiador da expedição. Mas quem?

A maioria dos homens vestia uniformes de gala usados em tempos de paz. Alguns trajavam uniformes azuis com detalhes vermelhos, enquanto outros, hussardos ou generais, vestiam trajes pretos com intrincados acabamentos em bordado dourado. Mesmo os nobres vestiam uniformes em tempos tão militarizados.

— Só tem uma coisa que não entendo — Arabella aproximou-se para cochichar nos ouvidos das irmãs. — Se

ele não tem... vocês sabem *o quê*, como fará para ter herdeiros?

As três fecharam os olhos, segurando o riso. Não era todo dia que encontravam um nobre tão sem virtudes, desclassificado e depreciado para falarem mal.

Como uma águia que capta qualquer movimento no solo, Frau Herta as olhou do *buffet* com uma careta de repreensão. A governanta parecia ter uma capacidade quase mediúnica de saber quando elas tagarelavam sobre assuntos proibidos.

— Esses são os mistérios da corte, minha querida — Charlotte respondeu, passando a lateral do dedo sob os olhos para secar uma

lágrima. — Esse tipo de problema nunca impediu o nascimento de herdeiros.

A conversa foi interrompida quando os anfitriões, o duque e sua mãe, a duquesa Wilhelmine, foram anunciados. Geralmente, em bailes menores, os convidados eram saudados na porta, mas um baile com maior número de convidados acabaria formando uma fila gigantesca até os jardins do palácio, arriscando matar a todos de pneumonia. Os anfitriões preferiram cumprimentar os presentes no conforto do salão aquecido e iluminado.

Todas as cabeças voltaram-se na direção da família, assim como a delas. Herr Thiessen juntou-se às filhas assim que o burburinho se elevou em volume, no aguardo das apresentações formais, assim como Frau Herta.

Charlotte deu o braço a Emma e apontou o queixo para frente de forma sutil, indicando os convidados. Não era impressão. Embora de forma disfarçada e sorridente, todos

ao redor acabavam olhando, em algum momento, para a marcha do duque. Mais precisamente para onde suas pernas se uniam.

— Não sejam essas pessoas — Frau Herta resmungou.

— Como conseguiremos *não olhar*, Frau Herta? — Arabella perguntou. — Dá pra contar nos dedos quem ainda não olhou para baixo.

— Aproveite a medida — Emma cochichou no ouvido da irmã, achando graça em seu nervosismo. — Todo mundo está usando o pretexto para dar uma olhadinha.

Com gestos discretos, mas bruscos, Frau Herta ordenou que parassem de cochichar.

Embora tagarelar sobre o infortúnio do duque deixasse os ânimos leves, Emma sentia um estranho nervosismo crescer no estômago. Com a sua chegada começariam as danças, e ela perderia a chance de descobrir o que precisava. Ela não tinha tempo — nunca tinha, e provavelmente *nunca teria*. E já estava há meia hora em pé, o que significava que em breve precisaria se sentar. Ela alisou o rosto, cansada, sentindo a textura da luva arranhar a pele. Só de pensar em tudo que precisaria fazer até pisar na rampa do navio, sentia vontade de desanimar.

Estava quente dentro do salão. Velas e castiçais estavam acesos, e as centenas de luminárias a gás esquentavam o ambiente, soltando um leve cheiro característico que a deixava sonolenta. A própria roupa escolhida para o evento a estava matando. O tecido pesado, próprio para o inverno, a fazia sentir como se enrolada em uma cortina. Doze quilos de saias, sobressaias, anáguas, casaquinho, espartilho e roupas de baixo abateriam até mesmo o mais viril guerreiro viking . O guerreiro só não daria conta daquele maldito

espartilho, isso ela sabia. Emma tentou ajustar as costelas à armação rígida da peça, mas só conseguiu sentir a pele das costas franzirem-se mais dentro do adereço infernal.

— Acho que preciso me sentar — Emma retirou o braço do de Charlotte.

— Agora? — Charlotte perguntou desapontada. — Vai perder a marcha do duque.

— Se não me sentar, sou capaz de rosnar quando ele se aproximar — ela respondeu.

Emma conhecia os sinais. Em breve sua visão turvaria e ela começaria a ofegar, e preferia chocar as pessoas fazendo coisas mais interessantes do que desmaiando aos seus pés.

Ela se sentou em uma das cadeiras dispostas ao lado do paredão de pessoas, logo atrás das irmãs. Charlotte a ajudou a arrumar a saia do vestido ao redor, para que ela não tropeçasse ao se levantar.

— Eles estão vindo a passos de tartaruga, não se preocupe —

Charlotte avisou, mas Emma não estava preocupada com isso.

Estava mais preocupada em respirar.

Da cadeira ela via a agitação de um ângulo perfeito: a de quem não era vista. Dali podia observar as mulheres cochicharem entre si, e os homens balançarem pesarosa e debochadamente as cabeças.

Viu também duas jovens saltitarem atrás de seus companheiros, afoitas para verem o duque que se

aproximava.

— Ele anda normal? — Uma delas perguntou, tão perto que Emma achou que estava falando com ela. A resposta da outra moça deixou Emma intrigada:

— Se ele anda normal? — a moça suspirou. — Quem perderia tempo olhando para a marcha quando o próprio duque é tão apresentável?

Emma deslizou os olhos das moças até os anfitriões.

Mesmo que não houvesse uma parede de pessoas à frente, seria impossível perder a chegada do duque. Ele era pelo menos uma cabeça maior que o mais alto dos cavalheiros presentes, e mesmo de seu canto escondido, Emma o via com exatidão.

Os sons da festa — os tinidos de talheres batendo na louça, o burburinho de vozes, o estampido de uma garrafa sendo aberta e as risadas — perderam a distinção. Era como se tivessem sido misturados, virado um amálgama ruidoso e uniforme. Emma ainda ouviu o tom militar de Frau Herta mandando as irmãs esticarem a coluna e endireitarem os ombros, mas depois disso, tudo virou uma coisa só. O barulho era um zunido, uma cacofonia de sons indistintos que erguiam-se sobre as cabeças como uma nuvem melodiosa.

Ele era bem diferente de como ela o havia fantasiado. Imaginara-o rechonchudo, com a tez leitosa e os olhos aguados. Barriga arredondada pela fartura de comer e beber. Calvo, como os poucos nobres que conheceu, trajando o infame bigode que tantos adoravam. Mas o nono duque de Württemberg-Winnental não se parecia em nada com o homem da sua imaginação. E ele *definitivamente* não mancava.

A parede de pessoas ia se ajustando como imagens de um caleidoscópio, ora tapando, ora liberando a visão do corpo esguio que caminhava em direção aos Thiessen. O uniforme ajustava-se perfeitamente ao homem forte; o tecido era preto com detalhes dourados, e duas carreiras de botões desciam pelo peito largo até a virilha, onde o casaco terminava. As botas de cano longo pareciam espelhos, de tão lustrosas, e a calça clara colava às coxas grossas revelando ondas perfeitas que subiam dos joelhos e sumiam sob a sombra do casaco.

Emma levou discretamente a mão até o pescoço, sentindo sob o dedo os saltos exagerados de uma artéria solitária. Respirou com calma — mais calma — pensando em como era inédito — e desconfortável — sentir os fogos estourando na barriga.

À medida que o duque chegava perto, os detalhes se acumulavam: ombros largos, braços grossos, costas muito retas, como réguas. Seu pescoço era tão grosso que parecia uma tora cortada de uma árvore centenária. O maxilar, Deus do céu, era fendido no meio, unido por um furinho adorável, que quebrava sisudez do resto. O resto, no caso, emoldurava uma boca que não era nem fina nem grossa, mas larga, que curvava nos cantos e se abria em um sorriso polido toda vez que cumprimentava um convidado. Por toda a extensão dessas partes, a sombra de uma barba feita, de crescimento perseverante, denunciava uma inclinação a pelos. *Muitos pelos.*

Um estranhíssimo embaralhamento de ideias fez Emma ajeitar a saia, alisando a frente tão insistentemente que parecia estar esticando uma toalha sobre a mesa. Emma estava irritada por estar sem palavras devido ao aspecto de alguém. Ela não era dessas garotas simplórias que soltavam

risinhos nervosos na presença de um cavalheiro bem apessoado. *Onde estavam seus nervos de aço?*

*Vibrando como cordas à visão de músculos, ela pensou atordoada.* Ela não podia ser assim tão frívola. Só porque o homem era o triunvirato da sedução — altura, porte e pelos — seu coração precisava agir como se tivesse sido acertado por raios? Seu coração parecia bem pouco preocupado em manter a compostura.

Charlotte olhou para trás, curiosa. Um duque moreno como os espanhóis? *Ora, ora,* foi o que seu olhar dizia. Arabella mal conseguia controlar a respiração desorganizada, e duas vezes virou-se para trás, pedindo que Emma voltasse logo para o lado delas. Emma fez que não.

Um senhor idoso vinha ao lado do duque e sua mãe, a duquesa, fazendo as apresentações. Estava claro nos olhos escuros do nobre que a noite o entediava. Ele respondia educadamente a todo comentário, sorria até, mas a cabeça estava em outro lugar.

Onde? Tão longe quanto a cabeça de Emma estava ou apenas a alguns quilômetros, no bordel de onde quase nunca saía? Era bom que Emma se lembrasse de quem aquele homem era.

Quanto mais o duque se aproximava, mais Emma podia ver suas dimensões colossais. Bonito era um adjetivo tosco. *Inquietante* era mais apropriado.

— Como ele conseguiu sobreviver ao inverno com um bronzeado desses? — Charlotte perguntou virando-se para trás, falando com Emma por movimento de boca e sinais. Emma deu de ombros. *E ela fazia ideia?*

— Ele é praticamente o corsário do livro — Arabella falou para Charlotte, mas até Emma ouviu. Por sorte Frau Herta discutia com o patrão e perdeu o comentário.

— Mantenha seus pensamentos dentro da cabeça, Arabella —

Charlotte bateu com o leque no ombro da irmã. — Quer nos meter em encrenca?

Arabella balançou agitada a cabeça que não.

Os cumprimentos ao casal ao lado se encerraram mais cedo que todos esperavam e os Württemberg-Winnental chegaram até eles antes que Emma tivesse tempo de se levantar. *Porcaria.*

Herr Winkel, o secretário pessoal do duque, fez as apresentações formais. A duquesa estendeu a mão para Herr Thiessen e ele se curvou em deferência, roçando os lábios na parte superior da mão enluvada. A senhora tinha olhos claros e firmes, e o cabelo branco cintilava dentro de um penteado admirável. A pele, muito alva, em nada se parecia com a do duque. Só os traços duros da mandíbula e o nariz denotavam alguma semelhanças entre eles.

As meninas dobraram levemente o joelho, inclinando a cabeça em uma medida discreta. Quando se abaixaram, tanto os olhos claros da duquesa quanto os escuros do duque encontraram os arregalados de Emma.

*E agora?* Emma foi pega desprevenida. *Levantava-se ou permanecia sentada?* Com a cabeça rodando e o som do coração ribombando nos ouvidos, ela viu as irmãs se erguerem e o duque migrar a atenção para Charlotte. Enquanto o secretário da família citava os feitos e a

importância dos negócios do pai, Emma viu o inevitável: o duque encantou-se pela sua irmã mais velha.

Os olhos penetrantes do homem ganharam um brilho novo, de interesse curioso. Como julgá-lo? Charlotte era uma beldade. Traços clássicos, olhos azuis reluzentes e cabelos vermelhos lustrosos, como pelos de raposa. Por um segundo, todos esperaram que o duque dissesse algo, mas ele hesitou. Moveu o rosto e fixou-se no rosto da outra irmã, Arabella.

O rosto de Arabella se incendiou.

Se Charlotte atraía olhares pela promessa de mistérios, a beleza de Arabella os atraía pela franqueza da inocência. Segurando-se no braço do pai, a caçula dos Thiessen parecia à beira de um desmaio.

Para Emma estava claro que o duque considerava suas opções, e tinha achado duas bastante interessantes.

O secretário e Herr Thiessen trocaram algumas palavras sobre a terceira filha, que sentia-se fraca. O industrial pediu desculpas e o secretário assentiu, compreensivo. Mas, para a surpresa de todos, o duque inclinou-se em direção ao secretário e disse algo em seu ouvido.

O secretário vacilou. Em seguida, furando a barreira das irmãs, deu um passo adiante, em direção a Emma. Emma quase engasgou quanto todos se viraram para ela.

— Sua Graça gostaria de saber se a senhorita está se sentindo bem — o secretário perguntou. Emma fez que sim, levantando-se enquanto sentia o rosto pegar fogo.

— *Wunderbar* 1— o senhor respondeu. — Nesse caso, Sua Graça, o duque de Württemberg-Winnental gostaria de ter a

honra de valsar com a senhorita, caso não tenha se comprometido ainda com nenhum outro cavalheiro.

Um desmoronamento interno fez os ombros de Emma baixarem.

Ela pegou lentamente o ar, sentindo a temperatura do rosto passar de quente para a vulcânica. Aquilo era uma tentativa de fazer piada?

Ela duvidava, já que os alemães não tinham um único osso engraçado no corpo.

— Comigo? — Ela conseguiu perguntar.

— Será um prazer, Vossa Graça. — Emma ouviu o pai dizer ao duque. — Acreditamos que nossa filha do meio já esteja se sentindo revigorada.

O olhar do pai em sua direção perguntava: *não está?*

Dentro da cabeça de Emma, pensamentos corriam caóticos de um lado para o outro. *O duque a havia convidado para dançar? Por quê?*

Durante todo o tempo em que o secretário passou escrevendo o nome do duque na caderneta que Frau Herta estendeu a ele —

*Dietrich Alexander Friedrich Wilhelm von Württemberg-Winnental —,*

Emma avaliou seu companheiro de dança. Era um tempo considerável para avaliar alguém.

Por que ela? Emma não tinha os olhos turquesa de Charlotte nem a expressão angelical de Arabella. Embora seu nariz

tivesse alguma personalidade, faltava-lhe o toque divino da beleza. Como se ele tivesse se concentrado nas duas extremidades e sido insuficiente para o meio.

Sentindo-se escrutinado, o duque revidou o olhar, mas não se demorou. Virou o rosto para o salão, aguardou em silêncio o fim da escrita de seu nome interminável e exalou quando tudo acabou, mal escondendo o desdém. Emma já vira porcos mais simpáticos.

Como uma panela de água sobre o fogo por tempo demais, o sangue de Emma começou a ferver. Ela tinha uma desconfiança sobre o motivo do convite, e não gostou nada do que concluiu.

*Quanta arrogância.* Pensou em alegar mal estar, mas assim que abriu a boca, viu escaparem do espaço entre a luva e o punho do duque alguns fios escuros de aspecto sedoso. Ele era, fisicamente, o homem de seus devaneios literários.

Se Emma fosse uma chaleira, teria começado a apitar. Ela fechou a boca, mesmo que sentisse uma necessidade absurda de respirar mais forte, mais fundo e mais rápido, mas o espartilho odiava as costelas e o espaço entre elas, e não ia adiantar. Assim que o assistente terminou, Emma fez uma mesura com a cabeça, entendendo que não precisava ser um gênio para saber o que tinha acontecido ali.

O duque estava sabotando o próprio baile, e a tinha escolhido como boicote.

**1** Maravilha



6

D

, traçando três objetivos para a noite: entrar no baile, ignorar o baile, sair do baile.

O evento descabido havia sido preparado para apaziguar os mexericos, mas estava funcionando ao contrário: a fofoca estava tão desgovernada que até ele, alvo dos mexericos, conseguia ouvi-las.

Toda aquela história de que a festa proveria à corte um novo boato para substituir o antigo só alimentava mais as alcoviteiras.

Enquanto cumprimentava os presentes, Dietrich evitava as senhoritas. Elas sorriam doces e cheias de mesura, mas ele desconfiava que, no fundo, todas se perguntavam como ele manteria sua rotina de escândalos agora que havia sido *emasculado*. Ele não tinha a menor intenção de cortejar nenhuma delas, embora fosse este o objetivo do baile. Ele as frustraria mantendo-as bem longe dele.

Seu calvário, no entanto, não era em vão. Ver a duquesa injuriada estava sendo um prazer à parte. E ele aproveitava a tediosa procissão para indagar ao amigo lá de baixo: e *quanto a essa, o que acha?* Infelizmente, o silêncio lá

embaixo era inversamente proporcional ao desgosto da mãe. E quanto mais pequeno Dieter fazia silêncio, mais ele ia planejando seu futuro em alguma terra longínqua. Mudaria-se para a África, decidiu, e passaria o resto de seus dias perseguindo as bestas da savana.

Talvez, por comiseração, elas o devorassem e acabassem com a sua miséria.

O marquês de Rosenthal quebrou o protocolo e estendeu o assunto para além dos cumprimentos formais. Sua filha, a moça desprovida de cor escondida atrás dele, parecia mortificada. Dietrich sentiu pena e simpatia por ela, e enquanto sorria amavelmente para

o homem, perguntou mais uma vez ao pequeno adormecido entre as pernas: *Diga-me, companheiro: e esta?*

Seu companheiro só faltou roncar.

Ao seu lado, sua mãe ia correndo os olhos pelas damas como fogo comendo as bordas de uma terra seca. Ele conseguia senti-la atrás dele, exalando o ar morno da expectativa em seu pescoço.

Como um dragão que exigia a cada bufada que ele se encantasse com alguém. Qualquer uma. Não importava realmente quem.

Por isso, quando a mãe perguntou ao Sr. Winkel quem eram as moças adiante, ele as olhou com interesse redobrado. Por saber com quem estava lidando atrás dele, precisava saber com quem lidaria à frente.

Dieter sentiu pela primeira vez na noite a sensação de ver algo novo. Duas mulheres bonitas os aguardavam, e ele nunca havia visto nenhuma delas. A primeira, mais alta e

talvez a mais velha, tinha a pele alva e sem manchas, olhos claros e traços clássicos acentuados por tranças ruivas. Ela era esplendorosa, uma verdadeira valquíria. Esplendorosa o suficiente para que ele deixasse o salão suspirando por ela? Não. Já havia encontrado moças esplendorosas antes, e sequer se lembrava de seus nomes.

A moça loura ao lado era quase tão bela quanto a primeira, mas jovem demais. Dietrich não tinha paciência para as ingênuas, as tolas, as santas e as inocentes. Elas davam trabalho e tendiam ao descontrole. Além do mais, aquela parecia fazer o tipo choroso e o choro lhe causava coceiras.

Herr Winkel apresentou-os ao industrial, a quem chamou de Barão do Aço, e em seguida às filhas. Elas inclinaram-se educadamente em uma mesura, enquanto ele tentava entender o que a mãe havia visto nelas para chamar sua atenção.

Foi então que ele viu a terceira.

Ela estava sentada, mas pertencia à família. Tinha olhos grandes e expressivos, como os de uma corça assustada, e o cabelo castanho, rebelde e farto, parecia um prisioneiro trançado em posição de tortura sobre a cabeça, contido à força por uma confusão de presilhas.

Dietrich começou a ter ideias a respeito dela. Moças assim, de constituição frágil, tentavam compensar a falta de atributos sendo

cordatas — eram coelhos em uma gaiola. Como ele estava sem paciência para conversas e planejava frustrar os presentes, a moça viria a calhar.

Dietrich poderia ter continuado sua caminhada desinteressada pelo baile, mas decidiu ali, com o baforejo

da mãe na nuca e os olhares das moças no seu, que seguiria o conselho de Theodor. Não escolheria a beldade que a mãe adoraria nem a jovem com cara de chorona: optou pela desinteressante filha do meio. Ela parecia pouco volátil e segura, como Theodor havia sugerido. Dieter deu um tapinha imaginário nas próprias costas. Aquilo seria mais fácil que roubar o doce de uma criança.

Herr Winkel formalizou o convite. Assunto encerrado. O

secretário ainda teve a delicadeza de preencher seu nome na caderneta da moça, poupando-o do trabalho. Quando Dieter lançou à dama um segundo olhar, esperando talvez um sorriso agradecido, teve uma surpresa. Ao invés da corça assustada que vira antes, quem o encarava era uma gata eriçada. Um minúsculo choque disparou por sua coluna.

A duquesa uniu as mãos na frente do vestido azul, menos aborrecida do que Dietrich esperava. A ela, pouco interessava com quem o filho dançasse — ele podia ter convidado a cadeira que ela não se importava. O importante é que os boatos antigos fossem suplantados por novos.

— Senhoritas — O duque fez uma mesura, despedindo-se do grupo.

Assim que se afastaram, o braço da duquesa embrenhou-se entre a curva do seu, prendendo-o junto a ela. Caminharam por um tempo até terem a certeza de que não seriam ouvidos, então ela falou:

— Fico feliz que tenha feito a opção correta, *mein Lieber*. [1](#)

— Não sei se a dama que convidei é a corre...

— Não falo da moça — a duquesa o cortou. — Falo sobre a decisão de me ouvir. Há um ducado no aguardo de sua recuperação. Sua moratória pós guerra acaba hoje, e aqui.

Dietrich parou no lugar, encarando a mãe. A duquesa olhou para o Sr. Winkel, muito séria: — As apresentações terminaram, Herr Winkel. Que comecem as danças.

— Mas já?

A pressa de sua mãe em substituir o velho mexerico por um novo era tocante.

Bastou Ernst olhar para a orquestra do outro lado do salão para os instrumentos começarem a se afinar para a próxima música.

— Ah, a primeira dança... — Wilhelmine suspirou, pousando teatralmente as mãos sobre o peito. — As primeiras danças são sempre especiais.

Dietrich estreitou os olhos. Ele conseguia ver os chifres brotarem da cabeça da mãe, e sentir o odor de enxofre sob seu perfume floral.

— A senhora realmente não se importa que a moça não seja da nobreza? — Ele perguntou, incrédulo. — Que um casamento com a filha de um industrial, uma união morganática, impossibilitaria a passagem do título aos seus netos?

A duquesa deu um passo em sua direção. Sua expressão era dura como pedra, e seus olhos, adagas gélidas cravadas nos dele.

— Se passasse menos tempo socializando com prostitutas e mais tempo no parlamento, teria percebido que essa é a

menor de nossas preocupações. Somos imensas pedras cravadas no chão, Dieter. Considerando-nos eternos e intransponíveis, achando que a sociedade cresceria ao nosso redor. Do alto de nossa soberba, não vimos que estamos atrapalhando o caminho, *mein Lieber*. Ou aprendemos a rolar, ou o progresso passará sobre nós.

Dieter tentou argumentar, mas a Duquesa não deixou: — Os novos tempos exigirão menos títulos e mais miolos. Sugiro que faça bom uso dos seus.

Sem explicar o que queria dizer, Wilhelmine deu meia volta e saiu arrastando a exuberante cauda do vestido pelo salão. Seu secretário a seguiu, muito sério. *O que ela quis dizer com aquilo?*

Dietrich virou-se, perplexo e sozinho, com uma vaga noção de que tinha uma dança para aquela música. Mas como dançar depois de levar um sabão público da mãe?

A vontade de aborrecer a duquesa tinha passado. Todo aquele assunto de pedras, progresso e miolos lhe roubaram a graça. Um grande número de convidados virou-se, fingindo não ter acompanhado o bate boca. Dietrich endireitou as costas e ajeitou a

farda, caminhando até os Thiessen, ouvindo ao fundo os acordes de um instrumento solitário juntarem-se a outros. Uma moça o aguardava, juntamente com o resto do salão.

Os olhos de todos estavam sobre ele. *Povo sem imaginação!*

Tudo o que ofereceria à pobre coitada seria um lugar ao seu lado na espiral de mexericos. Era só isso que podia oferecer no momento: dança e circo.

Ao se aproximar, viu a jovem de pé, com os olhos fixos no cartão.

— Senhorita — Ele estendeu a mão na direção dela. A jovem subiu os olhos com a mesma expressão embaralhada com que olhava o papel. Como se ele fosse um texto em grego, ou algo assim. Para estranheza de Dieter, ela deu um passo para trás.

A mão de Dieter, estendida, vacilou.

— Vim buscá-la para a valsa — ele repetiu devagar, como se explicasse algo a uma pessoa lerda.

— Acho que houve um mal entendido, Vossa Graça — a moça disse com firmeza incomum. — Eu não danço.

Uma profusão de *ahhs* e *ohhs* exasperados estouraram ao redor.

A acompanhante das moças, uma senhora idosa de espírito militar, saltou entre eles exclamando algo como "mas é claro que dança!"

enquanto uma das irmãs impedia que a jovem desse um segundo passo para longe. Dieter mal conseguia acompanhar a expressão assustada dos familiares; ele mesmo não estava entendendo nada.

Tudo que via eram imensos olhos castanhos o encararem, resolutos.

Ninguém rejeitava a primeira dança ao anfitrião. Ele, pelo menos, jamais havia passado pela situação de ser recusado. E os murmúrios assustados, um péssimo sinal, diziam que os convidados também achavam isso. Só a moça não parecia preocupada ou indecisa.

Dieter quase começou a rir. Seu espaço cativo nas colunas da execração social estava condenado? Por que uma coisa era certa: aquela família tomaria amanhã o seu lugar.

Havia muitas vozes falando ao mesmo tempo e bastante movimentação, mas Dieter só percebeu que a moça foi empurrada adiante quando a mão dela alcançou a sua. Ele a segurou por puro

reflexo e a guiou, atordoado, até o salão. Ou o que ele achava que fosse o centro, já não sabia mais.

Ele sentia os olhares de todos em suas costas. A moça que ele conduzia não colaborava em nada para dispersar o constrangimento: ela vinha em choque, com o olhar que as vítimas de grandes tragédias carregam. A orquestra tentava compensar o mal-estar tocando mais alto e mais rápido, e alguns pares se juntaram a eles por pura misericórdia.

Dura e inflexível, ela lembrava um cabo de vassoura. Sua boca

— ele admitia, graciosa — formava um bico discreto ao ver que os olhares e cochichos estavam agora *nela*. Oras, que tipo de mulher negava um convite feito pelo anfitrião?

— Minha reputação está assim tão arruinada? — Dietrich soltou sob a respiração. As ferroadas indesejáveis da reprovação social o feriram um pouco mais fundo. Ela havia ficado constrangida em dançar com ele por causa das fofocas?

Ele a conduziu pelas pontas dos dedos até o centro do salão, onde ela finalmente desfez o bico e o olhou. Para a estranheza de Dieter, ela não estava mais retraída. Aborrecida? Um pouco.

Constrangida? Só se constrangimento tivesse outra cara. Havia um brilho nos olhos dela, como curiosidade, ou a promessa de algo.

Ele só não sabia que tipo de curiosidade havia despertado, ou que tipo de coisa ela prometia.

**1** Meu querido, meu amado



7

P

E

, havia gente cochichando. Por isso

concentrou-se em olhar para a frente. O problema é que à frente estava o peito do duque e todas as suas medalhas e condecorações. Ela ajustou a mão na sua, sentindo mesmo através das luvas o calor do contato. Seu braço esquerdo pousou delicadamente sobre o seu direito, enquanto os primeiros acordes de Danúbio Azul enchiam o ar. Ele tinha mãos imensas. Os dedos dela desapareciam entre os seus, grossos e longos, cobertos pela pelica finíssima. Emma ergueu o queixo, endireitou a coluna e tentou fincar os pensamentos nos marcos de referência da dança —

a valsa era uma dança cansativa, cheia de rodopios e passos ensaiados. Que Deus permitisse que aquela fosse uma versão curta da recente obra de Strauss.

Quanto ao duque, percebeu que não queria mais matá-lo. Sua última frase, dita num resmungo, fez com que ela enxergasse o quanto ele estava irritado. *Inseguro*. Mas embora o fato dele tentar sabotar o próprio baile lhe concedia algum crédito, havia escolhido-a para isso.

— Está tudo bem? — Ele perguntou. A voz dele era macia e morna, como conhaque. Emma detestava conhaque.

— Não — ela disse ríspida. — Estão todos olhando para nós.

— Esta é a primeira dança — o duque explicou na voz que se equilibrava perfeitamente entre a áspera e o rouca. — É esperado que comentem.

*Sândalo, goma de roupa, espuma de barbear*, ela foi listando os aromas enquanto passava os olhos pelo pescoço dele. Aromas finos e exóticos, feitos para deixar as ideias difíceis de organizar.

— Apenas não entendi como foi que isso aconteceu — ela murmurou. — Em um momento estava sentada, no outro, sendo

empurrada para o salão.

— Eu a convidei, foi isso que aconteceu.

— E eu me lembro de ter negado — ela subiu os olhos, encontrando os dele.

A mão de Emma ajustou-se sobre o ombro largo. Ela forçou-se a pensar em algo neutro, como... torradas, ou torradas

com geléia, mas era difícil pensar em comida com todas aquelas medalhas de dispensa por bravura tocando o seu nariz.

— Sim, você negou — o duque ergueu o queixo, fazendo o giro.

Emma errou o passo e quase tropeçou, mas ele a firmou nos braços, esperando que ela se ajustasse ao ritmo. Ela se ajustou.

— Não me sentiria ofendida se me devolvesse à minha família, Vossa Graça. Não gosto de dançar.

— Se alguém tem motivos para se sentir ofendido, esse alguém sou eu — ele respondeu, educado. — Embora a senhorita tenha deixado claro que não queria dançar, peço que finalizemos a dança para evitar maiores estragos.

— Não seria estrago algum para mim.

— Mas seria para mim. — Ele cravou os olhos escuros nos dela.

Outro rodopio, e outro, e outro. *Dança maldita*. Emma deveria estar circulando anônima no salão. Sendo apresentada às pessoas, e não ali, nos braços de um libertino mal falado.

— Posso fingir um mal estar — Emma insistiu. — Não seria assim tão estranho, já que fui escolhida enquanto estava sentada.

— Céus. Seria capaz de fazer isso? — Ele a olhou, intrigado.

— O que? Fingir mal estar? — Ela deu de ombros. — Não é assim tão incomum. Muitas moças recorrem a desmaios

quando não desejam dançar.

— Quem em sã consciência fingiria mal estar para não dançar com alguém? — Ele perguntou entre o ofendido e o preocupado.

— Surpreenderia-se se soubesse quantas moças fazem isso.

O duque deve ter voltado a danças e bailes passados, e se lembrado das ocasiões em que negativas similares aconteceram. E

certamente houve situações assim, pelo modo como o rodopio seguinte foi feito com desatenção. Ele quase soltou as costas de Emma, e ela precisou ajustar melhor as mãos em seu ombro para acompanhá-lo.

Eles rodaram e voltaram ao lugar, onde o braço musculoso a segurava com enorme facilidade. Eles fizeram um breve contato visual. Nada longo ou significativo, apenas um acordo mudo entre parceiros que precisam sincronizar os passos. Emma tentou acalmar os pulmões, dizendo a si mesma que aquele rosto bonito vinha com uma reputação manchada. Não funcionou. Ela convenceu-se então que danças a deixavam cansada, e depois dessa valsa ela pediria para ir embora, e se trancaria na carruagem até que o baile acabasse.

— Não é necessário fingir um desmaio — ele disse ao ver que ela ofegava.

— Não tenho a intenção de desmaiar — ela o informou, sentindo o peito subir e descer. — Mas pode acontecer.

— Apaziguaria meu coração se me dissesse que não está *realmente* se sentindo mal.

— Sinto muito, milorde, mas estou. Se me lembro bem, não me levantei nem mesmo para cumprimentá-lo.

O único sinal de que o duque a havia escutado eram os olhares que de vez em quando ele lançava em sua direção. Emma tentava esconder a falta de ar, mas a junção de espartilho, pulmões fracos e rodopios estavam deixando as coisas difíceis. Bem, e havia o *fator duque* piorando tudo.

Ela não devia tê-lo comparado aos homens ficticiais de Lady Malícia. Agora, toda vez que o olhava, imaginava-o de bombachas.

A imagem era simplesmente ridícula. Mas era melhor que imaginá-lo sem a camisa, e se perguntar se ele tinha os mesmos pelos no peito, com redemoinhos escuros girando em direção ao ...

Emma errou o passo outra vez. Por sorte o duque a firmou, trazendo-a mais para perto e esperando pacientemente que ela recuperasse o ritmo. Ela o agradeceu com um gesto ínfimo. Ele continuou a comandar os passos com leveza, enquanto Emma sentia o rosto esquentar. Ela podia jurar que eles estavam dançando mais devagar.

Algum tempo depois, o duque quebrou o silêncio:

— Sei por que está assim.

— Assim como?

— Assim. Corada.

Ela ergueu os olhos. Estava corada?

— O meu convite a constrangeu. — Ele disse, e ela se perguntou se talvez existisse vida inteligente sob todos

aqueles músculos. *Ou não.* — Também sei que a senhorita é educada demais para admitir isso.

— Não sou tão educada assim — ela retrucou. — O senhor me constrangeu menos do que pensa.

— Não foi a intenção, me desculpe. É só que ... — O duque exalou. — É exaustivo.

— O que é exaustivo?

Ele olhou ao redor. Não foi difícil achar um grupo de moças cochichando nos cantos, soltando risadinhas maliciosas. *Aquilo* era exaustivo. A cena inteira — as moças, a reação do homem, a vulnerabilidade que ela achava não existir — a deixou curiosa. O

infame duque de Württemberg era tão vulnerável a rejeições como a mais sensível das damas? *Ora ora.*

— Realmente — ela disse, seca. — Eu também ficaria exausta.

A empatia de Emma, no entanto, não o absolvía da intenção inicial. O duque a tinha convidado para dançar por razões bem pouco cavalheirescas. Ele olhara para Charlotte antes da dança e sentira-se tentado. Olhara também para Arabella e sentido o mesmo. Mas convidar uma moça bonita tanto lhe deixaria inseguro quanto lhe traria responsabilidades. A corte decidiria por ele que aquela seria a nova duquesa; a pressão social seria intolerável.

Escolher o patinho feio, por outro lado, confundiria os fofoqueiros.

Emma não era material para a coluna de fofocas e o duque de Württemberg *sabia*.

— Prepare-se para o escrutínio depois da dança — O duque falou, parte confissão, parte provocação, como se tivesse ouvido os pensamentos de Emma. — Os maldosos de plantão tentarão saber quem você é, e amanhã você estará nas odiosas colunas sociais.

Emma reagiu como se aquele assunto lhe causasse sono. O duque insistiu:

— Espero que a dança não afaste futuros pretendentes.

— Não se preocupe, Vossa Graça. Na verdade, milorde me fez um enorme favor.

— E que grande favor eu poderia ter feito? — Ele a olhou com um minúsculo traço de curiosidade.

— Não dou a mínima para o que dizem, e não pretendo me casar. Portanto, uma dança não arruinará nada.

— Arruinar? — Os braços dele enrijecerem. — Não cheguei a pensar em *ruína*. Apenas em um leve *constrangimento* para o resto da noite.

Emma se perguntou em que buraco aquele homem havia escondido a cabeça. A reputação de qualquer moça que dançasse com ele estaria manchada até o resto da década. Ou ele achava que as alcoviteiras se esqueceriam onde ele esteve nos últimos dias, cometendo — ou não cometendo — todo tipo de indecências?

— Céus, bailar comigo é assim tão desmerecedor? — ele parecia surpreso pelo óbvio.

Emma fez que sim. Tinha tanta certeza disso que usaria a dança para convencer o pai a deixá-la passar um tempo na

África. Uma década, no mínimo.

— Isso é cruel — ele murmurou.

Se ele esperava que Emma dissesse algo para aquietá-lo, ficou à espera. As coisas eram o que eram e ela não tinha culpa.

Pelos próximos passos ela evitou olhar para o queixo partido, o furinho em seu centro e a pele escurecida que contornava as feições do rosto. *Que desperdício de pelos.* Aquilo a lembrou dos romances outra vez, que por sua vez trouxe à memória as atrapalhadas explicações da antiga preceptora quando ela e as irmãs, jovens e curiosas, começaram a questionar sobre assuntos proibidos. Era interessante como cada um tinha, dentro de si, a semente do que mais tarde cresceria em direção à luz. “*O que acontecerá se não nos casarmos?*”, Charlotte perguntou na época.

“*Onde podemos dar beijos?*” Arabella soltou com gritinhos. Para desespero da pobre senhora, Emma havia perguntado: “*Onde os homens tem pelos?*”

Aquilo havia encerrado a aula.

O duque forçou uma risada, trazendo a atenção de Emma de volta à dança. Uma carreira de dentes branca e reluzente iluminou o salão, disparando um calor traiçoeiro pelo rosto dela.

— Jamais pensei que dançar com o anfitrião pudesse *manchar* o nome de alguém. Quanto aos mexericos, eles são infundados. Não esperava que dessem ouvidos a eles.

Emma olhou de relance para o peito coberto de medalhas, subindo as vistas até os olhos bonitos e escuros. *São todos*

*realmente infundados?*

— Vá, pergunte — ele a desafiou. — Pode perguntar se é verdade o que andam falando de mim.

— Sabe que não posso perguntar uma coisa dessas. Sou uma *dama*. — O modo como disse dama indicava que aquilo a aborrecia.

— Se pode pensar, pode perguntar — Ele provocou, o tom de voz levemente alterado pelo desconforto com o assunto. — No mais, o que perguntar ficará entre nós, pelo menos da minha parte.

Tenho certeza que ouviu coisas horríveis sobre mim.

Emma podia continuar calada, mas estava cada vez mais interessada naquele lado frágil do duque. Ela molhou os lábios e tomou coragem:

— O que ouvi foi que Vossa Graça passou cinco dias em ... um lugar pouco recomendado.

O duque fungou antes de responder: — Bem, quanto a isso, é verdade. Eu estava falando sobre *a outra coisa* que dizem de mim.

As mãos de Emma se contraíram dentro das dele. Toda vez que as coxas dele esbarraram na dela, ela desejava saber se *aquela* fofoca era verdadeira. Mas só de pensar nisso a dança ficava desconjuntada, e seu rosto incinerava. Não era uma pudica, mas havia assuntos e *assuntos*, e aquele fazia parte do segundo grupo.

Ela pausou. Então tomou coragem: — Ouvi dizer que Vossa Graça sofreu um acidente.

— Estou plenamente curado — ele respondeu rápido e solene.

Um giro, e ela passou a ver o lado oposto do salão. Mas ela não estava mais interessada no salão. Estava interessada naquele algo que detectou sob suas palavras. Um tom diferente, de insegurança.

*Não, Vossa Graça. O senhor não está curado.*

— Por que se preocupa, então, com os mexericos? — Emma perguntou.

— Por que estamos falando de...do meu...

O rosto moreno ganhou um tom de cobre, como se o sol o tivesse castigado. O nobre tentou dizer a palavra, mas não conseguiu. Estava irritado, mas não ao ponto de narrar sobre suas partes íntimas para uma dama.

Emma acabou dando asas à imaginação, e o que a imaginação trouxe do vôo foi uma imagem indecorosa. Ela engoliu em seco. Era constrangedoramente evidente que ela tinha terminado a frase dele em imagens.

Ambos viraram o rosto, olhando cada um para um lado.

— Eu deveria pedir que fechassem o maldito jornal — o duque resmungou, mudando de assunto.

— Se não gosta de fofocas, talvez devesse repensar suas atitudes. Proveria menos munição para as colunas sociais.

O homem esticou os olhos até ela. Aquilo ultrapassava os limites dos bons modos.

— Desculpe-me — Emma pediu, reconhecendo a petulância.  
—

Tenho dificuldades em guardar minhas opiniões. Minhas palavras foram de uma rudeza ímpar.

— Ímpar indicaria que foi única — O duque devolveu. — A senhorita foi rude pelo menos duas vezes.

Não havia no tom dele qualquer ofensa, mas ela pescou a provocação.

— Eu? Não acho que tenha sido grosseira hora alguma.

— Ah, não? E quando negou a dança, que intenção tinha?

— A de não passar mal — ela respondeu. — Não estava nos planos da noite desmaiar em seus braços!

O duque riu, achando que a confissão de sua doença tivesse sido um lisonjeio a sua pessoa.

— Espere — ela piscou. — Acha que eu desmaiaria por causa *do senhor*?

— Foi o que a senhorita disse.

— Tenho problemas respiratórios — ela explicou com uma bufada. — E estou usando um espartilho que quer me engolir inteira!

Incentivado pela imagem, ele desceu os olhos até o decote discreto da roupa de Emma.

— Olhos nos meus, milorde —, ela o alertou, brava. — Estamos falando de rudeza, e não de decotes.

Para sua surpresa, o sem vergonha riu.

— A senhora não parece doente.

— Não mude de assunto. Foi exatamente porque pareço frágil que me escolheu para a dança. O que nos leva de volta ao assunto sobre ser ou não rude. O senhor não pode exigir dos outros o que não oferece, mesmo sendo quem é. Vossa Graça não fazia a menor questão de dançar comigo, e não pode me culpar por não querer dançar com o senhor também.

O duque pareceu não ouvir uma só palavra do que ela disse. Era possível que Emma estivesse divertindo-o?

— Qualquer outra moça veria meu convite como gentileza — ele ergueu os ombros, alargando a boca em um sorriso.

— Não sou como as outras moças.

O canto da boca dele continuou erguido, causando um tilintar no peito de Emma.

— Eu já percebi — ele falou.

Por um tempo fizeram silêncio; Emma olhando para além dos ombros largos, ele a observando discretamente. *Deus, havia músicas dolorosamente compridas no mundo, e o Danúbio Azul essa era uma delas.*

— Acho que depois dessa volta a música acaba — Emma disse, incomodada pelas olhadelas indiscretas.

— Espero que sim — ele respondeu.

Segundos excruciantes depois, ele voltou a puxar assunto:

—

Sei que posso ter passado a impressão errada, mas a verdade é que eu não queria esse baile.

— acredite, Vossa Graça, todos nós notamos.

— Está assim tão evidente? — Ele se afastou para encará-la.

— Dolorosamente evidente.

Como ele não disse mais nada, ela desceu discretamente os olhos para o local alvejado. O que viu foi um homem dançando sem qualquer sinal de lesão ou impedimento. Mesmo assim, tomou coragem para perguntar:

— Sente dores?

— Não. — O modo como ele ajeitou o pescoço dentro da gola rígida mostrava, contudo, que ele sentia outras coisas.

— Só não gosto da situação como um todo.

— Precisa aprender a ignorar os boatos.

— Costumo ignorá-los no dia a dia, quando estou entre adultos.

É difícil fazer o mesmo quando o salão está cheio de damas.

Emma perdeu o próximo giro. Foi preciso que Dietrich a trouxesse para perto e a girasse com sua força até que os passos voltassem a se encontrar.

— O que foi? — Ele quis saber quando voltaram à sequência tediosa de idas e vindas.

— Vossa Graça acabou de insinuar que não somos *adultas*?

— Céus, a senhorita é rápida — ele olhou ao redor, bem-humorado. — A cada resposta que dou, outra retorna na

mesma velocidade. Sinto-me de volta às trincheiras — ele falou, achando graça da própria comparação. — Ouvindo os disparos sobre a cabeça sem entender para onde correr ou atirar.

— O senhor acabou de insinuar que somos infantis!

— Porque agem como se fossem crianças mimadas, oras. Todo esse mexericos, e comentários a respeito de... do meu... — Ele soltou um som exasperado. — É infantil, claro que é!

— Não somos todas assim. Nem todas gostamos de fofocas, ou nos interessamos pelo... por..

Era realmente constrangedor mencionar a parte atingida do duque. Emma achava, inclusive, que nunca tinha dito o nome daquelas partes em voz alta. Nem mesmo com as irmãs.

— Mulheres em grupos disputam espaço com os castigos do inferno — O duque desabafou.

— Um discurso estranho para quem precisa escolher uma *noiva* no baile.

— Uma noiva? Que grande bobagem. Aquilo foi ideia de minha mãe, que vê no casamento a redenção para o que deveria merecer misericórdia.

Ela o encarou, curiosa.

— Ninguém sustenta tanta raiva pelo que não o afeta. O que tem contra o casamento?

— Contra o casamento? Tudo. Conheço as mulheres, senhorita.

— Ah, conhece? — Foi a vez de Emma mostrar divertimento.  
—

E como somos, além de infantis?

— Nos primeiros momentos, delicadas e adoráveis. Até tornarem-se esposas sisudas e amuadas. Vocês iniciam encantando a família e encenando contos de fadas, e terminam resmungonas como bruxas rancorosas. Os desastres sempre sobrevêm aos casamentos, senhorita. É só reparar.

Ele esperava que ela agisse escandalizada. Como ela riu, ele ficou inquieto.

— Não vá me dizer que concorda com o que acabei de dizer  
— o duque resmungou, esticando os olhos em sua direção.  
— Seria a única.

— Como disse, não tenho interesse pelo assunto. Temos pelo menos isso em comum.

— Estou chocado.

— Com isso? Por favor — Emma se deixou girar com imensa graça. Quando ele a conduziu de volta ao círculo, ela concluiu: —

Se eu tivesse que passar a vida bordando entre quatro paredes, também me tornaria resmungona e rancorosa. E despejaria todo o ódio sobre o meu marido quando ele retornasse para casa.

Dietrich ergueu uma das sobrancelhas, intrigado. *Oras, por favor, ela revidou o olhar. Vai me dizer que nunca considerou quão enfadonho é o dia a dia das mulheres?*

— Tenho uma pergunta — ele pareceu curioso. — Essa é a educação que a nova classe dá às suas filhas? Petulância e aversão a casamentos?

Emma olhou para cima, ignorando a alfinetada enquanto fingia pensar:

— Quem dera, milorde. Estamos tão longe disso quanto a nobreza está de ser necessária.

O duque simulou um *auch* de dor, sorrindo deslumbrantemente de lado. Ao contrário do que Emma desconfiou, ele não a expulsou aos berros, gritando para que nunca mais retornasse. Ele a acolheu com mais cuidado, trazendo-a para mais perto. Como se dançasse com uma velha conhecida, e não uma estranha.

— Quer dizer então que não pretende mesmo se casar — ele pareceu achar graça na ideia.

Ela balançou a cabeça para lá e para cá. Nenhum interesse.

— Isso livrará alguma pobre alma de um fim terrível — ele sussurrou em seu ouvido.

Emma soltou uma risada. Ela olhou seu companheiro de relance, tolhendo as sensações que cresciam, vindas do fundo. Um tipo de interesse mal-vindo e supérfluo que devia morrer sem dar as caras.

Para a sua surpresa, o duque se mostrava um homem inteiramente diferente do que havia imaginado. O que a fez questionar quão esquisito ele era para compartilhar do seu senso de humor.

— Eu também jamais me casarei — ele afirmou no tom nobre de quem se sacrificava heroicamente pela causa

feminina. — Preferiria ser esmagado por cavalos.

— Um grande número de moças ficará aliviada por saber disso.

— Emma revidou.

Dieter olhou-a como se fosse doer mais nele do que nela o que ele estava para informar: — Senhorita, acho que se engana. A maioria nesse baile abriria mão de qualquer coisa pelo meu título.

— Só se abrissem mão de seus miolos, Vossa Graça. Quem, em sã consciência, ignoraria as alegações *verdadeiras* de sua estadia em casas de facilidades, ou suas interessantíssimas opiniões a respeito da maturidade das mulheres?

O duque tentou segurar a risada, mas não conseguiu. Emma sorriu educadamente de volta. Era rejuvenescedor que a conversa tivesse ido para o lado da brincadeira, e que ela o divertisse enquanto lançava sobre ele todo tipo de ofensa. *Quem poderia imaginar?*

Em algum momento, talvez depois de uma volta, o olhar do duque ficou mais íntimo. As pálpebras pesaram, como bandeiras a meio mastro, e o sorriso discreto passou a ressaltar de forma obscena o furinho do queixo. Emma voltou a se lembrar que tinha pulmões ruins.

Então ele piscou, como se acordasse para algo. E, naquela voz de conhaque morno, falou:

— Senhorita, talvez induzido por sua graciosidade, deixei minha rudeza se sobrepor à minha pouca educação. Trocamos todo tipo de farpas e esculachos, mas não trocamos nomes.

— Se sente necessidade de saber quem sou para me evitar no futuro, não precisa se dar o trabalho. Eu o evitarei com eficiência.

Havia um brilho divertido nos olhos escuros do duque, e, pela segunda vez, Emma viu o sorriso lustroso e perolado se expandir.

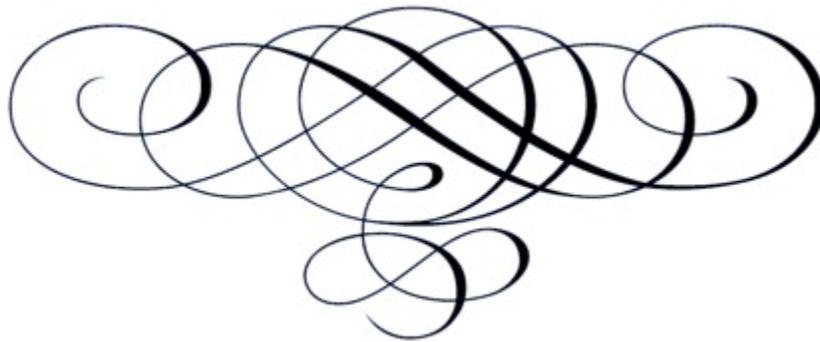
— Apenas me diga seu nome, criatura insolente.

— Emma — ela respondeu. — Emma Thiessen.

Os olhos do homem se arregalaram. O sorriso sensual virou outra coisa: lábios prensados, riso prestes a escapar pelas frestas.

— O que foi? — ela perguntou, séria. — Algum problema com meu nome?

— Ora ora — O duque quase engasgou com as tentativas de segurar a risada. — A senhorita tem o nome da minha égua.



8

E

no meio do salão, como sua Emma fazia quando

contrariada. Havia uma quantidade de humor que a moça estava disposta a gastar com seu parceiro de dança, e, ao que parece, aquele era o seu limite.

Dietrich olhou de um lado para o outro, puxando-a para si. Não porque pensasse em indecências — curiosamente, estava envolvido pelos outros atributos da moça — mas porque era embaraçoso sentir outros casais esbarrarem neles, no meio do salão. Com o braço ao redor de sua cintura, ele a guiou de volta sem se importar com as tentativas de Emma em se livrar do abraço. Ele não podia soltá-la agora.

— Como pode ter dado o nome de uma *pessoa* a um animal? —

Ela perguntou, olhando-o como se ele fosse um idiota. — Quem...

em sua consciência ... — ela tentou descolar as pernas da dele — ...

nomearia uma égua de *Emma*?

Ela curvou a cintura tentando se livrar do braço atrás de suas costas, mas suas tentativas sequer fizeram cócegas em Dietrich.

Não era exatamente uma luta o que travavam, mas era constrangedor, e atraía olhares. O estranho? Dietrich não se importava. Estava se divertindo terrivelmente com o ultraje dela, achando a coincidência engraçadíssima.

— Oras, por favor — ele acompanhava as expressões de Emma com tocante interesse. — Onde está o seu humor?

Emma bufou, tentando se afastar outra vez. Ela parecia incomodada com a fricção das coxas roçando umas nas outras, como se a cada encostão ela tomasse choques. — O senhor já nos tachou de fofoqueiras, infantis e agora sei que tem uma égua com o meu nome. Está realmente surpreso que o meu humor tenha desaparecido?

— É uma égua de raça — Dietrich tentou melhorar.

— Ha ha — Ela simulou uma risada.

Ele riu, alto. De forma tão sincera e natural que Emma parou de lutar. Ela endireitou a coluna com dignidade e engoliu o ultraje. A saliva desceu pelo pescoço alvo, e Dieter acompanhou seu caminho, sentindo uma vontade irresistível de ...

— É incrível que consiga achar graça disso — Ela reclamou, emburrada, acordando-o do estranho devaneio. — O que vai acontecer quando descobrirem que a moça com quem dançou tem o nome da sua égua?

Ele não fazia ideia. Deveria fazer? Desistindo de lutar ou fingir que dançava, Emma exalou, espalmando seu peito. Ele sentiu o calor dos dedos delicados sobre ele, mesmo por cima do tecido grosso do uniforme. Dietrich colheu cuidadosamente as mãos dela com as suas, tentando acalmá-la. *Talvez tenha sido um erro provocá-la*, pensou. Ele não queria que ela partisse.

— Ninguém jamais ligará as duas coisas — ele falou baixo, olhos nos dela. — Quanto à situação, não há como negar: ela é engraçada.

Emma não achava a menor graça.

Dietrich não queria abrir mão do momento. Na verdade, não queria abrir mão do *sentimento*. Havia convidado uma garota perfeitamente esquecível para a dança e, uma valsa depois, precisava tomar cuidado para não chamar a atenção do baile com suas gargalhadas. Quando foi a última vez que isso aconteceu? Ele duvidava de sequer ter acontecido. Nunca discutira de igual com uma moça; sequer imaginou que existiam moças assim. Aquela mulher de estatura pequena parecia guardar uma dúzia de outras mulheres dentro dela, que ao mínimo comentário masculino, reuniam-se às pressas para decidir como atirariam as farpas de volta. *Uma pequena e rápida arma de fogo*, Dieter pensou. Nos poucos minutos em que dançaram ao som de Danúbio Azul, ela havia debochado de seu título, suas opiniões e sua reputação.

Havia sugerido que ele melhorasse seu comportamento. E, apesar de tudo, ele sentia-se revigorado recebendo as farpas que ela atirava.

Como se sentisse falta justamente disso, ele pensou. De balas em sua direção.

Descobrir que ela tinha o mesmo nome que a égua fora a coisa mais hilária da noite. Alguém mais melindroso teria ido às lágrimas, ou o abandonado durante a dança. Bem, não que ela não tenha tentado. Mas agora ela estava livre e continuava ali, pronta para ofendê-lo outra vez, com uma graça que excedia qualquer outro tipo de entretenimento.

— Vamos fazer o seguinte — Dieter sugeriu, achando o modo como ela o encarava encantador. — Caso o jornal mencione alguma coisa, prometo entrar com uma ação contra o periódico.

— O estrago estará feito — Ela voltou a aceitar a sua mão para o resto da dança.

Dieter a olhou com uma malícia quase juvenil: — Pensarei em um modo de compensá-la publicamente pelo transtorno.

— Deus me livre! — Ela fez uma careta. — De que maneira eu me beneficiaria com essa compensação?!

— Por favor, Senhorita Thiessen, não precisa ficar tão melindrada. É só uma infeliz coincidência. Emma é um nome comum.

Emma revirou os olhos.

— Você está agindo de forma irracional como as outras senhoritas — ele provocou. — E isso não faz o seu tipo.

— Ah, o humor masculino... — Emma deixou-se carregar na última volta, sorrindo sem honestidade. — Sempre amparando-se na fofoca, na incompetência e no desequilíbrio feminino. Por que não me surpreendo mais?

Ele a ajeitou em seus braços, no aguardo do resto. O resto, claro. Nenhuma afronta parava onde ele achava que ia parar. Ela não tinha fim. *E ele estava adorando.*

— O problema é que não me sinto confortável em saber que amanhã poderei ser alvo de piadas que envolvam *cavalos*. É do meu nome que estamos falando.

— Não é cavalo — Ele a corrigiu apenas para tirá-la do sério.

—

É égua. E se quer saber, minha Emma é um animal fenomenal.

Acompanhou-me durante toda a guerra e lutou ao meu lado em várias batalhas. Devo a ela a minha vida.

— Hm — Ela estudou o rosto de Dietrich, guardando muito bem suas impressões sobre o que via. — E Vossa Graça trata sua égua com o despeito com que trata as mulheres ou com o respeito que concede aos homens?

Ela piscou os olhos felinos, curiosa. Dietrich sentiu um calombo descer arranhando pela garganta.

— Não há como tratar um animal valente, destemido e heróico com pouco respeito — ele devolveu. O assunto tinha tomado um novo caminho?

— Mas julgaria mal uma mulher que demonstrasse as mesmas qualidades, estou errada? — Ela provocou.

O olhar de Dietrich se afiou. Ele quase sorriu, mas alguma coisa nas palavras dela traziam verdades — grandes verdades —, e sua mente oscilava entre rir de sua graciosidade e considerar seriamente o que dizia.

Como ele não respondeu, Emma teve sua resposta.

— Vossa Graça — A garota soltou sua mão para deslizar os dedos pela lapela de seu uniforme, fazendo o peito de Dietrich se expandir. A respiração de Emma vinha em ondas profundas, como a dele. Ele acompanhou o traçado dos dedos com a respiração em suspenso, sentindo a pressão macia dos movimentos. A mão enluvada de Emma ergueu-se à frente.

— Obrigada pela dança e pela demonstração de arrogância —

ela mostrou um dedo —, ...bom humor — ela ergueu o segundo, —

...e desconsideração completa pelo sexo oposto. — Ela mostrou o terceiro dedo. Mas um quarto dedo estava levantado, e ele acompanhou curioso o movimento de seus lábios quando ela disse:

— Sem esquecer, em quarto, a demonstração de libido exacerbada.

Ela pousou os dedos sobre as medalhas, olhando-o de maneira inteiramente nova. Seu olhar estava afiado como faca, e pela primeira vez Dieter se sentiu de volta ao campo de batalha. *Vivo.*

Com a adrenalina bombeando o sangue rápido através das veias, a cabeça repetindo as ordens para *avançar, avançar, avançar!*

enquanto balas zuniam sobre a cabeça e os estouros de canhão arrebentavam próximos. Aquela foi a última vez que se sentiu vivo, e não sedado.

*Espera*, ele pausou. Ela havia dito *libido exacerbada*?

Sua atenção desceu para outra parte de sua anatomia. Aquilo não podia estar acontecendo, mas estava.

Sua respiração, embora só notasse agora, estava acelerada. Os batimentos do coração, exaltados. Ele pulsava em tantas partes do corpo que Dieter mal notou que algo estufava em suas calças.

Mas a dama à frente? Ela havia notado.

Ele olhou-a confuso, esperando que ela reagisse ofendida ou ultrajada. Ela deveria esbofeteá-lo por ser tão indecoroso. Mas ela continuava ali, enquanto a música emitia os últimos acordes. Um milhão de palavras acumulavam-se em sua cabeça para serem ditas, mas não foram. Ele sabia que ela teria uma tirada para cada uma delas. Os pares se cumprimentaram e se afastaram, e era de bom tom que os dois fizessem o mesmo. Mas Emma não fugiu, mesmo ciente de sua reação imoral. Pelo contrário: ela chegou mais perto.

Seus olhos eram pura malícia quando ela falou, de modo debochado:

— Essa última característica, no caso, a parte mais interessante da sua personalidade.



9

E

como se alguém tivesse passado um emplastro de arnica dentro das calças de Dietrich: ele sentia tudo incendiar. *Como pode ter esquecido como era estar excitado?* pensou acotovelando os convidados para sair do salão. *Como pode ter se esquecido da sensação mais fenomenal que um homem podia sentir?*

Aquilo era júbilo divino. Exultação celestial, prazer primitivo!

Cada músculo de sua estrutura estava contido apenas pela força do verniz social; assim que se visse sozinho, sucumbiria ao arrebatamento e gritaria. Alto.

Quem o visse de longe diria que ele era um louco escapando do manicômio, mas ele não tinha a menor condição de ficar no baile.

Sequer passou pela cabeça despedir-se de alguém.

Talvez, apenas, da pequena audaciosa.

Ao pensar nela, um termo tremulou sobre suas ideias; um que ele jamais imaginou aplicar a uma moça: *audaciosa*. Não havia outra palavra. Bem, na verdade havia. Três ou quatro outros adjetivos lhe vinham à cabeça, e moldavam-se perfeitamente a ela: atrevida, petulante, insolente. *Ousada*. Ele poderia usar outros cem sinônimos de audácia para descrevê-la.

Ele não ia mentir: sentia o ímpeto de voltar e travar mais embates com a Srta. Thiessen, aquela estranha criatura surgida ao acaso. Mas havia urgências inadiáveis no momento. Foram meses de sofrimento e completo silêncio, e agora pequeno Dieter renascia.

Pulsante. Ele precisava levá-lo a algum lugar. *Mas aonde?*

Oras, isso não importava, desde que ele pudesse expurgar um ano de desespero, livrar-se daquela maldição, *deixar fluir o suco da vida!*

Um pensamento lhe ocorreu enquanto corria pelos corredores suntuosamente decorados de Solitude: ele trocaria tudo aquilo pela

sensação de agora. Cada bloco de pedra daquele lugar.

Ele subiu um degrau da imensa escadaria em mármore e parou.

*Se ele fosse embora, a veria outra vez? A resposta para essa pergunta tentava puxá-lo de volta. Ele pensou no rosto corado e enfurecido e o tremelique na barriga voltou. Haveria, talvez, alguma relação entre a Srta. Thiessen e sua excitação?*

Deveria haver, claro, mas ele não entendia qual. Ela não fazia o seu tipo. Era tão magra que passaria pela fresta de uma porta, e pálida e sem viço. Ele gostava de ímpeto e força. De bochechas coradas e ... Dietrich afastou os pensamentos e voltou a subir.

Assim que pisou no segundo degrau, a voz conhecida rasgou o silêncio:

— Onde pensa que vai?

Dietrich fechou os olhos. *Maldita seja!* Sentiu a calça folgar com um misto de tormento e agonia, incapaz de impedir que a reação fisiológica divina se dissipasse. Ele se virou, sem paciência:

— Estou de saída.

— Tão cedo? — a duquesa perguntou, parada à porta. Ela o olhava como sempre fazia quando queria arrancar alguma coisa dele — a verdade, as vísceras, o coração —, com aquela conhecida mistura de candura, interesse dissimulado e fúria assassina. Tão maternal.

Dietrich uniu os dedos na frente das dezenas de medalhas e perguntou em tom modulado, soando até mesmo galante:

— Quando foi que o nono duque desse maldito ducado virou um menino de catorze anos que precisa dizer aonde vai?

A duquesa sequer titubeou:

— Quando o nono duque foi alvejado no maldito testículo e sua mãe precisou cuidar dele para que ele não morresse.

— Está bem! — Dietrich gritou, olhando ao redor para ver se não havia alguém por perto. — Agradeço de coração, milady, mas não preciso mais de seus cuidados. A senhora teve sua primeira dança, e as fofocas foram substituídas. Cumpri meu papel no baile.

As mãos da duquesa continuavam cruzadas na frente do vestido, dando a impressão de inocência inofensiva.

— Vi que teve um momento esplendoroso com a moça de vestido rosa — ela falou. — Como é mesmo o nome dela?

Dietrich suspirou. *Ele teve, realmente, um momento esplendoroso. Obrigado por arruiná-lo.*

— A senhora sabe quem ela é.

A duquesa deu um passo adiante para tocar em uma flor que parecia desmaiar de um vaso alto. Claro que ela sabia. E sabia muito antes do baile, por isso as tinha convidado. Ela estudara cada moça presente naquela noite, cada interesse e desejo que pôde desvendar, cada corte mal sucedida ou em andamento. Sua mãe sempre fora o cérebro da casa, embora o pai gostasse de fingir que era ele.

— Uma grata surpresa — a duquesa murmurou. — Inusitada, claro, mas ainda assim uma surpresa. A dança pareceu ter agradado a você.

— A dança me agradou — Dietrich confirmou.

— Por que não a chama para dançar outra vez? — A duquesa ergueu os olhos.

Dietrich soltou um riso forçado.

— Achei que a senhora queria um leve burburinho, não um escândalo completo. Sabe que não posso dançar com ela outra vez.

O olhar da duquesa o questionava a respeito disso. Ele podia chamá-la, sim. Desafiaria as regras de etiquetas e do bom tom, mas lançaria as fofocas a patamares superiores. Eles não estavam, ali, justamente tentando substituir um escândalo por outro?

*Que tal se eu subisse em cima da mesa e anunciasse à corte que pequeno Dieter estava de volta, e eu mal via a hora de testá-lo?*

Dietrich pensou. Aquilo sim seria um bom escândalo.

— Bem, uma segunda dança, mais comedida, talvez tire a impressão do salão de que ela estava tentando fugir — a duquesa insistiu.

Dietrich segurou uma risada. Dessa vez, uma verdadeira.

— Não acho que eu tenha sido um parceiro de dança tão ruim.

— Não — a duquesa vincou a boca para baixo, ainda concentrada nas flores. — Mas, para o meu desconsolo - que, a propósito deveria ser seu, e não meu - , ela pareceu ter se aborrecido com alguma coisa. Você a ofendeu?

— Pelo contrário — Dietrich falou. — Fui ordinariamente agradável, como sempre sou.

— Geralmente não queremos escapar de pessoas agradáveis.

— Você conhece as damas melhor do que eu. Até as que gostam de mim querem escapar de mim.

A duquesa suspirou. — Isso porque a valsa é uma dança romântica.

— Bem, da próxima vez, podemos começar pela polca. O galope evitará os diálogos. Se me dá licença, preciso ir.

— Diga-me, Dietrich. — A duquesa o fez parar no lugar outra vez. — O que pretende agora? Não sei se você sabe, mas o baile é apenas o começo de uma série de festejos em Solitude.

As sobrancelhas de Dietrich se uniram.

— Uma *série* de festejos?

— Oh, sim. Demoramos tempo demais para abrir essas portas

— Wilhelmine olhou ao redor. — Quero que Hans volte da America quando ouvir os rumores sobre as festas. Que Theodor se assente em Stuttgart por algum tempo. — A duquesa conferiu se o duque a estava ouvindo. Ele estava. — ...E quero que convide a moça e sua família para passarem alguns dias aqui.

Dietrich riu para as paredes iluminadas e voltou os degraus que tinha subido. Aproximou-se da mãe porque algo estava bem claro para ele, mas não parecia estar para ela. Ele não

se casaria com aquela moça só porque havia dançado com ela. Os planos de permanecer solteiro continuavam firmes e fortes, especialmente agora.

— Mamãe — Ele tentou fazer com que a frase saísse mais delicada do que seus pensamentos: — Só por cima do meu cadáver.

A duquesa sorriu de volta. Pelo jeito, era um traço de família sentir-se revigorado entre esporas e ferrões.

— Mal vejo a hora de convidá-los — ela tremeu de excitação, ignorando Dietrich por completo. — Tenho certeza que o próximo evento será um sucesso.

Dietrich balançou a cabeça. *O que aquela diaba estava tramando?*

— Que evento?

— O piquenique.

— Piquenique? Estamos em fevereiro!

— Outro baile, então. Planejo oferecer algo em Solitude em comemoração aos 28 anos de Theodor.

— Theodor *já tem* 28 anos! — Dietrich estava começando a perder a paciência.

— Que seja — a duquesa gesticulou com desinteresse. — O importante é unir as pessoas.

O duque esfregou o rosto. Dando um passo adiante, a duquesa adicionou baixo:

— Arrume uma noiva esta noite e nem me dou o trabalho de preparar outro evento.

Os dois se encararam. O que aquela mulher ardilosa estava tramando? *Por que queria tanto casá-lo?*

— Não posso arrumar uma noiva esta noite — ele finalmente disse.

— Por quê?

*Porque hoje preciso arrancar as roupas de uma mulher e tomá-la como se não houvesse amanhã. Porque preciso fazer sexo com alguém — qualquer alguém — e não dá para ser com a jovem com quem dancei.*

— Porque não! — Dietrich se exaltou. — Não tenho ideais idílicos sobre ninfas ou valquírias, e Deus sabe que não sou muito exigente, mas a senhora é! Como pode sequer cogitar isso?

Sequer deveria passar pela cabeça de sua mãe que a moça com quem dançou recebesse um dia o título de duquesa. Ela era intrépida, sim, mas também indigesta, desafortada e petulante.

Esposa? Não.

Dolorosamente inadequada, era isso que ela era. Os jornais amanhã diriam absurdos sobre aquela dança, e ele sentia um misto de pena e diversão ao pensar na graciosa reação que a petulante teria quando lesse a coluna. Mas ela não era a mulher certa, e, no entanto, sua mãe o pressionava a aceitá-la como se fosse.

— Eu disse que não me importava com *quem*, desde que desse baile surgisse um nome — a duquesa respondeu

incrivelmente contida, embora as palavras saíssem espremidas entre os dentes.

Seu olhar fez correr um traço gelado pela coluna de Dietrich.

Aquela mulher estava completamente insana, e ele não discutia com gente insana. Dietrich fez um sinal de desistência. Deu as costas

para a duquesa e voltou a subir. Pequeno Dieter precisava de sua atenção.

— Que bom que temos, finalmente, uma candidata— A voz da mãe, agora alta, arranhou seus ouvidos. — Eu os convidarei pessoalmente para o piquenique.

Dietrich virou-se para olhá-la.

— Candidata a quê?

— Começarei o boato de que achou sua noiva esta noite. Cuide de suas atitudes a partir de hoje, *mein Lieber*. Você está oficialmente cortejando a senhorita Thiessen.



1 0

0

vocabulário de Emma não achava adjetivos suficientes para o duque, por mais que tentasse. E, definitivamente, não tinha uma palavra para defini-la, depois do que fizera.

Ela havia mencionado as partes íntimas de um homem. Para o homem. Adicionando, em seguida, que aquela era a parte mais interessante dele. *De onde havia saído aquilo?*

A carruagem balançava pelas estradas escuras que ligavam Solitude a Stuttgart, e ela olhava para fora com medo e vergonha.

Seu pai e Frau Herta haviam acabado de cochilar, enquanto Charlotte e Arabella, sentadas à frente, olhavam para ela. O olhar de Arabella ela conhecia: era o olhar dos cães de corrida no aguardo do disparo da largada. O de Charlotte, por sua vez, era completamente diferente. Estava aflito.

Assim que o pai roncou e Frau Herta não resmungou, Arabella sussurrou:

— Conte-nos tudo, Emma! Como foi? O que vocês conversaram?

— Foi cansativo — Emma respondeu. E havia sido. Algumas partes.

— Não, não isso — Arabella praticamente quicou sobre o assento de couro. — Vocês dois pareciam ter... ter... — sua irmã procurou o termo ao redor — ... uma ligação especial. Era como se não houvesse mais ninguém no salão além de vocês!

— Isso teria sido uma bênção — Emma respondeu, séria —

Quando se ouve tantas tolices em tão pouco tempo, é melhor que não haja ninguém por perto, mesmo.

— Ele pisou no seu pé? — Arabella quis saber. — Por que ele parecia estar estraçalhando os seus dedões. Ou ter um prego em

uma das mãos. Na verdade, ele parecia estar gostando de torturar você.

Sim, ele gostou de torturá-la, e ela gostou de mexer com seus brios. Mas fora apenas isso. Uma conversa afiada que não podia ou devia sucumbir à idealização. Emma olhou primeiro para o pai e depois para a governanta, conferindo se eles estavam realmente dormindo. Estavam. Ela coçou a cabeça sob a trança que apertava a cabeça, sentindo-se tentada a falar. Não sobre o duque — seria um desperdício de saliva — mas sobre ela. O que aconteceu naquela noite era inédito, e só podia ser creditado aos desvarios que as histórias de Lady Malícia causavam nela.

Ela devia ter lido menos sobre corsários morenos, porque desconfiava, de repente, que livros podiam, sim, ser perigosos. Algo havia escapado dela aquela noite. Algo que ela não foi capaz de controlar.

— Ele não me torturou — Emma olhou para as luvas. — Ele só foi...

— Indecoroso? Vulgar?

— Ele? Não. Mas acho que eu fui.

Arabella levou a mão á boca e Charlotte arregalou os olhos.

Quando Herr Thiessen roncou, as três olharam em alerta para ele.

Sim, aquilo chocou até mesmo suas irmãs, que raramente se chocavam. Emma voltou a olhar para fora, pensando no

rosto moreno e no peito cheio de medalhas. Como era largo. Aquela largura indicava atividades ao ar livre — nado, remo, ou qualquer outra coisa que transformasse braços em músculos e peitos em muralhas. Indicava também vitalidade, longas caminhadas e pulmões de ferro. Ela massageou a testa, que doía.

— Preciso evitá-lo agora até o fim da vida.

— Isso é muito tempo — Arabella olhou desanimada para Charlotte, mas a irmã mais velha estava estranhamente silenciosa.

— Até porque ouvi alguns comentários depois que o duque sumiu.

Oh, e ainda havia aquilo. Depois da dança, o duque havia desaparecido. O sumiço causou rebuliço, mas a duquesa agiu como se nada tivesse acontecendo, dando continuidade ao baile.

— Que comentários? — As sobrancelhas de Emma se uniram.

— Algumas senhoras estavam comentando sobre vocês. Que a duquesa fazia gosto no cortejo. Que ela comentou com alguém, ao lado, que Dietrich havia se interessado por você.

Emma desmereceu a fofoca, sentindo o inverno renascer na barriga.

— Foi só uma dança, pelo amor de Deus.

— Pelo que ouvi, o duque procurará papai nos próximos dias.

O pescoço de Emma enrijeceu. *Como assim?* Aquilo não fazia o menor sentido. O duque de Württemberg era um conhecido arrumador de confusão. Ela se recusava a ser cortejada por aquele idiota apatetado que decidiu, por tédio, boicotar o próprio título.

— Por que as pessoas inventam essas coisas? — Emma perguntou. — Claro que não vai acontecer cortejo algum. E, se ele aparecer em nossa casa com essa proposta, direi um sonoro não.

— A princípio papai estranhou o convite, mas depois que organizou os prós e contras em suas tabelas mentais, acabou considerando a corte vantajosa... — Arabella suspirou.

— Eu não sou um negócio! — Emma perdeu a paciência.

As irmãs fizeram shhhh com os dedos na frente da boca. A carruagem continuou a oscilar pela estrada, embalando o sono dos mais velhos. As irmãs não comentaram, mas todas elas eram um negócio para o pai.

A vontade de Emma era explicar tudo que tinham conversado para provar que a ideia de um cortejo era esdrúxula e o boato não tinha fundamento. Mas Frau Herta se mexeu e abriu os olhos, despertando do cochilo.

O rumor ouvido por Arabella reverberava fundo no coração de Emma. A situação inteira podia ser uma diversão para a corte ociosa, mas a reputação de uma dama era tudo que ela tinha.

Decidia seu futuro, seu presente, seus próximos passos. Emma olhou melancólica para as primeiras casas de madeira exposta, típicas alemãs, que apareciam nas ruas da

cidade. Ignoraria, por enquanto, o boato e o medo de a associarem àquele homem tolo.

Precisava se concentrar em algo mais importante: expulsar da cabeça a imagem daquele rosto bonito. Quem sabe assim as sensações estranhas que a esquentavam não desapareceriam?

A carruagem deu um solavanco quando o cocheiro parou os cavalos na frente da mansão, e Herr Thiessen acordou. O cocheiro saltou do veículo e abriu a porta, trazendo o ar gélido para o interior.

Emma concluiu, enquanto esperava as irmãs saltarem, que não negaria o óbvio. Fisicamente, o duque ajustava-se aos seus devaneios como uma boa peça de alfaiataria: perfeitamente, sem nada a sobrar ou faltar. Mas cabia à razão entender a atração e expulsar os pensamentos inúteis. Se algo cheirava a problema, tinha forma de problema e fazia sons de problema, era óbvio que a coisa em questão era um problema.

As criadas receberam os Thiessen à porta e acompanharam as meninas até o quarto, para ajudarem no ritual noturno. E enquanto as criadas as ajudavam a se despir, Emma notou que Charlotte continuava em silêncio. Seu rosto estava contraído como se ela estivesse sendo assolada por pensamentos profundos e inquietantes. Algo sério havia acontecido.

Segundo Frau Herta, ela perdera Charlotte de vista durante a dança, e, quando Emma retornou, encontrou-a diferente. Frau Herta havia ficado tão alterada com o sumiço da irmã que decidiu passar o resto do baile vigiando-a.

Assim que foi deixada sozinha, Emma aguardou. Quando a casa finalmente ficou em silêncio, ela desceu da cama,

pegou o lampião e caminhou até o quarto de Charlotte. A porta estava aberta.

— Você demorou — Charlotte disse aflita, andando de um lado para o outro no quarto escuro. Sua camisola ia e vinha junto com seu desespero, em uma confusão de babados.

Emma pousou o lampião ao lado da cama e trouxe a irmã calmamente pelas mãos até ela.

— O que foi que aconteceu? — Emma perguntou baixinho.

A sombra do lampião iluminava os enormes olhos cor de turquesa de Charlotte. Ela estava profundamente abalada.

— Fiz algo muito, muito errado, Emma.

Uma sensação ardida se espalhou pelas entranhas de Emma.

— Errado como?

O olhar de Charlotte mostrava auto reprimenda, confabulações, medo. E muito arrependimento.

— Eu perdi um livro de Lady Malícia no baile.

A frase de Charlotte foi só um sussurro, mas causou em Emma um colapso interno. Ela levou a mão ao peito, sentindo os dedos frios mesmo sobre o linho fino.

— Não diga uma coisa dessas, Charlotte.

Charlotte afundou o rosto nas mãos.

— Por que você levaria um exemplar do livro para o baile?

—

Emma perguntou com um fio de voz. Como pode levar à festa um exemplar de lady Malícia para o baile!?

Charlotte estava em choque. A cada resposta que ela não respondia, Emma sentia o coração ameaçar falhar.

— Charlotte — Emma a sacudiu — Por que levou um exemplar de Lady Malícia para o baile??

Aquilo a acordou. Ela piscou, dizendo finalmente em um só fôlego: — P- porque estou me correspondendo com alguém. Com um leitor.

Emma a soltou, horrorizada. O coração agora parecia que podia explodir de tanto bater.

— Como assim, você está se correspondendo com um leitor? O

que isso significa? Como um leitor achou você?!

A primeira regra que estabeleceram quando decidiram cometer o crime de escrever aquelas histórias era que ninguém jamais poderia saber sobre elas. Não podiam confiar em absolutamente ninguém.

O que estavam fazendo era errado e elas sabiam.

— Oh, Emma — Charlotte apoiou o rosto cansado em uma das mãos e olhou para a irmã. — As pessoas escrevem para os autores.

Pedem informações, tecem elogios, fazem ameaças. Sempre foi assim. Alguns meses atrás, meu editor em Amsterdam me mandou uma carta junto com o dinheiro mensal. Ele perguntava se podia mandar algumas cartas por aquele endereço.

Emma tampou a boca. Damas não se correspondiam com cavalheiros. Damas só se correspondiam com familiares, e mesmo assim sob supervisão. Uma coisa era escrever aquelas histórias sem ninguém saber, a outra era envolver um estranho nelas. Céus, só de pensar nos cavalheiros que tinham acesso àqueles livros, ela tinha vontade de vomitar. Na verdade, ela não fazia ideia de quem tinha acesso a eles, e pela primeira vez Emma se deu conta de que aquilo poderia arruiná-las completamente.

— Eu disse que sim — Charlotte continuou. — Pedi que mandasse apenas as que ele considerasse apropriadas... Não queria lidar com sujeitos asquerosos querendo saber mais sobre Lady Malícia. Você sabe que aquela imagem de Lady Malícia no fim dos livros foi uma ideia ruim.

Emma sabia. Em uma brincadeira, e sem a menor ideia do que estavam fazendo, Emma havia desenhado a irmã e o desenho de sua assinatura falsa. Um rosto feminino, mascarado, aparecia ao fim de cada livro, sorrindo para o leitor. Aquela era Charlotte, Lady Malícia. Ninguém sabia que a imagem dela mexeria com os instintos mais primitivos de alguns homens.

— Foi então que a carta dele chegou.

— Quem é essa pessoa? — Emma perguntou, angustiada.

— Ele não assina as cartas, não sei quem ele é. Sei que escreve em papel fino, e que sua tinta é de boa qualidade. Que tem o vocabulário de alguém instruído, provavelmente frequentou uma universidade.... — Charlotte tirou o cabelo da frente do rosto, e Emma viu que ela tremia. — Na última carta, ele mencionou que haveria um baile. Um baile realmente grande. Aqui, em Stuttgart...

Emma sentiu o rosto esquentar.

— Ele sabe que você é daqui?

— Não. Ele manda as cartas para Amsterdam. Ele apenas comentou aquilo na carta, e eu imaginei que ele estivesse no baile dessa noite.

Emma balançou a cabeça.

— Charlotte, você estava planejando se encontrar com esse indivíduo?!

— Não! — Charlotte chacoalhou a cabeça. — Não estava! Mas devaneei sobre sua aparência, e... acabei levando um exemplar comigo, para o caso de... — Ela fungou. — Para o caso dele me reconhecer.

Emma levou as mãos ao cabelo.

— Re-reconhecer??? Charlotte!? E se ele for um investigador?

— Emma não tinha certeza, mas estava quase certa que escrever livros como aqueles era proibido — Ou um lunático? Ou...

— Pare, Emma. — Mas Emma não conseguia parar. Ela estava metida nisso tanto quanto Charlotte. Sentia-se culpada por

incentivar a irmã, e se uma fosse desmascarada, todas seriam.

— Ele não é maluco. — Charlotte subiu os olhos até Emma.  
—

Ele elogiou minhas palavras, Emma.... Meu talento e sensibilidade.

Não minha aparência, ou meus dotes como bordadeira, ou todas essas coisas desinteressantes que nos forçam a aprender!

— Charlotte, isso é loucura! Como perdeu esse exemplar?

— Ele deve ter caído do meu bolso, não sei. Ou alguém pode tê-lo roubado.

— Isso não pode estar acontecendo — Emma se levantou, e começou a andar de um lado para o outro no quarto. — Você tem ideia de onde possa ter perdido esse livro? Você sumiu por alguns momentos. Onde esteve?

Charlotte abaixou as vistas.

— Charlotte...

— Eu rodei pela casa. Não sei no que estava pensando, acho que aproveitei a distração de Frau Herta. Não fui longe. Notei logo que tinha perdido o livro, mas não consegui voltar para procurá-lo.

Emma fechou os olhos. Calma, disse a si mesma. Calma.

— Há algo no livro que possa identificá-la? — Emma perguntou.

Charlotte mordeu os lábios e fez que sim: — Uma dedicatória.

— Céus — Emma ralhou com a irmã. — O que estava escrito nela?

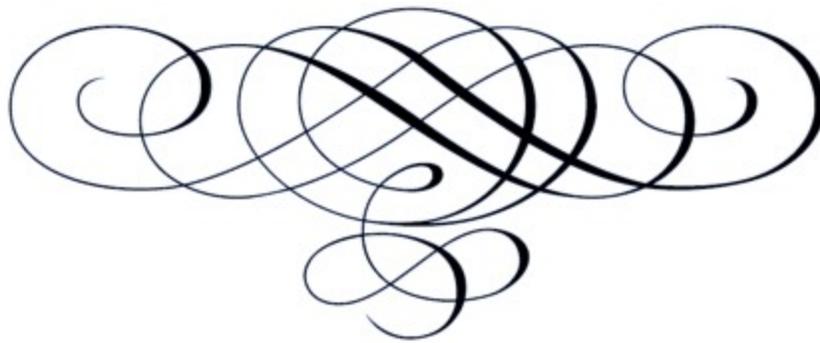
Charlotte se recusou a responder. Mas garantiu que não era o seu nome. Não, ao menos, o nome inteiro.

— O que vai acontecer agora? — ela perguntou a Emma.

Emma não sabia o que dizer. O mundo tranquilo e estruturado em que viviam fora deslocado do eixo. Se alguém ligasse Charlotte ao livro, estavam perdidas. Se alguém procurasse saber que livro era aquele, chegariam em Lady Malícia. Até onde seu editor em Amsterdam estava disposto a ir para esconder sua identidade?

Emma abriu os olhos desanimada com a ideia que teve. Mas era uma ideia, em meio a um oceano de problemas.

— Torça para as fofocas serem reais — Emma disse olhando cansada para a irmã. — Nossa única chance de reaver aquele livro é voltando ao castelo.



1 1

O

D

, Herr Schmidt, era um senhor de nariz adunco e gostos requintados, que não via a menor graça em servir o duque. Ele ajeitou a jaqueta sobre as costas do patrão com uma tromba, desconcentrando-se ao ver o terrível contraste entre o colete azul e a extravagante jaqueta cor de cobre. Não dava tempo de trocar toda a roupa, dissera o duque. Apenas a jaqueta, a calça e as botas de montaria.

— Vamos, Schmidt — Dietrich estalou o dedo quando o pobre homem paralisou na frente da união mais horrenda de cores que ele já vira. — Estou com pressa.

O criado continuou o trabalho por puro reflexo. Não lhe interessava saber para onde o duque ia ou com quem, desde que tivesse tempo para resolver o problema do como. Por que não ia com a roupa de baile, de carruagem, como um aristocrata normal?

Seu traje de baile estava impecável, seu uniforme poderia se sustentar em pé, de tão engomado. Mas o duque havia decidido ir a cavalo e precisava de roupas apropriadas.

Herr Schmidt voltou mal humorado para o quarto onde arejava as roupas para pegar um lenço. Seu antigo senhor, o oitavo duque e pai daquela anomalia, jamais tinha pressa. O tempo lhe servia, não o contrário. Mas o novo duque estava sempre um pouco perdido, correndo atrás de alguma coisa como um cachorro atrás de uma carroça.

O valete voltou com dois exemplares na mão, nos olhos a expressão de quem sobrevivera a um trauma. Seu cérebro sofrera uma avaria ao tentar escolher algo que fosse com o cobre e o azul, e tinha certeza que seria demitido se alguém visse o duque vestido daquela maneira.

— Esse lenço... ou esse — Herr Schmidt franziu o nariz, como se ambos fedessem. — Um combina com o colete, mas jamais iria com a jaqueta. Se pudéssemos trocar o traje inteiro, eu...

Dietrich tomou o lenço escuro das mãos do criado.

— Não tenho tempo — disse ao valete, ciente do desprazer que o senhor sentia ao vesti-lo. Sorte que o duque mantinha outro valete na residência de Stuttgart. Não era bem um

valete, era na verdade o cocheiro. Um homem versátil que, dentre muitas outras coisas, também entendia de composições e tecidos.

— Obrigado, Schmidt. E não precisa engraxar a bota — ele pediu ao ver que o valete tinha a intenção de começar a extenuante lustração do couro. — Estou de saída.

Uma batida na porta interrompeu a conversa.

— Dietrich? — Theodor entrou no quarto, surpreso ao vê-lo com roupa de cavalgada. — Vai sair?

— Sim, vou.

— Se não me engano, há um baile lá em baixo em sua homenagem — o irmão apontou para a direção de onde os sons abafados da orquestra vinham.

Dieter dispensou o valete e fechou a porta.

Theodor estava de bom humor. Ao contrário do irmão mais velho, sua paciência com o baile era plena, e usava do elevado estado de espírito para caçar o irmão. Dietrich também estaria de bom humor, se não fosse pela duquesa.

— Theodor, preste atenção — Dieter falou baixo, para o caso do valete ainda estar por perto:

— Ele está...vivo.

Theodor não entendeu.

— Quem está vivo?

— Ele — Dieter inclinou o queixo para baixo. — Ele está vivo.

Recuperado.

— Como assim?

— Durante a dança, meu irmão — Dietrich inflou o peito, sorrindo largamente. — Aconteceu. Ele simplesmente... reagiu. Depois de meses de tentativas infrutíferas.

Os olhos de Theo se arregalaram. Dieter costumava ser impróprio sobre o assunto, beirava até mesmo a importunação, mas

aquelas eram boas notícias, e mereciam ser compartilhadas.

— Como? — Theo quis saber. — O que fez para que...

— Simplesmente aconteceu!

— Com quem? — Theodor não estava entendendo. — O que disparou a... o...reavivamento? Você encontrou alguém, beijou uma jovem atrás de um vaso de planta, sentiu alguém...

— Não, nada disso. Foi durante a dança.

Theodor franziu o cenho.

— Você só dançou uma vez, e não pareceu ter sido muito romântico. Aliás, ela partiu tão depressa que achei que a tivesse ofendido.

— E provavelmente a ofendi. Mas foi involuntário. — Dietrich sorriu. — Como a reação de pequeno Dieter.

Theodor franziu o cenho, mas Dieter não tinha tempo para explicar.

— Preciso ver alguém — o duque falou ajeitando o lenço de qualquer jeito ao redor do pescoço. — Emma me aguarda.

Theo sacudiu a cabeça.

— Você vai sair à cavalo?! Para onde?

— Não posso ir com a carruagem da família para onde vou.

— Céus, Dieter. Sei que está animado com as "boas novas", mas por que não aproveita e pede desculpas à moça, e tenta entender o que o fez finalmente...

— Ela não é o meu tipo — Dietrich pegou o chapéu sobre o aparador.

— Bem, "pequeno Dieter" acha que ela é!

— Pequeno Dieter fez silêncio por tempo demais para emitir opiniões. — Dietrich parou no lugar e olhou para o irmão. — A propósito: a jovem também se chama Emma.

— A moça com quem dançou?

— Sim — Dieter colocou o chapéu e saiu do quarto, rindo.

— Deixe-me adivinhar: e você disse isso a ela.

Dieter lembrou-se da reação da senhorita Thiessen. Irritada, ela era ainda mais graciosa. E nada feia, na verdade. Por que achou que fosse?

— Emma é um nome comum — Dietrich falou. — Também disse isso a ela.

— Que charmoso da sua parte — a voz de Theodor trazia pouca surpresa. — Não me espanta que ela parecesse tão brava.

Um crepitar cintilante correu pelos nervos do duque ao lembrar do rosto da jovem. Ele ficou surpreso por ainda sentir o vigor crepitando pelos nervos, revelando-se do esconderijo onde permaneceu

tanto

tempo.

Ele

estava

verdadeiramente

impressionado com a noite.

— Não está frio para cavalgar até o bordel? — Theodor o viu pegar a ala leste, que dava para os estábulos. Dietrich parou no pórtico e aguardou Herr Schmidt chegar com o casaco pesado.

Havia coisas que não podia contar ao irmão, e aquela era uma delas.

— Talvez. — Ele sorriu, esticando o braço para que o valete o vestisse. — Mas não será nem a primeira - e, espero, nem a última -

noite em que farei isso.

Theodor fez um gesto de desistência com as mãos e deu meia volta.

Assim que Dietrich estendeu a mão para pegar o chapéu, o criado lhe estendeu um livro.

Dietrich pegou o exemplar e o girou nas mãos:

— Não tenho planos de ler esta noite, Schmidt — ele disse com um sorriso largo, que morreu assim que viu a capa do livro. — O

que é isso?

O valete tinha no rosto uma expressão da mais pura desafeição.

— Encontrei no caminho, senhor. Acredito que pertença a Vossa Graça.

As sobrancelhas do duque se ergueram.

Ora, ora.

Ilustrado e pintado com esmero em cada detalhe humano, um homem e uma mulher se tocavam em circunstâncias comprometedoras. Ele a segurava pela cintura, debruçado sobre sua entrega, em cima de um convés. *O Pirata e a Donzela*, dizia o título. Dietrich folheou a revista com um vinco entre as sobrancelhas, observando a tipografia gótica finamente impressa sobre as páginas de tonalidade castanha.

Embaixo do título ele leu o nome do autor: Lady Malícia.

Dietrich estava surpreso. Se aquilo não era um sinal de que estava para fazer a coisa certa, não sabia mais o que um sinal era.

Ele só conhecia uma pessoa que lia aquele tipo de literatura.

Mas ela não estava no baile, ou ele a teria reconhecido.

Dietrich pensou em chamar Herr Schmidt e perguntar onde exatamente havia encontrado aquilo — e por que supôs ser dele — , mas o valete já havia feito uma mesura apática e corrido dali.

Por um segundo não soube o que fazer com o livreto, então o enfiou no bolso.

— Estou indo, marquesa.

Dietrich não estava indo para o bordel: a celebração exigia alguma classe.

Ele iria visitar a Marquesa de Hammerstein.

Os encontros furtivos com a marquesa, viúva de um antigo amigo da família, precisavam ser acordados antes, mas aquela era uma situação excepcional. A jovem senhora morava em Vaihingen, nos arredores de Stuttgart, e sua residência não possuía vizinhos.

Tomadas as devidas precauções — carruagens sem identificação, cuidado ao sair e ao entrar, mínimo contato com os criados — os encontros com a mulher haviam garantido ao duque noites excitantes de diversão garantida.

Enquanto aguardava o preparo de Emma, parado no estábulo, Dietrich pensava em como conhecera a jovem viúva. Ele alisou novamente o volume da revista em seu bolso, pensando na estranha coincidência. Realmente estranha. Ele descobriu a marquesa por acaso. Estava caminhando pelo centro quando trombou com um mensageiro. O garoto de recados deixou cair o que trazia no chão, e, de dentro das caixas de charutos, viu saltar um livro. A princípio Dietrich pensou que fosse um periódico simples, ilustrado com a imagem de senhoras recomendando elixires e extratos botânicos, mas então ele

reconheceu a figura sinuosa de um casal. Um casal em posição suspeita.

A imagem fez seus sentidos se aguçarem.

O menino reagiu como se tivesse sido pego pela polícia. Seus olhos cresceram no rosto e ele pediu desculpas, coletando tudo e correndo dali como se estivesse sendo perseguido. Estava claro que ele estava contrabandeando algo.

Charutos? Jornais? O duque duvidava muito.

Como seu compromisso com o ócio estava ficando cada vez mais enfadonho, Dietrich seguiu o rapaz. Foi a perseguição mais curta da história — uma carruagem aguardava o garoto duas ruas adiante —, mas, quando o braço feminino e enluvado surgiu de dentro da carruagem, Dietrich recuperou o interesse. A mulher pegou o pacote e lançou uma moeda ao menino.

Foi assim que Dietrich descobriu a viúva. Reconheceu a casa de Hammerstein pelo brasão na lateral do veículo, e apresentou-se à jovem viúva na primeira oportunidade. Aquele periódico dizia algo sobre aquela mulher — insinuava tédio, desejos e paixão — e ele fazia de tudo para conhecê-la.

A marquesa era uma mulher isolada e enlutada por opção, que fora agraciada com a viuvez precoce do marido sexagenário. Na falta de alguém com quem compartilhar a vida ou a cama, ela se aventurava na literatura proibida.

Mas o fato dela e Dietrich terem em comum a criatividade e um fogo capaz de incendiar o reino, eram tão diferentes quanto o Oriente e o Ocidente. Dietrich era bem humorado

e levava a vida de forma leve; ela era ríspida e mandona, e gostava de controlar tudo.

Dietrich entendeu logo que, se as noites ao seu lado eram pura diversão, uma vida ao lado dela seria um pesadelo.

Naquela noite, ele optava pela diversão, e a marquesa era perfeita para a reinauguração de pequeno Dieter.

Ele cavalgou com a cabeça nas nuvens, sentindo rojões estourarem no peito. Por duas vezes Emma pegou o caminho para a Alemannenstrasse, como se tivesse feito tantas vezes aquele caminho que galoparia para lá sozinha. Se Dietrich tivesse qualquer vergonha, ali era o momento de sentir-se embaraçado. Mas o duque estava muito ocupado expulsando as imagens da outra Emma da cabeça. Tentou afugentar os olhos astutos da mente, mas eles voltavam; tentou afastar a sensação do toque quente das mãos, mas falhou. Ele redirecionou a égua e dedicou-se, nos próximos

minutos, a tentar adivinhar como a marquesa parara em sua festa.

Sim, porque só aquilo explicaria como aquele livreto havia parado em Solitude.

Com as mãos congeladas sob a luva e a pele sedada pelo frio, ele chegou na residência da marquesa. Anunciou-se na entrada, portando alguns papéis para dizer que estava ali para tratar de assuntos sérios. A marquesa o recebeu, estranhando sua presença.

Levou-o ao escritório, negou que tivesse estado na festa e agarrou-o quando teve oportunidade.

Nem na batalha de Amiens Dietrich lutou tanto. Despir uma dama era como uma luta: arrancar jaquetas, coletes, calças, botas, espartilhos, vestidos, anáguas e calçolas, com pressa e aos beijos, o deixou ofegando, mas de exaustão.

*Veni, vidi, vici*, Dietrich repetia enquanto rasgava a última seda, citando a célebre frase de Júlio César frente a sua conquista. Vim, vi e venci.

Mas, a despeito do entusiasmo de Júlio, da vontade da marquesa ou da poderosa aliteração, as coisas deram errado: ele não venceu.

Tudo que Dietrich conseguiu foi falhar.

Miseravelmente.



1 2

N

, a coluna do *Württembergisches Blatt* estava particularmente afiada:

**O D**

**E**

**T**



# DADOS DE COPYRIGHT

---

## SOBRE A OBRA PRESENTE:

*A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo*

---

## SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

*O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).*

---

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e*

*poder, então nossa sociedade poderá enfim  
evoluir a um novo nível."*

---



**S**

**? N**

**.**

**A**

**. E**

**(**

**)**

**(**

**).**

**O**

**,**

**.**

**C**

**,**

**,**

**(**

**?)**

**. C**

**...**

Emma estava furiosa. Ela jogou o jornal na lareira, perguntando alto quem aquela coluna achava que era. Ela marchou até o sofá e voltou a bordar furiosamente, vendo, ao invés do bastidor, o rosto do maldito duque de Württemberg. Provável duquesa? Ela preferia ser lançada aos lobos.

Charlotte e Arabella, sentadas do outro lado do cômodo, assistiam a tudo em silêncio.

Desde o momento em que foi convidada para a dança, Emma soube que teria problemas. Ainda não sabia sobre a égua, mas conhecia a implicância da coluna — e do reino inteiro — com o duque. Agora, sentia-se em praça pública, sendo caçoada pelo tribunal inquisidor da corte. Por isso fincava a agulha no linho com raiva, puxando-a forte até franzir o tecido. Ela poderia socar aquele bendito bordado.

— Ele não tem culpa pela nota, Emma — Arabella disse. — Os jornais o odeiam.

— Que culpa tenho eu por esse ódio? — Emma rosnou do sofá.

— Olhe o tipo de comentários que fazem. O jornal praticamente sugeriu que cada ovelha e cabra do reino passasse a ter o meu nome!

— Pelo que entendi, a égua é uma heroína nacional, não acho que tenha sido uma ofensa...

Emma colocou o bordado de lado.

— Arabella — ela disse calma. — O nome da égua não importa.

Do animal sinto apenas pena por servir a um dono tão pouco heróico. — Emma não mencionou o resto da notícia, mas só de pensar no duque cortejando-a, ela sentia coisas estranhas na altura do estômago. — Esse homem é um desastre — ela voltou a pegar o bordado. — Tudo que ele toca, desanda.

— Você acha que ele vai te procurar? — Arabella insistiu.

Emma queria muito dizer que não, mas ela achava que sim. Para começar, aquela nota os colocava em situação complicada. Ela viraria um mexerico trocado de boca em boca se ele não se justificasse. Em segundo lugar, ela precisava achar o exemplar de Lady Malícia perdido no castelo. Charlotte estava aflita, e Emma não

conseguia desvincular-se da angústia da irmã. Por fim, uma visita e, talvez, explicação pública, poderiam acalmar os ânimos da sociedade. Com sorte, ela seria esquecida até o fim do mês. Ou do ano. De qualquer forma, a sociedade botânica real sequer podia sonhar em conectá-la com o escândalo. Que sociedade respeitável a aceitaria depois daquilo?

Ruídos do outro lado da porta indicavam que o pai havia chegado em casa. Emma olhou para o relógio sobre a lareira: três da tarde. O pai jamais chegava cedo do trabalho.

Antes que pudessem perguntar o que estava acontecendo, Frau Herta entrou na sala e fechou a porta, como se tivesse dado de frente com uma assombração. Ela ofegava, e parecia ter dois tomates no lugar das bochechas.

Charlotte se levantou, derrubando o livro que estava lendo:

— O que foi, Frau Herta?

A entrada da governanta naquele estado prenunciava desastre, e tudo em Charlotte temia desastres.

Escorando-se na porta como se precisasse de apoio, a governanta deu algumas ordens incoerentes sobre calçar os sapatos e organizar os livros sobre a mesa de centro. Em seguida balbuciou para Emma:

— O duque.

Charlotte atravessou a sala e foi até a janela, onde viu o criado segurando as rédeas de um cavalo escuro. Imediatamente, ela olhou para a irmã.

— O que tem o duque? — Emma tentou manter a compostura, mas tudo em seu interior estava agitado.

— Ele está aqui.

O interior, agitado, transformou-se em um temporal com relâmpagos e trovões. Emma alisou a saia, sem coragem de encarar ninguém.

— Imagino que tenha vindo desculpar-se pela grosseria do jornal.

Frau Herta acomodou um fio solto do coque junto dos outros, perfeitamente contidos rente à cabeça, e respondeu:

— Ele solicitou uma reunião com o seu pai. Estão conversando, nesse exato momento, no escritório.

Arabella olhou para a irmã.

— Oh, Emma! — Seus olhos irradiavam excitação.

Charlotte tentava não demonstrar o pânico, mas tanto ela quanto Emma esperavam o pior. Enquanto Arabella pulava

para a conclusão de que o duque estava ali para pedir autorização para fazer a corte, elas temiam que ele estivesse ali para trazer o livro proibido e entregá-lo em mãos.

Para Emma, ambas as situações seriam catastróficas.

Aqueles foram os dez minutos mais longos da vida das três. Das quatro, se Emma contasse Frau Herta, que parecia rezar. Rezar pelo quê? Emma pensou. Para que fosse uma corte ou um pedido de desculpas?

Quando a porta se abriu, longos minutos depois, Herr Thiessen entrou com cara amarrada na sala. Atrás dele, elevando-se como uma montanha, estava o duque de Württemberg.

Emma havia aguentado a espera com tocante dignidade. Havia expulsado da cabeça as imagens do homem de feições bonitas e se concentrado nos estragos que ele causava por onde passava. Havia repetido mais de três vezes que aquele homem devia carregar doenças impronunciáveis. Que a mulher que ele escolhesse enfrentaria um covil todos os dias. Que ela, se tivesse sensatez, sairia correndo rua afora assim que aquela porta se abrisse.

Mas, ao ver a massa de cabelos escuros, os olhos penetrantes e o rosto absurdamente masculino fixo no seu, ela sentiu o ar falhar.

— Emma? — O pai a chamou.

Emma se levantou e ergueu o queixo, ignorando que o duque estava ali, como se fosse possível não vê-lo. Concentrou-se apenas no pai.

— Sua Graça veio até aqui para pedir permissão para cortejá-la.

Direto, sem emoções ou entusiasmo: esse era o seu pai. Herr Thiessen pausou, olhando para as cinzas do jornal na lareira, então estalou o pescoço.

— Conversamos a respeito da... da infeliz nota sobre o baile, e achei apropriado conceder a permissão para o cortejo.

— Cortejo? — Emma repetiu, como se achasse aquilo difícil de imaginar. — Depois de tudo que a coluna insinuou?

O pai pigarreou.

Emma puxou o ar, com a resposta na ponta da língua: Não. Mas a agonia de Charlotte a estava matando, e ela precisava pegar aquele livro antes que alguém pegasse. O plano que elas tinham montado envolvia dinheiro e acesso aos criados da casa. O primeiro elas tinham. A segunda parte do plano talvez conseguissem agora.

Emma apenas assentiu, lançando ao duque um olhar mortífero.

Por alguns segundos ninguém disse nada na sala. Então, quando o silêncio se prolongou por um tempo constrangedor demais, o convidado deu um passo adiante e, com voz de calda quente, falou:

— Se não for impróprio, gostaria de conversar com a Srta.

Thiessen por alguns minutos. A sós.

A família segurou a respiração em conjunto. Não era de bom tom deixar um casal a sós em um recinto, muito menos quando a pessoa no recinto era alguém como o duque. Mas

Herr Thiessen deve ter ficado bastante impressionado com a conversa que tiveram, porque solicitou a Frau Herta que providenciasse um chá para o convidado.

Aquilo daria ao casal não mais que cinco minutos. De porta entreaberta, é claro.

Frau Herta e as meninas se dirigiram para a cozinha e Herr Thiessen saiu do cômodo, deixando-os a sós.

Emma estava frente a frente com aquele homem estapafúrdico outra vez.

Estapafúrdico ou não, ninguém diria que o coração de Emma batia como um martelo, ou que seus pulmões trabalhavam com força total. Ela observava de forma contida o rosto de pele acetinada, os trajes impecáveis e silhueta majestosa. Era impossível não sentir desconfiança, e uma certa inquietação. *O que o senhor está aprontando?*

— Srta. Thiessen — ele a cumprimentou com um movimento de cabeça.

— Vossa Graça — ela fez uma mesura rápida.

— Vim me desculpar pela nota.

— Desculpar-se? — Emma levou as mãos à cintura. — A situação encaminhou-se depressa para um pedido de cortejo.

Gostaria de me explicar por quê?

O duque riu, achando graça do ataque rápido. Não foi um sorriso aberto como o que iluminou os salões de Solitude, mas ainda assim lamentavelmente bonito. O coração de

Emma continuava a balançar as grades que o continham, como se implorasse para sair.

— Se eu fosse a senhorita, esperava eu acabar de falar antes de começar o ataque.

— Eu sabia! — Emma sussurrou, espetando-lhe com os olhos.

— Sabia que estava aqui com algum plano! Isso é tão absurdo!

O duque cruzou as mãos na frente do casaco preto, divertido com a reação dela.

— Não quer ouvir por que estou aqui?

— Acredito que já tenha ouvido, Vossa Graça.

— Oh, não — ele deu um passo adiante, agigantando-se à frente. As pernas de Emma ameaçaram falhar. — A senhorita não faz ideia do que me traz aqui.

Emma estreitou os olhos, investigando o sorriso de lado que acentuava o queixo fendido: — Se acha que aquele meu último comentário no baile lhe dá o direito de...

— Não — ele balançou a cabeça. — Não estou aqui por causa de sua audácia. Bem,... — ele fingiu pensar. — Mais ou menos.

Emma cruzou os braços, atenta.

— Podemos nos sentar? — ele indicou o sofá. Ela esperou que ele escolhesse uma poltrona para escolher outra, bem distante dele.

Quando estavam acomodados, disse: — Preciso de sua ajuda.

Emma franziu a testa. Ele não parecia naquele momento o tipo que pedia ajuda; aparentava ser o que trazia problemas.

— Eu estava ontem passeando pelos corredores do castelo e acabei tropeçando em algo que, acredito, pertença a vocês.

Agora sim o duque podia ouvir o coração de Emma martelar o peito. Ela começou a amassar os dedos, os olhos bem firmes nos dele.

— Não me recordo de ter perdido nada no baile — ela respondeu em voz baixa.

— Oh, quando mostrar o que achei, se lembrará de ter perdido.

Embora não acho que tenha sido a senhorita quem perdeu o que achei. Acredito que tenha sido sua irmã.

Emma levou a mão à testa e coçou a sobrancelha. De súbito, a ampla sala da mansão parecia diminuir sobre eles.

O duque observava cada uma de suas reações, atento.

— Quero devolver o que achei — a voz de conhaque morno falou. — Mas a devolução vem com um preço.

Emma abriu a boca para dizer algo mas ele não deixou.

— Tenho um pedido, Srta. Thiessen, e bem pouco tempo para fazê-lo. — Ele olhou para trás, para a porta aberta, conferindo se estavam realmente sozinhos. — Mas é um pedido exótico.

Indiscreto, na verdade. Que pode, talvez, espantá-la.

Emma conseguiu achar as palavras meio ao rebuliço interior:

— Depois de acordar sabendo que estou em uma coluna de fofocas e ser surpreendida com um pedido descabido de cortejo?

Tenho minhas dúvidas que pode me espantar mais uma vez no dia de hoje.

O duque tirou um pacote do bolso. Emma olhou o formato chato e retangular, sentindo cada pelo do corpo se erguer.

O livro de Lady Malícia. Estendido em sua direção.

— Não sei o que é isso — ela disse.

O livro continuou estendido.

— Não? — Ele pressionou os lábios. — Posso perguntar para outros convidados se...

A mão de Emma foi rápida, mas não tão rápida quanto a dele.

Ao tentar pegar o exemplar das mãos dele, ele o ergueu.

— "Meu coração era de aço antes de conhecer você. C.T." —  
O

duque repetiu.

Emma fechou as mãos em punhos, com vontade de matar a irmã. E de socá-lo.

— A alusão ao aço, as iniciais da sua irmã... — O homem chacoalhou de leve o livro — Tudo isso acabou me fazendo

chegar aqui.

— Não é nosso — ela repetiu.

— Não havia outro convidado na festa com essas iniciais.

Apenas a sua irmã.

— Algum criado deve ter deixado cair.

— Esses livros são muito caros para eles.

— Há de ter outra explicação — Emma continuava a sacudir a cabeça, o suor se acumulando em sua testa e nuca.

— Vejo que a deixei sem jeito — o duque guardou o livro de volta no bolso. — Não era a minha intenção.

A respiração de Emma entrava e saía tremida. Ela precisava se acalmar. Ele estava propondo algo, e ela precisava ouvir. Céus, o segredo delas estava exposto. Para o homem mais absurdo que ela já conhecera.

— O senhor está nos chantageando, milorde?

— Não — o duque falou, solene. — Apenas pedindo uma ajuda.

Uma ajuda?

Emma não estava mais entendendo nada. O duque tirou o livro do bolso e o entregou, e ela o enfiou rapidamente sob a almofada do sofá. Alguns segundos de tensão e silêncio mortificante depois, Emma falou:

— O senhor poderia me explicar de que forma posso ajudá-lo, e como esse cortejo de mentira se encaixa nisso tudo?

O homem se ajeitou no assento, inclinando o corpo em alguns centímetros.

— Temos realmente poucos segundos, por isso vou direto ao ponto. Por um tempo fingirei que estou cortejando-a, embora saiba de suas ideias sobre o matrimônio, e acredito que se lembre das minhas.

— Não me esqueci do ‘bruxas rancorosas.’

— Ótimo. Mas preciso cortejá-la se quiser conversar a sós com a senhorita. Sem causar *mais* escândalos. Não quero meu nome naquele jornal idiota outra vez, e preciso apaziguar os ânimos insanos da minha mãe. Preciso aprender a ignorá-los, como a senhorita mesmo me aconselhou.

Emma franziu o nariz.

— Essa é a ajuda?

— Não. — O duque umedeceu os lábios, fazendo Emma recuar.

— Eu preciso disso.

— E apontou para a saia dela.

Emma quase engasgou. — *Sapperlot*1 ! Vossa Graça!?

Quando ele entendeu o que ela havia entendido, ele adicionou depressa:

— Do livro! — Ele apontou para onde ela estava sentada. — Eu preciso entender as coisas que estão ali dentro!

Por alguns segundos, os imensos olhos de Emma fitaram os arregalados do duque. Eles eram incrivelmente escuros,

rodeados por cílios compridos e curvados, e cobertos por sobranceiras fortes que davam ao rosto um charme misterioso e austero que em *nada* combinava com a personalidade. É claro que ela achou que ele estava sendo indecente — ele *era* indecente —, mas ainda assim espantou-se quando constatou que ele estava *mesmo* sendo indecente!

— Como assim??

— O livro — ele acalmou a voz, tentando trazê-la de volta ao assunto. — Eu li o livro, e acho que, se você também o leu, talvez possa me ajudar.

Corada até os fios do cabelo, Emma pediu que ele se explicasse melhor, porque ela estava confusa. O duque se ajeitou, visivelmente constrangido, mas tentou acelerar já que tinham pouquíssimo tempo:

— A senhorita sabe que ... que me fez *reagir* de uma maneira nada cavalheiresca noite passada, durante a dança.

Emma se levantou, ofendida. Olhando para baixo, soltou: —

Vossa Graça, se o senhor pensa que pode vir aqui e...

Ele se levantou também, e ela teve uma vaga sensação de que poderia cair sentada. Ele era grande, e emanava uma aura escura e desconcertante. *Bonito, desavergonhado, entorpecente*. Talvez, por ser ele inteiro uma antítese tão bonita, causasse esse lamentável latejamento nas mãos, e fizessem o estômago crepitar por fagulhas desconhecidas.

Ela engoliu a saliva, os olhos presos aos dele:

— Não devemos falar sobre aquilo.

— Não devemos, concordo. — Ele parecia agoniado — Mas não tenho muitas opções. Por favor, Srta. Thiessen, deixe-me terminar.

Seu olhar pedia compreensão. Ele havia conhecido seu lado ousado — um que tinha se apresentado pela primeira vez para ambos — e estava tomando liberdades indesejáveis. Mas pedia um segundo de atenção, o que não era muito.

Uma minúscula parte de Emma queria que ele continuasse, por isso ela voltou a se sentar.

— Juro que mantereí seus segredos, senhorita. Mas peço que me ajude.

— Como?

— Ontem, quando dançamos, *algo* aconteceu. Algo que não acontecia *há um ano*.

Emma disfarçou a surpresa.

— Não sei o que desencatilhou a *reação*. Não entendo de sentimentos, sensações, e todas essas coisas que achei escritas dentro desse livro. Mas o que essa confusão maluca provoca é o que eu ando buscando em vão. E preciso de sua ajuda.

Emma franziu o nariz:

— Não sei se estou entendendo o senhor.

O duque estalou o pescoço, visivelmente sem jeito.

— Quero que me faça entender o que, ontem, disparou minha *reação*.

Emma o olhou com cautela, as palavras dele girando sem muito sentido em sua cabeça.

— O Sr. quer que eu explique como funciona a atração? — Ela arriscou.

Ela viu um calombo descer pelo pescoço esguio e moreno, onde uma sombra negra e discreta de pelos desaparecia onde o lenço começava.

— Sim.

Ela o olhou firme. *Ele estava realmente falando sério?* Aquele homem de aspecto incrivelmente viril queria entender por que havia ficado excitado *com ela?*

Ela não sabia se se sentia lisonjeada ou ofendida. Pessoas que tinham a capacidade de embaralhar as linhas do correto e do direito a incomodavam.

— Vossa Graça — o tom de voz de Emma estava agora muito sério. — Não acho que seja honroso ou apropriado dizer o que vou dizer, mas, ao que parece, estamos sempre sendo inapropriados um com o outro. — Ela o olhou profundamente interessada, tentando entender que diabos estava acontecendo ali. — Já lhe ocorreu que possa ter se sentido atraído *por mim?* — Emma não se sentia

confortável em dizer aquilo, mas sinceramente não estava entendendo a complexidade da coisa. — ... E que pedir a essa mesma mulher, aquela que considerou 'segura' durante o seu boicote ao baile, seria ligeiramente *ofensivo?*

O duque, tão moreno, ganhou a cor de uma estátua de bronze.

*Que desperdício de aparência, Emma pensou balançando a cabeça em reprovação. Tão bem apessoado, com uma personalidade tão deplorável.*

O duque parecia lutar com os dedos das próprias mãos.

— Claro que já, Srta. Thiessen — ele respondeu. — Mas há algo *mais* na senhorita, e esse *mais* eu não entendo. E é aí que entra a minha proposta. Eu não quero me casar, e tomo a liberdade de dizer isso à senhorita porque me garantiu que também não deseja.

— E não quero.

— Exato. Por isso, o cortejo se dará para que possamos nos encontrar. Nunca conversei com uma mulher antes sobre isso. As coisas na época simplesmente aconteciam, eu... eu me encontrava com alguém e os eventos *fluíam*, mas não isso não acontece mais.

Foi a vez de Emma corar.

— Há algo na senhorita que excede a atração física — ele disse baixo. — Gostaria que me explicasse o que é.

Era impróprio, pouco articulado e fazia fronteira com o imbecil, mas Emma se sentia estranhamente atraída pela proposta.

Pensamentos sobre o que ganharia ou perderia aceitando aquela ideia maluca começaram o embate no andar de cima de sua mente.

— .... As frases que trocamos continuam a girar pela minha cabeça, e sei que o modo como me tratou e falou comigo impactaram na minha reação — ele continuou. — Pelo que sei, agora, a senhorita entende desses mistérios. Não há

outra mulher nesse reino a quem eu poderia recorrer. Por isso peço encarecidamente: ajude-me.

*Ajude-me*, dito naquela boca larga e bem formada, que conseguia, com um arquear dos lados, fazer sua respiração tropeçar.

Emma endireitou a coluna, estalando os dedos e investigando o corte perfeito da alfaiataria do seu traje escuro. O tecido parecia colado à figura bonita do homem, como outra pele. Mas, embora a

visão do homem a amolecasse, outras coisas a confundiam. A proposta, a encenação, o pedido de ajuda. Ela precisava pensar no seu futuro, e no que poderia tirar disso, caso aceitasse.

— O que ganho em troca? — Ela perguntou. — Porque não nos casaremos, isso é certo, mas não vejo como desfazer o cortejo.

— Quanto a isso, não se preocupe. Encenarei algo bem escandaloso ao final e a senhorita poderá pedir cancelamento do cortejo. Ninguém a julgará.

— Ainda não vejo o benefício para mim.

— Não sei o que a senhora precisa. Do que gostaria?

Emma sentiu o livro sob ela. As ideias iam e vinham, organizando-se aos poucos.— Colocarei minha honra e meu bom nome em risco, peço que entenda. Preciso de algo em troca.

— É só pedir. Mas peço que se apresse, porque o cheiro do chá está chegando aqui.

Emma também sentia o cheiro das ervas. Por isso acelerou:

— Primeiramente, Vossa Graça jamais contará a alguém sobre esses livros — ela começou.

— Jamais. Prometo.

— Meu segundo pedido — Emma pausou, olhando-o — Diz respeito a Emma.

O duque quase escorregou do sofá.

— Não posso lhe dar minha égua, se é isso que...

— Nada disso — ela agitou as mãos, falando mais rápido porque ouviu o barulho da louça sendo colocada sobre a bandeja. — Quero que me ensine a montar.

O duque a olhou, curioso. Um segundo depois, soltou, sem pestanejar:

— Posso fazer isso. Estamos então...

— Ainda não terminei — Emma o interrompeu. — Tenho uma terceira condição.

O duque aguardou que ela falasse.

— Esse tipo de conversa que milorde sugere será.... íntima.  
E

constrangedora, também. Mas *não será* verdadeira.  
Estamos entendidos?

O duque pausou, pensando a respeito.

— Não haverá envolvimento entre nós — Emma explicou para que ficasse claro. — Imporei alguns limites. Se eu

achar que não consigo ajudá-lo, terá que aceitar. Não posso conversar sobre algo que fere meus princípios. Não conheço o senhor muito bem.

O duque assentiu.

— Como quiser.

— Tenho uma última condição.

— Céus! — Ele ergueu as mãos — Em que momento cheguei aqui com um trunfo e fui roubado como em uma partida de *poker*?

Qual é a última condição?

— Quando for a hora, o senhor saberá.

O homem a olhou desconfiado.

— Srta. Thiessen, estou começando a sentir medo da senhorita.

— Quem me procurou foi o senhor. Não tenho culpa se meus atributos podem auxiliá-lo. É pegar ou largar.

— *Definitivamente* com medo — ele a olhou de lado.

Emma poderia rir de sua expressão, mas optou por parecer ainda mais séria.

— Por quanto tempo pretende manter a farsa? — Ela perguntou.

— Até que a senhorita me ensine o que preciso aprender.

— Isso pode ser rápido, ou demorar.

— Esperamos que seja rápido — o duque desejou.

Talvez tenha sido o alívio em ter o livro consigo, talvez fosse o lisonjeio — ainda que absurdamente escandaloso — de saber que despertava *algo* no homem à frente. O fato era que Emma viu a própria cabeça balançando que sim. Ela teria acesso aos seus contatos valiosos, e usufruiria de sua influência. Ela aprenderia a montar. Alguns problemas em sua longa lista estariam resolvidos —

entre eles, o mais difícil: ser apresentada a alguém importante dentro da Sociedade Botânica Real.

— Temos um acordo, Vossa Graça — Emma estendeu a mão até ele, como um homem faria. O duque pareceu assustado com o gesto, mas uniu a mão a dela, selando, assim, o acordo.

— Isso foi melhor do que eu esperava. — O duque sorriu deslumbrantemente. — Achei que a senhorita fosse sair correndo.

— Com os meus pulmões? — Emma fez cara de enfado. — No mais, para onde correria? Estou em casa.

**1** Exclamação de espanto, indignação ou raiva



O

duque de Württemberg-Winnental fez a proposta mais escandalosa de sua vida — ele já fizera muitas —, e saiu vivo. Na verdade, sentia-se no momento bastante confiante. Não sabia dizer o que esperava ouvir quando propusesse à moça o inominável, mas certamente não esperava uma contraproposta. Ele chegara à casa dos Thiessen tão certo de que *só ela* poderia ajudá-lo que estava disposto a tudo, até mesmo implorar-lhe de joelhos. Por sorte não precisou chegar a tanto. Dietrich acabou aceitando alguns termos obscuros, que poderiam ou não se mostrarem problemáticos no futuro, mas só de estar ali, com ela, ele sentia novamente o formigamento estranho tomar conta do corpo.

As circunstâncias conspiravam contra ele. A "situação" não estava em suas mãos e a senhorita Thiessen, uma criatura desconfiada e geniosa, não facilitaria a sua vida. Mas ele ainda acreditava ter algum charme, e esperava amansá-la com ele. Tudo pelo pequeno Dieter, que decidiu reagir justamente a ela, sabe-se-lá por que.

O corpo, ignorando esses pormenores, reagia outra vez a ela. Lá estava a sensação de crepitação no estômago. A vontade de sorrir, os dedos inquietos, a boca seca. Todas essas sensações eram agradáveis surpresas para ele também. Algo nela o excitava. *Mas o quê?*

— O chá deve estar saindo — ela disse cruzando as mãos sobre a saia, mexendo os pés com impaciência. — Estão nos dando alguns minutos extra.

Os dois olharam ao redor da sala, pensando no que dizer.

— Podemos conversar sobre os próximos planos — ele sugeriu.

— Melhor não.

— Ou sobre a coluna de hoje —, ele insistiu, vendo-a levar os dedos à testa e apertá-la como se sentisse dor em um lugar específico, bem acima dos olhos.

Ela balançou a cabeça que não.

— Eles são sempre assim, se quiser saber — Dieter falou. —  
É

um verdadeiro inferno.

— Se está tentando me torturar, está funcionando, Milorde.

Acabei de aceitar algo que renderá muitas outras colunas, e detesto imaginar que tal aborrecimento poderia ser evitado, mas não foi — e nem será.

— Não será tão ruim — ele disse.

— Sofro de uma série de complicações de saúde e afirmo: me fará muito mal.

Dietrich lembrou-se de um comentário dela durante a dança, sobre sofrer de algum mal. Ele correu os olhos por ela, procurando onde esse mal estava. Ela era magra, sim, mas o rosto delicado mostrava bochechas coradas, e *aqueles olhos*. Brilhantes, escuros, inteligentes. A boca era de um rosado natural, nem grande nem pequena, perfeitamente desenhada para parecer que se erguiam dos lados, como se estivesse prestes a sorrir. Mas era apenas um prelúdio que não se cumpria: ela nunca tinha sorrido para ele.

— A senhora não parece adoentada — o duque comentou, ajeitando o lenço para esconder a saliva que desceu

caudalosa.

— Problemas respiratórios não estão escritos em nosso rosto.

— Não, não estão — Dietrich soltou uma risada seca.

— Onde está este chá? — Emma olhou para a porta.

Claramente, a conversa a sós a estava deixando nervosa.

— Acho que querem que conversemos mais um pouco.

Emma segurou uma fungada.

— O senhor realmente não deve ler as colunas ao seu respeito, Vossa Graça.

A senhorita Thiessen havia se excedido outra vez, e Dietrich adorou vê-la passar pelos estágios do embaraço, da vermelhidão, da irritação e do ataque:

— Desculpe. Fui rude outra vez.

Para que ela se sentisse um pouco pior, ele fizera cara de espanto.

— Estou tomando nota de cada rudeza no meu caderninho, senhorita. Teremos algo da espessura da bíblia até o fim do acordo.

— Oras, pare com isso — ela fez uma careta. — Se quiser minha companhia pelos próximos meses, terá que ser menos sensível.

Dietrich levou o dedo à boca para esconder o riso. Ele gostou que ela tenha mencionado *meses*, e não semanas, como ele havia pensado a princípio.

— Um homem sensível não tem um minuto de paz nesse reino.

— Ele reclamou. — Embora não possa me culpar por estar assombrado com a sua insensibilidade. Damas não costumam ser assim.

— Sinta-se satisfeito, então, Vossa Graça. Está andando com o tipo *certo* de damas.

O duque recostou confortavelmente no sofá.

— Ah, sim. Está cheio delas por aí.

— E, curiosamente, o senhor está *aqui*.

*Sim, ele estava.*

— Estou aqui porque precisava entregar um objeto perdido  
—

ele a provocou.

— E por outro motivo também, que a senhora certamente prefere que eu não mencione.

Emma voltou a avermelhar. Dietrich poderia fazer aquilo a tarde toda.

— Vossa Graça sempre foi assim tão desagradável ou está fazendo esforço?

— Não pode chegar a uma conclusão sobre mim em apenas dois encontros.

— Mas o senhor chegou a uma sobre mim.

— A senhorita tem razão — ele encerrou a discussão, satisfeitíssimo. Embora Dietrich soubesse que estava mexendo com fogo, aquilo era divertidíssimo. Chegava a desconfiar vagamente que era por isso que havia voltado a sentir os comichões na partes de baixo.

Dietrich não sabia o que aquela mulher tinha, mas gostava dela.

Ela o achava absurdo e descabido — e ele era — e ele, mais vezes do que desejava, tinha de lhe dar razão. Aquilo era inédito.

Quando o chá chegou, a família se juntou aos dois. Foi chato, na opinião do duque, porque as irmãs monopolizaram a atenção de Emma e ele não conseguiu mais conversar com ela. Ele queria tempo ao seu lado. Ele e ela, sozinhos.

Assim que Dietrich terminou sua xícara, pediu licença e se levantou. Todas se levantaram também.

Ele precisava partir, mas queria mostrar algo a Emma antes de ir:

— Srta. Thiessen, poderia me acompanhar até a porta?

Era um pedido incomum, e um risco de aborrecimento surgiu na testa dela.

— Acredito que desfrutamos tempo demais na companhia um do outro, milorde.

O duque virou-se cerimoniosamente para a governanta, ao lado das outras senhoritas: — A senhora pode nos acompanhar.

As irmãs se entreolharam, seguindo-os até o corredor. Dietrich conduziu Emma até a porta, ansioso pela sua reação. Mas, ao tocar de leve suas costas, quem reagiu com surpresa foi ele. Seus dedos sentiram a carne macia ceder sob o toque. Livres, sem a armadura corpete. Ele precisou se concentrar para não tropeçar.

— É melhor colocar o xale — disse bem próximo do ouvido de Emma. Ele tentou suprimir sua surpresa da voz, mas não conseguiu.

As bochechas de Emma ganharam um tom delicioso de rosa, acompanhado de um minúsculo repuxar de músculos ao lado dos olhos. Ela colocou o xale e ele aproveitou para tocá-la novamente.

Sentiu por mais um tempo a textura macia das fitas da parte de trás do vestido, e os laços que lhe caíam tão bem. Dietrich deixou as imagens vagarem: as fitas sedosas roçando em sua mão durante a dança, o corpete com metros e metros delas, cruzadas nas costas...

*Caso ela estivesse usando um.* O que, pelo que ele conferiu, ela não estava usando.

Foi bom sair da casa e sentir o vento gelado de inverno: tirou da cabeça dele algumas ideias. A senhorita Thiessen o seguiu, sob o olhar vigilante das irmãs e da governanta, que aguardaram à porta.

Um criado apareceu trazendo a égua pelo cabresto.

Enrolada em um xale grosso, Emma viu o animal seguir docilmente o criado em direção ao dono. Ele era imenso. Negro como a noite, com uma longa crina penteada e escura que balançava sob o vento cortante. Perfeita em cada ângulo, lado ou aspecto, a égua parecia uma criatura

diáfana saída diretamente da saga dos Nibelungos. Pelo que Dietrich pode comprovar, ele não era o único a apreciá-la: Emma estava encantada.

— Emma, esta é a minha *Emma*.

Se havia qualquer orgulho que impedia Emma — a dama — em ser gentil com ele, foi abaixo.

A jovem o olhou brevemente, pareceu pensar em algo, então concentrou-se no animal. Emma — a égua — fazia qualquer ofensa perder o efeito. A senhorita Thiessen deu um passo adiante e ergueu as mãos. Dietrich achou que a égua fosse estranhá-la, mas o animal não se moveu. Os olhos castanhos de uma encontraram os da outra, e com um toque gentil, elas se cumprimentaram.

Dietrich se perdeu por um instante naquele contato. Terem o mesmo nome, na verdade, parecia aproximá-las. *Aproximá-las onde?* Dietrich não sabia. Mas sabia que ficava em algum lugar dentro dele. Não arriscaria dizer 'perto do peito', porque ainda estava cedo. Mas estava perto. Ao redor.

O contato gentil quebrou a desconfiança, e a égua correu o focinho pela delicada mão humana. Ela a cheirou uma vez, então outra, e depois tentou abocanhar uma franja do xale, e a senhorita Thiessen riu.

— Ela é curiosa — Dietrich explicou. — Ela costuma reagir assim quando gosta de alguém.

O sorriso da senhorita Thiessen sumiu.

— Ela é linda, milorde. Se a trouxe aqui para compensar o mal estar que a coincidência dos nomes causou, saiba que funcionou.

A égua olhou para Dietrich, do outro lado, em seguida para a sua nova amiga. Sensível como o puro-sangue que era, percebeu logo que havia no dono algo que enervava a dama, e algo na dama que desconcertava o dono. Incrivelmente civilizada, a égua bufou.

— Bem, preciso ir — Dietrich falou, e Frau Herta solicitou ao criado que buscasse sua cartola e o seu manto.

— Senhora, senhoritas, foi um prazer revê-las, — ele despediu-se educadamente das irmãs, que os olhavam da porta. Virando-se para Emma, mudou o tom. Voltou a falar baixo e grave, de modo que só ela pudesse ouvi-lo:

— Obrigado pelo chá — ele tocou a aba do chapéu, e a senhorita Thiessen fez uma mesura. — Tomei a liberdade de fazer um convite ao seu pai, enquanto conversávamos. Em meu nome e no da duquesa, minha mãe. Deixei claro que a duquesa costuma ser implacável quanto à presença dos convidados em seus eventos— o duque coçou o topete sob o chapéu. — Talvez eu o tenha assustado.

— Achei ter ouvido no meio da frase a palavra “convite” —

Emma rebateu. — Mas obrigada pela intimação, e por ter assustado meu pai. Posso saber qual é a ocasião?

— Um final de semana prolongado em Solitude. Será aberto a algumas famílias da sociedade, e teremos tempo para... — o duque abaixou ainda mais o tom de voz, fazendo a governanta limpar a garganta. — ...Iniciarmos o nosso acordo.

Emma alisou uma última vez o focinho do cavalo.

— Bem, acredito então que nos veremos em breve.

Ele pediu sua mão, e Emma a entregou, desconfiada. Ele não chegou a tocar os lábios na pele, mas não lhe escapou nenhum detalhe de sua textura e formas femininas.

— Mal vejo a hora — o duque disse, e partiu.



14

"S

."

Essa foi a frase que decidiu a ida de Frau Herta e as três meninas para Solitude, no final da semana seguinte. Tanto a governanta quanto as filhas tentaram alegar que seria de extrema indelicadeza se Herr Thiessen não comparecesse, mas, como sempre acontecia quando os questionamentos iam contra sua vontade, o industrial alegou que o país precisava dele e partiu. Não sem antes alfinetar:

— Sabem quem pode se dar ao luxo de não trabalhar? —

perguntou às filhas. Elas fizeram que não, porque não adiantaria dizer que sabiam. — Apenas os que não têm responsabilidades, como os nobres. Boa viagem.

Emma achou melhor, mesmo, não viajar com o pai. Ela passou a última semana sentindo o estômago arder, e ele só pioraria o incômodo. Desde que o duque lhe propusera

aquela indecência, ela tinha vontade de voltar atrás e cancelar tudo. Então a vontade passava, e era substituída por uma ansiedade que lhe roubava o ar, e fazia seu coração bater mais rápido que as asinhas de um pássaro. Emma se sentia tomada por algo de natureza dual, ao mesmo tempo bom e ruim, e ambos deixavam um rastro de aflição.

Sentia uma vontade incontrolável de pensar no duque, e se pegava detestando os pensamentos.

Ela pensava nele durante o banho e antes de fechar os olhos, na hora de dormir. Enquanto as irmãs escovavam seu cabelo, à tarde, e durante os pequenos passeios que faziam pelo parque. Sua cabeça, fértil demais, travava diálogos imaginários com ele. Os diálogos sempre terminavam com alfinetadas, e ela, aborrecida.

E ansiosa por mais.

O caminho até Solitude foi feito em silêncio. Além de Arabella, ninguém parecia especialmente animado. Frau Herta ainda não havia digerido bem a proposta do duque, e Charlotte não tinha como alegar indisposição: ou ia para Solitude, ou permaneceria na casa da tia, em Heidelberg.

Enquanto a carruagem chacoalhava pela estrada reta até o castelo, Emma deslizava o lápis sobre a folha de papel. O rosto de Charlotte ia tomando forma aos poucos: o queixo delicado, o rosto fino, o nariz aristocrático. Na cabeça, as ideias passavam como a paisagem do lado de fora: borradas. Como fingiria estar sendo cortejada quando estava, na verdade, trocando com ele segredos sobre sedução?

Quem era ela para falar sobre o assunto?

Seu limitado conhecimento vinha dos livros, de sonhos e teorias que nem ela, nem as irmãs conheciam por experiência. Ela era uma teórica. Uma jovem sem experiência prática em nada.

Charlotte parecia perdida em pensamentos, o perfil imóvel facilitando o desenho da irmã. Emma traçou com um movimento suave a curva do olho, deixando em branco o espaço onde seu cristalino reluzia, transparente. O cabelo, cacheado, caía em cachos discretos ao redor do rosto e reluzia devido à luz da janela. Emma esfumou a confusão de cachos com o dedo mindinho, suspirando.

Em breve precisaria ensinar um libertino sobre sedução. Se isso não podia ser chamado de ironia, deveria ser chamado de piada.

Charlotte abriu o caderno de anotações e anotou alguma coisa.

Ela costumava fazer isso com os cadernos que chamava de "apropriados", aqueles que costumava usar na presença de Frau Herta. Às vezes Emma se perguntava em que tipo de mundo sua irmã vivia quando não estava com elas. Sua cabeça estava sempre longe, em ilhas cercadas de águas paradisíacas, em situações de perigo e sedução.

Sentindo-se vigiada, Charlotte olhou para Emma. Emma ergueu a folha com seu desenho, mostrando o desenho à irmã. Movendo discretamente os lábios por trás do papel, falou

— Precisamos conversar.

Charlotte assentiu.

Ao contrário de Emma, Charlotte não havia ficado chocada com a proposta. Assim que se recuperou da crise de riso — e da crise de riso que se seguiu àquela — disse que seria interessante observar de longe no que aquilo ia dar. Mas Emma havia prometido mais que diversão: o duque faria silêncio quanto ao livro de Lady Malícia, a apresentaria às pessoas certas e a ensinaria a montar. Ela precisava, em retribuição, ajudá-lo a... A funcionar. Ela não sabia como fazer isso, mas Charlotte, sim.

Mais uma vez o calor lhe tomava o rosto e o pescoço, esquentando tudo. Deus, ela estava falando da virilidade de um homem. A cabeça retornou pela milésima vez à sala de sua casa, onde ela o encontrou pela última vez. Lembrou, sentindo o pescoço aquecer, das palavras que ele tinha dito a ela. Da sua poderosa presença na sala, os braços fortes apertados dentro do casaco, o cabelo farto e escuro, os olhos que pareciam querer tocá-la.

Emma abriu o leque dentro da carruagem e começou a se abanar.

— Emma, está nevando lá fora — Arabella falou com uma careta.

Mas não dentro de mim, Emma pensou.

Quando a carruagem estacionou na frente da entrada imponente, uma fileira de criados as esperavam.

— Como eles sabiam que estávamos chegando? — Frau Herta perguntou olhando para o corredor de servos solenemente uniformizados.

Emma e Charlotte se olharam, olhando em seguida para a reta infinita até a cidade.

Enquanto alguns criados desembarcavam a bagagem, outros as auxiliavam a descer do veículo. Havia nevado na noite anterior e, embora o caminho estivesse limpo do excesso de neve, o chão estava escorregadio. Um dos criados segurou na mão de Charlotte e outro, de Arabella. Ao aceitar a mão estendida até ela, Emma deparou-se com uma luva diferente. Clara, feita de pelica finíssima, que sumia sob um casaco de lã de acabamento elegante. O ar ao redor — afiado a ponto de estalar, de tão frio — desapareceu. Só havia o calor daquela mão na sua, e mais nada.

Emma saltou da carruagem e viu o rosto moreno do duque sorrindo para ela. Seu contraste contra o fundo branco, cercado de árvores sem folhas e terra sem vida era total. Aquele homem irradiava vida, e parecia sempre pronto para roubar seu fôlego, mesmo que ela tivesse pouco para entregar. O rosto dele ganhava ainda mais cor devido ao sorriso que misturava na dose exata divertimento e provocação. Como se estivesse adorando aquele acordo.

Emma imediatamente fechou a cara. Ela não entendia bem aquele prazer malvado em atormentá-la.

— Bem-vinda novamente — ele a saudou erguendo um canto dos lábios. — Esperei a semana inteira por esse dia.

— Pare com isso — Ela chiou baixo, fazendo uma medida mal feita. Que ultraje de homem.

Ele acompanhou Emma até o hall de entrada, onde uma fileira de criados as saudou. Solitude abria-se pela segunda vez em poucas semanas para celebrações, e contagiava a todos com sua beleza, ainda maior sob a luz do sol da tarde. Mas, enquanto as irmãs viam a luz oblíqua de inverno vazar pelos enormes janelões, transformando o hall em um salão

dourado, Emma mal notava se era dia ou noite. O calor da mão do duque ainda queimava sua palma.

Elas foram encaminhadas até seus quartos, onde ficariam hospedadas pelos próximos três dias. Dez famílias tradicionais de Württemberg estariam presentes, entre marqueses, viscondes e a condessa de Hagen, membro de uma das mais antigas famílias do reino. Os eventos incluíam saraus, um concerto, peças de teatro encenado por uma renomada companhia de Berlin, e jantares formais.

As meninas seguiram as criadas por um enorme corredor atapetado, de paredes cobertas por quadros de moldura dourada.

Frau Herta e Arabella foram acomodadas em um cômodo duplo, enquanto Charlotte e Emma ganharam quartos separados. As criadas as ajudaram a desarrumar os baús, e se colocaram à disposição para a hora em que precisassem refrescar-se e trocar-se. A governanta da ala informou que o chá seria servido às cinco em ponto, e que as aguardaria no corredor quando fosse a hora de

levá-las até o salão de chá. Elas teriam, portanto, uma hora para se trocarem até encontrarem a duquesa Wilhelmine.

Emma escolheu um vestido discreto, de veludo azul escuro. Com a ajuda de uma moça jovem e bem disposta, que contou sua vida em poucas e baixas palavras. Enquanto trocava a bota de viagem de Emma por sapatilhas de cetim, disse trabalhar no castelo há cinco anos, desde antes da guerra. Sem que Emma perguntasse, e passando dos pés ao cabelo, onde fios soltos precisavam ser ajeitados no complexo penteado que unia tranças e cachos, a criada mencionou a vida em Solitude, os três filhos da duquesa e o luto que se seguiu à guerra.

— Ouvi dizer que a recuperação do duque foi longa e dolorosa

— Emma comentou, como quem não pretendia nada. Ela não queria agitar a criadagem com mais fofocas sobre seu interesse.

— Sim, foi — a criada prendeu os fios soltos com grampos, fazendo a volta em Emma, sentada sobre uma banquetta. — Mas nem o acidente roubou o bom humor do patrão. A guerra não fez bem a ninguém, sabe? — a moça continuou com a boca cheia de grampos. — Roubou a alegria de muitos por aqui... Mas da família, o único que saiu quebrado da guerra foi Lorde Hans. Lorde Theodor é sempre muito sério, ninguém sabe muito sobre ele, mas algo deve ter acontecido ao mais novo. — A mulher pausou. — Engraçado, isso. Um foi atingido, mas quem trincou foi o outro.

Emma ouviu a tudo em silêncio, absorvendo cada uma das palavras. Não comentou, mas sentiu um calor estranho crescer onde o coração palpitava. Como se algo ou alguém tivesse se aninhado ali no centro do peito... Construído um pequeno ninho e deitado no meio.

Quando ficou pronta, cruzou a curta distância até o quarto da irmã e entrou sem bater. Elas tinham alguns minutos antes do chá.

Emma encontrou Charlotte sentada na mesinha rente à janela, escrevendo em outro caderno — este, sim, proibido. Emma bateu a porta e Charlotte se virou.

— Ah, é você.

— Charlotte, não brinque com isso — Emma se aproximou, de olho na página aberta. — Poderia ser outra pessoa.

Charlotte guardou o caderno no fundo do baú e virou-se como se não estivesse fazendo nada demais: — Está em francês.

— Frau Herta não entende francês, mas outros podem saber —

Emma a olhou de lado. — Você já perdeu um livro antes.

— Esse caderno não deixará esse quarto. — A irmã a aquietou.

Ela se sentou na cama e convidou Emma a se aproximar. Seu sorriso dizia: fale.

— Estou nervosa — Emma sentou à sua frente. — Está chegando a hora de colocar em prática esse acordo absurdo e ainda não sei como posso ajudá-lo.

Charlotte investigou a irmã.

— Acho que não devia se preocupar tanto com isso, Emma.

— Como não? — As mãos de Emma estavam agitadas. —

Vamos falar sobre coisas... coisas que eu não sei sequer pronunciar.

Onde estava com a cabeça ao aceitar essa ideia absurda?

Só de lembrar do sorriso irresistível do duque ao recebê-la, Emma tinha vontade de voltar caminhando para Stuttgart.

— Talvez precise falar menos do que acredita precisar.

— Não me venha com essas frases enigmáticas, Charlotte. Não estou em um livro, isso aqui é a vida real. Bem real,

até. — Emma olhou para a suntuosidade do quarto, com seus estuques dourados e a cama de dossel.

— Não estou sendo enigmática. Acho que o duque de Württemberg está disposto a ouvir qualquer coisa que você disser.

Ele espera passar um tempo ao seu lado.

Emma olhou sério para a irmã.

— Você prestou atenção ao que te contei, Charlotte? Ele espera resultados, e não minha companhia. Estamos aqui porque ele quer resolver um problema.

— Oh, pare. Ele foi recebê-la na entrada, e fiquei positivamente surpresa. Quem diria que um duque obtuso e despudorado se sairia tão galante?

— Se há galanteio na proposta que ele me fez, não o encontrei.

Charlotte soltou um risinho.

— A proposta foi realmente indecorosa.

— Quer parar de rir do assunto? Estou fazendo isso por nós. Ele foi gentil em não nos chantagear por causa do livro.

— Continue repetindo isso, minha irmã. Quem sabe não passa a acreditar?

— Acabou de me alfinetar? Pode conversar comigo?

— Acabei. Mas lembre-se, Emma: ele está fazendo isso por interesse próprio, e orquestrou tudo de maneira brilhante. O que significa que todos aqueles músculos não acabam onde o pescoço termina. Pontos para ele.

Emma revirou os olhos, mas à simples menção de músculos, voltou a pensar no duque. Não fazia ideia do que aquelas conversas trariam, mas sentia-se estranhamente lisonjeada. Lisonjeada e vulgar. Que mistura estranha para uma dama que nunca saía, e tinha certeza que morreria virgem e solteirona.

— Diga, o que anda te afligindo? — Charlotte perguntou.

— Tudo. Para começar, é normal sentir-me vulgar?

— Você sabe o que acho, querida — Charlotte respondeu, tranquila. Emma sabia. Charlotte via os desejos femininos como algo a ser alimentado de belas imagens, não algo a ser reprimido.

Por que acharia Emma vulgar? Só por que conversaria sobre desejos?

— Emma, vocês estão, para todos os efeitos, trocando ideias sobre sentimentos. Nada mais natural para um casal que está se conhecendo.

— Você faz a situação parecer normal. E ela não é.

— O que é desejado por ambos não faz mal a ninguém, portanto não há razão para ser proibido, ou causar esse mal estar.

— Não é apenas mal estar. Há muitos motivos para não fazer o que estamos para fazer.

— E a mesma quantidade de motivos para ser feito.

Emma passou a mão na testa, sem saber como começar.

— No que me enfiei? — perguntou. — Não sei explicar o motivo de sua reação a mim. Por que ficou atraído justamente por mim, Charlotte.

— Algo em você o excitou, Emma. Que mistério há nisso?

— Deus, como consegue dizer essa palavra sem corar?

— Excitar? — Charlotte disse outra vez. — Tive que escrever essa palavra mil vezes, e arrumar dez mil variações para ela. Se

tivesse que escrevê-las tantas vezes assim, a palavra perderia o poder sobre você também.

— Não terei tempo de escrevê-la, e nem uma vez. Precisarei falar com o duque sobre isso nos próximos dias.

— Talvez seja menos difícil que imagina.

— Duvido — Emma resmungou.

Charlotte virou-se para Emma, séria.

— Vá, pergunte. O que quer saber, que já não sabe?

As sobrancelhas de Emma pesaram sobre os olhos, como se tivessem cedido sob o peso dos pensamentos.

— Como posso fazê-lo entender por que eu? — Emma ergueu as mãos. — Não sou uma beldade arrebatadora, ou uma sedutora irresistível. Fui um porco espinho com ele durante toda a dança. Só faltei esmurrar o seu nariz!

— Há homens que gostam disso — Charlotte deu de ombros.

— Isso não explica nada.

Por um segundo Charlotte pensou no que dizer, então lhe ocorreu algo: — Os homens são sensíveis.

Emma a olhou desconfiada. — São? Não é o que gostam de mostrar.

— Exatamente. Eles querem que acreditemos que somos a parte vulnerável da relação, mas na verdade, isso é pura encenação para esconder a verdade. E a verdade é que eles são a parte sensível do casal.

— De onde tirou isso? Isso sequer faz sentido.

— Faz sentido, sim. Somos descritas como vulneráveis, mas continuamos resistindo a tudo, mesmo sem acesso a educação, direitos e liberdades. Eles não nasceriam sem a gente, mas fazem questão de não reconhecer nossa importância. E quando nos rebelamos, nos chamam de loucas.

— Bem, se alguém ouvisse nossa conversa, amanheceríamos em *Burghölzli*[1](#).

Charlotte concordou.

— Você e eu, todas nós, fomos criadas para não falar sobre desejos. Jamais. Mas você lembra de Lise Pappenheim, quando se casou?

— Claro.

Lise Pappenheim, vizinha e amiga de infância das garotas Thiessen, havia se casado recentemente, e definhado desde então.

Um dia, depois de muito choro durante um chá da tarde, ela confessou às irmãs que ficou muito assustada com os

ímpetos do marido. Temia as noites como temia a morte, e mal conseguia conversar a respeito. Seu conhecimento sobre o que acontecia na cama conjugal era zero.

Descobrira sobre o relacionamento íntimo entre um homem e uma mulher na noite de núpcias, quando o marido, um sujeito arrogante e insensível, a tomou com impaciência e falta de sensibilidade, e a machucou. Mesmo depois que a mãe e as tias explicaram que era assim que as coisas eram, e que apenas assim podia-se ter bebês, a pobre mulher confessou que jamais conseguiria passar por aquela dor outra vez.

— Uma simples conversa poderia tê-la ajudado a entender tudo.

Emma sabia que sim. Rezava, às vezes, para que os anjos ajudassem a pobre Lise. E decidira, quase na mesma época, que não queria o mesmo para si. Havia elegido o mundo da fantasia para os desejos enquanto corria atrás de outras paixões. Ela teria uma noite, sabia que sim, mesmo se nunca se casasse. No entanto, recusava-se a ser pega desprevenida.

— Mesmo com toda a ajuda dos livros, não sei como posso ajudá-lo, Charlotte.

— Calma — a irmã baixou a voz para dizer a frase seguinte:  
—

Vamos falar sobre a frágil anatomia masculina.

Emma olhou por puro reflexo para a porta, para conferir se estavam realmente sozinhas.

— Como pode chamá-la de frágil? — perguntou com um cochicho.

— Ela é frágil e o duque é um exemplo disso.

— Não — Emma disse entre os dedos, sentindo a pele do rosto arder. — Eles... eles ...

— Endurecem, eu sei — Charlotte também estava com o rosto afogueado, mas tinha menos medo das palavras que a irmã. — É

justamente por isso que são frágeis. Eles precisam de estímulos, e qualquer falha se torna visível. Essa parte obedece a comandos que vem da cabeça. Por exemplo, se a pessoa está nervosa, a parte de baixo pode não funcionar.

Emma olhou ao redor, pensativa.

— Frágeis? — Emma se perguntou. — Por essa eu não esperava.

— O duque está passando por isso há um ano, certo? Desde o acidente?

Emma balançou a cabeça que sim.

— Muitas pessoas voltaram da guerra assim. Machucados, com a alma mexida pelo que viram e ouviram. Ele levou um tiro lá embaixo, e pode estar com medo.

— Sim, pode.

— Mas ele reagiu. A você.

Emma segurou as mãos da irmã, aflita: — Oh, Charlotte. Ele vai falar sobre isso comigo, e eu não sei como não desmaiar de vergonha.

Charlotte alisou o rosto da irmã.

— Lembra-se do livro O Pirata e a Donzela?

— Como esquecer esse maldito livro? — Emma bufou. — É por causa dele que estamos aqui.

— Pense na Trudy, a heroína. Em como ela se sentiu quando aquele homem misterioso e exuberante a olhou com ...

— Olhos famintos — Emma completou. Ela conhecia o livro de cor.

— Exatamente. Ela se sentiu viva. Como se a vida de antes, tão limitada e sem cores, ganhasse novos tons. Ela se sentiu amada. —

Charlotte lançou a Emma um olhar enviesado: — Embora tudo tenha começado com o desejo...

— Sequer mencione a palavra amor — Emma fechou a cara. —

Fomos muito claros um com o outro semana passada. Eu o ajudo, ele me ajuda, só isso. Sem sentimentos envolvidos.

Charlotte fingiu acreditar.

— Não me olhe assim — Emma ralhou com ela. — O pirata, a propósito, é tão errado para Trudy quanto o duque é para qualquer outra criatura viva. Você sequer deveria brincar com isso!

— Emma, os homens sempre serão errados até se transformarem em certos. Quanto a Trudy, ela não está interessada se o pirata é o homem certo ou não. Ela sabe que ele está atraído por ela, e ela o provoca. Lembra-se?

— Sim — Emma respondeu, pensativa. — Ela conhece seus gostos.

— Trudy sabe o que pessoas gostam, não apenas o pirata.

Todos nós nos sentimos atraídos pelas mesmas coisas, mas em intensidades diferentes.

— Não entendi, Charlotte.

— É como escrever — Charlotte tentou explicar. — Eu sei do que você gosta quando estou escrevendo, e por isso escrevo aquilo.

Ler é entrar na pele de alguém. E a pele quer contato. Sentir a textura da roupa do corsário, a textura dos pelos no braço. O

mesmo funciona para sons e cheiros. O que vemos, cheiramos, sentimos e ouvimos penetra em nós. É assim que um livro entra no leitor, e o leitor entra nele.

Emma a olhou, pasmada.

— Onde aprendeu essas coisas, Charlotte? Se alguém algum dia souber que tira essas coisas de livros proibidos, pararemos realmente em Burghölzli.

— De Aristoteles, do exemplar que papai mantém na biblioteca

— Charlotte respondeu. — Quando falo do sal na boca, do balanço do navio e da estopa quente e áspera, do cheiro do rum e da aspereza da barba em contato com a pele dela, eu quero evocar em você uma reação. Juntos, esses detalhes são uma constelação.

Você esquece que lá fora está nevando e se vê nas Antilhas. Você se sente tocada pelo pirata. Só assim sentimos.

— O que está dizendo é que o duque está ignorando esses detalhes? Por isso não está sentindo?

— Sim.

— Acha que ele não tentou se aproximar de outras moças?

Dormir com elas?

— Claro que tentou. Mas, infelizmente, para sentir é necessário, primeiro, perceber o outro — Charlotte revirou os olhos. — Homens e nobres são criaturas auto-centradas que esperam que tudo gire em torno deles. Um homem, ainda por cima nobre, é praticamente uma toupeira.

Emma soltou uma risada.

— Acho que estou entendendo o que quer dizer. Acontece que não tomaremos liberdades um com o outro. Nosso acordo é verbal.

Nada além de conversas.

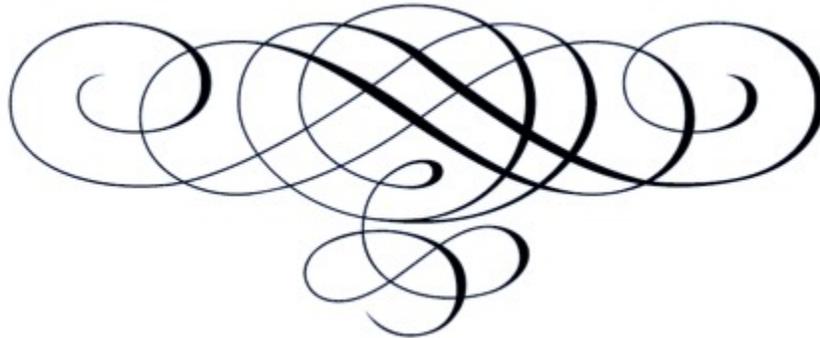
Charlotte apertou a mão fria da irmã.

— Assim é o acordo entre pessoas e livros. Você só precisa falar, e sei que é extraordinária nisso. Se ele conseguir passar por cima das suas maiores limitações — a arrogância masculina e o pedantismo aristocrático —, reagirá a você e a qualquer outra, como reagimos aos livros. A maioria das pessoas sequer sonha com o poder que as palavras têm.

Enquanto Emma digeriria a frase — *reagirá a você e a qualquer outra* — , Charlotte consertava a frase:

— Na verdade, é por ter seu poder conhecido que livros são proibidos.

## 1 Famoso hospital psiquiátrico em Zurique



1 5

N

, Wilhelmine estava especialmente exultante.

Enquanto levava a finíssima porcelana à boca e sorvia o chá de ervas, olhava para as moças sentadas ao redor. Havia quatro delas no pomposo salão de chá: as três jovens filhas do barão do aço e sua sobrinha mais nova, Minna, filha de seu irmão, o Visconde de Hoefstedt. A presença de Minna havia sido uma ideia de seu secretário, que sugerira convidá-la para os eventos dos próximos dias. Para que a aproximação de Dietrich e a Srta. Thiessen não ficasse tão evidente, ele dissera.

Claras, elas já estavam.

Agora, enquanto bebiam seus chás e a duquesa podia avaliá-las, podia dizer sem piscar que a diferença entre Minna e as três era gritante. Moças da corte raramente eram tão astutas. Havia inteligência no modo como as irmãs comunicavam-se sem palavras, em discretíssimos sinais.

Era preciso ter sido uma moça astuciosa ela mesma para entender a astúcia alheia, e isso Wilhelmine havia sido. Minna? Minna não sobreviveria a um dia.

Não que elas fossem inconvenientes, ou chamassem atenção negativamente: pelo contrário. Elas eram muito bonitas, de perto ainda mais do que de longe, e eram sem dúvidas muito educadas.

Membros polidos da nova classe de ricos que surgiram às pencas nas últimas décadas. Mas a escolhida por Dietrich — que Deus conservasse aquela corte — era especialmente intrigante.

Wilhelmine reconhecia uma raposa quando via uma.

A duquesa lembrou-se da conversa que teve com Herr Winkel, dias atrás. Ela havia jogado os três nomes sobre a mesa e perguntado:

— A moça que procuramos precisa ser séria, talvez até um pouco boba, e sem talento para o deboche. Alguma delas é assim?

O homem passou os olhos pelos nomes das candidatas.

— São damas caseiras e discretas, milady — O secretário respondeu. — Têm se mantido afastadas de escândalos e problemas, pelo que conseguimos descobrir.

A duquesa queria entender como haviam chegado àquele ponto.

Três, ela olhou desanimada para os últimos nomes de uma longa lista. Havia sobrado três moças de um reino cheio delas.

Nenhuma outra parecia querer arriscar seu bom nome com Dieter, e, se as últimas três comparecessem ao baile, era por pura ingenuidade ou duvidosa intrepidez.

A duquesa olhou desanimada para o secretário:

— Imagino o quanto esteja me julgando nesse momento, Herr Winkel. Sinto-me constrangida por intrometer-me assim na vida íntima daquele *Trottel*.

— De maneira alguma, senhora. Sei como esses rumores a deixam exausta, e gostaria muito que a situação não fosse tão propensa a piadas.

Wilhelmine escondeu o rosto entre as mãos. Os anéis de pedras reluzentes enfeitavam os dedos compridos de pele pálida, riscada por veias azuis. Como se infundida de coragem, ergueu os olhos e encarou o finado marido, eternizado na pintura de tamanho real pendurado à frente:

— Por que Dietrich não puxou a você, Fritz? Tão sério, tão envolvido com os assuntos do reino... Tão previsível e ducal.

Como o marido não responderia — ele não a respondia nem em vida — ela falou com o secretário:

— Sabe que o envolvimento com uma dama da nova classe pode gerar ainda mais rumores, não sabe?

— Nada tem o poder de gerar mais rumores, senhora — Herr Winkel resmungou, fechando a pasta. — Enfim, a lista acaba aqui.

— Vamos torcer para que algo nos surpreenda, Ernst.

— As mulheres costumam ter esse talento, Alteza.

Mais uma vez, Ernst Winkel estava certo.

— Vocês tiveram lições com uma tutora francesa? — a duquesa ouviu Minna perguntar em voz baixa à mais jovem das três, como se uma tutora francesa fosse a coisa mais escandalosa da Europa.

— Sim — Arabella falou. — Ela nos ensinou francês. E também grego.

Minna estava escandalizada. O tipo de escândalo que Wilhelmine conhecia bem: olhos assustados, mas brilhantes, como se metade das daminhas em sua cabeça batessem palmas de excitação, enquanto a outra pedia seus saís.

— Tia Wilhelmine, o que acha do aprendizado do grego? —

Minna perguntou à tia, quase ansiosa. Ninguém em seu tediosíssimo círculo jamais teria aulas de francês e grego com uma tutora francesa.

Houve um tempo em que Wilhelmine diria que aprender grego era desnecessário, que os franceses eram agora inimigos e que aqueles assuntos não eram apropriados, mas esse tempo havia ficado para trás.

— Posso perguntar qual uso fizeram do conhecimento? — a duquesa dirigiu-se às jovens.

Notou, quase com alegria, mais uma delicadíssima troca de sinais entre elas. Um dedo mindinho erguido, como uma bandeira que se hasteia durante a guerra para informar em que terreno a tropa está pisando. O olhar gentil que a mais velha direcionou à do meio, e como a mais nova seguia o passo das outras duas. Oras, não se tratava de raposas solitárias.

As Thiessen eram uma alcateia.

— Aprendíamos rápido, Vossa Graça, para o desespero de pobre *Mademoiselle* Marie. — Emma respondeu. — Quando não sabia mais o que nos ensinar, *Mademoiselle* nos ensinava grego e latim.

— Latim! — Minna ficava cada vez mais apavorada.

— Interessante — a duquesa respondeu, ignorando a sobrinha.

— Mas não responde à pergunta que fiz.

A mais velha tomou a frente:

— Líamos, Vossa Graça. Líamos textos e livros que *Mademoiselle* nos entregava.

Dedo indicador arrastando no polegar. Um olhar discreto para as mãos, e as três voltavam a sorrir.

— Acredito que tenham tido acesso a livros interessantíssimos, em grego. Muitos sequer existem em alemão.

— Não os chamaríamos de interessantíssimos — Emma brincou.

— Mas quando podíamos, tentávamos entender as fascinantes histórias da mitologia.

— Claro, claro — Wilhelmine assentiu.— Mitologia.

As xícaras voltaram a ser erguidas, e todas se refugiaram dentro da xícara por mais um tempo. Tutores franceses e livros gregos?

Tempos interessantíssimos viriam por aí.

A opinião da duquesa a respeito das mulheres mudara nos últimos anos por conta da viuvez. Carregava de berço um nome importante, e tinha sido arrebatada por um duque na primeira noite que pisou em um baile. Seguiu religiosamente todas as regras —

noivou, casou, teve um herdeiro e alguns sobressalentes - e foi a duquesa que o duque precisava que fosse, durante os tempos de paz e também de guerra. Mas então enviudara, e cada vez que tentava avançar, deparava-se com muros intransponíveis que a proteção do marido a impedia de ver antes.

Como não os vira? Ela se perguntava agora. Eles eram tão altos.

Ela não pensava mais como tantos outros nobres, que jamais permitiriam que seus filhos se casassem com alguém cuja linhagem não pudesse ser rastreada por gerações. Talvez tivesse acreditado nisso no passado, mas não nutria mais ilusões a esse respeito. A decisão sobre aqueles contratos era antes de tudo uma decisão política e Wilhelmine entendia de política.

Mas ela andava tendo segundas opiniões sobre o futuro.

Opiniões individuais, suas, que em nada tinham a ver com a influência do marido. Uma nova sociedade surgia, potente como as locomotivas. As cidades inchavam enquanto os campos se esvaziavam. A nobreza resistiria outros três séculos? Ela duvidava seriamente, depois das últimas guerras.

Para ela, a classe à qual pertencia estava dormindo. A nova sociedade questionava cada vez mais seu direito divino de

ser tudo, possuir tudo e ceder pouco. Homens como o pai daquelas meninas não apenas estavam criando essa nova sociedade, como lucravam com sua insatisfação. Sentiam-se até mesmo à vontade para negar convites que antes seriam obrigados a aceitar. E, ao invés de sentir-se ofendida pela recusa, Wilhelmine aprendia algo com isso.

Em breve, eles se tornariam mais poderosos que ela.

Inventariam meios e ofereciam bens, criando um novo mundo que viria para encurralá-los em seus castelos antiquados. Quem seria mais útil no futuro? Nobres mofados ou industriais modernos?

Seu fim estava na resposta a essa pergunta.

E enquanto pensava nisso, observava a conversa entre as Thiessen e Minna, e quase sentia pena da sobrinha. Elas nunca respondiam apenas com sim ou não; elas faziam perguntas, como damas eram instruídas a jamais fazer. E a cada pergunta, Minna se assustava. Se fosse estúpida, encararia aquilo como absurdo; se fosse esperta, começaria a pensar nas respostas.

Mas o que mais agradava à duquesa era o que aquilo significaria para Dietrich. Ao contrário de Theodor, tão sério e responsável, ou Hans, tão silencioso e sensível, seu primogênito era um miolo mole de fala mansa que havia conseguido tudo no mundo por causa do charme cretino. Que ele tenha se encantado por aquela senhorita em especial a intrigava.

Tão intrigante como ver o chá ser interrompido pela chegada do duque e ver o rosto da jovem avermelhar. Mesmo sendo o foco do deboche do reino, Dietrich costumava deixar as mulheres desnorteadas. Ele era alto, tinha aquele tom de pele exótico e sabia usar, quando

conveniente, um sorriso de lado que prometia todos os tipos de canalhice.

— Mamãe, gostaria de mostrar Solitude para as nossas convidadas — ele pediu, parando os olhos em Emma.

A xícara na mão da jovem, Wilhelmine notou, tremeu discretamente sobre o pires.

— Sim, é claro — a duquesa as dispensou. — Estou mesmo cansada, e tenho certeza que elas preferem caminhar um pouco, enquanto os outros hóspedes se acomodam e as festividades da noite não começam.

Dietrich estendeu a mão à senhorita Thiessen, e as três outras jovens os seguiram. A duquesa os observou se afastarem, atenta aos constantes esbarrões que o filho dava de propósito no braço da moça.

Quando estavam longe, a duquesa perguntou ao secretário:

— O que achou delas, Herr Winkel?

O secretário, sempre muito sério, ergueu um canto da boca.

— Deseja mesmo saber minha opinião?

A duquesa fez que sim.

O secretário enrolou um canto do bigode, vendo-as se afastar pelo longo corredor.

— Astúcia, união e intenções secretas... Da última vez que vi essas três qualidades juntas, foi quando ouvi Bismarck conferenciar sobre a fundação da Alemanha.

Wilhelmine riu. Dietrich estava perdido.



16

D

, mostrando às garotas

as pinturas de seus ancestrais nas paredes, dos mais longínquos aos mais recentes. Ele ia parando na frente de cada uma, explicando em minuciosos detalhes em que guerra aqueles homens haviam participado, o que significava cada uma das medalhas, com quem se casaram, quantos filhos tiveram, e de que forma trágica acabaram morrendo. Pintura a pintura, ele as estava matando de tédio.

Tudo porque tinha um plano.

Minna foi a primeira a bocejar. Como é da natureza dos bocejos, logo estavam todas escondendo as bocas atrás das mãos enluvadas, fingindo procurar algo dentro das bolsinhas, ou limpando um fiapo na barra do vestido. Valia de tudo para não demonstrar quão enfadonha e desinteressante era a antiquíssima linhagem dos Württemberg-Winnental.

— Primo Dietrich, não acha que as convidadas gostariam de conhecer a sala de música? — A voz da prima parecia um gorjeio baixo de um passarinho. — Os convidados aos

poucos chegarão para a apresentação... Podemos nos adiantar para pegarmos os primeiros lugares, o que acham?  
— Ela olhou para as convidadas.

Dietrich olhou para a infundável fileira de quadros faltantes.

— Mas não chegamos nem no quinto duque. Depois dele fica muito mais interessante.

— Sala de música? — Charlotte passou o braço pelo de Minna, olhando rapidamente para Emma. — Adoro música.

— Salões de música são meus preferidos — Arabella concordou, dando meia volta com Charlotte. Ambas carregaram Minna dali, atacando-a com tantas perguntas que a pobre moça mal teve tempo de perceber que haviam deixado Emma e o duque sozinhos.

Emma era finalmente dele.

O crepitar das rebuscadas luminárias a gás era o único som na galeria. O corredor largo, de paredes de madeira e chão atapetado, seguia infinito, margeado por quadros suntuosos. Quando Dietrich voltou a olhar para Emma, ela estava com os braços cruzados, e tinha uma expressão inquisidora.

— Não me olhe assim — ele pediu. — Precisávamos de um tempo para conversar.

— Por pouco não me colocou para dormir com aquela chateação de nomes, casamentos e prole de cada um dos seus antepassados, milorde.

Dietrich sorriu, orgulhoso: — Eu sei. Nunca falha.

Emma olhou para os lados, balançando a cabeça, e Dietrich aproveitou para observá-la. Ela estava muito bonita aquela tarde. A pele pálida do rosto contrastava com o vestido escuro, e realçava os lábios naturalmente rosados. Os olhos, de um castanho profundo, se misturavam ao dourado do corredor, em uma exuberante harmonia de cores.

— Não acha que sua prima possa estar escandalizada? — Ela voltou a olhá-lo. — Acabamos ficando sozinhos no corredor.

— Minna? Não. Ela conhece a história dos quadros. Tenho certeza que está morrendo de pena da senhorita, e acredita que a deixarei em breve roncando no chão.

Emma revirou os olhos.

— Está com medo que nossa ausência provoque falatório? —

ele perguntou.

— Bem, sabemos onde isso pode terminar.

— Na cama?

— Céus! Não! — Emma bateu a mãos na saia. — Em mais fofocas!

— Estou brincando, acalme-se — Ele disse, olhando para a postura rígida da moça. O vestido, bem mais simples que a confusão de badulaques que trajou no baile, evidenciava a cintura fina e a delicada curvatura dos seios. Quem precisava se acalmar, Dietrich sabia, era ele.

— Suas irmãs darão um jeito de inventar uma desculpa. Elas parecem espertas.

— Elas são, mas não conseguem fazer milagres.

— Estão todos no salão de música, aguardando o jantar. Mais tarde entraremos e ficaremos no fundo. Acharão que estivemos lá o tempo inteiro.

Emma concordou, e eles continuaram a caminhar pelo corredor iluminado. O vermelho intenso dos tapetes ressaltava o dourado dos lustres e candelabros, trazendo gradações dramáticas à galeria. Às vezes, paravam na frente de um quadro e Dietrich ameaçava contar quem foi o digníssimo retratado, mas bastava olhar para Emma para desistir da ideia. Ele estava fazendo isso de propósito, só para ter uma desculpa para encará-la.

— Senhorita — Dietrich olhou para os lados. Estavam completamente sozinhos, como planejara. Ninguém para vê-los, ouvi-los ou julgá-los. — Estou ansioso pela nossa primeira conversa.

Emma caminhava com os olhos fixos no chão, a barra do vestido farfalhando contra o tapete. Havia um vinco de preocupação entre suas sobrancelhas.

— Não temos muito tempo — ele continuou — Nunca temos.

Adoraria saber se pensou em alguma coisa. Algo sobre o qual possamos...

— É um tema extremamente constrangedor, Milorde. O senhor sabe disso, não sabe?

— Por favor, não diga que mudou de ideia — Dietrich sentiu uma agulhada no estômago.

— Não mudei — ela garantiu. — Mas pensei em traçar alguns limites antes de começar.

— Já não traçamos?

— Oh, não — ela balançou a cabeça, séria. Suas mãos estavam inquietas, unidas na frente do vestido. — Para começar, não tolerarei o uso de termos indecentes. Eu não suportaria.

— Combinado — ele balançou a cabeça. — Sem termos indecentes — ele prometeu, sem ter ideia do que seria indecente para ela.

— Ótimo. E não quero saber sobre suas experiências passadas, também. Elas não me interessam, e não ajudam em nada.

— Sem experiências passadas — Ele concordou.

— E, por fim, não mencione a ... — Ela coçou a sobrancelha, olhando ao redor. — A sua...

— A minha...?

— O resultado final — ela conseguiu dizer.

Dietrich não entendeu: — Minha o quê? Ereção?

A cor no rosto de Emma ultrapassou a do vermelho dos tapetes.

Sequer havia nome para o bordô que tomou suas bochechas.

— Esse é um termo indecente, milorde.

Dietrich a ignorou: — Acabou?

— Não. Não quero que mencione outra coisa, também.

— Por Deus, o que tem contra a menção das coisas?

Emma ergueu o queixo, dizendo decidida: — Não quero que mencione, lembre-se ou repita o que eu disse ao final da dança, no dia do baile.

Dietrich fez um muxoxo. Ele havia esperado ansiosamente pela hora em que veria as bochechas de Emma ganharem outra vez aquele tom vermelho-azulado.

— Sobre ser "a parte da minha personalidade que mais apreciou?"

— Não acabei de pedir que não repetisse? — Ela ralhou. — E tenho certeza que não foi isso que falei!

— Ah, espere — Dieter olhou para o teto. — Não foi assim. Se me lembro bem, foi sobre "a minha ereção ser a parte mais interessante da minha personalidade".

Emma bateu com a bolsinha em seu rosto. Um golpe rápido e eficiente, que não deu ao duque chance alguma de desviar.

— Ai! — Dietrich olhou-a assustado, alisando a bochecha: — O

que guarda nessa bolsa? Uma pedra?

— Eu acabei de pedir que não falasse ereção, e muito menos repetisse o que eu falei!

O duque olhou-a com a testa vincada, sentindo o lugar onde a bolsinha bateu, arder. Ela estava novamente brava. Adoravelmente brava. Tão brava que ele tinha vontade de... *raptá-la*. Para fazer o quê? Aborrecê-la, oras.

Ele mal viu quando ela ergueu o dedo delicado e quase o encostou em seu nariz:

— Não me importo que sua égua se chame Emma, que tenha a linhagem mais pura que o Kaiser, ou que tenha sido rude e obtuso durante a valsa. Realmente não me importo. Mas não gosto da sensação de carregar uma tocha sobre o pescoço toda vez que menciona aquela palavra. Me desconcerta. Perco a linha de pensamento, me embaralho nas palavras, e serei de pouca ajuda se não conseguir raciocinar!

Dietrich fez um gesto militar de entendido, mas ela não achou graça.

— Desculpe-me — ele pediu. — É que acho incrivelmente excitante aborrecer a senhorita, e tenho certeza que isso tem algo a ver com o "resultado final". — Ele a estudou por um segundo, então se desculpou: — Oh, oh. Variações da palavra excitação estão permitidas?

Emma balançou a cabeça como se desistisse.

— Sim, estão — ela respondeu, irritada novamente. — Excitante é diferente. Está permitido.

— E "excitação"?

Ela levou as mãos à cintura, apunhalando-o com os olhos.

— Eu paro — ele brincou. — Estou pronto. Podemos usar outra palavra para a minha ere...Para o que eu busco, ao final? Pensei em animação, que tal? Concorda com essa?

Emma acatou animação, e eles voltaram a caminhar.

— Andei pensando sobre sua animação — Ela disse, não sem algum constrangimento. — Andei refletindo a respeito e acho que encurtaríamos algumas etapas se o senhor tentasse entender o que o deixou animado no baile.

O duque cruzou as mãos nas costas, pensativo. Estava lisonjeado por ela ter perdido tempo refletindo sobre aquilo, mas havia deixado as brincadeiras de lado. Ele parou na frente de seu tio avô Ferdinand, um velho rabugento e mal encarado que os olhava como se sentisse nojo.

— Acho que minha animação teve a ver com a surpresa — o duque respondeu, pensativo. — Não esperava dançar naquela noite com a moça mais desafortada do reino.

Emma estudou, como o duque, as feições singulares daquele ancestral feio.

— O senhor achou que, por ter me encontrado sentada no canto do baile, eu seria cordata e silenciosa.

— Como um cordeiro — O duque assentiu.

— Cordeiros são, na verdade, bastante ruidosos — Ela o corrigiu, adicionando: — Podemos afirmar, no entanto, que meus atributos físicos não foram a razão de sua animação, correto?

A forma com que a senhorita Thiessen disse aquilo o incomodou.

Ou ouvir aquilo olhando para um homem tão feio o incomodou. Em parte, ela estava certa: ele não achava que a aparência física dela tivesse algo a ver com a animação. Mas aquela não era toda a verdade: ele a achava atraente. Bastante atraente, até. Por isso ele se virou, polido:

— Se está sugerindo que não a acho interessante, senhorita, saiba que ...

A palma da minúscula mão se ergueu, fazendo-o se calar.

— Não estou pedindo elogios — Emma o cortou. — Quero apenas entender o que aconteceu naquela noite.

— Faz sentido — o duque falou, deixando tio Ferdinand para trás, voltando a andar. — A senhorita acha que o fator surpresa teve algo a ver com a minha animação?

— Sim — Emma falou. — Mas não só. Acho que o diálogo entre iguais pode tê-lo animado.

— Hm. Interessante.

— Já pensou em tentar se relacionar com mulheres que o desafiam intelectualmente?

O duque a olhou: — Sequer entendi o que acabou de dizer.

— Oh, o senhor entendeu. — Emma voltou a olhar para a frente.

— Mas posso repetir, para deixar claro. Talvez deva escolher suas próximas parceiras pelos aspectos intelectuais, e não físicos.

Mulheres inteligentes, ao invés de mulheres... não inteligentes.

Dietrich soltou uma risada.

— O tipo intelectual não frequenta os lugares que frequento, senhorita. E, antes que sugira que eu repense minhas visitas a esses lugares, gostaria de lembrá-la que não estou procurando uma esposa.

— Mas se Vossa Graça concorda que a animação possa ter vindo da troca intelectual, e recusa-se a procurar mulheres inteligentes, suponho que não posso ajudá-lo. Como sabe, meus conhecimentos sobre a sedução são meramente teóricos.

O duque ouviu atento as palavras dela.

— Tirados de livros como aquele que encontrei — ele perguntou.

Emma pausou antes de responder.

— Digamos que sim.

— Estou curioso — ele a olhou. — A sua acompanhante vigia vocês como uma águia. Ela não parece do tipo que permitiria aquele tipo de leituras.

— Céus, não mesmo — Emma respondeu. — Se dependesse dela, nem mesmo as metáforas aladas de abelhas e cegonhas seriam faladas em nossa casa.

— E, ainda assim, aqui está a senhorita. Ensinando um libertino a entender sobre animação.

Emma não conseguiu segurar um minúsculo sorriso.

— Se eu contasse como o assunto sobre intimidade foi tratado na única vez em que o discutimos sobre o assunto, cancelaria o acordo.

— Jamais cancelaria o acordo — o duque respondeu, sorrindo também. — Conte-me. Fiquei curioso. E preocupado.

— É uma história esquisita, que não vai animá-lo em nada.

— Deixe que eu decido isso — ele respondeu.

Ela olhou para a frente, e ele teve uma visão de seu perfil. Ela tinha um nariz adorável, que combinava com a personalidade atrevida. Descendo os olhos, ele seguiu as curvas que o veludo mostrava. Ela era esguia sob a roupa. A impressão era que suas mãos poderiam se fechar em torno de sua cintura, e as pontas dos dedos se encontrariam.

Que alquimia estranha estava acontecendo com ele? Seria a forma como ela rebatia tudo que ele falava? Aquilo era mais que uma característica: era um talento. E ele estava lá, ansioso pela próxima frase, enredado naquele misterioso labirinto que havia entrado com ela.

— Frau Herta vem ouvindo as infindáveis conversas de nosso pai sobre mecânica, engrenagens e siderurgia há tanto tempo quanto nós — ela começou. — ... Assim que debutamos, começamos a perguntar sobre assuntos delicados. Queríamos

saber de onde vinham os bebês, e quando é que um casal podia ter filhos. Frau Herta respondeu dizendo que, quando fosse a hora, saberíamos de tudo, mas eu e minhas irmãs a chantageamos. —

Ela o olhou. — Se não percebeu, somos um grupo muito unido, e nos dissuadir de uma ideia ou plano dá trabalho. Quando não é impossível.

Ele fez que sim, que já havia notado.

— Pois bem — Emma segurava a delicada bolsinha na frente do corpo, caminhando com os olhos fixos no chão. — Dissemos a ela que, se não nos contasse, perguntaríamos aquilo a cada tutora que pisasse em nossa casa até saber de tudo. Então Frau Herta achou que seria melhor se

soubéssemos pelo menos alguma coisa, a fim de apaziguar nossa curiosidade. Ela imaginou que em breve estaríamos casadas, e que adiantar a conversa em alguns meses não faria diferença. — Emma o olhou, divertida; — Isso foi há quatro anos.

Dietrich sorriu, ansioso pelo que viria.

— Com a delicadeza típica da mulher bávara, Frau Herta dispensou as historinhas tradicionais e metáforas poéticas. Decidiu usar algo mais próximo da nossa realidade.

— Oh céus — o duque brincou. — O que ela usou?

— Pistões..

O duque parou no lugar.

— Pistões? — Um engasgo divertido ameaçou saltar dele, mas a mão de Emma — graciosa, que estava dando nele vontade de segurá-la — se ergueu. Calma, ela pedia.

— Nossa nada delicada governanta achou que seria uma boa ideia explicar o ato proibido e a anatomia humana usando, como exemplo, cilindros sólidos que deslizam dentro de cilindros ocos, usados em bombas de uso diverso. O senhor sabe. Êmbolos.

Pistões.

O duque suspirou: — E eu duvidando de seus conhecimentos na área.

Emma fez uma mesura, como se agradecesse ao tardio reconhecimento de suas habilidades.

— Continuando, ela começou a dissertar sobre o que movia as relações entre as pessoas, e pediu que imaginássemos a relação

entre os combustíveis e o vapor d'água. — Emma o olhou de lado, para ver se ele estava acompanhando. Ele estava. Febrilmente, com um vinco na testa, mas estava. — Afinal, combustíveis, como todas lá em casa sabíamos, queimavam para produzir vapor, certo?

O duque fez que sim.

— Segundo Frau Herta, "esse vapor era muito importante, porque percorreria um circuito que chegaria até um cilindro..." — Ela conferiu se ele continuava acompanhando-a. O duque coçou a cabeça, desarrumando o cabelo. Os olhos de Emma ganharam um tipo de brilho diferente ao verem os cachos soltos, mas logo se virou, continuando: — Ela explicou que, nesse cilindro, o vapor d'água empurraria um pistão, e esse pistão, ao se mover, entraria dentro de uma máquina, bombeando-a em movimentos rítmicos...

Emma ouviu um engasgo. O duque pediu um segundo, tentando organizar o riso e a saliva que desceu errada, levando ao acesso de tosse que estava tendo agora. Pela primeira vez na vida, máquinas ganhavam um novo status em sua mente. Que o movimento de uma máquina pudesse soar tão gracioso, dito por uma voz tão feminina, o faziam querer envolver aquela mulher de alguma forma. Mas depois, porque no momento ele precisava rir.

Ele pediu com um gesto que Emma continuasse, que havia apenas se engasgado. Emma continuou, segurando o riso:

— Lembro que, ao ouvir a história, me perguntei: "Como pode algo assim ser compatível com a anatomia feminina?"

O duque estava respirando rápido pelo nariz outra vez, tentando segurar o riso. Eles poderiam atrair gente se rissem alto, e Emma abaixou o tom de voz:

— Foi então que Charlotte soltou: "Mas Frau Herta, como isso pode explicar de onde vêm os bebês? Esse é o mecanismo que gira as rodas!" E Frau Herta respondeu, vermelha: "Sim, as rodas da vida!"

Dietrich precisou apoiar a mão na parede.

— Shhh — Emma chacoalhou as mãos, pedindo que ele se contivesse. — Acabaremos sendo ouvidos — ela disse, rindo também.

— E o que a pessoa ouviria? — O duque se endireitou, com o rosto vermelho e o cabelo desarrumado. — Sobre a excitante e

secreta vida das máquinas?

Emma abriu um sorriso deslumbrante, como quem sabe que está contando uma boa história.

— Por favor, continue, Srta. Thiessen — o duque falou, encantado. — É sempre um deleite ouvi-la.

Emma coçou o canto da testa, aparentemente comovida e sem jeito pelo olhar de admiração. Não era todo dia que uma dama se sentia ouvida, ou era elogiada por suas histórias.

— Bem, cada vez mais envolvidas com o assunto, nós acabamos fazendo todo tipo de pergunta esquisita. Entre elas, se seria necessário fazer a manutenção dessas peças. Ou lubrificá-las para que esse movimento funcionasse. O senhor pode imaginar nossa confusão. E a de Frau Herta.

O duque havia parado de andar novamente, porque não conseguia rir e caminhar ao mesmo tempo.

Ela continuou, falando sozinha: — Frau Herta soltou um grito quando perguntamos o que dava início ao movimento da máquina, e se já não estivesse sentada, tombaria no chão quando Arabella quis saber se a máquina funcionava sozinha. Lembro-me de seu aspecto atormentado naquela tarde. Ela praticamente limava as mãos suadas na saia, de nervoso. Ela reclamou muito sobre nós três, que nós estávamos fazendo-a envelhecer mais cedo.

O duque estava ao seu lado novamente, recuperado da crise de riso.

— Frau Herta colocou então fim àquela discussão. Disse que precisávamos deixar que a máquina se entendesse com o pistão.

Mais tarde, após as núpcias. E, limpando o suor da testa, encerrou com: "E é isso que traz os bebês ao mundo."

A gargalhada de Dietrich soou alta. Livre, como todas as gargalhadas deveriam ser.

— Srta. Thiessen, nunca mais conseguirei olhar para um pistão do mesmo jeito!

Emma parou na sua frente, a coluna reta e a expressão solene:

— Esta, milorde, é a minha educação formal sobre o tema. Achei que, já que estávamos falando sobre experiência, deveria contá-la.

O sorriso de Dietrich passou de aberto para outro, mais comedido. Eles se encararam por longos segundos. No que

ela

pensava, ele não sabia. Mas Dietrich sabia no que estava pensando. Para onde a levaria, quando a raptasse?

— Aposto que a explicação acabou aguçando o desejo de saber mais — ele falou baixo.

— Ah, sim. E o fato da mecânica ser muito, muito desaprovada para moças, mas não para rapazes, também ajudou.

— A contradição é algo irresistível para a investigação.

— Sempre foi — ela concordou. — E, se quiser saber, nunca mais falamos sobre máquinas a vapor outra vez naquela casa.



17

N

que haviam dado no corredor do castelo, Emma já havia imaginado muitas coisas. Já havia rememorado seus conhecimentos sobre mecânica, a importância de um êmbolo para as máquinas a vapor, e como pistões danificados não roubavam o humor de seus donos. Faltava entender agora se o que sentia pelo duque poderia ser chamado, como comparou Frau Herta na época, de *vapor*.

Porque ela se sentia envolta por ele, e isso era um fato. E

ganhava, pouco a pouco, uma vaga consciência de que algumas metáforas, por mais absurdas que fossem, faziam sentido.

— Seus conhecimentos me bastam, senhorita. — o duque respondeu. — Até porque minha dúvida surgiu ao ler aquele livro.

Nele, as coisas parecem ser muito simples. O tal pirata a deseja, e seu corpo responde ao desejo. Ela o deseja, e o corpo dela responde ao desejo. Quero saber por que, quando *eu* desejo, não respondo ao desejo. — Emma abriu a boca para responder, mas ele concluiu: — Com exceção daquela noite.

*Sim, com exceção daquela noite*, ela pensou olhando fascinada o movimento de seu pomo de Adão, que subia e descia como o balde dentro de um poço fundo.

— O que nos leva a acreditar que está tudo certo com o pistão

— ele murmurou, quebrando seu fascínio.

— Por isso precisamos investigar o que provoca o vapor — ela murmurou de volta.

Ambos voltaram a encarar um novo ancestral, perdidos em pensamentos.

— O que provoca o desejo? — Ela perguntou para o homem à frente, um senhor de perucas brancas e nariz de batata, como se perguntasse aquilo a si mesma. — De onde ele vem?

Nenhum dos duques naquele corredor saberia responder. O nobre de carne e osso ao seu lado achava que viesse da simples vontade, da mera presença na frente de um estímulo. Pelo jeito, não funcionava assim.

— Acho que vêm das curvas — ela o ouviu dizer ao lado. Ele parecia absorto na imagem da pintura, como ela. Ela aguardou o tempo que ele precisou para continuar: — Acredito que meu desejo venha da visão de algumas partes.

— Que partes? — Emma perguntou.

— Seios — ele respondeu, pensativo. — Seios acendem meu desejo.

Emma piscou, desorientada. Sentiu o rosto arder novamente, como se alguém o segurasse sob água fervente. Ela esperava outra metáfora — existem um milhão de maneiras de interpretar curvas—

e não a palavra de uma parte íntima da mulher. Ela permaneceu imóvel e atenta. *Não havia por que se desestabilizar só porque ele foi literal*, disse a si mesma. Precisava ser séria e encarar o que estava acontecendo como um negócio.

— Muito bem. — Ela engoliu em seco. — Que sejam ... *eles*, então. O que pode dizer sobre as sensações que eles despertam?

— Não sei. Nunca havia pensado nisso.

Ela pegou coragem, convencendo-se de que estavam sendo objetivos e científicos, ali: — Descreva aqueles que... Que mais despertaram seus *vapores*.

Ela falou a frase tão baixo que achou que ele não tivesse escutado. Mas o duque escudou, e olhou para cima, absorto na pergunta.

— O tamanho, talvez. Não tenho certeza.

O calor no rosto dela era tanto que se espalhava para o resto do corpo, e não havia nada que ela pudesse fazer para conter o avanço.

— Seja específico, milorde. Desconfio que o desejo more nos detalhes.

O duque coçou a nuca. Emma não tinha coragem de desviar o olhar do quadro, com medo que ele visse como ela estava abalada.

Em sua opinião, ele estava dificultando tudo, e de propósito. Ao mesmo tempo, ele parecia perdido.

— O que devo dizer? — Ele perguntou, virando-se para ela.

— Se o senhor os prefere volumosos, ou pequenos — ela se exasperou. — Se há algo neles que ainda não tenha notado, e na próxima vez que se deparar com um par, possa usá-los como *combustível* para...

— Senhorita Thiessen, está perguntando isso para mim ou para o meu tio Fritz? Por que, se não me engano, minha tia Bertha, sua esposa...

— Pare com isso! — Emma olhou aborrecida para ele. — Estou sem jeito, oras! O assunto é desavergonhadamente escandaloso para mim. Não sei nem mesmo porque estou aqui, mortificada até o último fio de cabelo para tentar ajudá-lo!

O duque a estudou, do rosto azulado às mãos em punhos, como se tirasse de sua exasperação alguma conclusão imbecil.

— O que o senhor precisa entender — Emma começou a gesticular, sentindo a renda pinicar ao redor do pescoço — É que, se não atentar para os detalhes, não entenderá do que se trata a atração! A impressão é que o senhor está apenas preocupado com o movimento do pistão, e esqueceu a importância das máquinas para o funcionamento das coisas! Estou tentando atrair sua atenção para os detalhes e os rituais. O desejo mora neles! Alguma vez prestou atenção ao prelúdio do encontro? A tudo que existe antes de... de *tocar na máquina*, para tentar alcançar a própria satisfação?

A dificuldade de Emma parecia alimentar o sorriso daquele sem vergonha.

— "Prelúdio do encontro"? — Ele repetiu, mas parou de sorrir quando ela bufou.

— A sedução está nas pequenas coisas, milorde. No farfalhar do vestido ao tocar a jaqueta masculina. Na textura da seda, na delicada terminação da renda francesa, na sensação molhada e exuberante do veludo, que... — ela procurava palavras, mas a tentativa lhe parecia idiota. *Oras, o que ela estava fazendo?* Aquele homem obtuso jamais entenderia. Ele provavelmente via a mulher como um mero acessório para a sua própria satisfação. Falar em detalhes de roupas, ou apelar para a sua sensibilidade sensória não encontrava qualquer eco nele!

— Esqueça, Vossa Graça — ela se virou, disposta a marchar até o salão de música. Ela estava perdendo seu tempo, ali.

Ela não tinha dado dois passos quando ouviu sua voz masculina chegar até ela:

— Gosto dos que cabem na minha mão.

Emma parou no lugar.

— Gosto de sentir o peso deles — ele continuou.

Emma apertou a alça da bolsa entre os dedos, sem coragem de se virar. A voz de conhaque morno erguia mais uma vez todos os seus pelinhos dos braços:

— Gosto de mamilos pequenos e cor de rosa. Aqueles que, quando endurecem, apontam para a frente. Mas também gosto daqueles cor de vinho tinto, grandes e intensos. Acho-os tão bonitos quanto os outros. Fico louco quando vejo-os despontar por sob a roupa, e denunciam o desejo da mulher. E gosto de sentir o gosto deles quando os tomo na boca. E quando a língua...

Ele parou de falar quando viu Emma dar um passo para o lado e se desequilibrar. Ela precisou procurar apoio na parede, e o encontrou na barriga de outro tio distante, que entortou sob seu peso.

O duque a observava, parado, quando ela se virou. Ele parecia sentir algo acontecer dentro de si, porque estava sério. Emma endireitou as costas e acalmou a respiração afobada. Não conseguia encará-lo. Precisava afugentar o calor que transformava o interior do vestido em uma caldeira, e se livrar do pensamento maluco de que o homem à frente um dia a tocara daquela forma.

*Como seria sentir o peso de seu corpo sobre o seu, e como seria o gosto que ela teria, para ele, caso ele ...*

— O senhor me assustou, agora — ela disse.

— Estou no caminho certo, Srta. Thiessen? — Ele perguntou com voz baixa e grave, dando um passo adiante.

Ela fez que sim, porque ele estava. Não literalmente, chegando perto dela — não isso. Mas estava certo em prestar atenção ao que gostava. Entender-se era o caminho para entender seus problemas.

O *problema* — outro problema — era que ele continuava caminhando na direção dela, e ela ia quebrar a alça da bolsa, de tanto torcê-la. *Afastese de mim, criatura maldita.*

Ignorando a confusão na cabeça de Emma, ele continuou:

— Gosto de sentir a pele morna e macia por baixo da roupa da mulher assim que ela a tira. Das curvas suaves do corpo feminino, da barriga que se contrai quando os dedos passam de leve por ela.

Dos pelos finíssimos e quase transparentes da barriga, na altura do umbigo. Da curvatura sublime que desce até o meio das coxas, onde ...

— N-não precisa cruzar a linha — ela murmurou, olhando para o peito largo que tapava a visão do corredor. De súbito, ela reconheceu aquelas frases. — E sei que está citando O Pirata e a Donzela.

Sim, ela sabia o que viria a seguir. O pirata descreveria o interior mais íntimo de Trudy, sua prisioneira. *Sem vergonha*, Emma pensou. *De onde ela tirou que ele parecia interessado em se autoconhecer?* Ele estava repetindo o que leu no livro de Lady Malícia. Emma arriscou olhar para ele, e o que encontrou foram olhos infinitamente escuros,

quase ocultos pelas sobrancelhas grossas, pesadas sobre eles.

— Eu queria que o senhor entendesse o quanto a imaginação pode fazer milagres por uma pessoa, milorde — ela disse, engasgada. — principalmente por uma mulher, que jamais poderá passar da teoria à prática, a menos que se case. Se o senhor acha que debochar de mim ou do livro é engraçado, não acredita realmente que eu possa ajudá-lo.

Emma não sabia por que se sentia tão irritada. Se era por causa do deboche, da menção a seios nus que ele havia visto e tocado, ou por causa das reações que aquilo causava nela.

— Da próxima vez que despir uma mulher, preste atenção a esses detalhes — ela conseguiu dizer antes que a voz falhasse por completo.

Ele correu os olhos pelo pescoço alvo, continuando a atormentá-la:

— Desculpe se a ofendi. É verdade, eu citei o livro, mas não com o intuito de debochar da senhorita. — O duque deu mais um passo, parando na sua frente. — Eu apenas queria ver se causava na senhorita a mesma reação que causou em mim. Prestarei mais atenção, da próxima vez, à curva da nuca e os redemoinhos rentes

à linha do cabelo — ele continuou, olhando o pescoço de Emma —

A cada um dos botões que tirarei das casas até revelar a pele macia... — ele desceu os olhos pela blusa dela. — Às amarras do espartilho, o desenlace das fitas e o modo como ele se solta do corpo... À visão do colo, da escápula delicada e cada detalhe da delicada estrutura feminina...

— Chega — Emma pediu antes que perdesse o equilíbrio outra vez.

Ao erguer o rosto, os olhos escuros estavam nos dela, baixos e imóveis. Só seu peito se movia em ondas que o traziam para cima e depois rescindiam. O que ele estava tramando?

Assim que terminou de se perguntar aquilo, ele encostou o corpo no dela. Encurralou-a contra a parede, impedindo que se soltasse.

— Milorde...? — Ela o espalmou, sentindo sua mão voltar, com ele, em direção ao próprio corpo. — O que está fazendo?

Ela deveria empurrá-lo, mas não achava forças em si para fazer isso. O corpo dele a pressionava, agora, contra a parede. *Ela seria beijada?* Oh, senhor, ela seria. Ela *queria* ser beijada? Seu coração batia tão forte que ela sentiu vergonha, porque sabia estar sendo ouvida.

— Srta. Thiessen, acho que vou beijá-la — O duque avisou.  
— É

mais forte que eu.

— Não ouse — ela o empurrou. Ele sequer se moveu.

— Eu preciso — Ele suspirou, olhando para a sua boca.

— Não precisa, não — Ela chacoalhou a cabeça. — S-se me beijar, as lições estarão encerradas.

— Não precisa da minha ajuda para aprender a montar? — ele disse roçando a pele áspera do rosto no dela, fazendo-a sentir arrepios que corriam elétricos e demorados por

cantos ocultos do corpo. Aqueles pelos que sombreavam seu rosto o deixavam ameaçadoramente bonito. Ele era uma ameaça? Ao seu bom senso, sem dúvida.

— Preciso? — Ela miou. Era para ser uma afirmação, mas as outras Emmas que habitavam sua cabeça haviam desmaiado, e ela estava prestes a seguir pelo mesmo caminho.

Os olhos dele estavam lustrosos como pedras no fundo de um rio. *Droga, por que ele não havia puxado aos seus ancestrais?* Seria

tão fácil chutá-lo nas partes íntimas e murchas e marchar para longe, ofendida.

— Diga sim, Emma.

Ela espalmou as mãos no peito duro para empurrá-lo, mas os dedos ganharam vontade própria e o apertaram, segundo o ritmo da respiração. Duro e macio. *Tão...*

— Quem lhe deu o direito de me chamar pelo primeiro nome? —

Ela conseguiu dizer entre uma respiração e outra.

Antes que pudesse terminar a frase, seu horizonte escureceu. O

rosto moreno eclipsou a luz dourada e ela pegou ar. A boca dele encostou na dela. Ela sentiu o encontro delicado de peles, o calor do contato e o hálito morno envolvê-la em uma névoa densa e narcótica. A força de suas pernas foi roubada. Suas mãos agora agarravam a lapela do seu casaco.

Ela poderia parar de lutar. Ou esperar que seu lado racional se recuperasse do desmaio. Ela fechou os olhos, inspirando fundo e deixando que seu cheiro masculino entrasse nela. O desespero de ser beijada foi substituído por outro: *Como beijar?*

As mãos do duque se fecharam em sua cintura, com um movimento firme e pensado. Ela sentiu seus dentes mordiscarem a parte inferior dos lábios. *Como deveria agir, agora?*

Ela não teve tempo para descobrir. Antes que pudesse ser verdadeiramente beijada, uma voz masculina os interrompeu.

— Milorde?

O duque deu um passo para trás, e Emma precisou se amparar novamente em um quadro para não tombar.

O mordomo parou a certa distância com expressão inabalável.

Se viu algo — e é claro que viu — fingiu não ter visto nada.

— O jantar começará em alguns minutos. A duquesa pediu que o avisasse.

O duque sequer olhou para o homem. Sem tirar os olhos de Emma, respondeu que estavam indo, e o dispensou.

Emma ajeitou o vestido, agitada. Falara demais, ouvira demais, permitira proximidade demais. *Aquilo não ia dar certo.*

— Senhorita Thiessen — Dietrich disse finalmente, acordando da letargia que se abateu sobre os dois.

— Sim, milorde — Ela o encarou, as muralhas de defesa novamente em pé.

Ele estendeu a mão, pedindo a dela. Estavam agora a uma distância segura, e, em um gesto automático, ela ergueu a mão até a dele.

Ela achou que ele ia se curvar para beijá-la — o que seria estranho, porque não estavam se despedindo —, mas ele aproveitou para trazê-la delicadamente para perto dele. Ela deu um passo e parou.

— Por favor, não ...

— Não a beijarei. Não aqui, não agora.

A frase deixava dúvidas quanto ao que ocorreria — em outro lugar, em uma outra hora ele a beijaria? — mas no momento, Emma só conseguiu balançar a cabeça. As ideias giravam ao redor como pássaros ao redor de um ninho. O que aquele diabo estava aprontando?

— Obrigado por me ajudar a entender a importância dos detalhes — ele disse com os olhos pregados aos dela.

— De nada — ela respondeu, baixo.

Ela olhou para o seu pulso: o duque o acariciava com o polegar, delicadamente.

— Nunca mais deixarei de notá-los — ele afirmou. — E a senhorita tem razão. Sempre pensei apenas na minha satisfação.

Um caroço desceu pela garganta apertada de Emma. Ela tinha certeza que havia virado cinzas. Não havia mais nada nela para entrar em combustão.

O duque virou a mão dela para cima, expondo seu pulso, e Emma suprimiu um gemido. Os dedos dela repousavam delicadamente na palma enorme da mão masculina. A outra mão do duque — livre da luva, morena, com fios negros e sedosos cobrindo cada uma das falanges — acariciou sua palma.

Emma ergueu os olhos, desconfiada.

Com os dedos, o duque afastou a borda da luva até que uma estreita faixa de pele surgisse no pulso de Emma. O polegar alisou ali, onde uma veia corria azul sob a pele quase translúcida. Emma segurou a respiração, tão concentrada no movimento quanto ele.

Ela começou a ter dificuldade para respirar. Seus pulmões lutavam,

aflitos, pelo elemento mais abundante da terra. Mas ele havia sumido. Todo ele, assim como o resto de tudo.

— Fico satisfeita que tirou algo proveitoso da conversa, milorde

— ela disse sem tirar os olhos dos dedos morenos em contraste com sua pele branca. — Mas não serei mais que uma amiga para o senhor. Portanto, se puder soltar minha mão...

Ela ouviu o *sshhh* sair da boca dele, e o viu inclinar-se sobre seu pulso. Seus lábios tocaram sua pele. Leve como uma pluma. Como um sopro, ou o bater de cílios. Ela gemeu quando o beijo correu alguns centímetros, deixando para trás uma trilha de fogo. Sua respiração acelerou, errática, enquanto ela se perguntava o que ele estava fazendo. Seu hálito deixava uma sensação morna por onde seus beijos

passaram. Quando Emma pensou que ele se afastaria, ele uniu os lábios e sugou um pedaço de pele.

Emma puxou a mão, quebrando o momento.

— Francamente, Vossa Graça! — Ela o olhou assustada, voltando a acertar a luva sobre o punho. — Por que fez isso?

— Eu precisava prová-la.

Ela poderia acertá-lo novamente com a bolsa, se sua pele ainda não queimasse tanto pela lembrança do toque. Ele continuou:

— Até um minuto atrás, eu a agradeceria por ter aberto meus olhos para os detalhes. Confesso que faz sentido, e é parte crucial da sedução. No entanto...

Emma franziu a testa, aguardando o resto.

— No entanto —, ele continuou — mesmo a lembrança de encontros passados, e a recordação dos corpos femininos que toquei, não foram suficientes para me *animar*. Apenas quando quase a beijei, senti-me novamente *animado*.

Emma arregalou os olhos. *Não olhe para baixo, Emma. Não ouse olhar para baixo.*

O sorriso diabólico estava de volta no rosto moreno.

— É melhor nos apressarmos — Ele disse. — Temos um longo caminho até o salão, tempo suficiente para me desanimar.



18

E

que havia sido envenenada. Só isso explicaria a glote fechada, a ponto de não conseguir comer, e a respiração rasa e entrecortada. Os sinais eram claros: veneno. Inserido em seu sistema pelo contato dos lábios macios do duque, e agora corria solto por veias e latejava através de artérias. Seu lado esquerdo estava paralisado pela proximidade dele. Ele estava sentado ao lado, deixando toda a lateral do seu corpo em alerta. Tudo daquele lado queimava.

Dietrich. Pela primeira vez ela pensou em seu nome. Não no seu título, ou seu sobrenome elaborado, mas no seu primeiro nome, aquele íntimo e reservado apenas aos que desfrutassem, um dia, de sua companhia. Ele havia retirado as luvas durante o jantar e ela simplesmente não conseguia parar de olhar para os dedos longos, de unhas bonitas e bem aparadas. Mãos masculinas, cobertas por pelos escuros, como as do livro maldito. Mãos que haviam se fechado há pouco ao redor de sua cintura.

Para seu desespero, o duque havia decidido recomeçar a provocação. Sua perna já havia tocado a dela duas vezes debaixo da mesa, e seus joelhos andavam se esbarrando com frequência. O

que explicaria a sem vergonhice daquele homem? O modo como falava de sua animação como se falasse das condições do tempo...

o jeito como a despia com os olhos.

E por que, sendo ela tão decidida, não o afastava definitivamente, e de vez?

Porque sentia-se atraída por ele.

E enquanto Emma lutava entre o desejo de se abanar e afastar o joelho dele para longe, Charlotte a chamou.

— Psst. Emma! — Charlotte murmurou baixo sob as vozes das conversas paralelas. Quando Emma a olhou, os olhos da irmã

giraram discretamente para o lado.

Emma não entendeu. Ela olhou com os olhos semicerrados para Charlotte. Não entendi. As sobancelhas da irmã viraram praticamente arcos indicando o cavalheiro sentado ao seu lado. Só então Emma reparou nele. Ele era um homem de feições alongadas e angulosas, de cabelos claros penteados para trás. O bigode era ralo e dourado, e os olhos azuis, próximos demais um do outro.

— O que é que tem? — Emma murmurou de volta.

A irmã uniu os lábios, movendo-os lentamente: — Sociedade ...

Sociedade. Sim, o que mais?

— Botânica....

Emma sentiu uma lividez tomar seu corpo. Todo o calor que sentia foi expulso de seu organismo, como se um antídoto tivesse sido aplicado sobre sua confusão mental: um botânico da Sociedade Botânica Real. Ah, meu Deus. Ela estava frente a frente com alguém que poderia incluí-la na expedição.

Seus braços começaram a formigar de ansiedade. Ela precisava conversar com aquele convidado. Mas como? Depois do jantar, os homens iriam para um lado e as mulheres para outro. Ela só o veria brevemente na hora da despedida.

— Emma ? — A voz do duque a chamou de volta, e ela reagiu com um pulo. Ele observou o leve tremor de sua mão, e perguntou:

— Eu a assustei?

Emma balançou a cabeça que não, achando a proximidade com o homem que acabara de beijá-la um pouco mais que inconveniente. Comprometedora, era a palavra. Ela não podia disparar comentários maliciosos na frente daquelas pessoas. Ela precisava daquelas pessoas.

— Aconteceu alguma coisa? A senhorita está pálida.

— Não é nada.

Ela viu o homem loiro trocar algumas palavras com a condessa de Hagen, sentada do outro lado. Quando ele voltou a comer, Charlotte voltou a puxar assunto, perguntando discretamente se ele era o famoso botânico Gerhard Barth, organizador da expedição que em breve rumaria para a África.

Emma ouviu a pergunta sentindo uma fisgada no estômago. Era sempre um péssimo plano perguntar sobre o trabalho de um

homem. A maioria não gostava de trocar ideias com mulheres, principalmente sobre assuntos que elas não entendiam, e viam tais curiosidades como atrevimento. Mas, como um bom cientista, aquele se sentiu lisonjeado por ser confundido com alguém tão respeitado, e sorriu, explicando que não, mas que ambos eram bons amigos. Tanto Emma quanto Charlotte sabiam que o famoso botânico era, na verdade, muito mais velho, casado, e tinha filhos adultos. Mas Charlotte sabia usar como ninguém a imagem de moça tola que fingia estar interessada em um assunto por causa da atenção.

Pelos próximos minutos, Charlotte interpretou seu papel. Fingiu não saber direito o que era a expedição, a botânica ou mesmo o que ela própria havia perguntado. Com condescendência absolutamente irritante, o botânico explicou o que fazia, para onde iriam e como seria a expedição. Emma não conseguia ouvir tudo, porque ele tinha uma voz baixa e fraca, e ela estava quase deitando sobre o prato para se aproximar mais. Além disso, havia o joelho do duque, que colocava abaixo sua concentração como se faz com um castelinho de cartas. Ele trombava na perna de Emma toda vez que o botânico respondia a uma pergunta. A cada encostão, sua atenção ruía como montinhos de areia em contato com a água.

Emma precisava usar todo o seu controle para afastar a perna do homem e voltar a ouvir a conversa.

— Ah, sim — Charlotte a olhou discretamente. — Vocês estão no estágio de montar a equipe... isso é tão

interessante... — Pausa para os murmúrios ininteligíveis do homem, então Charlotte repetia:

— Puxa, e estão recrutando interessados...!?

O coração de Emma batia tão rápido e tão forte que poderia trincar. Eu sou uma interessada, ela queria dizer, mas desconfiava que estragaria sua vida e, no caminho, o jantar. Foi enquanto pensava nisso que sentiu o toque em sua perna. Não uma trombada de joelhos, mas um toque de dedos. Na sua coxa. Congelada no lugar, ela olhou para baixo. Os dedos do duque estavam na coxa dela.

— O que há de tão interessante naquela conversa? — Ele perguntou perto de seu ouvido.

Emma se virou e encontrou os olhos quentes de Dietrich nos seus. Ele tinha uma taça perto da boca, e a bebida tinha a exata cor de seus olhos. Por que ele disparava nela raios carregados de eletricidade? Ela estava fazendo de tudo para esquecer o beijo e a animação que se seguiu, mas ele estava disposto ao contrário.

— Tire os dedos daí, agora.

Ele pousou a taça na mesa e olhou para a conversa desinteressante que o cientista travava com a irmã. Chegou a tirar a maioria dos dedos, mas não todos; o mindinho continuou nela. Que homem cretino e irritante.

— Sua irmã vai desmaiar com a cara no prato se ele continuar com o assunto — o duque falou. O hálito perfumado de bebida arrepiou cada um dos pelinhos do braço de Emma, e ela os encolheu.

— O senhor está enganado. Ela tem bastante interesse em botânica.

Dietrich olhou-a com curiosidade, enquanto Emma via Charlotte absorver cada palavra do botânico com falso interesse. Cada gesto da irmã era treinado: o discreto fascínio mascarado, suficiente apenas para fazer o homem continuar falando. Os gestos delicados, de quem jamais, em tempo algum, cogitaria embarcar naquela aventura. O equilíbrio perfeito entre levar o vinho à boca, fingindo beber, e flertar de leve com ele, para mantê-lo falando. Charlotte enganaria o próprio diabo, se um dia o encontrasse.

— Você está pensativa — Dietrich insistiu.

— Não é nada.

— Não acho que seja nada.

— Não quero saber o que acha — Ela removeu o último dedo do duque de sua coxa.

Assim que o dedo dele deslizou pelo vestido, enganchou-se ao dela. Ele a estava segurando. Um gesto minúsculo e carinhoso.

Perigoso à mesa, e devastador para o seu coração.

Emma não sabia se se desvencilhava do duque, se o mandava calar a boca ou prestava atenção à conversa à frente. Como conversaria com aquele biólogo se aquele homem não a deixava em paz? Dispensando-o, oras, sua voz racional gritou dentro da cabeça, mas foi imediatamente linchada pelas companheiras. A razão não tinha chance perto da atração que um simples toque dele causava.

Seria tão mais fácil dispensá-lo se ele fosse horrível e desagradável, mas o homem ao seu lado tinha uma coleção de atributos extraordinários. Ele a deixava tonta. Ele a deixava com raiva. Ele a confundia, e a fazia sentir coisas estranhas - como, por exemplo, os lábios formigando minutos depois que os havia tocado. E por que ainda podia ouvir sua voz masculina e áspera dizer como gostava de seios?

Só de pensar naquilo, ela sentia algo desconhecido ganhar vida entre as pernas.

Ela afastou a mão dele e ele voltou a comer, falsamente interessado na comida:

— No que está pensando?

— O senhor ia adorar saber — Emma bufou, olhando sem apetite para o peixe no prato.

— Conte-me depois do jantar — Ele enfiou um pedaço considerável de batata na boca, concluindo de boca cheia:  
— Quero lhe propor uma coisa.

— Não proponha. Não sei se quero ouvir.

Charlotte sorriu para o homem com candura, e imediatamente olhou com uma careta para Emma.

— Ilustradores? — a voz da irmã soou estridente. — Que maravilha! Quem poderia imaginar que expedições levavam seus próprios ilustradores?

O coração de Emma podia ser ouvido do outro lado do cômodo.

— Podíamos fugir — a sugestão de Dietrich, feita ao pé do ouvido, a fez saltar no lugar.

— Como?

— Eu disse que podíamos fugir depois do jantar. Você aceita?

— Meu Deus, claro que não — ela respondeu, séria. — De onde tira essas ideias? Estamos tentando abafar os mexericos enquanto nos ajudamos, por que iríamos querer escandalizar o mundo?

— Cuidarei de tudo — ele falou. — Não tem com o que se preocupar.

— Afinal, suas fugas são sempre muito discretas e ninguém jamais fica sabendo onde está.

O duque era geralmente imune ao sarcasmo, mas dessa vez, riu.

— Fico feliz que confie em mim. Prepare-se.

Ela olhou para ele, respirando fundo. Há minutos sua tia os observava do outro lado da mesa, erguendo de tempos em tempos o monóculo para investigá-los. O que aquele homem queria?

Chocar seus convidados? Matá-la de vergonha?

— Se achar que uma fuga é algo muito dramático, tive uma ideia na galeria. Posso simular um sequestro, que tal? Sempre quis sequestrar uma dama.

Emma olhou ao redor, para saber se mais alguém estava ouvindo aquela sandice. Ele não podia estar falando sério,

e, mesmo sabendo disso, sentiu cada pedaço do corpo aquecer. Ele estava tirando aquelas coisas do livro de Lady Malícia?

— De onde tira essas ideias? — ela perguntou, e ao virar-se, desgostosa e contrariada, foi assaltada pela visão de seu rosto. O

patife sorria. E seu sorriso era um ultraje.

Não que tivesse passado despercebido quão bonito ele era —

ela sabia disso. Era só uma dessas percepções súbitas, que pegam as pessoas de surpresa. Quanta beleza podia caber em poucos centímetros de rosto? Aquele homem parecia um desenho. Não, não um desenho; Emma desenhava, e um desenho só saía tão perfeito quando havia, à frente, um molde. Que tipo de deus da antiguidade teria servido de molde para ele? Enquanto todos os outros de sua família eram barrigudos, praticamente alvejados em cloro e impressionantemente desprovidos de charme, o nono duque de Württemberg era esplendoroso. Completamente fora da esfera do ordinário. Que aquela boca tivesse encostado há pouco na sua a fazia suar sob o vestido.

*Que tragédia que ela quisesse tanto ser beijada por ele outra vez.*

— Não serei sequestrada, nem fugirei com ninguém — Emma sorriu educadamente para ele. — Nem jamais concordaria com um plano tão idiota.

— Não é um plano idiota — ele se defendeu.

— Tão idiota, mas tão idiota, que me faltam palavras. Se seu plano implica implodir o resto do respeito que sua família

tem por você, por favor não conte comigo.

— Minha família não nutre grandes expectativas por mim, senhorita. Inclusive, tia Bernadette, a condessa — ele apontou a faca para a tia adiante — É meio surda e não consegue nos ouvir.

Dietrich olhou para a tia e sorriu, erguendo a taça para saudá-la.

A tia virou-se carrancuda para o outro lado.

— Ela me adora — ele riu, voltando a comer.

Emma suspirou. Como podia sentir-se atraída por um homem assim? Ela esperava mais de si mesma.

— Ela era esposa do meu tio que a amparou há pouco, no corredor. Ela só tem motivos para adorar nossa família.

Emma quase riu ao lembrar do homem horrendo do quadro, mas não daria ao duque o deleite de sua risada. Poderia acabar encorajando-o.

— Mantenha seu bom humor quando for me encontrar no estábulo, mais tarde — ele cochichou no seu ouvido.

Emma se virou.

— Estábulo? — Ela largou o garfo no prato, fazendo um barulho que chamou a atenção dos convidados próximos. Baixando a voz, disse com discrição: — Não vou a lugar algum com o senhor.

Ela levou a taça de vinho à boca, dando um gole generoso enquanto repetia: jamais.

— Vamos aprender a montar.

Emma quase engasgou. As borbulhas do vinho subiram pelo nariz, enquanto ela perguntava de trás do guardanapo, quase sem voz: — À noite?

— Vista algo quente.

— Eu não....

Como notou que a duquesa os observava, Emma parou de falar.

Agora, sim, ela estava preocupada. Era impossível que os convidados da mesa não percebessem a conversa murmurada entre ela e o anfitrião.

— Estou encantada com a coincidência! — Emma ouviu a voz de Charlotte, que continuava a conversar com o botânico. — Um ilustrador com o mesmo nome que o da minha família... — Ela deslizou os olhos até Emma. — O senhor realmente gostou desses desenhos?

— Sim, sim. São realmente incríveis — o botânico respondeu. —

Estamos tentando contactar o artista, mas ele não deixou endereço de retorno. Acredito que em breve receberemos mais ilustrações.

Ilustrações? Eram de seus desenhos que estavam falando?

— Vista uma saia menos espalhafatosa — a voz de conhaque voltou a perturbá-la. Emma precisou de um segundo para acordar.

Estava chocada: era de seus desenhos que o botânico estava falando?

— Elas não combinam com a montaria.

— Não vou a lugar algum nesse frio, de noite, com o senhor.

— O veludo é muito pesado. Posso pedir para o meu valete providenciar calças.

Emma deslizou os olhos pelo salão: — Não colocarei calças!

— Como pensa em montar, então?

— Como as mulheres vêm montando há séculos, oras! Com selas femininas!

— Isso é uma inverdade. Séculos atrás, as mulheres montavam como homens.

Emma massageou a testa, modulando o tom: — Essa discussão não está fazendo sentido. Se não vou sair de noite para montar, porque estamos discutindo o uso de calças?

— Será difícil conseguir selas femininas no escuro. Portanto, vista calças.

Não havia a menor chance de Emma fugir naquela noite, de calças, para encontrá-lo. Onde ela arrumaria calças?! Nem mesmo a perspectiva de beijos ou a vontade de aprender a montar a convenceriam. Emma esqueceu completamente a conversa entre Charlotte e o botânico. Tudo que ela queria era que o duque parasse de perturbá-la, porque a duquesa não parava de olhar para eles e ser olhada por ela não era nada confortável.

— Darei o sinal quando chegar a hora. — O duque disse sorrindo para a mãe, embora falasse com Emma.

— Financiador da expedição? — Charlotte seguia bravamente com a conversa, coletando todas as informações que podia arrancar do botânico. — Quem é ele?

Assim que o botânico abriu a boca para responder, ela ouviu chegar baixo de seu lado esquerdo:

— Quanto você mede? Não tive tempo de conferir direito.

A pergunta de Dietrich a fez perder novamente a resposta — e o controle de sua temperatura. Seu rosto foi inundado por uma vermelhidão sem precedentes, e ela decidiu que iria esganá-lo. Ali, ou em qualquer outro lugar. Seria difícil esconder o corpo, mas ela pensaria nisso depois.

— 1,65? 1,70?

A coxa dele encostou na dela de novo, e ela levou o guardanapo à testa, enxugando o suor.

— Um metro e sessenta e oito — ela respondeu encolhendo as pernas. — Por favor, pare de falar.

O duque sabia que ela estava alterada. Podia ver sua pele acetinada ganhar a luminosidade do suor, e as pernas contraírem-se sob a mesa. Talvez, por isso, tenha decidido fazer algo um pouco pior. Ele se inclinou em sua direção, tão perto que ela achou que fosse encostar o nariz no seu pescoço, e murmurou, rouco:

— É feio prestar atenção na conversa dos outros.

A voz quente e baixa, como calda recém saída do fogo, lambeu-a como uma onda lambe a areia da praia. Um cheiro irresistível de loção masculina envolveu seus sentidos. Emma conseguiu achar forças para responder:

— Feio é atormentar a companhia durante o jantar.

— Só quero que se lembre do nosso acordo.

— Não fizemos nenhum.

— O sequestro, lembra?

Emma afastou a renda do pescoço.

— Tenho certeza que sequestros não podem ser chamados de acordo. No mais, não serei sequestrada.

— Melhor ainda que virá por vontade própria. Aguarde o meu sinal. Precisaremos ser discretos... Seria bom se suas irmãs também sumissem, porque assim acharão que está com elas.

Ele a estava deixando tonta.

— Milorde, passarei a ignorá-lo a partir de agora, para que não espere de mim resposta alguma. Não sumiremos do evento. Quero assistir ao concerto.

— Talvez deva alegar que está passando mal. A senhorita costuma passar mal, não costuma?

Emma inspirou fundo. Ignorá-lo não estava funcionando. Com certas pessoas, a tática nunca funcionava. Havia exemplos assim na natureza: criaturas que floresciam com o descaso. Como os dentes de leão, por exemplo. Ou as abobrinhas.

— Mandarei uma criada buscá-la às dez.

Pelo resto do jantar, Emma tentou modular a respiração, alterada pelos pensamentos indignos que dançavam pela sua mente. A cada um deles, ela corava. Já não sabia mais

se de vergonha, raiva ou desejo. Aquele homem a fazia sentir tudo, e talvez ali residisse seu perigo.

Quando o jantar finalmente se encerrou, as Thiessen, juntamente com Lady Minna, se encaminharam para a sala de concerto. Como Emma sabia, os homens desapareceriam na ala ao lado, para fumar e tomar aperitivos. Charlotte colocou Emma a par da conversa com o botânico — que, a propósito, era protegido da condessa, uma das financiadoras da expedição. Os Württemberg, o botânico dissera, não queriam envolvimento com a África. A duquesa era radicalmente contra a política de expansão em território africano e a ideia de colonização de outros países. O assunto não foi estendido porque a condessa discordou da duquesa e aquela briga, embora interessante, não se delongou.

Mas o que estava matando Emma era a opinião do botânico sobre seus desenhos. Ele os vira, e gostara deles. Ela mal conseguia respirar direito desde que ouvira daquilo. E o resto acontecera.

O concerto começou, e logo depois o duque desapareceu. Não chegou a se despedir, e estavam todos tão encantados pelos violinos e acordes do piano que ninguém notou. Às 21h30 Emma alegou estar cansada, e, junto com as irmãs, se recolheu.

Hora de decidir-se se aceitava encontrar o duque na cavalaria ou arriscava esperar que ele a sequestrasse.

Ambas as opções a apavoravam e excitavam horrivelmente.



19

A

E

, ouviu a batida. Ela ajeitou o

vestido, o coração aos saltos, e conferiu se o cabelo estava preso à trança. Ao abrir, não era o insistente e azucrinante duque de Württemberg do outro lado, mas sua irmã. E ela a olhava com olhos inquisidores e afiados.

— Esperando outra pessoa?

Emma olhou para os dois lados do corredor, com medo de que alguém pudesse tê-la ouvido, e puxou a irmã. Sim, ela estava.

— O que está planejando, Emma? — A irmã perguntou quando a porta bateu. — Está óbvio que pretende ir a algum lugar.

Emma tomou ar.

— Encontrarei o duque daqui a pouco, no estábulo — Ela respondeu observando as feições sempre calmas de Charlotte franzirem. — Ele vai me ensinar a montar.

Charlotte precisou de dois segundos.

— A essa hora? Ficou louca?

Não, Emma pensou em dizer. Louca, não. Envenenada, sim.

Desejosa por algo que não tem coragem de admitir. Que fará mal mas não consegue afastar — e, literalmente, não consegue.

— Está frio, Emma! — A irmã disse, preocupada. — Você não pode pegar sereno, você sabe. Aliás, esse não é o único risco que correria. Não pode simplesmente aceitar o convite de um cavalheiro para encontrá-lo sozinha. Se alguém vir vocês...

Emma sabia de tudo isso. Queria conseguir controlar a vontade de ir, mas não conseguia. Amava odiar aquele homem. Adorava trocar insultos com ele, e, agora sabia, beijos também.

— Não estaremos sozinhos.

Charlotte a olhou desconfiada. — Quem estará lá com vocês?

— A Outra Emma.

A irmã bufou, andando pelo quarto da irmã.

— Emma, francamente — a irmã censurou-a. — Você parece outra pessoa — ela disse como se a percepção daquilo abrisse um mundo de novos problemas. — Onde está sua razão? A preocupação com seus objetivos ?

Emma não havia perdido de vista objetivo algum, ela só estava cedendo espaço para alguns novos desejos. E esses

desejos pediam racionalizações que os amparassem. Agora se via fazendo malabarismos intelectuais para justificar seu interesse por aquele homem e o que gostaria de fazer com ele. A ordem das coisas estava inversa em sua cabeça.

— Não quero escolher entre meus objetivos e... minha curiosidade, Charlotte. Estou cansada de pensar que só posso ter uma coisa ou outra.

— Mas só podemos ter uma coisa ou outra! — Charlotte praticamente gritou, alterada. — Ou você aceita um cortejo formal, ou coloca em risco seu nome! Emma, eu passei a noite inteira tentando coletar informações sobre a expedição. Onde você estava com a cabeça?

Emma não teve coragem de dizer onde a cabeça estava.

— Quero os dois — Emma disse firme, vendo os ombros da irmã tombarem desanimados. — Charlotte, preciso de sua orientação.

— Sobre o quê?

— Sobre intimidades.

A irmã precisou sentar-se na cama. Ela esfregou o rosto, lívida:

— Não faça bobagens, Emma.

— Não parece uma bobagem para mim. E sei que talvez você seja a única mulher do reino a concordar comigo.

Emma sentou-se na sua frente, olhando-a nos olhos.

— O quanto uma moça pode permitir intimidades sem que seja completamente arruinada?

Charlotte não estava acreditando naquela pergunta. Recusava-se a ouvir aquilo. Ela pegou ar, em silêncio. Então, recompondo-se

do susto, respondeu solene e comedidamente, cada palavra perfeitamente disposta como se tivesse sido passada a ferro quente:

— Emma, qualquer intimidade fora do casamento arruina uma mulher. Um beijo fora das linhas traçadas pela sociedade a coloca em apuros. Por favor, entenda isso. — Um bolo de saliva desceu pela garganta delicada, denotando a inconformidade com o que ela mesmo estava dizendo. — Se quer alguma chance na expedição, precisa ponderar se quer ver seu nome comprometido por causa de intimidades. E eu espero que estejamos falando do mesmo tipo de intimidades: beijos.

Emma não se deixou abalar por nenhuma daquelas palavras. Ela já sabia disso. Ela queria saber o que a outra Charlotte diria. Aquela que, como ela bem sabe, achou meios de fazer o que queria sem colocar em risco seu bom nome.

Por isso Emma aguardou. A outra Charlotte estava ali, porque Emma a conhecia. E quando Charlotte entendeu que Emma queria saber sobre sua outra vida — a vida onde ela escrevia, e frequentava de vez em quando bailes proibidos — ela se deu por vencida.

— Ok, Emma — Charlotte exalou. — Você confia nele? — Seus olhos perguntavam com mais força que suas palavras. —

Realmente confia nesse homem?

Emma fez que sim. Não tinha coragem de admitir que não sabia.

Mas confiava nele.

— Porque tudo dependerá do quanto confia nele. Qualquer investida do duque só permanecerá escondida se ele quiser.

Homens às vezes se gabam de suas conquistas, você sabe. Ele pode falar de você para os amigos. Notícias assim se espalham como fogo sobre palha.

— Não acho que ele se gabaria. Não teria sequer por que se gabar — Emma deu de ombros.

— Então você já tem a sua resposta — Charlotte murmurou.

Charlotte não perguntou por que eles não levavam o cortejo a sério e se casavam, por que não assumiam que se desejavam e firmavam um compromisso: ela conhecia o desejo da irmã de ser livre. Ela conhecia o duque e suas aventuras indiscretas. Temia por

Emma, é claro. Mas ela mesmo havia feito coisas muito mais proibidas.

A única coisa que disse depois de um longo silêncio foi:

— Cuidado apenas para não acreditar nas histórias que Lady Malícia escreve, minha irmã. Não moramos nos livros, isso aqui não é ficção. Os mocinhos que descrevo dariam um reino por suas damas. Na vida real, pouco conseguiríamos deles. E essa é a vida real — ela enfatizou, girando as mãos.  
— Nela, não arriscamos certas coisas. Pense sempre nas consequências.

Consequências, consequências, consequências. A vida de uma mulher era pensar nas consequências.

A batida na porta interrompeu os pensamentos de Emma. Ela agradeceu Charlotte com um beijo no rosto e andou com o coração apertado até a porta. As palavras da irmã ecoavam fundo. Ela confiava realmente no duque? Achava que seria simples lidar com aquela decisão uma vez que fosse posta em prática?

Quando ela abriu a porta, achou que daria de cara com o rosto moreno e o sorriso infernal, mas precisou reajustar os olhos e a expectativa ao ver, parada à soleira, uma criada baixinha e esbaforida.

— Vossa Graça mandou um recado — a mulher arfou. — Disse que devo ajudá-la a se vestir e levá-la até ao estábulo.

Emma e Charlotte se entreolharam. Havia receio nos olhos da irmã. Uma criada sabia do esquema? Aquilo cheirava a problema.

Como controlariam as fofocas da criadagem?

Talvez fosse melhor cancelar tudo.

Tomando coragem, Emma disse á mulher: — Diga a Sua Graça que não posso pegar sereno. E que ele sabe disso.

A criada rebateu:

— Ele mencionou algo assim, e falou que não ficarão ao ar livre.

Não haverá sereno.

Emma ouviu Charlotte bufar atrás dela.

— Diga então a Sua Graça que amanhã de manhã visitaremos os estábulos — Emma deu mais uma chance à razão. — Está muito tarde para isso.

— Ele me avisou que a senhora diria isso também, e que se a senhora hesitasse muito, ele viria até aqui e a... — a criada engoliu

em seco. — E a sequestraria.

— Ah, meu Deus — Charlotte suspirou atrás dela.

Emma levou as mãos à cintura, observando a criada torcer o avental. Dentro dela, coisas incríveis aconteciam. Coisas que só aconteceriam em um ringue. Ou no picadeiro de um circo. Parte sua lutava para não rir, a outra parte estava sendo massacrada pela turma sem juízo.

A criada olhou para Emma sem saber como soaria a frase seguinte:

— Herr Duque disse que, na verdade, estava torcendo por isso.

— Ele jamais faria isso — Emma avisou por cima dos ombros à irmã.

— Ah, sim — A criada continuou. — Ele disse isso também. Que, se a senhora não acreditasse, ele ...

— Está bem, está bem — Emma deu um passo para o lado para a criada entrar. — Deus do céu, o que aquele homem tem?

Charlotte passou por Emma, murmurando no ouvido dela antes de sair: — Desejo. É isso que ele tem.

Charlotte partiu, deixando Emma em um estado pior de confusão. Dentro do quarto, a criada já havia ajeitado uma calça de montaria de camurça sobre a cama, e esperava que ela se despisse. Emma olhou para a calça. Era uma peça que deveria ficar ótima em cavaleiros, mas não em uma dama. Ela aceitou a ajuda da criada e vestiu a calça sob o vestido, sem argumentar. Em seguida deixou os aposentos, seguindo a mulher pelos corredores vazios.

Era estranhíssimo sentir algo roçar entre as pernas, tocando a pele do alto das coxas até as canelas. Ao mesmo tempo, era confortável.

Sentia-se protegida e envelopada, pronta para qualquer coisa.

E o 'qualquer coisa' era encontrar um homem sedutor e irresistível, sozinha, nos estábulos.

A criada abriu a porta que levava a uma área isolada, de temperatura mais baixa que o resto do castelo e caixas empilhadas nos cantos. Cruzou o recinto e finalmente abriu a última porta. Um gramado infinito se abriu no horizonte. Sobre ele, um céu limpo de nuvens, salpicado de estrelas.

O frio invadiu o rosto e pescoço de Emma. A mulher a ajudou a colocar o manto de inverno e a ajustar o chapéu de pelos sobre a

cabeça.

— É só seguir a trilha até os estábulos, senhora.

Emma olhou nervosa para o caminho escuro, bordejado por sebes baixas.

— Não sei se o duque pediu discricção, mas se puder não comentar que...

— Herr Duque nos pediu total discricção, senhora. E quando ele manda, a gente obedece.

E a porta se fechou atrás dela.



20

0

realmente se parecia com os heróis dos livros de Lady Malícia. Emma aproveitou para observá-lo enquanto se aproximava.

De perfil, o nariz arrogante e os cílios negros e curvados eram ainda mais atraentes, e lhe concediam o aspecto aristocrático que ele fazia pouca questão de ostentar. Sua nobreza, aliás, estava nos detalhes. Nas pernas fortes e compridas, cobertas por uma calça de montaria de aspecto caro. Nos músculos delineados sob o casaco perfeitamente ajustado. A sensação era que Emma caminhava em direção ao perigo. Ao encontro de um tigre, de fato. Que ela havia alimentado, e confiava apenas parcialmente.

Ele estava tão concentrado em ajeitar um arreio acomodado sobre a mureta que não a ouviu chegar. Quando finalmente

se virou, atraído pelo ruído do roçar da saia no chão, sorriu. Parado na frente da construção, à espera de sua chegada, ele lembrava uma estátua grega enfeitando o jardim.

Onde estava a graça em se deparar com alguém saído diretamente das páginas de um romance? Emma não sentia graça alguma. Sentia, na verdade, o contrário: desconforto e mal estar.

Gostava da segurança das páginas, dela aqui e eles lá. Em vôos e mergulhos da imaginação, permitia-se experimentar uma vida que jamais — jamais, nunca, em tempo algum — teria, e a graça residia exatamente ali. Era bom ler que estava sendo roubada por um corsário, sequestrada por um cigano ou seduzida por um ladrão de tumbas faraônicas. Mas estar na frente de um homem como aquele só lhe trazia sensações desconfortáveis.

— Espero que a criada seja discreta em relação a isso — Emma disse parando ao lado dele. O sorriso com que foi recebida fez seu corpo formigar.

— Isso traria zero novidade para a rede de fuxico internos do palácio, não se preocupe.

— Traz tantas mulheres assim para cá? — Ela perguntou, escondendo bem a minúscula fisgada de ciúme.

Ele riu, erguendo a mão em sua direção.

— Não vai me lambar outra vez, vai? — ela perguntou.

— Só se a senhorita pedir.

Ela o olhou, séria, mas bem menos séria que todas as outras vezes. Ela jamais pediria.

— Venha — ele a chamou, erguendo a sela que havia preparado. — Quero que conheça nossa estrebaria.

Ela aceitou sua mão e eles entraram.

A edificação de pedra e madeira guardava pelo menos uma dúzia de cavalos puro-sangues. Situada nos fundos do castelo, ela se harmonizava ao resto das construções, e ninguém diria, de fora, que ali dentro havia tantos animais. Emma caminhou atrás do duque pelo caminho iluminado por lanternas espaçadas. O teto era alto e abaulado, com desenhos geométricos em azul e amarelo enfeitando arcos e bordas. As baias, baixas, permitiam aos cavalos que espiassem os visitantes ao passarem.

Havia animais de todas as cores, e de ambos os lados: castanhos, brancos, negros. Dietrich passou por eles falando baixo com um e com outro, até chegar na última baia. Ele parou na frente da porta de madeira e pousou a sela no chão. Emma viu à distância o focinho comprido surgir da penumbra, atraída pela voz conhecida.

Sem qualquer hesitação, a égua encostou a testa na testa do duque.

Eles se acariciaram de um jeito íntimo que esquentou o peito de Emma. A mão dele tocou a testa da égua, e o focinho dela encaixou-se no ombro dele. Era claro como o dia que se reconheciam e se respeitavam.

— *Hallo, mein Mädchen* 1— ele a cumprimentou. — Trouxe alguém para te ver.

A égua soltou uma bufada, olhando com aqueles olhos imensos na direção de Emma. Árabes tinham uma aparência bem distinta, e a égua de Dietrich não fugia à

regra: pescoço longo e arqueado, cauda alta, porte nobre. Um exemplo belíssimo da raça.

Emma se aproximou, cautelosa e feliz por estar na frente do animal outra vez:

— Olá, Emma.

As duas se miraram por instantes. Uma, contida e pequena. A outra, poderosa e irrequieta.

— Eu sei, você está com ciúmes — O duque disse alisando de um jeito brincalhão a franja da égua. — Quem é essa moça, outra vez? — Ele repetiu com voz macia, abrindo a portinhola da baia. —

Pequena, com jeito de ser devagar...— Como se cochichasse com a égua, ele concluiu: — Não é o tipo bom para a montaria.

Emma revirou os olhos enquanto Dietrich ria.

Nos próximos minutos, e com habilidade impressionante, ele selou a égua. Sem ajuda ou hesitação, com movimentos precisos e, ao mesmo tempo, delicados. Ele trouxe Emma pelo cabresto até a outra Emma, e parou no meio do corredor.

Olhando para as pernas de Emma, perguntou:

— Está de calças?

— Estou — Emma olhou para baixo também, erguendo apenas um pouco a saia. — Gostei de como me sinto com elas.

— Fico feliz que tenha gostado — ele a olhou com um riso divertido. — Não gosto de selas femininas.

— Por quê? — Emma perguntou.

Eles caminharam lado a lado em direção ao corredor principal, mais largo e iluminado.

— Elas servem a propósitos estúpidos, e são um risco desnecessário às mulheres.

— Por que as acha estúpidas? — Emma ficou curiosa.

Dietrich checkou se estava realmente tudo preso e afivelado à égua, então parou na frente de Emma.

— Cavalgar tem a ver com liberdade. Um retorno ao que há de primitivo e selvagem em nós, a um tempo em que havia menos regras e normas. — Emma o ouvia falar sentindo os lábios formigarem. — Selas, arreios, estribos... nada disso importa. O que importa é você e o animal, e o equilíbrio de um sobre o outro. Selas laterais foram criadas porque os homens acham indecente ver uma mulher sentada como eles. Simplesmente estúpido.

Emma olhou para a égua, pensando a respeito.

— Em nome da decência, colocam em risco o equilíbrio de esposas e filhas. Não que as selas laterais sejam perigosas, elas só são...desnecessárias. Enfim, é a minha opinião. Me recuso a ensiná-la a montar naquela peça medíocre.

Emma sorriu, nem um pouco preocupada se sentaria em uma sela feminina ou masculina. Ela duvidava que na África alguém a julgaria por cavalgar como um homem. As regras absurdas impostas às mulheres europeias pareciam servir apenas para frear o avanço dos direitos femininos.

O duque a ajudou a subir no cavalo, explicando onde colocar o pé. Emma, a égua, deixou-se montar sem reclamação. Parecia confiar no dono, ou não se importar com o pouco peso de Emma. O

duque acalmava o animal com tapinhas amigáveis no lombo, dizendo com voz mansa que estava ali, e estava tudo bem.

— O senhor tem um animal magnífico, milorde — Emma disse alisando a crina sedosa da égua.

— Eu sei. Eles são majestosos em muitos sentidos — ele disse afastando a franja da frente dos olhos de Emma.

— Ela parece compreender o que você diz.

— Eles são extremamente sensíveis a nós. — Ele explicou.  
—

Percebem qualquer alteração de humor ou tentativa de dominá-los.

Olhando para as pernas de Emma, observando como a camurça colava em sua canela e revelava seu formato, perguntou:

— Está firme?

— Estou.

Só então ele puxou a égua.

— Mantenha os pés no estribo, e coloque o peso sobre o calcanhar. — Ele orientou. — Isso. Seu calcanhar deve permanecer para baixo. Vai ajudar no equilíbrio.

Emma fez como ele mandou, mas a égua reclamou.

— Não aperte sua barriga — Dietrich passou a mão por dentro da perna de Emma para afastá-la da barriga do animal. — Árabes respondem rápido aos nossos movimentos. Ela sentiu que você está tensa. Não precisa, eu estou aqui.

Emma olhou para baixo, vendo-o retirar a mão de sua panturrilha. Ela também se sentia bastante sensível e responsiva, e seria impossível relaxar com ele ao lado.

Nos próximos segundos ele andou com ela pelo estábulo, indo e vindo enquanto explicava o nome das partes do complexo aparato que compunham as selas, e como segurar nas rédeas e acompanhar o trote do animal.

— Desde quando criam cavalos? — Emma perguntou, sentindo-se observada pelas cabeças que acompanhavam em silêncio e com tranquilidade o ir e vir pelos corredores.

— Há gerações. Quando fui convocado para a guerra, não aceitei o cavalo que o exército havia escolhido para mim. Levei Emma até meu comandante, e ela passou por todos os testes e provas até ser liberada. — Ele a olhou. — Não sei se sabe, mas foi ela quem me salvou. Quando tombei sobre ela, ela sabia que precisava me levar de volta para a tropa. Suportou os tiros cruzados zunindo sobre a cabeça, galopou com constância e me entregou a segundos da morte para a equipe médica.

Emma olhou com o coração apertado para a forma como o duque acariciou a cabeça do animal, engasgada com o pensamento de que ele estava ali, mas por muito pouco poderia não estar. Foram os laços genuínos com aquele animal que o salvaram.

— Os beduínos criaram os cavalos puro-sangue para a guerra.

Descobriram logo a inteligência, velocidade e solidez desses animais. Mas, ainda mais valiosos que os cavalos eram as éguas.

Elas se moviam mais silenciosamente pelos campos. Avançavam com menos estardalhaço e mais diligência. Emma é um animal criado para a guerra.

O duque beijou o focinho da égua, e Emma, a dama, sorriu.

— Acho que não vai querer me beijar outra vez esta noite, estou certo? — Dietrich olhou para cima. O coração de Emma voltou a palpitar, ansioso.

— Oras, e eu quis beijá-lo mais cedo? — Ela fez questão de responder.

Seu corpo inteiro latejava sim, sim, sim, enquanto ela empinava o nariz fingindo que não.

— Eu também gosto dela — Ele cochichou no ouvido da égua.

— Embora, se você me desse coices como ela, eu já estaria morto.

— Eu estou ouvindo — Emma avisou. — E não costumo dar coices no senhor. Só quando merece. — Emma alisou a crina da

égua, inclinou-se e cochichou perto do ouvido do animal: — Nunca achou que ele merecesse algum?

Dietrich voltou a andar com as duas, maliciosamente satisfeito.

Emma precisava dar um jeito de parar de sorrir, ou pelo menos disfarçar que gostava dele. Não de tudo, claro. Alguns aspectos de sua personalidade, ela não sabia direito quais, e absolutamente tudo em sua aparência.

— Os beduínos tinham tanto medo que seus animais fossem roubados, que os colocavam para dormir dentro de suas tendas —

Dietrich falou olhando para cima. — Isso acabou estreitando a relação entre eles e a nossa espécie. Quer tentar agora do lado de fora, sozinha?

O corpo de Emma retesou pela ideia.

— Ela não vai empinar, ou sair galopando?

— Não, se deixar que ela a conduza. Ela foi muito bem treinada.

O duque explicou que cavalos árabes demonstravam imensa inteligência e talvez, por isso, resistissem a comandos, especialmente aqueles vindos de treinadores ruins ou abrutalhados.

Emma pousou a mão no pelo do animal, estranhamente tocada pela informação. Eu também resistiria, pensou.

— Por mais que os treinemos, algo dentro deles permanece indomável.

— Não permanece dentro de todos? — Emma o questionou.

O duque sorriu, sem responder. Ele parecia querer acreditar que sim.

Andar sozinha a cavalo foi para Emma uma experiência mágica, tanto linda quanto aterrorizante. Emocionou e engrandeceu a noite, e Dietrich podia ver o resultado no rosto dela. Ela se portou de maneira perfeita sobre o cavalo, e arriscou até um rápido trote; pareceu sentir o mesmo vazio que ele ao descer do cavalo, como se abandonasse um lugar de calma. O céu negro salpicado de estrelas, o frio cortante, a conversa agradável... tudo se uniu para criar o momento perfeito. E assistir Emma, a dama, desafiando seu pequeno mundo com beleza e fragilidade, causava coisas estranhas no peito de Dietrich.

Ele fez questão de segurá-la pela cintura ao descê-la, porque estava fascinado pela delicadeza de suas curvas. Observou-a

corada e sem palavras, desejando absorver tudo que poderia sair dela com a própria boca. Com um beijo único e arrebatador, daqueles que seguiam infinitos, até levarem a outros lugares.

Estava atormentado por ela desde o quase beijo na galeria. Suas partes íntimas doíam, dando-lhe novas provas de vida. Elas pediam ação, mas qualquer ação com ela parecia impossível.

— Obrigada pela experiência, milorde — Emma agradeceu dando um delicado passo para trás, esquivando-se dele. — Foi inesquecível.

— Parte do nosso acordo — ele disse levando Emma até a baia e trancando-a lá dentro. Quando voltou, a senhorita Thiessen já havia ajeitado o cabelo e alisado as pregas do vestido, aparentando a distinção de antes. — Acho que ela gostou de você.

Mil lampejos refletiram na íris escura de Emma, iluminando seu rosto inteiro.

— E eu, dela.

Dietrich pensou em comentar que ela ficava linda quando sorria, mas não conseguiu.

— Ela tem dessas coisas — ele disse, ao invés. — Gosta de algumas pessoas, mas não de outras.

— Sinto-me honrada.

Emma apertava uma mão na outra, nervosa com a proximidade agora que o que os tinha levado ali tinha acabado. Ela parecia querer partir e ficar, as duas coisas ao mesmo tempo. Dietrich não queria que ela fosse; precisava entender porque reagia a cada frase dela. O que seu corpo estava lhe dizendo, que ele não entendia?

— Ela não gosta, por exemplo, do meu irmão Theodor — ele comentou.

— Seu irmão deve vê-la como um animal limitado — ela respondeu.

— Ele também me vê como um, mas gosto dele.

— Tenho algo em comum com o seu irmão.

Quando ela sorriu, ele precisou de todo autocontrole - ele tinha algum - para não mandar tudo às favas e atacá-la.

— Foi realmente uma aventura — Emma olhou para os cavalos que os observavam, sabendo que era hora de entrar. — Não quero abusar da sorte. Preciso entrar antes que nos vejam juntos.

— Mal vejo a hora de encontrá-la amanhã, Srta. Thiessen — a frase saiu de Dietrich em um rompante, como um soluço impossível de segurar.

— Eu sei. Será minha vez de ajudá-lo.

— Mal conseguirei dormir — ele confessou.

Os dois começaram a caminhar em direção ao castelo. O frio era tanto que Dietrich tirou o casaco e colocou sobre os ombros dela, sorrindo ao vê-la se assustar. Ela agradeceu

em um murmúrio, e continuaram devagar, aproveitando o silêncio absoluto e a companhia um do outro.

— A senhorita está preocupada com o que conversaremos?  
—

Dietrich perguntou.

— Um pouco.

— Pois confesso que essa noite fiquei preocupado também.  
—

ele disse. — Sei que quer algo em troca, e não apenas aprender a montar. Às vezes me pergunto o que quer.

— Nada que não possa resolver com uma conversa — ela respondeu.

Ele não acreditou nela.

— A Srta. está sempre a um passo adiante — ele a observou. —

Devo me preocupar?

Ela olhou para Solitude, que crescia contra o horizonte, e sorriu de lado:

— Está com medo que eu faça algo e acabe forçando-o a casar-se comigo?

O duque soltou uma risada.

— A senhorita seria capaz disso?

— Vamos ver se é esperto o suficiente para adivinhar a resposta

— ela respondeu, extraíndo dele um sorriso.

— Não — ele pensou antes de responder. — Não acho. A Srta.

tem suas paixões, e o casamento não é uma delas.

— Vossa Graça está absolutamente certo — ela disse, apertando o casaco dele ao redor do corpo. Ele poderia jurar que ela roçou o nariz no tecido e cheirou.

— Acho, inclusive, que sua paixão possa estar relacionada à botânica — Dietrich a olhou de esguelha. Uma sensação estranha endureceu seu interior, e ele teve vontade de soltar um comentário

mordaz sobre a aparência do botânico à mesa. Ele ainda não sabia porque ela parecia tão interessada naquele homem.

— Não exatamente. Mas o senhor tem razão. Tenho algumas paixões.

Ele aguardou que ela dissesse quais eram.

— Gosto de desenhar. Desenho bem, na verdade. Gosto de sentar do lado de fora, nos parques, e notar as pessoas. Gosto de desenhar as plantas para entendê-las. Gostaria de desenhar o mundo inteiro — ela deu de ombros, como se soubesse que era uma ideia tola. — Na verdade, meu interesse pela conversa à mesa estava na África. Quero um dia viajar para lá.

Ele a ouviu em silêncio, concentrado na grama verde do caminho. Jamais esperaria ouvir aquilo de uma moça, especialmente de uma criada na cidade. Dietrich sabia que a pergunta sobre suas próprias paixões viriam em seguida,

e tentava pensar em alguma. A verdade? Ele não sabia o que responder.

Desconfiava que não tinha nenhuma. Além da sua égua, seu último ano fora vazio de paixões. Ele não se interessava por assuntos burocráticos, não queria saber do exército e só tinha cabeça para pensar em um único assunto, até o bendito dia do baile.

— E as suas, quais são? — ela quis saber.

— Não sei — ele respondeu, honesto. — No último ano não tive cabeça para elas.

— Bem, para uma delas, talvez — ela brincou.

— Como o reino inteiro bem sabe qual.

— "Um homem em busca de uma ereção" — Emma suspirou. —

Não é possível que sua única paixão seja uma parte da sua anatomia.

— Oh, Deus — ele a olhou — A senhorita faz a minha busca soar épica.

— Épica? Eu diria degradante até o tutano dos ossos.

— Épico ou degradante, o fato é que estamos progredindo. A senhorita disse a palavra.

Emma riu.

— É verdade. Mas o senhor não me deu alternativa. Estragou a palavra animação, e agora, toda vez que alguém diz que está

animado, penso no senhor. É melhor mesmo chamar as coisas pelo nome que elas têm.

— Ouvi a palavra "animado" hoje durante o jantar e tive vontade de rir. Mas fico feliz em saber que, naquele momento, a senhorita pensou em mim.

Eles se aproximavam da entrada, para a tristeza de Dietrich. Ela entraria e ele não conseguiria dormir. Sua vontade é que o reino e suas regras imbecis explodissem. Queria propor algo sujo a ela; queria poder segurá-la como segurava as mulheres que se entregavam para ele, e enroscar-se na cama entre seus braços e pernas. Estava meio obcecado em saber como ela era debaixo de toda aquela roupa. E interessado em saber de onde estava vindo toda aquela fome por ela. Do beijo? Ele não sabia direito. Em grande parte, estava carente de corpos femininos, de trocar o sono por movimentos rítmicos e gemidos, de sentir o gosto de um corpo e retribuir a entrega com vigor e potência. No último ano, havia transformado sua impotência em uma missão. Precisava curá-la para voltar à vida que levava antes. Que tivesse reagido justamente a ela o deixava desnordeado. Seria possível reagir a uma única mulher? Embora adorasse que a mulher fosse aquela, ele queria mais. Queria outras.

Não queria?

Não no momento.

— Preciso confessar uma coisa, senhorita Thiessen — eles pararam na frente da enorme porta de madeira, sob um teto coberto de videiras. A escuridão era tão grande que ele mal via os detalhes de seu rosto, apenas sua silhueta. As palavras saíam de sua boca envoltas em uma névoa fina. —

Hoje enxerguei algo sobre mim que não fui capaz de ver antes.

Ela inclinou o rosto, sem entender.

— Amo que a senhorita tenha paixões. Que sabe quem é, o que a move, e que tenha me mostrado como sou vazio delas.

A realização daquilo foi como uma luz se acendendo na escuridão. Ele piscou, vendo com clareza o que estava acontecendo com ele.

— O conselho que me deu mais cedo me ajudou a ver isso.

— Que eu dei? — Ela perguntou. — Qual conselho?

— Sobre a importância de observar as minúcias. Eu não fazia ideia de como era ruim nisso.

— O senhor é homem, milorde — ela riu, retirando o casaco dos ombros. — Vocês são todos ruins nisso.

Dietrich pegou-se olhando para o casaco que ela apertava junto ao peito, sentindo o cheiro floral levantar no ar. Emma estava agora impregnada em cada fibra daquela peça, e ele achava simplesmente fascinante que havia conseguido notar aquilo.

— Há, realmente, sensualidade em tudo — ele disse voltando a olhá-la. — Nos últimos meses, estive tão preocupado com a minha impotência que deixei de enxergar. Se me perguntar como foram as estações do último ano, não saberei dizer. Que acontecimentos marcaram o país, não saberei responder. Acho que acabei de descobrir o que a faz tão especial.

Eles se encararam por um longo tempo, até que as mãos de Emma virassem pouco a pouco delicados punhos.

— Está tarde para investidas, Milorde. — A voz dela chegou baixa. — Concordei em ajudá-lo a entender seus desejos, não me transformar no objeto deles.

— Não vejo como essa linha possa continuar existindo, senhorita. Não depois do beijo de hoje.

Emma grunhiu algo sobre não ter sido propriamente um beijo, e Dietrich fez uma nota mental de que precisava resolver aquilo. No momento, a prioridade era diminuir a distância entre eles. Ele nem acreditava que havia ligado sozinho o motivo do despertar de pequeno Dieter a Emma. Era a paixão o seu problema. Isso explicava porque mulheres mais bonitas e bem mais aristocráticas sequer lhe faziam cócegas, e ela inflamava seu mundo. Com ela, ele se sentia vivo outra vez. Envolto em vapores e obcecado por máquinas e pistões.

Ele se adiantou, mas ela espalmou seu peito com firmeza.

— O que está fazendo?

As mãos de Dieter seguraram seus pulsos, empurrando-a gentilmente contra uma parede de pedra.

— Não ouse me beijar outra vez — Emma se agitou, tentando se soltar. Ah, ele ousaria, sim. Ele aproximou o nariz dela, sentindo seu

cheiro. Era normal sentir-se atraído pelo vinco na testa de alguém?

Pela boca que parecia segurar um milhão de maledicências?

— Sei, agora, o que vi em você — Ele disse, inclinando-se sobre ela, eclipsando-a com sua própria sombra.

— Em breve não verá mais nada, seu atrevido, porque não terá olhos — ela lutou mais um pouco, mas ele a firmou com a coxa contra a parede. Ela arregalou os olhos ao sentir a elevação em sua calça.

— Gostaria de propor um novo acordo, senhorita — ele disse, rouco. — Um que afrouxa largamente as regras sobre contato físico.

— O senhor não tem o menor cabimento — Ela parou de lutar só um pouquinho.

Dietrich fechou os olhos, sorrindo ao sentir o membro latejar dentro das calças, aliviado por saber que estava curado. Afundando o nariz no pescoço alvo, ouvia-a dizer, fraca, que morderia sua orelha. Ele riu, mas por segurança se afastou.

— Como posso convencê-la dos absurdos que desejo propor?

Seus olhos imploravam pelo mesmo desejo nos dela. Ele deveria ter vergonha e se afastar. Deveria pensar na reputação dela, mas estava envolvido demais com a sensação deliciosa de sentir o membro ereto depois de um ano de sofrimento murcho.

Ela soltou um gemido quando a língua dele encostou seu pescoço. Era como sentir o gosto de uma iguaria nova, uma que tinha ao mesmo tempo a doçura do açúcar, a picância do ruibarbo e a ardência da pimenta. Ele a lambeu, lenta e provocadoramente, da base da orelha até a clavícula, e os pulsos de Emma relaxaram. Ela se encolheu, começando a tremer.

Ele precisava parar de se perguntar coisas sobre ela. Como seria o formato de seus seios, por exemplo. Desde cedo só pensava neles. Era degradante e excitante, duas coisas distintas misturadas no mesmo frasco, sob o mesmo rótulo. O corpo dela respondia ao dele, enviando sinais opostos e complexos: se ele a soltasse, ela bateria nele. Se continuasse, ela o beijaria. Ele optou por continuar com seus pulsos presos ao lado do corpo. Lentamente ele colou a virilha à dela, observando suas reações.

— A senhorita já foi beijada antes?

Ela fez que não.

— Gostaria que seu primeiro beijo fosse comigo? — ele perguntou.

Ela olhou para cima, os olhos imensos nos dele, e fez que sim.

Ambos concordaram, então, que precisavam se beijar.

— Só um beijo e nada mais — ela avisou. — Ou eu o machucarei.

Ele inspirou fundo, dando à frase sentidos absurdos.

Então, enlaçando-a pela cintura, obedeceu.

**1** Minha garota



2 1

Q

, cansada de não conseguir viver as mesmas aventuras que as irmãs, Emma decidiu vivê-las ao seu modo.

Retirou um livro pouco usado da estante alta, sentou-se no canto da biblioteca, onde uma faixa de sol incidia, e folheou-o em busca de imagens, ignorando ao fundo as risadas no jardim. As outras crianças tinham pernas e fôlego, mas seu mundo tinha asas. Elas até podiam correr, mas ela voava. Com o tempo, acabou acostumando-se com aquilo, deitando-se à tarde sobre o tapete persa, acompanhando os filetes de luz que cortavam a biblioteca como espadas. Folha a folha, montou um mundo colorido dentro do corpo fraco. Passou a amar a imagem que fazia do mundo dentro da mente, um substituto feito sob medida para sua criatividade. Com a satisfação tirada da leitura, deixou de ir ao médico toda semana e parou de se entristecer por não poder correr. Entendeu que alguns dariam tudo por saúde, mas ela daria tudo para continuar lendo.

Tudo que ela precisava saber sobre seu problema ela sabia: seus pulmões operavam com capacidade diminuída. Ela precisava limitar seu esforço e não se meter em situações que a fizessem perder o ar

— como caminhar, correr ou pular.

Ela nunca havia imaginado que beijar estaria entre as situações.

E que toda aquela leitura não a havia preparado para um simples beijo.

Em seus sonhos mais secretos, ela beijara antes, mas não assim. Sua imaginação tinha limites, e, ela percebia agora, falhas.

Assim como os livros de Lady Malícia.

Onde estava a riqueza de detalhes do querer e do não querer, igualmente fortes? Da briga interna dentro da cabeça, que deixaria uma briga de taverna parecendo um argumento leve? Com a sensação de estar firmemente segura nos braços fortes de um

homem que achava igualmente belo e irritante, e que a deixava confusa e perdida entre o que era desvirtuoso e excitante?

Como algo podia ser tão bom e igualmente ruim?!

O toque dos lábios era terno, ao contrário da força das mãos. Os dedos a apertavam, como se quisessem senti-la sob o vestido, em uma demonstração de posse, exploração e contenção. Seus dedos conversavam com sua carne sobre tudo; queriam possuí-la mas também poupá-la — e se Emma entendia pouco do que estava acontecendo, as mãos de Dietrich pioravam a confusão. Ela se remexeu de forma sinuosa, tentando escapar do desejo indesejado, mas ele a firmou no lugar, mandando um recado: se tentar fugir, não vou deixar.

O coração dela batia tão rápido que mesmo a delicadeza do toque de bocas permitia senti-lo. Talvez, por isso, ele tenha esboçado o sorriso. O roçar dos lábios fazia seu perfume passear em torno das narinas. A temperatura do rosto a impregnava de calor e deixava suas pernas flácidas. Era inverno, mas não entre eles —

e, definitivamente, não dentro dela.

Dietrich deslizou a língua pelos lábios dela, pedindo com imensa delicadeza que os abrisse. E ela abriu, em meio a uma onda de calor, sentindo o corpo ganhar vida como tinta em uma tela. Emma não fazia ideia do que línguas faziam quando se encontravam; sentiu-se invadida quando a dele achou a dela e se contorceu, levando-a junto. Foi quente, errado, íntimo. O perfume doce e alcoólico do conhaque dentro dela, o beijo a fazendo pensar em coisas úmidas e escorregadias tropeçando e se amparando no escuro.... Livro algum trazia aquele nível de detalhes, e mesmo se trouxessem, como conseguiriam descrever a umidade daquela parte do corpo? O cheiro de limpo misturado com o cheiro de boca, a temperatura erótica de uma língua humana? As mãos de Emma apertaram os antebraços do duque para que parassem de tremer.

Ele fez que não com a cabeça, que não precisava tensionar o corpo ou ameaçar fechar os lábios, que beijos eram mais profundos que aquilo, e que tremer seria bom.

Que ele, em meio àquele transe desamparado, a mostraria o quanto.

Dietrich embrenhou os dedos sob os fios do cabelo de Emma, forçando de leve sua cabeça contra a dela. Então, sim, sua língua a tomou inteira - boca, peito e alma. Ela se sentiu novamente em um salão de danças, errando os

passos. Tropeçando em solo instável, contando com o apoio inexistente que o epicentro de um terremoto podia dar.

Ele a abraçou, como se soubesse que ela precisava ser amparada, e a segurou para provar que beijos podiam ser dados sem ensaios. Ajustou-se a ela, peito no peito e coxas nas coxas, soltando um gemido. O rosto dele se ajeitou, nas sombras, o nariz de ambos encontrando o ângulo certo para que a mão emoldurasse a face.

Emma estava sendo beijada. Apropriadamente beijada.

Com o coração aos solavancos, Emma entendeu logo que Dietrich sabia o que estava fazendo. Ela poderia despencar dentro dele que ele a seguraria.

— Emma — ele sussurrou dentro de sua boca antes de se ajeitar outra vez, mexer as mãos, colher as costas, imprensá-la mais firme até ela desconfiar que ele iria matá-la de falta de ar.

Eram sensações escandalosamente boas. Tão sensuais quanto ela imaginava ser o sexo. Se um mero beijo era assim, como seria o ato?

Emma gemeu baixo. Não era possível que pontos diferentes do seu corpo palpitassem e latejassem, como se com dor. Um tango, era o que aquilo era — ora um vinha, outro recuava, e vice versa.

Ela contornou os braços fortes com as palmas, inclinando o tronco para frente. Era só um beijo e não era, e ela estava começando a gostar de toda aquela dualidade. Ela estava desrespeitando regras.

Mas estava tarde e ninguém ficaria sabendo - só ela e ele. Ainda assim, era uma transgressão incrivelmente tentadora.

As mãos do duque desceram para os seus braços fazendo seu coração bater mais rápido. As línguas adquiriram um ritmo mais profundo. A alteração da respiração foi inevitável, mas ela não permitiria que sua asma a afastasse dali. Não naquela noite.

Emma não sabe de onde veio a ideia — não tinha vindo do cérebro, talvez de um dos pontos palpantes do corpo — , mas ela decidiu que queria senti-lo sem luvas. Pele na pele. Queria poder se

lembrar daquele toque quando se deitasse na cama e fechasse os olhos. Por isso ela deslizou as mãos até as dele, e, com gestos lentos e delicados, puxou um a um o tecido que envolvia seus dedos. Ela definitivamente não devia fazer aquilo, mas seu cérebro não conseguia mais acompanhar o corpo. Ou controlá-lo.

Havia, de fato, algo selvagem no fundo do coração dela.

O duque se afastou para assistir sua luva sair. Seus olhos escuros eram uma armadilha. Uma que ela entrava lentamente, com a força das vontades. Sem a cautela exigida pelos perigos, ou obediência às normas.

Ela puxou a do dedo mindinho, do anelar e do pai de todos. Tirou o indicador e o polegar, e a camurça saiu da mão morena e masculina.

Ele tomou a luva de sua mão e a colocou no bolso, estendendo a outra até ela. Ela repetiu o gesto, sorrindo de leve para o canto repuxado de sua boca. Era um miserável. Teria sido bom manter a dignidade e não sucumbir às loucuras daquele homem, mas havia um lado dela que nem ela mesmo conhecia — e esse lado não parecia se importar com a dignidade. Assim que terminou, ela entregou a luva para ele, escorou o corpo na pedra e aguardou.

Era um convite. Sem luvas, dessa vez.

Ele murmurou alguma coisa que parecia, de longe, um palavrão, e no instante seguinte ele estava inteiro nela outra vez — peito, coxas, boca. Mãos quentes e macias deslizavam sobre sua pele, fazendo-a sentir exatamente o que ela imaginava sentir, só que melhor. Ele acariciou a pele do rosto. Os polegares correram gentis para cima e para baixo, ao lado da boca, enquanto os dedos imensos alcançavam a linha do cabelo. Eles encontraram caminho pelos fios, afrouxando sua trança. As sensações eram incríveis e intensas, e disparavam tremores constrangedores por Emma.

Ele era pesado, assim encostado nela, pressionando-a contra a parede. Embora fosse insuportavelmente delicioso sentir seu peito, ela temia que ele achasse que o beijo escalaria para algo mais. Ele não seria louco. Seria?

Claro que ele seria.

As mãos desceram pelo pescoço, encontrando a barreira de rendas e fitas da gola. Sem que ela sequer notasse como, um botão

saltou da casa e liberou centímetros de pele intocada.

— Milorde? — ela levou a mão até a gola, mas ele a abaixou.

As mãos dele voltaram a abraçar o rosto de Emma. A boca estava entreaberta, o rosto moreno à distância da respiração.

— O que foi? — Ele perguntou baixo, fechando os olhos e deslizando a pele áspera da bochecha na dela, fazendo-a

sentir fagulhas crepitarem pelo corpo inteiro. Oh, Deus. O que viria daí não podia ser bom, mas era.

— Não estamos indo longe demais? — Ela perguntou ainda sentindo o nariz arrastar no dela e se afastar.

— Não — ele assegurou, sem interromper nada.

— Foi uma pergunta retórica — ela espalmou seu peito, afastando-o. — Estamos indo longe demais.

— Não chegamos nem na esquina de onde podemos chegar —

o maldito inclinou a cabeça e depositou um beijo entre o queixo e a escápula de Emma, fazendo-a se contorcer. Ela o empurrou outra vez:

— É claro que não chegaremos onde o senhor quer, sabe lá onde esse lugar fica — ela usou os joelhos para ajudar as mãos a afastá-lo. — Não tem medo que eu saia por aí dizendo que o senhor me beijou e me comprometeu? — Ela o olhou para lembrá-lo que aquilo poderia ocorrer, e seria realmente assustador. — Eu poderia forçá-lo a se casar comigo. Já imaginou?

Se isso não esfriasse os ânimos do duque, nada mais esfriaria.

O duque se afastou por um segundo, pensou a respeito e fez que não, que não tinha medo, e voltou a encostar o peito no dela, procurando sua boca outra vez.

Ela o xingou, e não foi em pensamento, em seguida o enlaçou outra vez. Diabo de situação estranha. Ele a queria mole e entregue? Pois ali estava ela, sem ânimo sequer para brigar com ele. Todo aquele aborrecimento durante o

jantar havia feito algo dentro dela crescer e se espalhar. Lembrava tanto fome quanto raiva, e a deixava inquieta como as duas coisas costumavam deixá-la. Por isso, quando Dietrich a beijou outra vez, como se tivesse entrando em uma segunda etapa, ela sentiu o corpo desistir de relutar. Ele grunhiu, soltando sons de ajuste e deleite, e ela deixou que seus corpos se colassem.

Foi a segunda vez que ela o sentiu.

Superexcitado, em chamas, cada avanço provocando faíscas que a chamuscavam bem ali, entre as pernas deles.

Ela respondeu ao beijo que agora exigia mais dela. Mais fôlego, mais entrega, mais proximidade. Sentia o peito lutar para entregar o que ele pedia, mas, temia, logo não poderia entregar mais porque seu ar sumia à medida em que ia sendo pressionada contra a parede.

Foi quando as mãos agora nuas do homem deixaram a cintura e moveram-se para a altura de seu coração. Um coração que parecia ter entrado em um estado de loucura sem volta. Ele ecoava pedindo clemência ou atraía o duque para mais perto?

Ela sabia onde as mãos parariam. Sentia sua força, seu caminho arrastado pelo vestido, sentia que ele a tateava em busca de seus seios, e só de pensar nisso ela esquentava.

— Emma — Ele largou sua boca pra dizer, e disse já perto do ouvido, onde sua língua achou a pele quente e macia. Ele afastou a gola do vestido aberto e ela se curvou, estremecendo pelas cócegas. Ele estava sorrindo. Estava achando graça daquilo.

Ele continuou a depositar beijos castos no pequeno espaço que a gola desabotoada permitia. Um, dois. Ela sentiu algo se afrouxar, e os beijos continuarem: três, quatro. Sua blusa estava agora aberta, revelando a musselina e a borda do espartilho.

Seu peito subia e descia, e o duque se afastou só o suficiente para olhar o que o atrevimento de seus dedos havia revelado.

Emma olhou para baixo também. Ela ofegava bem mais do que gostaria. Ela não estava mais conseguindo respirar. Por causa da asma? Ou por que dentro dela ardia uma chama alta?

Ela estava para cometer um ato de pura luxúria, um gesto sem amor. E ainda que a ideia a horrorizasse, era mais forte que ela. Ela queria. Queria tanto quanto ele, que corria o dedo grosso e moreno pela borda do tecido fino, sobre a pele que elevava os montes delicados dos seios. Ela engoliu a saliva, sem palavras.

A conversa na galeria voltou à cabeça. Ele queria sentir sua textura, ver seu formato, sentir seu peso? Certamente ele queria segurá-los — suas mãos estavam prontas. Mas ele queria mais. Ele roçou a virilha estufada nas coxas dela, voltando a beijá-la, mas

assim que seus lábios colaram e o mundo escureceu pelos olhos fechados, Emma sentiu os dedos dele invadirem a borda do colete e o abaixarem.

A estrutura do espartilho, sempre tão justa e incômoda, desceu, liberando seu ar. Ela ofegou, e o beijo embruteceu. O abraço que ele deu a deslocou do lugar. Ela agora estava presa a ele, contra a parede, o joelho dele a suspendendo por cima do vestido, entre suas pernas.

— Isso... é... loucura — ela falou sentindo sua boca ir e vir, beijando-a na boca, rosto, pescoço. Logo suas mãos se fecharam ao redor de seus seios, e a claridade da lua voltou ao seu rosto. A cabeça escura do duque descia pelo seu corpo, depositando beijos por onde passava. Clavícula. Curva do pescoço. Ombros.

Emma segurou os ombros musculosos sem saber se o segurava ou empurrava. Aquilo era tão obsceno. Então os dedos de Dietrich se engancharam na borda da camisa e a puxaram para baixo, sem aviso, liberando a pele da proteção do tecido.

O ar frio do inverno envolveu a pele morna, expondo os mamilos duros e franzidos para ele. Aquele homem a estava despindo do lado de fora do castelo, estava agora olhando seus seios, em breve os tocaria e tudo que Emma sentia era uma vergonha absurda misturada a uma vaga noção do quanto aquilo era errado. Ela deveria pará-lo, mas não conseguia.

Ela fechou os olhos, entre a vergonha e o prazer, sentindo a ponta rija do mamilo encontrar abrigo na boca experiente do homem. Seu corpo amoleceu, sem forças, e ela contorceu as pernas. O toque sedoso da língua morna logo se transformou em sucção. Lenta, pecadora, profana... Uma sensação de profunda angústia misturou-se a outra, tão mais sublime, que seu interior cintilou. Emma agarrou o cabelo sedoso e brilhante do duque e encostou a cabeça na parede, contendo a vontade de gemer.

Gemer alto. Não se afaste e afaste-se brigavam dentro da mente.

Ela fechou os olhos, sentindo as sucções lentas alternarem com lambidas úmidas e darem vez a sugadas vigorosas.

Seus dedos escorregaram pela cabeça, nuca e costas do homem, enquanto ele largava o peito direito e procurava o outro com a boca. Ao olhar para baixo e ver a parte do seu corpo vermelha, pontuda e molhada,

Emma começou a arfar. Desejo, falta de ar, era tudo a mesma coisa.

A explosão de sensações a havia deixado parálitica, muda e insuportavelmente molhada. Dietrich se levantou e a olhou. Seus seios entre as mãos. Os bicos molhados entre os dedos, o ar gelado e a pressão fazendo com que doessem. O homem sentiu seu peso, afiando os olhos, como se a provocasse: está lembrada da nossa conversa, hoje, na galeria?

Emma pensou em perguntar como poderia um dia esquecê-la.

Mas a provocação de Dietrich continuava: ele queria que ela o tocasse. Ele continuou a massagear os bicos intumescidos com os polegares enquanto aproximava a virilha da dela. Por que você é tão bonito? Tão desavergonhado e irritantemente hipnótico?

Pouco a pouco, a expressão no rosto dele mudou. O desejo abandonou sua expressão e foi tomada por outra, de preocupação.

— Você está respirando com dificuldade — ele parou a carícia.

— É prazer ou asma?

— Asma — Emma empurrou sua mão. Era mais fácil dizer que era doente do que admitir o quanto estava sentindo prazer.

Ele sorriu, deslizando carinhosamente as mãos até o pescoço dela. Ela segurou seus punhos, procurando forças para se afastar.

— Ultrapassamos mais limites do que deveríamos essa noite, milorde — Emma limpou a garganta, lentamente trazendo a camisa de musselina ao lugar. O ar gelado não era bom para a sua saúde.

Nem o duque.

— Se me deixar, posso ultrapassar mais alguns — Ele respondeu com aquele ridículo sorriso de lado.

De maneira cavalheiresca ele a ajudou a subir o corpete de volta ao lugar, e abotoou cada um dos botões de sua roupa. Estendeu-lhe ainda seu casaco, e Emma deixou que ele a envolvesse com a lã perfumada e macia, enquanto sentia o perfume masculino penetrar as narinas. A garganta arranhava mais do que deveria, e a respiração entrava ardendo nos pulmões.

— Vamos entrar. — Ele investigou-a, as mãos ainda nela. —

Estou preocupado com a senhorita.

— Não é nada.

— Isso quer dizer que quer continuar? — Ele fingiu animação.

Ela poderia chutá-lo. Provavelmente seria mais seguro machucá-lo que fazer a segunda coisa que queria — e não era machucá-lo.

— É melhor não abusar da sorte — ela disse baixo, alisando freneticamente o vestido.

— Sim, é claro. No mais, preciso da senhorita saudável para discutir comigo, amanhã.

Ela mal conseguia encará-lo. Sua pele ardia, vermelha e quente, como se a febre que fatalmente se abateria sobre ela já tivesse começado.

Dietrich abriu a porta e conferiu se o hall escuro estava vazio.

Estava. O silêncio naquela parte isolada do castelo era completo, e nem mesmo os criados circulavam por ali.

Emma virou-se.

— Obrigada pelo...

—Beijo? — ele completou por ela.

— Onde já se viu, uma dama agradecer por um beijo? — Ela o olhou com uma carranca. — Obrigada por ter me levado até Emma!

— Embora tenha sido mais que um beijo — ele disse, dando de ombro.

— O senhor deveria ser mais responsável, se abjeta tanto o casamento — ela reclamou. — Despir damas do lado de fora da própria residência pode colocá-lo em uma situação complicada.

— Podemos continuar dentro da residência, se o problema é o lado de fora.

Emma olhou para ele, sem entender como podia se sentir atraída por aquilo. Justo ela, que se acreditava tão sensata.

Era o charme irresistível daquele homem de pele morena, ela se convenceu. Ele ofuscava seu bom senso.

— Sua frase sequer merece resposta, milorde.

Ela se virou para a escuridão, disposta a correr dele, mas não conseguiu dar dois passos. Mãos fortes a seguraram por trás, trazendo-a para perto, e uma boca experiente começou a explorar seu pescoço. Emma fechou os olhos, sentindo os dedos correrem sua cintura e sua barriga, em seguida alisarem seus seios por cima da roupa.

— Não vá — ele pediu.

Ela se desvencilhou dele, chocada com sua sem-vergonhice.

—

Pare já com isso!

Ele colou o corpo ao dela, cada curva do corpo forte adequando-se às suas, montes e picos perfeitamente ajustados, como recortes de uma mesma matriz.

— Por quê? — A voz dele chegou em um sopro, erguendo os pelinhos de sua nuca e braços.

Por quê? Esse homem estava sendo irônico?

Porque ela era mulher, solteira, uma moça de família. Porque um comportamento errado decidiria seu futuro inteiro. E porque amanhã ele estaria atrás de outra enquanto ela traria as lembranças daquela noite como uma cicatriz na pele.

Mas não era dada a culpar-se sozinha, nem sentia medo de culpar quem a rodeasse: ela era culpada, mas a analogia com a égua foi inevitável. Assim como Emma, ela também

fora domada por treinadores experientes, e esses domadores a vigiavam, como faziam com cada mulher do mundo.

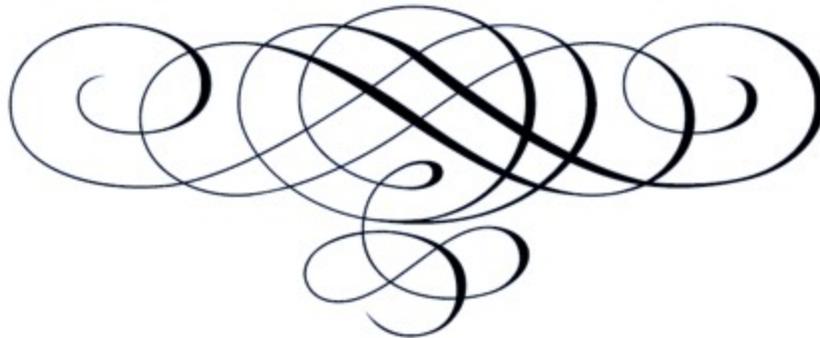
Os vigias eram muitos e estavam sempre próximos.

— Boa noite, Milorde — Ela despediu-se dele ali. Não conseguiria, nem se tentasse, olhar em seus olhos.

— Boa noite, Emma.

Ela o deixou sentindo a metade de si entorpecida, incapaz de pensar. A outra metade tremia de medo e vergonha, mas ainda assim desejava ficar.

Assim que ela virou à esquerda e sumiu das vistas de Dietrich, saiu correndo pela escadaria como se corresse do próprio diabo.



2 2

D

na poltrona da biblioteca, trazendo o conhaque à boca. Sua blusa estava desabotoada, sua calça frouxa na cintura.

Seu membro doía dentro dela, frustrado. O que acabou de acontecer lá fora? De onde veio aquele fogo, a tempestade que varreu seu juízo e o dela, o decoro e o bom senso?

Decoro e bom senso dela, no caso, porque esses dois últimos ele não tinha.

Ela o desejava?

*Que perigo.*

Que ele a desejasse em retorno, no entanto, era ainda mais perigoso.

Dietrich não se aproximava de virgens, não importa o quanto a corte costumava maldades à sua pessoa ou inventava boatos pestilentos. Ele aceitava as brincadeiras sobre desvirtuamento de moças corretas e até dava risadas, mas há anos não se relacionava com elas. Que se lembre, houve um ou dois casos no começo de suas desventuras, e ambas as moças virgens eram casadas.

Virgens eram um problema desnecessário. Ele não precisava delas — e nem gostava, para falar a verdade. Vinham com um anel embutido na aventura, com chororôs pós-ato e pais assustadores.

Para um solteiro convicto, amante da esbórnia e de fins de noite na companhia do álcool, uma esposa chateando-o sobre assuntos domésticos, vestida de touca e camisolões cheios de lacinhos e frufus era a sua visão particular do inferno.

Ainda assim, alguma coisa em Emma o atraía.

*Não era sentimento, ele repetia. Não era sentimento.*

Sempre achou que o mundo das emoções era uma grande balela para enfeitar o que não conseguia ficar bonito, como uma toalhinha de renda sobre uma mesa manchada. Que,

apesar de nebuloso, o que acontecia com seu corpo não dependia de suas

emoções. No entanto, lá estava pequeno Dieter comandando o resto dele, como um general de guerra obtuso. Aquele pequeno Napoleão achacado o impulsionava na direção da senhorita Thiessen sem entender o grande esquema das coisas — não que pequeno Dieter fosse pequeno como Napoleão, claro. Mas como entender os motivos de quase ter colocado as paredes do castelo abaixo enquanto se esfregava nela, ou onde fora parar a educação e cordialidade recebida de berço? Se ela não tivesse interrompido aquela insanidade, ele a teria tomado de pé, ali mesmo contra a pedra. Uma moça de família, pelo amor de Deus. Acabaria tendo que desposá-la pelo atrevimento!

O preocupante? A ideia o excitava novamente.

— Cale a boca, seu soberano petulante — Dieter olhou para a virilha, voltando a enfiar o nariz no copo. — Não estou mais entendendo você.

A única mensagem que entendia era que a Srta. Thiessen mexia com eles.

A noite foi passada em claro, ou quase em claro. Sensações alucinantes o fizeram rolar para cá e para lá na cama de dois metros de largura. A sensação de estar tocando seda pura. A textura franzida do mamilo em sua língua. O cheiro de talco e flores, impregnado em cada canto dela, fazendo-o sonhar com seu cheiro.

Quando a agonia ficou intolerável, Dietrich levantou-se com a animação de um menino. Fez Herr Schmidt apressar-se na tarefa de vesti-lo, e irrompeu pela ala sul em busca dos convidados. No salão, alguns ainda descansavam do exaustivo café da manhã em forma de *buffet*, outros haviam

partido para um dos inúmeros eventos que a duquesa havia organizado. No entanto, por ser nove da manhã —

praticamente madrugada para a aristocracia — , a maioria dos convidados sequer havia acordado.

Dietrich tentou achar Emma entre os convidados, ou qualquer um de sua família, mas nenhuma delas estava ali.

Ele sentiu seu corpo estalar ao imaginá-la acordando. Será que ela cheirava tão bem pela manhã? Que cheiro teria ao se espreguiçar na cama, quando abrisse os olhos? Ela manteria o aroma fresco e chamativo do talco entre o cabelo e os ombros? Ou o cheiro aconchegante de pele e perfume entre a curva dos seios?

Lá estava ele latejando outra vez. Que sensação fascinante!

Boa, inesperada, e fazia seu pequeno Napoleão querer seguir avançando.

Ele se serviu de uma xícara de chá, trocou amenidades com alguns convidados da mãe e aguardou.

E aguardou.

E quando a tolice de aguardar o enfezou, Dietrich decidiu que bateria à porta da dama e pediria que ela se apressasse, porque seu coração ansiava por ela e só parecia bater forte à sua visão.

Mas, à medida que ia se aproximando da ala onde a Srta. Thiessen e sua família estavam hospedados, sentiu o coração acelerar por outro motivo.

O Sr. Gunther Bauer, médico da família, saía de um quarto em companhia de uma enfermeira. A duquesa estava ao

lado dele. As irmãs de Emma, descabeladas e embrulhadas em robes matutinos, ouviam com atenção desconsolada as palavras do médico. Alguma coisa tinha acontecido e ele se viu dando passos gigantes pelo corredor interminável até alcançá-los.

Dietrich cumprimentou Herr Bauer com um aperto silencioso de mãos. O médico não interrompeu o que estava dizendo à duquesa:

— Ela precisa de descanso. Desconfio que não seja pneumonia, porque não há febre, mas isso não significa que não possa vir a ser.

Precisamos ter cuidado. Os desmaios pela falta de ar não são incomuns, mas não deixam de ser preocupantes: a moça estava apavorada. Cuidem para que ela não pegue sereno sob nenhuma circunstância, e duas vezes ao dia, inale vapores, para dilatar os brônquios. No mais, bastante café e repouso.

— Doutor — A irmã mais velha de Emma perguntou em tom angustiado. — Podemos retornar para casa? Moramos a poucos quilômetros daqui, no centro.

O senhor de bigode branco e olheiras caídas fez que não.

— Eu aguardaria alguns dias, se não for um inconveniente para os anfitriões —, disse, olhando para a duquesa.

Dietrich sentiu o estômago retesar.

— A Srta. Thiessen fica aqui até estar de pé e saudável outra vez — a duquesa lançou a Dietrich um olhar rápido e insondável. —

Faço questão de que ela permaneça conosco até que esteja bem.

Se queria emoção, lá estava ela: Dietrich sentia o coração dar pinotes dentro do peito. Emma estava doente, a ponto de trazer um médico a Solitude nas primeiras horas da manhã. Muito provavelmente, a culpa por estar assim era dele e a duquesa sabia.

Ele esperou que o médico terminasse as orientações e aguardou a mãe acalmar a família. Enquanto ouvia as irmãs de Emma considerarem diferentes motivos para a crise alérgica, Dietrich estalava os dedos nos outros, como pequenos guerreiros torturando inimigos. Que droga, Emma.

Ele começou a sentir um aperto novo no peito. Uma emoção impalpável e sem forma, como uma névoa, mas de peso opressor.

Estava começando a achar que a Srta. Thiessen o havia enfeitado com seus coices. Não adiantava, Dietrich tinha a carcaça dura, mas o coração mole. Que outras partes de sua anatomia reagissem a ela de maneira inversa o abismava.

Quando as irmãs seguiram a duquesa, convencidas de que precisavam se trocar e se alimentar, Dietrich entrou no quarto de Emma. Precisava vê-la e pedir desculpas. Talvez roubar um beijo, se a situação permitisse.

Evidentemente, a assustadora acompanhante das Thiessen estava de guarda. A senhora mal encarada carregava para o anexo a parafernália usada no banho recém dado na jovem quando Dietrich entrou. O quarto cheirava a Emma. A cheiro de roupa de cama fresca e talco floral. A sensação boa de estar em um quarto feminino nas primeiras horas da manhã

competia com a imagem pálida e pequena da jovem no centro da cama, fazendo o peito de Dietrich apertar.

— O que o senhor está fazendo aqui? — A mulher colocou a bacia sobre a cômoda. — A senhorita Emma está destapada e sem touca, por favor aguarde até que eu termine de trocá-la.

A governanta então parou. Talvez o tenha reconhecido, ou se assustado com o tamanho do homem.

— Acabei de saber do estado de saúde da senhorita Thiessen —

Ele disse. — Precisava vê-la.

A mulher levou as mãos à cintura.

— Não pega bem para dama, ou mesmo para o cavalheiro, que se vejam indevidamente vestidos. Se puder aguardar...

Dietrich a ignorou.

— Quero saber como ela está, mas não através do médico. Ou da senhora — ele usou seu olhar mais duro.

A truculência não a impressionou:

— Ela teve uma reação alérgica a algum tipo de flor, e isso é ruim. Não conseguimos descobrir onde a flor poderia estar, mas alguns tipos de pólen dispõem o problema respiratório da pobrezinha.

Dietrich coçou o pescoço, lembrando do nicho escuro, do frio e das flores da vinha que serviu de esconderijo para o pequeno *Rendezvous*. Culpa de quem? Dele.

A acompanhante suspirou.

— Ela começou a sentir falta de ar no meio da noite. Conseguiu bater na porta do quarto da irmã, mas desmaiou assim que a irmã abriu a porta.

Dietrich ouviu a explicação do acontecido ligeiramente confuso.

Tudo aquilo havia acontecido durante a noite? Enquanto ele lutava para dormir na cama, pensando nela?

— ... Então um criado chamou a duquesa, e o médico foi trazido às pressas de Stuttgart. Um episódio de alergia em alguém saudável não causaria mais que espirros e coceiras, mas em Emma pode matá-la. Ela não tem pulmões.

Dietrich suspirou.

— É impossível que ela não tenha pul...

— Como disse, não é apropriado encontrá-la vestida assim — a mulher cruzou o quarto e puxou a coberta sobre Emma, até escondê-la dos olhos curiosos do duque.

Dietrich olhou para a jovem que dormia sobre a cama. Sua face estava pálida e os longos cabelos espalhavam-se pelo travesseiro.

Ele se aproximou também.

O rosto delicado de Emma estava pálido, e seu peito subia e descia com mais força que o normal. No mais, ela estava linda. A boca que esgarçou contra a sua poucas horas atrás tinha um tom de rosa delicado. O nariz sempre empinado dava ao rosto a fragilidade de uma boneca.

— Senhora — Dietrich aproximou-se da acompanhante, as mãos unidas na frente do peito abrutalhado — A senhora já

preparou o

banho de vapores que o médico receitou?

As sobrancelhas cabeludas da mulher se uniram sobre o nariz:

— Não.

— Demora — Dietrich informou, olhando para o anexo, onde ficava a banheira. — Acredito que, se a senhora começar a prepará-lo agora, ele só ficará pronto daqui a três horas.

A senhora olhou para o anexo, em seguida para Emma.

— Assim que o senhor sair, começo os preparativos — ela disse investigando a expressão quase ingênua do duque.

— Sim, claro — ele deu um passo em direção ao anexo. —

Chamarei uma criada para auxiliá-la. Não sei se conhece as modernidades de Solitude, mas nossos locais de conveniência costumam deixar os visitantes fascinados.

O rosto da acompanhante crispou.

— Já ouviu falar do Sr. Jennings? — Dietrich perguntou. A senhora fez que não. — É um inglês muito famoso em seu país. Foi ele quem inventou o complexo sistema de tubulações que traz água para o banho e a leva embora. Fascinante, como a senhora sabe.

Esses tubos acabam fazendo o trabalho que os criados do castelo faziam.

O duque olhou para dentro do banheiro, ignorando o constrangimento da mulher. Falar sobre as conveniências humanas era de um absurdo mau gosto.

— A senhora conhece o sistema? — Dietrich indicou o cômodo, convidando a acompanhante a conhecê-lo.

Frau Herta andou com a face vermelha até ele. Seu desconforto era óbvio. A presença do duque no quarto, falando sobre conveniências e olhando como um predador para Emma não lhe agradavam. Se ele não fosse o senhor daquele castelo, ela já o teria expulsado dali.

Talvez achando que ele partiria mais rápido se lhe desse atenção, Frau Herta entrou no anexo.

— Antes que a equipe do Sr. Jennings instalasse todas essas modernidades tubulares no ambiente, os criados saíam por aquela porta, carregando os penicos — o duque indicou.

— Vossa Graça — a voz da senhora saiu constrangida. —

Chamarei uma criada para me ajudar com o banho.  
Obrigada pela

ajuda.

Dietrich estava achando aquilo divertido.

— Então, enquanto saíam por aquela porta com os penicos, outros entravam com a água quente para o banho. Os corredores dos fundos levam até o primeiro andar. Para retornar, os criados tinham que descer todos os lances de escada, dar a volta no castelo e só então entrar pela frente, pela entrada do quarto que a senhora conhece — ele apontou para a porta do quarto.

— Obrigada pela explicação, Vossa Graça, mas eu não...

— São portas muito antigas, sabe... — o duque cruzou os braços, averiguando as juntas da madeira escura e pesada,

e as pesadas maçanetas de ferro. — Quando fecham, é praticamente impossível destravá-las.

A senhora olhou para a porta, confusa.

— Que coisa — O duque apontou para a banheira. — Tanto trabalho para ir e vir com penicos e baldes, quando tudo que temos a fazer, hoje em dia, é girar as válvulas de água quente e a água fria, e... voilà!

— Milorde, eu...

— A senhora sabia que o inventor do banheiro moderno disse que 'a civilização pode ser medida pelos seus sanitários?'

Frau Herta balançou a cabeça que não, olhando para os equipamentos que o duque indicou. Então, para sua completa surpresa, ouviu o *bam* de madeira encontrando o batente.

Dietrich trancou a acompanhante de Emma dentro do anexo.

A mulher soltou um gritinho do lado de dentro.

O duque girou a chave na porta com cuidado para não fazer barulho, vendo a maçaneta subir e descer. Coçando as sobancelhas, ele concluiu que aquele não era seu melhor momento. Foi golpe baixo. Necessário, mas baixo. A mulher jamais o deixaria a sós com Emma, e ele ficaria louco se não passasse pelo menos cinco minutos com ela.

A acompanhante de Emma começou a esmurrar a porta.

— Senhora... acalme-se — ele disse com voz inocente, do outro lado. — Que tragédia, a porta bateu sozinha...Mas,

como havia dito, é quase impossível abrir essas portas antigas depois que batem. A

senhora se incomodaria de sair pelos fundos e retornar pelo corredor principal?

Ele encolheu os ombros ao ouvir as reclamações da mulher. Por fim, ela desistiu de reclamar e o cômodo se silenciou. Ele tinha no máximo dez minutos para desfrutar da companhia de Emma até que criada entrasse pela outra porta soltando fogo pelas ventas.

Ele caminhou tranquilamente até a cama, sentando-se ao lado de Emma. Um pedaço de seu coração se apertou ao vê-la dormindo. Dietrich sabia que estava agindo como um menino, mas não ligava. Por ora, aproveitava o batuque rítmico e inédito do coração.

Como a queria de pé e enfezada, mandando-o parar de amolá-la. Era terrível vê-la assim, tão fraca.

Ele tocou sua testa, medindo a temperatura. Ela não estava com febre. Sua mão também não estava ali só por causa da temperatura.

Estava pela textura também. Ele correu as costas dos dedos pela fronte acetinada, contornando as sobrancelhas escuras.

Seu toque a fez abrir os olhos.

Assim que colocou a imagem em foco, Emma deu um salto no lugar, sentando-se na cama:

— Milorde? O que está fazendo aqui?!

— Shhh...— ele alisou seu rosto, sorrindo ao vê-la corar. —

Calma. Fiquei preocupado quando ouvi sobre o que aconteceu.

Ela se acalmou. Mais ou menos.

— Soube que sua noite foi agitada. A minha foi muito mais entediante.

Ela afastou sua mão, olhando-o desconfiada.

— Se agitação é outra forma de dizer que quase morri, sim. Teve bastante agitação.

— Gostaria de ter estado aqui, com você.

Eles se encararam pelo tempo que ela conseguiu. Então ela não conseguiu mais, e passou a encarar o bordado da coberta.

— Tive uma de minhas crises— ela falou.

— Pelo que ouvi, causada por pólen.

Ela bufou fraca, alisando o rosto com as mãos delicadas.

— Minhas crises nunca avisam quando virão. Que vexame.

Acabei mobilizando metade do reino por causa de uma alergia tola.

Dietrich se perdeu nos dedos finos que terminavam em unhas quase translúcidas. Teve vontade de pegar sua mão e beijar seus dedos. Conteve-se, por enquanto.

— Não diga que foi tolo. Foi forte o suficiente para que desmaiasse.

Emma riu.

— Nós, mulheres, não estamos acostumadas a desmaiar?

— Um desmaio aqui, outro ali. Vocês sequer notam quando desmaiam? — Dietrich fez uma careta, entrando na brincadeira.

Emma riu também, e suas bochechas ganharam cor.

O silêncio caiu sobre eles. Era bom rir agora, mas foi difícil, e Dietrich sabia.

— O sereno não ajudou — ela disse baixo.

— Gostaria de me desculpar por tudo — o duque murmurou.  
—

Do sereno ao pólen. A senhorita deve ter passado momentos horríveis, sozinha e sem ar... Gostaria de não ter sido responsável por tudo.

Ela fez um gesto mínimo de cabeça. Então voltou a recostar no travesseiro para olhá-lo.

— Fazia tempo que não acontecia. Por sorte Charlotte me ouviu bater.

Ele assentiu, olhando-a com carinho.

— A duquesa faz questão que fique até estar recuperada — ele falou. — Disse que você e suas irmãs podem ficar em Solitude o quanto precisarem.

— Estou bem — Ela respondeu. — Só o orgulho está ferido.  
O

pobre médico foi trazido de madrugada até aqui, por algo que não tem cura. Que tipo de convidado dá esse trabalho à anfitriã?

— Eu sou o anfitrião desse lugar. Não se preocupe com isso.

Emma sorriu e fez que sim. Mas foi um sorriso triste, e Dietrich não conseguiu se controlar. Ajeitando-se na cama, ele se aproximou. Seu joelho tocou o quadril sob as cobertas, e suas mãos voltaram a pegar as dela.

Emma encolheu os dedos.

— Onde está Frau Herta?

Ele estalou a língua, desaprovador.

— Acabou de se trancar no anexo.

Emma o olhou de lado.

— Ela se trancou no banheiro?

Dietrich deu de ombros, como se não pudesse fazer nada quanto à falta de jeito das pessoas.

— Enfim, como disse, ela deve estar voltando e tenho pouco tempo para fazer o que preciso.

— Oh Deus — Emma franziu o nariz. — O que o senhor precisa fazer?

Dietrich entrelaçou o dedo de Emma aos seus e os levou à boca, sentindo sua maciez contra os lábios. Em seguida virou-as, beijando seus pulsos exatamente ali onde a lambeu no dia anterior. Ele queria repetir o gesto, mas ela enrijeceu.

— Pensei em você a noite toda — ele disse, rouco.

Emma tentou puxar as mãos.

— Precisamos conversar sobre a noite, Milorde.

Por que as mulheres gostavam tanto de conversar? Ele queria fazer outras coisas. Na verdade, ele sabia que deveria ser mais comedido na atual situação, mas o comedimento não combinava com sua alma desgovernada. Ele a queria daquele jeito que cavalheiros não deveriam querer damas, e era tudo culpa da sensação que Emma causava nele. Sua delicadeza e personalidade de um cacto lhe eram simplesmente irresistíveis. Como se ela tivesse sido feita para desarmá-lo. Que sentimento estranho crescia nele. Em volta dele. Parecia bastante com as vinhas semi-assassinas que cobriam a entrada do nicho. Eles subiam por suas pernas, ramificavam-se pelos membros, enrolavam-se ao redor do peito, comprimindo seu coração.

A impressão era que, em breve, quem perderia o fôlego era ele.

Especialmente, porque tinha alergia àquilo.

— Sabe que não deveríamos ter cruzado a linha. O que torna o nossa acordo...

Pousando a outra mão sobre a dela, ele a interrompeu:

— Sei que ultrapassei os limites ontem, e mal vejo a hora de ultrapassá-los outra vez. Quando será nosso próximo encontro? O

que posso fazer para a senhorita melhorar rápido?

Emma puxou a mão das suas, franzindo o rosto.

— O senhor tem cada ideia.

— Prometo que da próxima vez acontecerá em um ambiente mais calmo e seguro. Jamais a colocarei em risco outra vez.

— De onde o senhor tirou que repetiremos aquilo?

Ele voltou a pegar na sua mão, para a impaciência dela.

— Temos um acordo.

Emma puxou a mão outra vez, ralhando com o homem:

— O senhor me dá medo, sério.

Ele dava medo nela? E o pavor que ele sentia agora, imaginando que ela pudesse desmaiar, ir embora, desistir dele?

— Quem está roubando meu coração pouco a pouco é a senhorita. Quem deveria ter medo sou eu!

A frase saiu de rompante, como uma resposta rápida às farpas lançadas. Dietrich então encolheu os dedos, olhando para as mãos dela, transformadas em pequenos punhos. Havia ultrapassado uma barreira, sim, mas não a do decoro.

Em que momento decidira abrir seu coração para ela?

Aquilo não estava no acordo. Porque abrir o coração não estava no acordo.

— O senhor deve estar querendo me fazer rir — ela resmungou.

— Mas aviso que não me faria bem. Rir me faz perder o fôlego.

Dietrich forçou uma risada.

— Sim, eu estava. Desculpe, chega de piadas por hoje.

Ele limpou uma sujeira imaginária na calça e um silêncio constrangedor caiu entre eles. Quando sua voz saiu, estava bem mais comedida:

— De qualquer forma, faço questão que fique em Solitude e se recupere. Prometo me controlar da próxima vez.

— Próxima vez?

O duque respirou com calma, mas não respondeu. A vinha havia feito um movimento forte demais ao redor do órgão que mais parecia um tambor. Com a boca prensada, oscilou entre dizer "não haverá próxima vez" e "por que não podemos repetir?", mas acabou não dizendo nada.

Emma olhou para a porta, a expressão tensa outra vez:

— Obrigada pela visita, milorde. Como prezo por sua vida, sugiro que parta antes do retorno de Frau Herta. Ela estará mais arisca

que um gato do mato. E não sei se se importará com seu título ou poder.

Dietrich se levantou da cama.

— Precisarei desaparecer do meu próprio castelo. Entendi.

Era para ser uma piada: não funcionou. Eles se encararam sem jeito, sem saber como encaixar a noite fogueira sob a luz fraca do céu matinal. Até chegar ali, tudo que Dietrich queria era vê-la. Agora, ciente de algo a seu respeito que não sabia antes, queria sumir.

A senhorita Thiessen estava em boas mãos.

Ele não ajudava em nada ficando ali.

Não repetiria a aventura de seduzi-la em cantos escuros na calada da noite, ou trocava farpas e sorrisos charmosos com ela.

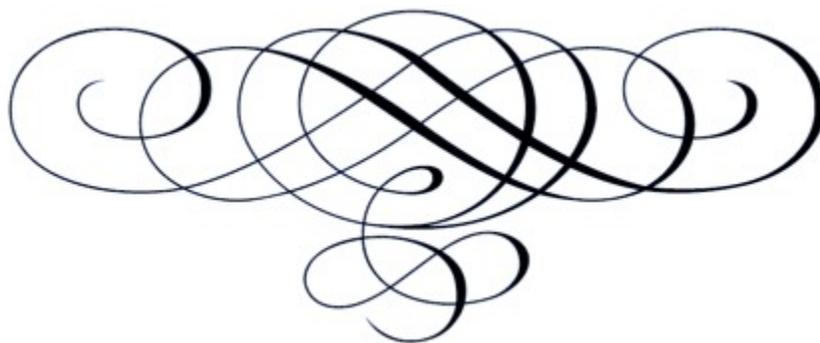
Ela mexia com ele de um jeito que ele não queria. Pequeno Dieter havia simpatizado com a moça? Sim, mas era só isso. Ele era grandinho e aprenderia a se virar com outra.

Com um beijo terno na mão delicada e o infame sorriso de lado, Dietrich se despediu.

Em seguida, pediu que seu valete arrumasse suas coisas, selou a égua e partiu. Passaria alguns dias na residência de Stuttgart, porque permanecer em Solitude estava embrulhando seu estômago.

Dietrich sempre ouviu de todos que deveria manter distância de encrencas. Mas era de encrencas que gostava. Um relacionamento íntimo com uma moça de família — uma que, ele sabia agora, tocava as cordinhas do seu coração — parecia algo tradicional demais para suportar.

E, enquanto galopava com a outra Emma pela estrada reta, chegava à conclusão que não queria chegar: *era sentimento.*



E

de se perguntar coisas referentes ao

duque. Ou de discutir com ele em sua imaginação setenta mil vezes ao dia. Esses diálogos acabavam toda vez em xingamentos ou descambavam para a violência física. A segunda opção ocorria agora com mais frequência, já que o maldito duque de Württemberg-Winnental havia partido de Solitude e a deixado ali, sorrindo educadamente para a sua família, enquanto a mesma questionava que tipo de cortejo estranho era aquele.

Não era um cortejo tradicional, ela sabia, mas estava aborrecida por ele ter simplesmente ido embora. Emma se sentiu usada e traída. Ele reagiu como um cretino que, ao vê-la doente, achou por bem festejar sua solteirice longe dali.

Ela passou um dia inteiro na cama, encolhida. Quando fechava os olhos, pensava nele. Quando abria os olhos, o via em todos os detalhes do mundo. Passou uma noite horrível e intimamente solitária, ouvindo Frau Herta roncar ao lado. Quando se recuperou da alergia, voltou a participar dos eventos. Assistiu a uma dança, e ouviu com olhos marejados declamações de poesia. Emma disse a si mesma que toleraria tudo com graça e gentileza, e que seus planos para embarcar para a África estavam de pé, agora um pouco mais firmes. Eram situações assim que levavam algumas mulheres a abdicar da vida em família. Como toleraria esse sofrimento para sempre, caso um dia abrisse seu coração para o futuro marido? Ela preferia ser livre.

No dia seguinte à partida do duque, Emma pediu a Charlotte que a incluísse nas conversas à mesa com o Sr.

Stiff, o botânico. Ela se apresentaria como a ilustradora dos desenhos que a sociedade havia visto. Era arrojado, um plano de difícil realização, mas ela estava mais empenhada nele do que nunca.

Naquela noite, depois do jantar, os convidados reuniram-se em um grande salão adaptado para uma apresentação teatral. A peça falava de um relacionamento fadado ao fracasso, nada mais desanimador e elucidativo. *Sinais*, Emma pensou, amarga.

As Thiessen sentaram-se ao lado do botânico, juntamente com Minna. Depois de muito drama, surpresas e emoções, o primeiro ato se encerrou. Bolinhos e chá foram servidos, e a plateia aproveitou para discutir a pesca e socializar.

Emma deveria estar ansiosa para abordar o assunto com o Sr.

Stiff, mas se via olhando constantemente para a entrada do salão, esperando que a figura atlética do duque surgisse por ela. Em seus anseios, ele sorria de maneira endiabrada, o furinho do queixo marcado pelo repuxar da boca, e a provocaria até o limite de um ataque de nervos.

Quem diria que ele cresceria nela daquela maneira. Como a maldita vinha que a derrubou, dois dias atrás.

Ela não teria imaginado.

— Está esperando alguém?

A pergunta, vinda do Sr. Stiff, a fez se ajeitar na cadeira e voltar a atenção para a conversa.

— Oh, não. Não é nada.

Era ridiculamente evidente que ela esperava a chegada do idiota que deveria estar ali, mas não estava. Educado, o Sr. Stiff fez de conta não saber quem ela esperava.

Emma ajeitou os talheres ao redor do prato, preparando-se para abordá-lo. — Sr. Stiff — ela tomou coragem. — Minha irmã me contou que a Sociedade Botânica recebeu recentemente alguns desenhos assinados por um suposto E. Thiessen. Segundo ela, as ilustrações despertaram interesse na Sociedade.

— Oh, sim — o homem balançou a cabeça. — Conversamos, inclusive, sobre a coincidência do sobrenome.

O peito de Emma saltava constrangedoramente sob as muitas camadas de roupa. Ela voltou a organizar os talheres.

— Pelo que ela ainda comentou, vocês estão recrutando membros para a expedição. E que a vaga de ilustrador estava aberta.

O Sr. Stiff levou a xícara à boca, sorvendo o chá. Pela tranquilidade com que estava levando a conversa, sequer desconfiava o que viria pela frente.

— Exatamente. Precisamos de cozinheiros, também.

— Pois então — Emma abaixou o tom de voz, de modo que só fosse ouvida por ele. — Mulheres seriam aceitas?

— Como cozinheiras?

— Não — ela o encarou. — Como ilustradoras.

O homem permaneceu imóvel por alguns segundos. Então, pousou a xícara sobre a taça e olhou ao redor. Aquela era

uma pergunta complicada. Primeiro, porque mulheres eram aceitas com ressalvas em expedições. Segundo, porque acabava de se dar conta que E. Thiessen era uma mulher, e estava na sua frente.

— E-elas certamente não são proibidas de participar da expedição, mas... — O homem avermelhou inteiro. — Seria terrível para a mulher em questão comprometer sua história de vida em assuntos que não diziam respeito ao seu universo...

— A mulher em questão tem mais interesse na ciência e na aventura do que no universo que lhe aguarda, senhor.

Herr Stiff decididamente não esperava por aquela resposta. Mas, como cientista, entendia o argumento. E o amor pela aventura, que já o havia levado duas vezes ao continente longínquo.

Ele ajeitou o bigode ralo e loiro, olhando-a como se ponderasse a respeito.

— Acho que o Sr. Barth não veria problemas... — disse. —

Afinal, sua esposa e filha o acompanharão desta vez.

O peito de Emma inflou. Quanto mais mulheres fossem, mais ela tinha chances de ir.

— Acho que gostaria de aplicar para a vaga de ilustradora — ela disse, com firmeza, sentindo a emoção das palavras encherem seus olhos. — Se puder mostrar o meu trabalho ao Sr. Barth, ficaria imensamente grata. Sei, agora, que ele gostou do material que enviei.

O Sr. Stiff mal podia acreditar que os desenhos de E. Thiessen pertenciam a uma mulher. A conversa se

desenrolou em meio a surpresa e agrado pelo resto da noite, interrompida apenas pelo segundo ato. Emma mal conseguia prestar atenção ao que os

atores diziam: ela só se perguntava o que aconteceria nos próximos meses, e sentia a barriga doer de ansiedade. Na hora de partir, combinaram de se encontrar no dia seguinte, depois do café da manhã, na estufa. Emma desenharia algumas folhagens para que o Sr. Stiff levasse à Sociedade Botânica quando retornasse a Stuttgart. Era só nisso que pensava,

Pela primeira vez em muito tempo, os planos de viajar pelo mundo seguiam adiante. Não era apenas um sonho: de pequeno gesto em pequeno gesto, as coisas iam acontecendo, ainda que o coração parecesse menos firme e determinado que antes.

A segunda noite foi bem menos angustiante.

Na manhã seguinte, um grupo extenso se encontrou na estufa.

Foi uma manhã agradável, passada na companhia das irmãs, do Sr.

Stiff, de Minna e da condessa de Hagen, que se interessou pelos desenhos de Emma. Ela era uma entusiasta da África, e acreditava no potencial do continente para as nações europeias. Emma desenhou tudo que conseguiu. Flores, folhas, pessoas. Terminou o bloco que havia trazido à estufa escolhendo desenhar, entre tantas flores, uma rosa. Elas eram cheias de detalhes e nuances, e com traços finos e precisos, reproduziu perfeitamente a imensa rosa inglesa de pétalas avantajadas e sobrepostas. Ao final, ouviu o Sr.

Stiff dizer à condessa que a Srta. Thiessen tinha interesse na expedição. A partir daí, a condessa passou a observá-la um pouco mais do que já estava observando. Emma sentia todo seu interesse voltado para ela.

Todos deviam estar se perguntando que tipo de cortejo era aquele, em que uma parte fugia e a outra queria embarcar para longe. Talvez tivessem chegado à conclusão que aquilo nunca havia sido - e nunca seria - um cortejo. Emma fingia não ver ou ligar para o questionamento dos presentes.

Durante o almoço, as conversas moveram-se para a África.

Alguém mencionou que a *Woermann*, uma companhia de Hamburgo, havia acabado de inaugurar um serviço de transporte de passageiros e cargas entre Hamburgo e Duala. Outro contou que a expedição desembarcaria em um posto de troca recém inaugurado no delta do rio Camarões, que dava nome à região, onde algumas famílias alemãs haviam se assentado. Alguns presentes contaram

relatos exagerados que chegavam de longe: canibais que cozinhavam inimigos, animais selvagens capazes de arrastar pessoas para a selva, as condições primitivas da vida do outro lado do planeta. Algumas delas rendiam risadas, já outras eram rebatidas pelo Sr. Stiff, que já estivera antes na África.

— As condições são duras, sim, mas as expedições são muito bem planejadas — ele disse.

— Eles levarão a civilização com eles — a condessa adicionou.

— Ninguém precisa sobreviver como os nativos, ou deseja isso.

Somos tão alemães por lá como somos aqui!

As conversas seguiram animadas depois que o almoço foi recolhido e a sobremesa trazida. Emma sentia às vezes os olhos da duquesa sobre ela. Inquisidores, *escavadores*. Embora ser observada por ela fosse inquietante, não se arrependia de ter deixado que os outros soubessem de seu interesse na expedição.

Aquela era a chance de garantir seu futuro. Não é possível que a duquesa, tão astuta, achasse que um futuro ao lado de seu filho fosse possível. Ela não tinha idade para ser tão inocente.

Emma já conseguia sentir o ar quente da África soprar em seu rosto. Imaginava vividamente as imponentes montanhas cobertas pela selva tropical, onde árvores gigantescas guardavam a fauna esplendorosa. Imaginava o recorte do horizonte, e a imponência do ainda ativo vulcão chamado pelos nativos de *Fako*. E, embora cada imagem em sua cabeça tivesse o poder de lhe roubar o fôlego, ela ainda olhava de vez em quando para a porta.

Não saberia mais dizer o que queria do duque: seu retorno ou seu sumiço. Havia se comprometido a procurar a Sociedade Botânica juntamente com seu pai, o único autorizado a deixá-la ir.

Seria uma nova batalha. Mas tudo eram batalhas desde que optou pelo caminho mais difícil.

Quando o almoço terminou e os convidados subiram para o descanso, Emma isolou-se no quarto. Queria tempo para ficar sozinha e pensar no quealaria para o pai. Arrancou uma folha do novo bloco e traçou duas colunas, uma ao lado da outra. Do lado direito, escreveu: *por que devo ir?* Do outro, escreveu: *por que não?*

Aquilo era simples. Ela escreveu do lado direito: *porque quero*.

Mas querer não a satisfazia por completo. O assunto continuava a fermentar dentro dela, como uma misteriosa e desconhecida substância borbulhante que a impedia de aceitar a simplicidade.

Havia algo por baixo do querer.

Embaixo da frase *porque quero*, ela escreveu: *porque não há nada aqui que me faça ficar*.

Emma suspirou. Ali ela era Emma, a mulher que desmaiava quando perdia o ar. Que tinha alergia a tudo. A mulher desinteressante que não causou no homem que beijou a reação que deveria causar.

Anotou, distraída, a frase: *confiar o coração a um homem é um péssimo negócio*.

E então entendeu que estava encrocada, porque havia concedido uma pequena abertura para aquela criatura azucrinante e tinha percebido rapidamente que caíra em uma cilada.

Emma rasgou o papel e tirou outra folha do bloco. Nele, listou as dificuldades mais urgentes que precisava vencer: convencer seu pai, aprender a montar de verdade, encantar o Sr. Barth com seus desenhos. Listar dificuldades havia se transformado em uma forma de esquecer que o coração batia de maneira arbitrária por alguém que não merecia nem mesmo o seu desprezo.

*Convencer seu pai* poderia ser mais fácil que ela imaginava.

Podia usar o fim vergonhoso do cortejo para dizer que se sentia envergonhada. Fora humilhada por ele quando ele sumiu. A corte, caso continuasse, *seria péssima para os negócios*.

Como Emma não era dada a desculpas, segurou a folha com as duas mãos. Estava para rasgá-la quando ouviu a batida na porta.

Achou que fosse a criada, e caminhou de meias até a entrada.

Ao abri-la, deu de frente com a duquesa Wilhelmine.

Olhos azuis claros e profundos a fitavam como se conseguissem ver através da madeira, e soubessem o exato ponto em que encontrariam os olhos de Emma. A duquesa vinha acompanhada de uma criada que a olhava com igual atenção.

— Srta. Thiessen, teria um segundo?

Emma se embaralhou a fazer a mesura, sentindo um frio gelado nas vértebras:

— Vossa Graça? A que devo a honra?

A duquesa virou-se para a criada e disse algo em voz baixa. A criada fez que sim e colocou-se ao lado, indicando que esperaria do lado de fora.

— Posso entrar? — a duquesa perguntou.

Emma deu-lhe passagem, murmurando “claro.” Com o coração acelerado, manteve os olhos na confusão de babados e rendas farfalhantes que passaram por ela.

*Fechava a porta ou a mantinha aberta? Oferecia uma cadeira ou permanecia como ela, de pé?*

*Oh, meu Deus.* Emma encolheu os dedos dos pés. *Ela estava de meias.*

— Pode fechar a porta, se quiser — a senhora disse.

Emma fechou a porta, andando até a duquesa enquanto tentava esconder as meias sob a saia. As mãos continuavam cruzadas na frente do corpo, como uma criança na frente de uma figura de autoridade.

A duquesa parou no meio do quarto, séria e altiva como uma esfinge.

— Não sou mulher de rodeios, Srta. Thiessen, e algo me diz que a senhorita também não é. Vou direto ao ponto. Ouvi hoje uma informação que me deixou curiosa.

Emma mordeu os lábios. Precisava encarar a duquesa, mas estava com vergonha. A situação inteira era patética — Emma poderia desempenhar o papel de jovem inocente enganada pelo filho canalha — e seria, ainda assim, bastante patética. A outra opção era ser sincera. Honesta e direta, como a duquesa parecia ser. Pior que estava a situação não podia ficar.

— Aconteceram muitas situações nos últimos dias, Vossa Graça.

Se puder ser clara, terei o maior prazer em sanar sua curiosidade.

— Ouvi dizer que a senhorita está interessada na expedição à África.

— Sim, senhora. É um sonho de longa data.

A duquesa moveu discretamente a cabeça, sob os olhos atentos de Emma.

— Achei que meu filho estivesse em seus planos futuros — ela comentou — E, sinceramente, não vejo aquele avoador em uma expedição etnográfica.

— Seu filho não está muito interessado em minha companhia, senhora. Pelo que soube, ele deixou Solitude há dois dias — Emma disse com cortesia. — E *às pressas*.

A última frase foi bem menos cortês, e estava tingida de ressentimento.

A duquesa levou a mão à testa e suspirou. Enquanto massageava um ponto dolorido, pareceu reprimir uma maledicência.

— Sinto muito por isso. Sinto-me parcialmente culpada.

— Vossa Graça não pode ser responsabilizada pelas atitudes de seu filho.

A duquesa deu meia volta e se sentou à escrivaninha, o vestido rodado e pesado espalhando-se ao redor.

— Aconteceu algo do qual não tenho ciência? Ele descobriu sobre suas intenções de viajar? Não entendo a partida repentina.

— Não, Milady. Ele não faz ideia que planejo embarcar com a expedição, caso seja aceita.

Os olhos da duquesa se apertaram. Emma se sentia vasculhada.

— Tenho uma desconfiança, senhorita, mas antes de compartilhá-la, gostaria de fazer uma pergunta.

A duquesa pegou um dos desenhos espalhados sobre a mesa e o estudou.

— Por que deseja partir para a África?

Emma olhou ao redor do quarto, pensando sobre a resposta.

Caminhou até a duquesa e se sentou em uma poltrona perto da janela. Falar sobre a África a acalmava. Como se suas certezas firmassem também, de certa forma, suas palavras:

— Não vejo muitas perspectivas para mim na Alemanha.

Abrir-se para a duquesa era perigoso. Ela poderia agir contra os seus planos para beneficiar seu filho. Podia, com o poder de seu título, dificultar a vida de Emma. Mas ela mesma não acreditava naquilo.

— Em que sentido, senhorita?

— No sentido de que já tenho vinte e três anos de vida, e ficarei solteira pelo resto dela. Nesse sentido.

— A senhorita aceitou ser cortejada mesmo planejando partir?

— Digamos que aceitei a corte ligeiramente desconfiada de que não iria adiante — Emma respondeu. — Pelo jeito, fiz bem em

desconfiar.

O canto da boca da duquesa se ergueu.

— Eu também não confiaria — A mulher murmurou.

Emma alisou o pregueado da saia, decidida a ser honesta.

— Desculpe-me, milady. Não acho que sou a moça certa para o duque. — Ela sentiu o amargo no fundo da boca ao concluir: — Ele também não parece achar.

Era óbvio que Emma não era adequada a toda aquela pompa e opulência, ao título ou ao poder. Casamentos daquele nível eram decididos em outros lugares, com outros propósitos. Nobres alemães uniam-se a iguais porque visavam a manutenção do poder.

Quem se unia à nova classe só o fazia por desespero: por dinheiro e nada mais. A duquesa sabia disso, só que melhor. O duque precisava de uma mulher nobre, que lhe desse filhos de estirpe —

algo que Emma jamais poderia dar, com ou sem estirpe. Talvez, por isso, estivesse sendo tão sincera. Não a ponto de contar o que realmente fazia ali, mas o suficiente para ela entender que aquela corte estava acabada.

Emma estava em paz com a ideia. Só não estava feliz.

— No entanto, gostaria de agradecer imensamente a hospitalidade, milady. E desculpe-me pelo contratempo com o médico. Não era a minha intenção causar incômodo.

A duquesa fez um gesto de desmerecimento com as mãos.

— Não se preocupe quanto a isso. E quanto a achar que não é adequada ao duque, provavelmente está certa. Para nós, você não é, nem nunca será. Mas não se engane —, a duquesa suspirou, como se o que fosse dizer já não lhe causasse qualquer tipo de paixão. — O problema não está

em você. A aristocracia alemã ergueu muros tão altos que ninguém consegue penetrá-la - e acabou não vendo, do alto de seu esnobismo, que acabou emparedada. Nossas rígidas leis de casamentos serão nosso fim.

Devíamos ter prestado melhor atenção aos nossos amigos ingleses.

Eles precisaram perder medo do povo. Lá, a lei da primogenitura força os filhos mais novos a se misturarem com as novas classes.

Eles fecham negócios. Eles investem. Isso é bom, traz benefícios para filhos de nobres sem títulos e influência para os empresários da classe trabalhadora. As pressões sociais se amenizam, porque

há vantagens na troca. — A duquesa olhou pela janela, para a vastidão de terras que podia-se ver dali. — Mas aqui, na Alemanha, a corte tem medo de vocês.

— Nós? — Emma perguntou, atenta a cada palavra que a duquesa dizia.

— Os novos donos do mundo. Industriais, comerciantes. — A duquesa conferiu se Emma estava acompanhando seu raciocínio.

— Vocês não tem qualquer motivo para gostar de nós. E se me perguntar para onde caminharemos no próximo século, garanto-lhe, Srta. Thiessen, que uma de nossas classes está morrendo, e a outra terá um futuro luminoso. Acredito que imagine quem terá o quê.

A duquesa se levantou, unindo as mãos na frente da saia pesada.

— Quanto a ser apropriada ou não, não espere grande resistência da corte. Caso esse cortejo continue, é claro. — A mulher revirou discretamente os olhos. — Somos uma das mais antigas famílias do reino, e Dietrich detém há anos o monopólio das confusões. O rei dará qualquer autorização ao casamento se entenderem que isso pode sossegá-lo.

— Isso não foi muito encorajador — Emma murmurou.

— Podem acusar os alemães de tudo, menos de embelezar a verdade.

— Fato.

Ambas concordaram com um movimento educado de cabeças.

— Gostaria de fazer uma última pergunta, Srta. Thiessen — A duquesa falou. — Não sobre Dietrich, mas sobre a África.

— Claro — Emma respondeu.

— O que achou da opinião da Condessa de Hagen sobre a exploração da costa Africana? Ela é uma das mais entusiasmadas defensoras da colonização alemã no continente.

Emma tinha certeza que a pergunta era uma arapuca.

As expedições à África eram polêmicas. Uns achavam que a Alemanha deveria explorar o continente como outras potências faziam, alguns poucos eram contrários à ideia. Emma ainda não tinha lado. Achava que poderiam se beneficiar da troca com outros povos, mas precisava confessar que a ganância de alguns a

assustava. Tudo que ela pensava era na vastidão e na liberdade que um explorador sentia. Nunca havia se posicionado politicamente quanto ao assunto.

— As expedições serão úteis para o conhecimento, não?

A duquesa passou o dedo sobre um de seus desenhos, pensativa.

— As expedições se travestem de ciência, sim. Mas elas visam a ocupação para fins comerciais. Ninguém está realmente interessado em folhas e frutos, a não ser, talvez, a senhorita e o Sr. Stiff. — O

olhar da duquesa endureceu, gelado e cinzento como a superfície do aço. — Vocês abrirão caminho para os que virão depois. Os que estão interessados no solo, na mão de obra escrava e em tudo que puderem saquear.

A voz da duquesa ficou mais grave:

— É por isso que não financiaremos as expedições. Nem eu, nem meu marido gostávamos da ideia. E sei que Dietrich, o atual regente, também é contra. Talvez aquele miolo mole tenha preferido conversar sobre trivialidades com a senhorita, mas ele tem ideias verdadeiramente nobres a respeito do assunto. Caso um dia pergunte a ele o que acha dos planos de Bismarck para a África, ouça o que ele tem a dizer.

Emma sentiu o rosto avermelhar. Ela não andou conversando com o duque sobre nada muito nobre ou profundo.

A duquesa se levantou, como se tivesse dito tudo que precisava dizer e não tivesse mais nada a fazer ali.

— Sinto muito que Dietrich tenha sido tão covarde e fugido, querida. Isso só mostra que minhas desconfianças têm fundamento.

— Desconfianças?

— A de que ele não está fugindo da senhorita, e sim de si próprio.

Emma franziu de leve o nariz. Aquilo era filosófico demais para o duque. A duquesa também pareceu achar, e consertou:

— Ele está fugindo dos sentimentos pela senhorita.

Emma achou difícil acreditar. Ações, gestos, demonstrações: isso a teria feito acreditar. Opiniões sem qualquer fundamento? Ela simplesmente não conseguia. Quem vai embora tem apenas um desejo: partir.

— Na verdade — a duquesa andou até a porta. — Nunca vi Dietrich como nos últimos dias. Espero que ele retorne em breve, e tenha uma boa desculpa para dar. Não espero milagres, mas às vezes eles acontecem. Bom descanso, senhorita Thiessen. Nos vemos no salão de chá, depois das cinco.



A

W

, situada no centro de Stuttgart, era uma

imensa construção renascentista que comportava entre seus muros baixos a casa principal, uma cavalaria e duas residências anexas para os empregados. Seu interior era decorado com painéis de mogno e tapeçaria que forravam as paredes e se harmonizavam com as cortinas, e obras de artes que forravam corredores e enfeitavam salões. A residência possuía ainda uma biblioteca repleta de livros, saletas de música com um piano da conceituada marca Blüthner, de Leipzig, e nichos de estudo e leitura.

A casa havia sido projetada para ser confortável, porém funcional. Dietrich havia crescido ali com os irmãos. Ela era consideravelmente menor que Solitude, mas muito mais acolhedora.

Se alguma residência encarnava o arquétipo de lar na vida de Dietrich, aquele era o lugar.

Theo encontrou Dietrich na biblioteca, esparramado sobre uma poltrona de couro marroquino enquanto abraçava uma garrafa de xerez como se fosse uma amante querida. A biblioteca, um cômodo austero e de cores sóbrias que normalmente cheirava a fumaça de charuto e madeira encerada, estava envolta em uma nuvem doce de bebida.

— Gosto daqui — Theodor falou pousando a bengala e o chapéu na mesa ao lado. Geralmente um mordomo coletava os acessórios na entrada, mas o cocheiro/mordomo/valete de Dietrich estava de mau humor. Ele se sentou em uma poltrona ao lado do irmão, de frente a uma janela com vistas para a rua. — Bem mais do que Solitude.

Dietrich não se moveu.

Adiante, eles podiam ver a *Alter Schlossplatz*, a antiga praça do castelo, e, além dela, os jardins do palácio real.

— Passamos bastante tempo na infância jogando castanhas nas carruagens que passavam pela rua, lembra-se? — Theo olhou o irmão. — Até que um dia acertamos o veículo de um dos advogados do rei, e por causa disso temos hoje orelhas de tamanhos diferentes.

Dietrich esboçou um sorriso. Ele se lembrava.

— Eu, não. Você e Hans — Theodor completou, lembrando-se de como o tutor arrastou os meninos pela orelha até os pais.

— Diga logo o que veio fazer aqui, Theodor.

— Oh. Não sabia que estava ocupado. Não parece ocupado, pelo menos.

Dietrich lançou a Theodor um olhar de poucos amigos. Theodor, de bom humor, ignorou-o. Na rua adiante, resquícios de neve suja enfeava o canto das calçadas. O céu continuava a horrorizar a cidade com o aspecto lúgubre e típico de fevereiro. Theo cruzou as pernas e apoiou as mãos nos enormes braços da poltrona.

— Por que partiu de Solitude?

— Veio até aqui para me perguntar isso? — Dietrich ergueu a garrafa, dando um novo gole na bebida. — Perdeu seu tempo.

Aquele evento foi uma ideia idiota.

— A única coisa idiota do evento foi sua partida descabida. Ter deixado os convidados, sem aviso, afrontou não apenas a duquesa, mas a todos. Diga-me, meu irmão: não fazemos nada sem algum ganho. O que ganhou sendo tão rude?

Dietrich revirou os olhos, fazendo uma careta quando voltou a abaixar a garrafa.

— Minha liberdade.

— Seu ganho foi sua liberdade? Não sabia que sentia-se preso.

Alguém precisa avisar o *Württembergisches Blatt* que eles estão noticiando informações erradas.

— Oras, cale a boca.

— Estou falando sério, Dieter — Theodor ajeitou-se no lugar.  
—

Como pode perder a liberdade se liberdade é tudo que tem? E como ela justificaria a partida?

Dietrich correu os olhos pelo cômodo, procurando um jeito de colocar para fora o que o obstruía, mas o rosto de Emma atrapalhava outra vez a escolha das palavras. O peito transbordava

de coisas para dizer, mas as palavras pareciam estar em uma língua estranha. Não estava sabendo pronunciá-las — isso, quando conseguia entender seu significado. Sentia-se tolo, burro, confuso. A única que havia entendido até agora sua agonia era aquela maldita garrafa.

— Aquela... Aquela *moça* não é certa para mim. Se permanecesse em Solitude, acabaria perdendo a única coisa

que prezo na vida.

— Aquela moça, você diz...

— A Srta. Thiessen. A do meio. Aquela *atrevida*.

— Ah sim — Theodor segurou um sorriso. Estava claro que a moça era a Srta. Thiessen, Theo só queria provocá-lo. — Não vejo onde está o problema. Que bom que ela não é a certa, não é? Você mesmo disse que não gostava das certas.

— Você está tentando me ajudar ou me irritar? — Dietrich encarou o irmão.

— Sem sombra alguma de dúvidas, te irritar. Na verdade, Dietrich, quero esmurrar você. Vim aqui para isso. Não é possível que você seja tão obtuso. Talvez um murro bem dado na cara faça você recuperar o juízo.

— Estou muito bêbado para brigar. Você venceria.

— Eu sempre venci as lutas — Theodor retrucou.

— Porque eu sempre deixei.

Os irmãos voltaram a fazer silêncio. Do lado de fora, os sons do progresso traziam ruídos abafados ao fim de tarde. Carruagens passando ligeiras, casais em compras, e, ao longe, o apito de uma locomotiva chegando à *Hauptbahnhof*.

— Por que diz que sou obtuso? — Dietrich perguntou baixo, como se falasse com a garrafa.

— Porque sabe que está apaixonado pela Srta. Thiessen, mas não admite.

Dietrich olhou para o irmão, as sobrancelhas erguidas e arqueadas: — Apaixonado? Theodor, eu mal conheço a moça!

— Você a está cortejando. Deve conhecê-la o suficiente.

— Você não sabe de nada — Dietrich fez um gesto abrupto com a mão. — Eu e ela temos um acordo. Eu a ajudo com ... *algumas*

*coisas* - que não sei bem quais são - , e ela me ajuda a entender minhas reações.

— Por reações, você diz... — Theodor apontou sem muita vontade para as calças do irmão. Dietrich ergueu a garrafa, brindando à sua perspicácia.

Theo exalou.

— Dietrich, o que, exatamente, não está entendendo? É

impressionante vê-lo ao lado dela. Sua atenção para qualquer outra coisa desaparece. Seus olhos brilham como pedras, e todos os outros desaparecem do cômodo.

— Não me venha com condescendência, Theodor. Essas baboseiras sentimentais são coisas da sua cabeça, não da minha.

Eu *reajo* a ela, é diferente. Mas não significa que *quero* ela.

— Não entendi. Reagir é querer.

Dietrich chacoalhou a cabeça, confuso.

— O que quero dizer é que a senhorita Thiessen é desejável

-

bastante desejável -, mas ainda assim um perigo. Não quero ser obrigado a me casar com ela.

Para alguns, a decisão de aceitar sentimentos vinha mais simples do que para outros, e ele fazia parte de 'outros'. Se existe atração, o amor chegará em seguida. Se há sentimentos, segue-se com o cortejo. Mas com o amor vinham as responsabilidades e o lado ruim da vida. Se Dietrich pudesse escapar de algumas delas, escaparia.

— Não podemos nos dar ao luxo de querer algumas mulheres, Theodor. Ela é uma moça de boa família, não alguém com quem eu possa me divertir.

— Case-se com ela e aí poderá se divertir o quanto quiser.

— Deus me livre — Dietrich levou a garrafa outra vez à boca, como se precisasse se benzer contra a ideia. — Não quero me casar. E nem ela. Aliás, o casamento está fora de cogitação. Ela é

— Dietrich olhou para frente, procurando palavras. — ... é irritantemente...

*Adorável.*

*Adorável* além do que Dietrich podia suportar.

Dietrich não pensou muito antes de partir. Na verdade, não pensou quase nada. Quando percebeu que seu coração contraía e

dilatava em ritmos alucinados à simples visão da moça, soube que precisava se distanciar. Ele fazia novas investidas, Emma retribuiria.

Seus desejos eram similares, fortes e um tanto quanto selvagens.

Eles arruinariam um ao outro, e todos os planos que tinham. Ele arruinaria a reputação dela, e, se tivesse alguma decência, a desposaria. Então estaria preso a ela para o resto da vida. Ela dormiria de um lado do castelo, ele em outro, como aconteceu com cada um dos casamentos de seus antepassados. Eles se detestariam, e se visitariam apenas para gerar filhos. Ela o ignoraria durante os jantares. Ele torceria para ela morar em Solitude enquanto ele permanecia na capital.

Ele teria amantes e mais amantes. Ela também.

Até que um dia Dietrich viraria um daqueles homens mal humorados da galeria. Barrigudo, triste, cheio de rancor. Teria dinheiro e poder, filhos bastardos e verdadeiros, uma bruxa em casa e mulheres pouco importantes fora dela.

Dietrich daria um órgão do corpo para escapar dessa sina. Que esse órgão fosse, então, o coração.

— Ela é irritantemente o quê? — Theodor perguntou. — Você não terminou a frase.

— Desbocada — Dietrich respondeu, seco. — Enervante, irritada, ingênua.

— Que curioso alguém ser coisas tão distintas.

— Vá embora, Theodor.

Theodor esticou o braço e tocou uma sineta, mostrando a Dietrich que não pretendia ir. O criado/valete/cocheiro preguiçoso de Dietrich respondeu ao chamado, e serviu sem qualquer cerimônia uma taça de *Kirschwasser* ao conde.

Theo poderia jurar que o criado havia bebido também. Assim que ele saiu, Theodor voltou a amolar o irmão:

— Se interessa saber, ela se recuperou da alergia.

*Ah, Deus, Dietrich queria muito saber.* Ele sentiu um peso abandonar seu peito ao ouvir aquilo. Exalou tomando cuidado para não fazer barulho e deu um gole gorgolejante no xerez. Não queria mostrar ao irmão que se importava. Mas ele se importava muito mais do que devia.

— Fico feliz em saber.

— Aconteceu outra coisa na sua ausência também. — Theodor levou o copo à boca, vendo a atenção de Dietrich voltar-se para o seu lado. — Não sei se devo contar.

Dietrich se sentou reto na poltrona.

— O que aconteceu?

— Ela e o botânico, o apadrinhado da condessa, passaram o último dia conversando. Parece que ela é uma ilustradora talentosa.

O Sr. Stiff deve estar tentando convencê-la a se unir à expedição de junho, pelo que entendi. Não participei das conversas, a irmã mais velha da Srta. Thiessen é uma criatura bastante desagradável e tentei manter distância — Theodor balançou o copo e tomou o resto da bebida. — Ao que parece, o assunto África pareceu interessar à senhorita. À do meio, no caso. Sabe Deus por quê.

A bebida que antes corria festiva pela corrente de Dietrich desapareceu. De um segundo para o outro, as paredes ficaram nítidas, o cômodo ganhou cores e um gosto residual desagradável, amargo, fez o rosto do duque franzir.

— Está me dizendo que aquele aguado do Sr. Stiff está de conversa com a Srta. Thiessen?

— Bem, ela estava desenhando para ele. Pelo que entendi, a expedição precisa de ilustradores, e ele se encantou pelos traços da jovem. Achei a ideia estapafúrdia, é claro. Quem despencaria da Alemanha para a África para desenhar plantas? Mas então lembrei que a pobrezinha deve estar apavorada pelo que as colunas dirão sobre o seu sumiço... Deve ser constrangedor ser cortejada por um homem que a abandona no próprio castelo. A mulher deve estar procurando um lugar para se esconder pela próxima década.

Theo pousou o copo sobre a mesinha, observando a curiosa transformação de Dietrich. Bêbado, chocado, sóbrio.

— *Scheisse* — Dietrich vociferou. — Esqueci completamente das colunas.

— Ela, pelo jeito, não.

O duque se levantou, irritado. Cambaleou cheio de coisas a dizer, mas nada veio. O amargo da notícia carregava aos poucos a embriaguez embora. Nele, só o rosto de Emma crescia. O sorriso delicado, o olhar inteligente. A face bonita não demorou para ser soterrada pelo despejo de milhões de indecisões. Sua imagem

sumiu sob remorsos mal elaborados, medos infundados, expectativas não alcançadas. No topo, como uma cereja sobre um bolo, estava sua impotência. Eram sentimentos o que nutria por ela ou apenas uma tentativa de voltar a utilizar pequeno Dieter? Dieter não era desprovido de consciência. Não queria se iludir ou iludir ninguém. Se fosse apenas luxúria, deveria ser contida para o bem de todos.

*Ah, raios. Era luxúria também.*

— Por que fugi como uma criança assustada ao me deparar com o óbvio? — Ele perguntou a Theodor, sem saber o que fazer.

— Porque teve medo — o irmão falou. — Porque o óbvio, como percebeu com a bendita ajuda do álcool, é que está se mordendo de ciúmes.

Dietrich olhou desgostoso para Theodor.

— Theodor, acho que estou com problemas.

— Você sempre os teve. Que problema novo você tem?

— Acho que estou sentindo coisas pela Srta. Thiessen. Não quero que ela seja cortejada por outro. Não quero que ela despose ninguém.

Theodor olhou para o irmão, doido para esmurrá-lo.

— O que eu tenho? — Dietrich desarrumou o cabelo. — Não me diga que estou apaixonado, seria demais admitir isso. Sei que não quero me casar, porque tenho pesadelos só de imaginar as agruras de um romance *Württembergiano*. Queria algo melhor para mim do que meus ancestrais tiveram! Você já foi à galeria de nossos antepassados? Não vá, é deprimente! — Dietrich bradou andando para lá e para cá sobre o tapete ancestral. — Mas não posso tê-la se não for nessas condições! O que está acontecendo? Eu não consigo lidar com *isso* — o duque girou a mão na frente do peito, como se *aquilo* - seu coração - fosse uma anomalia, um corpo estranho que ele preferia extirpar.

Ele queria entender melhor o que estava acontecendo. Uma escolha, e sua vida seria miserável. Outra escolha, e ele

condenaria Emma à condição de mulher mais infeliz do mundo.

Só Theodor não enxergava o drama naquilo.

— Está deixando o terrível histórico marital dos Württemberg-Winnental influenciar suas decisões. As pessoas optam por

relacionamentos infelizes, Dietrich. Na verdade, elas nem optaram por uma relação, e sim uma parceria. Cada um daqueles ancestrais narigudos e balofos escolheu o que era melhor para si, dadas as condições.

Dietrich não queria a vida de seus ancestrais. Ele queria algo mais. Algo real.

— O que acontecerá se eu não voltar? — Ele coçou a cabeça, claramente perdido.

— Ela se encantará por outro. Viajará para a África, sei lá —

Theo perdeu a paciência. — Caso se importe com a Srta. Thiessen, meu irmão, diga a ela, e logo. A África fica longe demais para arrependimentos.

Dietrich voltou a tombar no sofá.

— O que você faria no meu lugar?

— Eu? — Theodor pegou a bengala apoiada ao lado e caminhou até a porta, pensativo. — Sou feito de outra substância, Dietrich.

Tão diferente de você quanto a água do vinho. Eu retornaria a Solitude com uma desculpa qualquer. Alegaria uma

reunião no parlamento, ou de negócios. Retomaria a corte de onde parei. Mas você é você. Pense em algo e *faça*.

— Não sei sustentar mentiras, a desculpa para mim não funciona.

— Até onde foi com a Srta. Thiessen que poderia considerar como *certo*? Parta dali.

Dietrich estava bêbado demais para apontar quando foi a última vez que agiu de maneira correta com ela. Então se lembrou de algo, e decidiu que partiria dali.

Realmente, Dietrich não era Theodor.

Theo viu as feições do irmão se modificarem: — Algo me diz que você pensou em algo.

Dietrich sorriu.

— Sei onde parei, e de onde pretendo retomar.

— Hm. Importa-se de dizer o que pretende fazer?

— Vou sequestrar a senhorita Thiessen.



pouca noção de limites e o duque era um representante perfeito da classe. Prova disso foi a entrada indigna em seu quarto, no meio da noite.

Emma abriu os olhos, zozna, vendo a claridade penetrar pela fresta da porta semi aberta. Um vulto surgiu do corredor iluminado pela luz fraca da lamparina.

Frau Herta, ao seu lado, roncava alto. Emma viu o gigante tropeçar nas próprias pernas, esbarrar na mesinha de canto e soltar uma blasfêmia. Ela se sentou na cama, parte excitada, parte curiosa, e se perguntou que tipo de idiota invadiria o quarto de uma dama sem saber se ela estava sozinha. E que outro gatuno teria o porte físico de Hércules, e a faria pensar primeiro em ajeitar o cabelo antes de gritar por socorro.

Os dois últimos dias haviam sido anormais. Por um lado, estava excitada pela conversa com o botânico e a perspectiva da viagem.

Por outro, sentia o corpo arder do que nomeou *desejo*. Tinha pensamentos impuros com o dono daquele castelo. De sua boca, e da trilha de beijos que ele deixou nela. Sua capacidade de desnorteá-la era única, irritante, ardorosa. Emma pressionou a boca para não rir ao vê-lo equilibrar um vaso que ameaçou cair no chão.

Como a duquesa previra, ele estava de volta. Ela devia ter adivinhado que a duquesa não errava muito. Mesmo assim, seu coração pulava sob a musselina fina, toda aquela aceleração espalhando um calor absurdo por ela.

*Não preciso morrer virgem e solteirona. Nem quero.*

— Emma? — O homem sussurrou no escuro. Emma teve muitas vezes vontade de esganá-lo pela rudeza e moê-lo pela grosseria de ter partido, e se não estivesse tão interessada em sua presença, adoraria ver Frau Herta avançar sobre a sombra atrevida. Mas ela

podia ficar com raiva mais tarde. No momento, estava excitada pela entrada esquisita. — Você está aí? — ele perguntou baixo.

Ela se moveu na cama, ouvindo o ronco alto da senhora. Pisou no chão frio procurando os calçados forrados, e só quando se afastou da cama, respondeu:

— O que está fazendo aqui, milorde? — Ela cruzou os braços na frente do corpo. A camisola de algodão era comportada e ia até o pé, mas ela nunca havia sido vista de camisola e touca antes por um homem. — Não pode invadir o quarto de uma moça no meio da noite!

Os olhos dele reluziram como se ela estivesse se aproximando sem roupa.

— Juro que achei que fosse você roncando no quarto — ele falou baixinho, rindo quando outro ronco alto cruzou o silêncio.

Emma o olhou, séria. Ou tentou olhá-lo. Sua sombra esmagadoramente grande a fazia sentir *coisas*. O modo como o cabelo caía desordenado, como se ele tivesse saído de uma briga, e envolvia de maneira rebelde a lateral de seu rosto. Queria mandá-lo arrumar. Na verdade, queria arrumá-lo ela mesma. Os olhos, lustrosos sob a luz discreta, sorriam. Havia nele algo mais sob o cheiro de fino trato que normalmente exalava. Alguma coisa secreta e aromática. *Sândalo? Cravo?*

— Frau Herta o mataria se o visse se esgueirando pelo quarto —

Emma sussurrou. — O senhor tem muita coragem.

— Se soubesse que ela estava aqui, teria tido um pouco *menos* de coragem — Ele admitiu, e uma carreira branca de dentes acendeu a escuridão do quarto. Um segundo se passou até que a voz dele finalmente soasse séria: — Boa noite, Srta. Thiessen.

Emma mal conseguiu segurar o sorriso.

— Boa noite, milorde.

— Está com raiva de mim por ter sumido?

— Eu celebraria se ouvisse que pegou tifo. Isso responde à pergunta?

— Acho que sim — Seu riso rouco ouriçou os pelos da nuca de Emma. — Mas posso tentar me redimir. A Srta. teria algo contra?

*Contra?* Não. Quando a nobreza decidia pedir desculpas, o assunto ficava interessante demais para ignorar. Mesmo assim, o

interesse não desculpava a intrusão noturna.

— Quer se redimir invadindo meu quarto no meio da noite?

Ela não ouviu resposta do duque, porque ele não respondeu.

Não, pelo menos, verbalmente. Com um passo, o homem cresceu à frente e colou o corpo no seu. Pernas, coxas, barriga, como se ele tivesse sentido falta de unir-se a ela e não quisesse perder tempo conversando. Uma mão a

envolveu pela cintura, grande e firme, a outra prendeu sua nuca. Seus lábios, quentes, acharam os dela, fazendo com que os ossos de Emma esquecessem-se de suas funções. Tudo que ela precisava era ficar de pé, mas se viu mole, inclinada na direção dele. Ele tinha o direito de sumir por dois dias e voltar cheio de paixão? Não. Mas ele estava ali, e Deus era testemunha, *cheio de paixão*. E foi paixão que a fez abrir os lábios e ceder sua língua, e deixou que a dele a penetrasse, quente e úmida.

Emma suspirou, entregando-se com ardor. Como se entregou da última vez, e como havia se entregando sempre que ele encostava nela. Os braços que o seguravam agora o apertavam, puxando-o para si.

Sua entrada foi risível e adorável. Aquele jeito azucrinante de ser trazia graça aos seus dias. Que esse mesmo homem fosse um vulcão prestes a explodir pela pressão a incendiava. Um malandro de coração mole. Um patife doce.

— Odeio você — Ela disse descolando a boca da dele, sob o som das trovoadas da acompanhante. Ou era seu coração? Algo rugia ao redor, e ela já não sabia mais o que. — Como quis te matar

— ela voltou a beijá-lo com raiva, apaixonadamente irritada.

— Minha pequena desafortada — ele a afastou só para responder. — Uma parte de mim a quer a qualquer custo. A outra está tentando defender seu bom nome. Por favor, afaste-me se tiver juízo.

— Você não manda em mim — ela voltou a esfregar os lábios no dele. Já não sabia se mantinha sua camisa no lugar ou se tentava afastá-la. Tendia para a segunda opção. — Não pode chegar aqui me dando ordens.

Ele afundou o rosto moreno na curva de seu pescoço, enquanto a mão puxava o quadril até sua virilha. Emma sentiu, mole, os beijos

descerem pela pele, fazendo sons sensuais. Como podia exigir que ela o afastasse? Ele era mesmo um miserável.

Mas então ouviu o último bastião da razão gritar do fundo da cabeça: *pense nas consequências!*

Ela o afastou, procurando seus olhos:

— O que acontecerá se eu não o afastar?

— Então a sequestrarei, e a levarei para algum lugar onde possamos ficar sozinhos.

— E se eu o afastar? — Emma perguntou, sentindo as mãos do homem descerem audaciosas até suas nádegas e a puxarem.

A voz dele chegou baixa:

— Então sequestrarei você, e a convencerei a me querer.

Emma riu.

— Tenho opções?

Dietrich balançou a cabeça que não, entrelaçando a mão à dela:

— Vamos?

— Não acha que, para ser um sequestro, eu deveria sair daqui amarrada ou sobre seus ombros? — ela inquiriu.

Dietrich pareceu achar a ideia excelente.

— Quer que eu faça isso?

Emma fez que não.

— É melhor irmos andando, então — ela disse. — Se aquele tigre acordar, estaremos encrencados.

— Deus, como amo encrencas.

— Você é homem. Pode se dar ao luxo de gostar delas. Eu, não.

Eles caminharam até a porta, tateando ao redor. Emma sentia algo elétrico e tangível vibrar os ossos. Ela estava fazendo algo errado, e parte sua estava adorando.

— Espere — ela pediu, olhando para a camisola. — Preciso me vestir.

— É um sequestro, senhorita. Seqüestradores não dão direito às vítimas de se trocarem.

— Mas estou de touca e camisola.

— Tirarei tudo na hora certa.

Emma empacou no lugar. Só então se deu conta de que eles talvez não ficassem apenas nos beijos.

— Não pode me despir. Achei que fôssemos apenas nos beijar.

O duque suspirou, pacientemente, e depositou um beijinho sobre o seu nariz.

— Tirarei cada peça sua de roupa. E você, as minhas. E então haverá todo aquele movimento sensual de êmbolos e máquinas que tem feito eu me morder de desejo pela

senhorita. Porcas e parafusos voarão para todo o lado. Você suspirará feliz, ao final. Eu, se tudo der certo, também.

*Ele se mordida de desejo por ela?* Que imagem erótica aquela frase causou em Emma.

Mas então ela chacoalhou a cabeça, trazendo-a de volta ao lugar. Ela também o queria muito, mas só havia pensado naquela brincadeira até o ponto onde chegaram duas noites atrás. Beijos e...

*algo mais.* Não tinha a intenção de ser arruinada aquela noite. A intimidade não terminava obrigatoriamente no ato final.

— Espere — ela pediu. — Preciso pensar sobre isso.

— Que tipo de sequestrador eu seria se ouvisse suas dúvidas?

— Não posso ir — Emma decretou.

Dietrich praticamente quicou de ansiedade no lugar.

— Por que não?

Emma não sabia dizer. Sua vontade era ir, mas seu bom senso dizia para não fazer aquilo. Se alguém soubesse, ela estaria perdida. E havia toda aquela coisa de bebês e da roda da vida.

Caso fossem pegos, ela teria que se mudar da Alemanha. Traria a ruína para seu pai e irmãs. Nem mesmo embarcar para a África ela conseguiria.

Ela o desejava bastante, mas não a ponto de correr tantos riscos.

— Não posso.

O tom, a altura, a forma gentil como disse aquilo: tudo naquela frase simples indicava que não haveria o encaixe de máquinas. Não importa quanto vapor corresse pelos circuitos dela, ela não teria um bastardo, ou traria ruína às irmãs.

O duque estava desconsolado. Ele largou a mão dela e deu dois passos para longe, bagunçando o cabelo.

Então ele teve uma ideia.

— Emma — ele voltou a se aproximar. — Se eu prometer não despi-la, você vem?

— Não posso ter meu nome jogado na lama, milorde.

— Prometo que não a arruinarei. — Ele coletou sua mão e a beijou suavemente, encerrando ali a tentativa mais patética de sequestro do planeta. — Sem ruínas. Só intimidades.

Até o ponto “intimidades” ela podia concordar.

Aquilo, finalmente, era um *acordo*.

— Temos até o nascer do sol — ela disse, com toda a dignidade que conseguiu juntar em meio ao calor que tomava seu rosto.

Ele sorriu, aliviado.

— Darei um jeito de fazer o sol subir mais tarde amanhã, minha querida, se isso me permitir tocá-la.



26

E

alguns corredores e subiram um lance das escadarias. O castelo estava no mais completo silêncio. Todos dormiam.

O duque entrou em seu quarto e fechou a porta. Fechou também seus anexos, de onde às vezes surgia Herr Schmidt e suas roupas arejadas, ou uma ou outra criada responsável pela limpeza. Ele acendeu uma lamparina no canto, e outra perto da enorme cama de dossel. O quarto era suntuoso, a pompa presente em todos os detalhes: do teto esculpido nos cantos em dourado ao azul real da colcha sobre a cama. Mastros retorcidos subiam dos quatro cantos da cama, e, sobre eles, metros e metros de tecido caíam pesados até o chão. Franjas douradas davam ao veludo das almofadas um ar de requinte e conforto, e Emma absorvia a tudo com estupor e admiração. Eram os aposentos de um rei.

Com a luz, ela viu um imenso quadro cobrir toda a extensão da parede. Dietrich, o nono duque de Württemberg, havia sido retratado em toda a sua glória. Os traços eram perfeitos, e as cores, bem executadas. Cabelos espessos e negros, olhos astutos, tom de pele quente e acobreada. Perto de sua beleza, seus títulos eram nada.

Emma caminhou até a imagem esquecendo de respirar. Havia pensado nele muitas vezes durante aqueles dois dias, mas nenhuma representação mental que fez se igualava à beleza real daquele homem. Ele podia ser deplorável em alguns aspectos, mas em outros... não. Um pedaço de seu coração sabia que jamais encontraria aquela estranha combinação de patifaria e magnetismo em outro homem. O resto deles tornava-se bastante insosso quando comparado a Dietrich.

Enquanto ele acendia outra luminária, ela apertava uma mão na outra, nervosa. O que estava fazendo? Ela não sabia responder.

Nenhum deles almejava o matrimônio, mas ambos sentiam o sangue ferver ao menor esbarrão. E as coisas que ele havia feito com ela no nicho... Em que ano de sua vida Emma se esqueceria daquelas sensações? Talvez, quando fizesse oitenta anos, e já não se lembrasse mesmo de muita coisa.

Ela precisava confessar que não era exatamente a ruína de sua castidade o que a atormentava. Ela não sentiria remorso. Era apenas uma questão de manter o bom nome. Precisava seguir com a vida. Aquele homem um dia desposaria a mulher certa, e ela esperava estar bem distante da Alemanha quando isso ocorresse.

Pelo jeito, Emma não era a única a pensar dentro do quarto.  
O

duque também parecia fazer o mesmo.

— Milorde. Antes que façamos algo impensado, precisamos conversar.

— A senhorita fala demais para uma sequestrada — ele se aproximou como um felino, levando a mão até a touca dela. A proximidade do corpo quente a fez acelerar as palavras.

— Ao contrário deste “sequestro” que inventou, minha vinda aqui foi planejada.

Ele deslizou a touca pela cabeça, e os cabelos castanhos e fartos de Emma escaparam da contenção delicada. Os olhos de Dietrich brilhavam como estrelas enquanto acompanhavam as ondulações bem escovadas caírem até a cintura.

— Como já conversamos, não pretendemos ficar juntos — ela sentiu o toque dos dedos dele correrem pelos seus fios, do crânio à nuca, fazendo-a se arrepiar. — Mas é inegável que ...

Ele a torturou outra vez, do outro lado. Sua mão desceu por um cacho delicado, e passeou pela cintura esbelta.

— ...Que há desejo entre nós — o fio de voz escapou pela garganta constricta — E queremos sentir o outro.

Ele balançou a cabeça que sim. Queria muito senti-la.

O peito forte de Dietrich subia e descia, e um calor sem precedentes crescia nela. Emma tocou o próprio rosto para confirmar se era impressão ou ela estava mesmo pegando fogo.

Estava.

— Meu coelhinho desaforado — ele passou o nariz pelo cabelo dela, fazendo-a sentir coisas muito íntimas. — Vai me deixar sentir

cada pedacinho do seu corpo?

— Vou?

— Vai.

As mãos do duque fecharam-se em seus braços. Ele a trouxe para perto, mais firme que há pouco. Emma sentia um turbilhão de sensações correrem sob a pele. A pele crepitava; a barriga explodia em fogos, a união entre as pernas se manifestava outra vez.

— Você quer que eu te toque, Emma? — ele perguntou.

Emma mordeu os lábios e fez que sim. Que diabos, ela queria.

Queria sentir a boca dele outra vez. Só por uma noite. Ou enquanto durasse a insanidade em sua cabeça. Sua razão estava presa no porão, amarrada e amordaçada, enquanto as daminhas inconsequentes amotinavam-se. Que confusão aquele homem causava nela.

Dietrich aproximou a boca de seu ouvido:

— Sonhou comigo enquanto estive fora? — Ela sentiu o farfalhar de seu casaco roçar a camisola dela. Ela vestia tão pouca roupa.

Ela fez que sim outra vez. — Gostou daquela noite?

Sim, sim, sim.

— Eu sonhei com você — ele confessou, levando as mãos até o laço que fechava a camisola. Com delicadeza, o desfez. — Com seu gosto. E sua pele.

Ela fechou os olhos e suspirou. Seus dedos haviam se enfiado dentro da camisola, e brincavam com suas escápulas.

— Por isso voltou? — Ela olhou para cima, fisgando o olhar escuro.

Dietrich parou de mexer os dedos, e a abraçou forte. Tão forte que Emma sequer soube como retribuir o abraço.

— Um pouco mais do que por causa disso, Emma.

Quando ela viu, o chão havia sumido sob seus pés. Ele passou os braços pelas dobras de seus joelhos e a ergueu, carregando-a até a cama. Emma foi gentilmente deitada sobre uma nuvem de almofadas macias e perfumadas. Ele se deitou ao lado, vestido, e a fez olhar para ele.

— Prometo não ultrapassar linha alguma que não deseje cruzar.

Ela não sabia o que dizer. Nem o que fazer. Saberia, na hora em que chegasse, afirmar que linha era aquela? Levando os dedos até

o lenço elegantemente amarrado ao redor do pescoço grosso, ela o desamarrou. Lenta e gentilmente, sob o olhar atento do duque. Em seguida, Emma empurrou o colete pelo ombro forte. Ele precisou ajudá-la, e logo estava sem ele. Hora de desabotoar os botões ricamente bordados, e revelar o que Dietrich mantinha sob a camisa branca.

Um se foi, e Emma segurou o ar. Sonhava com seu peito. Com seu tamanho, cor, textura. Em ser mantida quente contra ele. Era demais desejar a segurança do corpo de um homem? Achava-se tola por isso, mas desejava.

A abertura do segundo botão revelou pelos escuros e macios que fizeram Emma contorcer as pernas. Aquilo era constrangedor: estava molhada. Já havia lido sobre a umidade que invadia as partes íntimas de uma mulher, mas nunca sentido aquilo. Ela deslizou a mão por dentro da camisa dele e girou os dedos para sentir a textura dos fios. Negros, como o do corsário do livro. Macios e suaves, a complementação perfeita para a pele quente e morena.

Ela subiu os olhos e encontrou os dele. Desejosos, pesados, ansiosos por mais.

Ele a puxou pelo ombro e ela veio. Era tão fácil se entregar, Emma pensou. Ela se sentia flácida e maleável, frágil como um pedaço de pano. Os beijos recomeçaram sobre a cama suntuosa: no pescoço, na lateral do rosto, no queixo e na boca. Emma o viu deslizar para cima dela e cobri-la, o peso maravilhoso do corpo masculino contra o seu. O coração dela batia com tanta força que podia ser ouvido do outro lado do castelo. Sua respiração dava sinais de que ia falhar.

Ele disse seu nome, baixo e rouco, ajeitando-se entre as pernas dela. Ela sentiu sua virilha estufada em meio às coxas, as pernas dele ao redor das suas. Tremia de excitação, mas conseguiu, com os dedos inseguros, terminar de desabotoar a blusa de Dietrich. Ela precisava senti-lo direito. Deitado sobre ela. A blusa saiu por um ombro, e depois pelo outro, e ele tirou às pressas o resto.

Dietrich estava sem camisa, e Emma só conseguiu respirar porque treinara muito a puxar o ar no decorrer da vida. O que fazer diante de tanta pele?

Ele pegou sua mão e a levou até ele. Ela sentiu a textura suave e o calor, e beijou-o ali, de olhos fechados. Inspirou a

pele morna, deliciada pelo cheiro que ainda trazia um vestígio leve de banho.

Arrastou o nariz, atreveu-se a colocar a ponta da língua para senti-lo, como ele fez com seu pulso, dias atrás.

— Você confia em mim? — Ele perguntou.

Ela olhou para ele.

— Posso confiar?

Ele fez que sim, apoiando-se nos cotovelos e aliviando a pressão sobre ela. Deitado de lado, seu corpo forte era um recorte perfeito do seu. Onde um se curvava, o outro convergia. Dietrich acariciou a lateral do corpo feminino, do braço delicado à cintura, a curva da anca, a coxa que se encolheu quando ele traçou os dedos por ela.

Puxando com gentileza o tecido da camisola, abaixou-a até revelar o seio alvo. Emma tentou se cobrir mas ele fez que não. Ele a beijou outra vez, dura e apaixonadamente, enquanto massageava o seio que tinha o tamanho certo para as suas mãos.

— Quero senti-lo outra vez — ele murmurou em seu ouvido.

Trêmula, Emma fez que sim.

Dietrich beijou seu pescoço, aspirando seu aroma. Continuou trilhar o caminho de beijos pela pele até o mamilo inchado, beijando-o primeiro, depois lambendo-o, e por fim, sugando-o com delicadeza. A sensação fez Emma fechar os olhos. Aquilo era pecadoramente bom. Tão bom que ela sentia vontade de gemer.

Enquanto a segurava pela boca quietinha no lugar, os dedos de Dietrich trabalhavam na parte de baixo. Ele puxou com cuidado o tecido da camisola para cima até Emma sentir o calor de sua palma encontrar a pele lisa da coxa.

Ele soltou o mamilo e arrastou-se na cama em direção a ela.

— O que farei não tirará sua virgindade — murmurou no ouvido de Emma, e ela mal conseguiu fazer que sim. — Será tão bom que acreditará estar chegando ao céu.

Deixando-a imaginar o que seria o céu, ele voltou a beijá-la enquanto avançava com os dedos. Todos os sentidos de Emma estavam em alerta, acordados pela promessa críptica. Sua língua enroscou-se à sua, seu peito indo e vindo, o peito quente roçando

contra o seu, agora sensível, e os dedos chegando perto do seu centro.

Emma não sabia se fechava as pernas ou as abria. Queria abri-las, mas sentia urgência em fechá-las. Dietrich decidiu por ela: os dedos cavaram espaço entre as coxas espremidas, achando seus pelos. Ele sorriu durante o beijo, os dedos brincando de roda sobre seu monte de vênus. Até que se perderam, delicadamente, como quem se perde em uma caverna escura.

Ela gemeu na boca dele, retorcendo-se. As sensações eram inquietantes e deliciosas. Eram perfeitas, sensuais, proibidas.

Sentia-se sensível e invadida. Exposta, vulnerável, aberta. Os dedos separaram as superfícies unidas, abrindo-as como pétalas, e deslizaram para dentro dela sem dor. Ela sentiu algo novo e diferente, que chamaria mais tarde de luxúria.

De olhos fechados, ela inclinou o corpo, facilitando seu acesso. De sua boca saltavam lamentos baixos.

Os dedos compridos de Dietrich eram experientes e sabiam o que estavam fazendo. Eles circundaram seu íntimo certos de onde estavam, querendo chegar a um lugar específico. O lugar certo.

Bem ali.

Emma gemeu.

Ela sentiu o nariz dele acariciar seu rosto. Queria retribuir o carinho de alguma forma, mas não conseguia. As sensações eram boas demais. Ela se contorcia, sentindo a boca do homem deixar seu rosto em direção ao pescoço.

— Está gostando? — ele perguntou. Ela moveu a cabeça que sim. — Vai ficar ainda melhor.

Como?

Então os lábios do homem se fecharam ao redor do lóbulo de sua orelha e ele disse, meio rosnando, meio gemendo: — Meu coelhinho desafortado.

Ele mordiscou a pele do seu pescoço, e os dedos começaram a friccionar repetidamente um só ponto dela. Ela sentia um misto de angústia e desejo. Sentia-se envolta em uma névoa de sussurros suaves e beijos lentos, tombando em queda livre em direção a um lugar que não conhecia. A boca de Dietrich continuou a descer. Ele beijou seu colo. Mordeu sua escápula. Uma sensação agonizante e

afiada disparou eletricidade por suas vértebras quando ele mordiscou o outro mamilo por cima da roupa. Ele puxou o pontinho sensível, então começou a chupá-la por cima da

musselina. Emma começou a arfar, sem saber se se concentrava em uma carícia ou na outra. Que doce tortura. Quantas sensações proibidas.

Algo começou a se avolumar dentro dela. Como uma onda crescente no mar, ou uma massa fermentando. A sensação excedeu o reino das metáforas conhecidas e a lançou a picos altíssimos, que a fez arquear as costas e emitir um silvo suave e agudo, para despencar de volta na cama como se tivesse caído de um precipício.

Emma ficou imóvel sobre a cama, sentindo estrelas reluzirem em pontos diversos do corpo. Abriu os olhos, zonga, com o corpo crepitando de algo vivo. O que tinha acontecido ali?

Ele a olhava, carinhoso e curioso, louco para saber como havia sido a experiência. Como um menino que conta um plano mirabolante para uma amiga e espera sua resposta. Mas ele já sabia. Ela sorriu, feliz. Havia sido uma experiência única.

Por um tempo ela olhou para o teto estucado, onde desenhos de anjos enroscavam-se com mulheres louras e rechonchudas, que flutuavam contra um céu anil. Pensou em perguntar, bem humorada, se o teto do quarto havia sido pintado para limitar a libido do ocupante, mas deixou para lá. Havia experimentado algo incrível por causa daquela libido, e não queria reclamar.

Quando se sentiu recuperada, virou-se de lado, apoiou a cabeça na mão e olhou para o homem incrível deitado ao seu lado. Queria tocá-lo também. Desejava vê-lo estremecer, e tombar como ela tombou.

— Posso tocar em você?

Ela sabia que ele estava excitado. Sentia o volume encostado em sua perna, mas temia que a reação fosse temporária. Que, caso ele não 'funcionasse', desencantasse-se por ela. Ele a havia elegido como a solução do seu problema, mas e se ela não fosse? Há um ano Dietrich não sentia prazer. O medo de vê-lo falhar era grande.

Ele fez que sim.

Emma desceu as mãos pela barriga até a virilha. Sentiu o volume imprensado dentro da calça, sua curva masculina e viril, e o

modo como seu toque o fazia respirar mais fundo. Ele a ajudou a desabotoar a calça, e a camurça desceu pelas pernas. Estava escuro, mas Emma pôde observar a carne rija da coxa, os pelos macios e a presença pulsante do membro rijo. Um membro grande e grosso, envolto por um círculo de cachos escuros.

Emma mordeu os lábios, atizada por aquilo que não tinha nome.

Ela tocou o pênis de Dietrich. Sentiu o calor e umidade da cabeça, a textura aveludada da extensão, a sensação crespa dos cachos. Então o segurou com firmeza, como se segurasse uma barra de ferro. Ela parecia tão dura quanto uma, mas, ao mesmo tempo, era flexível e quente. Chamativa.

Ela empurrou a pele sentindo-a deslizar sobre a extensão, um misto de movimentos seus e próprios dele. Dietrich estava em êxtase. Observava o próprio membro e o movimento das mãos delicadas com os olhos pesados e a boca entreaberta. As unhas claras subiam e desciam pela sua extensão, o liquido minando da fenda central umedecendo e facilitando o vai e vem.

Ele chamou seu nome. Rouco, como se a voz tivesse sido esfolada na areia. Emma sentiu uma vontade primitiva de se sentar sobre ele. De senti-lo nela. Queria a sensação final do ato, o ardor da penetração, a sensação do encaixe.

Mas não podia. Não estava protegida, não faria isso consigo e com as irmãs.

— Como posso te dar prazer? — ela perguntou baixo, sem saber o que fazer.

— Você já está dando — ele afastou o cabelo do rosto dela.

Sem largá-lo, ela se aproximou dele, e soltou: — Maldito seja você que me apresentou a isso.

Dietrich soube que estava perdido quando Emma olhou para baixo, para o movimento úmido e rítmico de sua mão, e, ao invés de pensar em sujeiras, pegou-se pensando em quanto a adorava. Não fazia ideia de como havia ficado tão ligado a ela, e em que momento deixou de achá-la interessante e passou a vê-la como essencial. Há

um ano ele não saberia sequer nomear essa sensação. Talvez sequer tivesse sentido-a até ali. Estava acorrentado à experiência; sentia a presença de Emma em todo seu corpo. O sexo nunca havia sido tão perfeito. Com ninguém. E nem mesmo havia tido a necessidade de penetração.

Entre outras coisas nobres, as menores: ele queria aquela boca rosada e virgem ao redor do seu pau. Ah, se queria. Queria a língua doce dela deslizando por ele. Queria chupar seu favo, extrair seu mel, penetrá-la com a língua até que ela chorasse de prazer.

Mas estava com medo. Não queria que ela fosse afetada negativamente por aquele momento. O temor dela era

compartilhado por ele, porque ele se importava. Verdadeiramente se importava com ela.

— Me beije — ela pediu como se tentasse arrefecer seu próprio fogo, e ele pudesse apagá-lo com um beijo. Dietrich segurou o queixo delicado e enfiou a língua na boca de Emma, exigindo a sua.

Beijou-a louca e demoradamente. Lambeu-a, mordiscou-a, cobriu a mão dela com a sua para que ela não o soltasse. Queria os dedos delicados cada vez mais firmes ao redor do seu mastro. Queria inalar seu hálito. Queria que ela sentisse sua semente. Queria sua boca nele. E queria desesperadamente chupá-la.

Ele se afastou.

— Preciso beijar você.

— Você já estava beijando.

— Não aqui. — Ele passou o dedo por sua boca.

Ela arregalou os olhos. Por um segundo se olharam, medindo o significado daquilo. Emma conhecia aquilo, ela lera a descrição em um dos livros da irmã. Ela umedeceu a boca com a língua e moveu quase imperceptivelmente a cabeça. Sua bochecha queimava, como se assasse no fogo.

Então ele desceu. Beijando os metros e metros de musselina, tentando erguer aquele absurdo de pano. Achou-a sob a confusão de babados, linda, seu triângulo cacheado retorcendo-se de prazer.

Ele já havia massageado seu pico até ela ver estrelas: queria agora enviá-la até elas. Sugar o grelhinho rosado e

fazê-la desmaiar chamando seu nome. Soava sujo e cru, do jeito que ele gostava. Ele a faria gostar também.

Nunca teve prazer com virgens, Dietrich pensou abrindo as pernas dela. Elas eram complicadas e ofereciam pouco. Mas não Emma. Sentia-se absurdamente envolto e presente, ali, porque ela também estava. Estava desesperado por qualquer migalha que ela pudesse oferecer, mas ela lhe oferecia um banquete. Naquele momento ela pertencia a ele, inteira. E ele queria tratá-la como uma rainha.

Ele se deitou na cama, de frente para a intimidade dela, sob protestos. Para acalmá-la, beijou sua coxa de um lado, depois de outro, vendo-a agarrar os lençóis. O cheiro excitado dela fez seu membro doer. Ela ficaria orgulhosa em saber que ele estava prestando atenção aos detalhes, como ela dissera para ele fazer, e amanhã ele falaria sobre cada um deles no ouvido dela. À mesa. De preferência, na frente do botânico aguçado e da tia chata. Diria que estava atento a cada centímetro de pele, cada pelo arrepiado, cada arfada longa. Contaria para ela como pequeno Dieter respondia as suas falas atrevidas, suas curvas e ao modo dela tratá-lo como uma causa perdida.

Ele era uma causa perdida. Mas uma com talento incrível para movimentos de língua.

Ele levou a ponta da língua à parte mais rosada da flor que se abria e tocou seu botão. Foi como se Emma tivesse levado um choque: ela tremeu inteira, e tentou se livrar dele.

— *Ruhig, Häschen* — ele pediu calma e a chamou de coelhinho.

— Confie em mim.

A crista inchada estava perfeita para seus beijos eróticos.

Pétalas rosadas se abriam para sua língua, escorregadias. Dietrich achou pela primeira vez na vida que enlouqueceria de tanto desejo.

Queria prendê-la a ele, queria Emma desamparada em seus braços, implorando por mais.

Ele começou o movimento circular ao redor e sobre a pontinha do prazer, aquela mesma que a fez explodir. O calor do interior macio contra a língua o fazia respirar forte contra ela. Fluidos delicados jorravam em sua boca. Sua mão deslizou até o seio exposto e começou a puxar e torcer o biquinho duro. As pernas dela estavam abertas ao redor de sua cabeça, a maciez da coxa contra suas orelhas.

— Isso não são beijos, seu pervertido — ela gemeu, contorcendo o corpo.

— Vou te mostrar como podem ser parecidos.

E ele mostrou. Um beijo vigoroso e erótico, o mais íntimo que uma mulher podia receber.

O quadril dela se arqueou, mas ele a segurou firme no lugar.

Queria deixá-la sensível e desejosa, e que pensasse nele o mesmo tanto que ele pensou nela nos últimos dias. Aos poucos, os joelhos de Emma tombaram de lado. Os dedos se afrouxaram ao redor dos lençóis. Dietrich suavizou as lambidas, deleitando-se com sua entrega completa.

— O que pretende com isso? — ela perguntou com um gemido.

— Catapultar-me para longe outra vez?

Ele fez que sim, e logo aconteceu. Ouvir seu gemido foi a coisa mais linda que Dietrich escutou nos últimos anos.

Ela mal teve tempo de se recuperar. Ele fechou as pernas de Emma, deitou-as sobre o lençol desarrumado e puxou-a para si, reconfortando-a da experiência. Ela respirou por longos segundos contra o peito dele, as mãos delicadas subindo e descendo pelas suas costas suadas. Seria mesmo possível que estivesse apaixonado por ela?

Sim, ele mesmo respondeu. Perdidamente.

Então ela despertou.

— Milorde.

— Dietrich — ele disse olhando para ela. — Chame-me pelo meu nome a partir de hoje.

Emma sorriu.

— Dietrich... quero retribuir o carinho.

Ele acariciou seu cabelo, e as costas da mão desceram pela pele da bochecha. Ele também queria, mas ela estava exausta. E no mais, ele se sentia constrangido pelo aspecto de suas partes íntimas. Os médicos haviam feito um bom trabalho em remendar suas bolas, mas no fim, era um membro atingido com uma bola a menos.

Ele não ligava para os comentários divertidos das prostitutas, elas eram debochadas e ele não as amava. Mas com Emma era

diferente. Ele não sabia como ela reagiria a ele, e sua reação era importante.

— Talvez outra hora.

Ela fez que sim, mas um minuto depois, as carícias em suas costas se intensificaram. A acomodação do corpo dela tornou-se mais apertada e inquieta. O corpo feminino contra o dele o acendeu, e seu membro enrijeceu novamente.

Emma começou a respirar mais rápido, o coração dele acelerou.

Ela prendeu seu rosto entre as mãos e perguntou, com franqueza:

— Está com vergonha?

Ele fez uma careta e balançou a cabeça entre um sim e um não.

— Eu tomei um tiro ali — Dietrich se justificou.

— Gostaria de ver.

Ele fez outra careta. Ela se aproximou, beijando-o de leve no rosto.

— Não há nada em você que eu não beijaria, milorde.

Então ela desceu. Enquanto ele se recuperava da frase dela, dita de forma tão íntima, ela beijou seu peito, sua barriga, seu umbigo.

Dietrich recostou na cama, o tronco apoiado pelos cotovelos, vendo-a traçar as veias roxas e estufadas de seu membro com os dedos.

O indicador parou sobre a ponta cor de rosa, lisa e brilhante da excitação, e a acariciou. Sem qualquer pudor, por pura curiosidade, ela estudou o seu membro. Havia um jogo de

luzes no quarto que transformava tudo em luz e sombra. Metade do rosto de Emma era luz, a outra estava escondida, e era para ele um mistério. Ela traçou o contorno de suas partes íntimas até achar a cicatriz do tiro. Então ela o beijou. Ali, onde ele foi atingido. Aquilo foi demais para Dietrich. Ele deitou na cama, os olhos no teto, sentindo a língua de Emma passear por ele. Ela percorreu cada milímetro, explorando a extensão de seu membro até que um calor divino o envolvesse. Ele estava dentro da boca feminina, inteiro, como havia sonhado.

Dietrich passou a mão pelo rosto, bagunçando o cabelo. Só tinha feito coisas erradas na vida, mas aproximar-se dela no baile havia sido a mais certa. Ela sentou em cima dele, como se o montasse, e ele quase riu. Ela não pesava quase nada, mal fazia cócegas sobre seu corpo. Mas o simples toque de sua língua o derrubou. Dietrich precisou pensar a boca para não deixar escapar um palavrão. Ela

segurou sem jeito a base do membro trazendo-o e empurrando-o à medida que o chupava. Enlouquecido, ele ergueu o queixo novamente para vê-la. Ela estava realmente ali, curvada sobre ele, seu pau sumido em sua boca?

O que ele fez para merecer o céu?

Ela movia os lábios unidos ao redor do seu pau, retirando-o às vezes para olhá-lo. Ela fez aquilo muitas e muitas vezes, até ser ele a pessoa a agarrar o lençol e gemer alto. Algo enorme comprimia seu peito e pressionava suas entranhas. Então ele precisou agir, ou faria algo indecente sobre ela. Ele gozou na própria mão, afastando-a, o peito subindo e descendo loucamente. Quando a olhou, com as mãos meladas, sentia os olhos pesados de prazer nos dela, como se fossem cúmplices do ato mais proibido do mundo.

Ele não merecia tanto.

Foi mais forte que ele. Ele limpou a mão na colcha azul e a tomou em um beijo apaixonado. Arfando e gemendo enquanto a pressionava contra ele, desesperado para mantê-la ao seu lado. E

beijaram-se como loucos por algum tempo, até que a brincadeira os levasse além. E um pouco mais além, dentro dos limites impostos por ela.

Mais tarde, com Emma deitada sobre ele, o cabelo esplêndido cobrindo a nudez parcial, ele conseguiu falar. Até aquele momento sentia tudo confuso, e estava mudo.

— Obrigado, Emma.

Ela apoiou o queixo sobre seu peito e o olhou. Os olhos escuros estavam leves e brilhantes, levemente divertidos.

— Pelo quê?

— Por existir. Não sei — ele beijou o topo de sua cabeça. — Por qualquer coisa. A propósito — ele sorriu para ela. — Você fica muito bonita de cabelo solto.

Ela encolheu um ombro, lisonjeada, e ele sentiu borbulhas no peito.

— Por que perdemos tantas horas por dia penteando os cabelos e trançando-os, então? — ela falou preguiçosa, ajeitando-se como uma gata aos músculos de seu braço. — Insistindo em penteados que parecem bolos sobre a cabeça? — ela suspirou.

Ele riu, trazendo mechas e mais mechas ao nariz para cheirá-las. Ele não sabia. Mas gostava dela com bolos sobre

a cabeça também.

Para a tristeza de Dietrich, ao olhar para a janela, viu tons de roxo e rosa tingirem o horizonte. Rosa como a pele dela.

Ela também viu.

— Preciso ir — ela falou desencostando dele.

Dietrich sentiu um aperto agudo no peito quando ela se afastou.

— Eu sei — ele a beijou delicadamente. — Infelizmente. Mal vejo a hora de vê-la outra vez.

Foi a vez dela fazer uma careta.

— Você me faz temer o momento. Por favor, comporte-se.

— Serei um lorde, senhorita.

Ela lançou um olhar derretido para ele. Correu os olhos pelo seu rosto, os olhos cansados pelo sono, e fez que sim. Que sabia.

— Sei que será. O senhor foi um a noite inteira.



H

S

para o patrão. Era o terceiro sorriso que Dietrich dava enquanto o valete o vestia. Dessa vez o nobre pediu para que Herr Schmidt caprichasse na escolha da roupa, ele queria parecer elegante. Melhor: *imponente*. O valete retornou do anexo desconfiado, uma careta de espanto e desconfiança retorcendo a face encovada. Vestiu finalmente o patrão como costumava vestir seu pai, o oitavo duque: com requinte e suntuosidade. Tons sobre tons, texturas sobrepostas, camadas. Como um legítimo lorde.

Trabalho feito, o criado deu um passo para trás e estudou o patrão. Investigou do lenço amarrado ao pescoço às botas polidas, e gesticulou com a cabeça, como se aprovasse o que via.

— O senhor está muito bem apresentável essa manhã, milorde.

Dietrich olhou-se no espelho e sorriu. Sim, ele estava apresentável. A mistura de cores entre o creme e o dourado, passando por marrons quentes o favorecia. E era essa a intenção.

Seu objetivo, desde que acordou, era eletrizar a coelha rebelde.

Provocá-la. Teve pensamentos sobre sequestro outra vez, mas as tentativas do dia anterior haviam mostrado que ele não dava para a coisa. No mais, podia simplesmente trazê-la pela mão, e desfrutar de seus beijos doces e adorável humor azedo. Pensar naquilo acendeu seu desejo por uma sobremesa específica, e fez uma nota mental para pedir que

Ihe servissem algo doce e cítrico no quarto, à noite. Queria vê-la se deliciando com algo que o lembrava dela.

O duque encontrou as Thiessen sentadas à mesa, tomando chá.

Ele passou os olhos pela reunião de pessoas, parando por um segundo a mais naquela que, em sua opinião, era a mais interessante das mulheres presentes. Viu o rosto de Emma enrubescer e mirar a xícara, e ele mesmo precisou esconder a aceleração do coração. Dietrich cumprimentou a mãe, Herr Winkel e

a condessa de Hagen, e escolheu um lugar que o posicionava de frente para Emma.

— Parece bem disposto esta manhã, vossa graça — a condessa comentou. — A permanência em Stuttgart deve ter feito bem ao senhor.

— Muito, milady — o nobre aquiesceu com um gesto discreto. —

Voltei, contudo, porque prefiro desfrutar da companhia dos senhores até o fim dos eventos.

A duquesa lançou ao filho um sorriso de quem não acreditava, mas agradavelmente aprovava a mudança de atitude. Dietrich sorriu de volta para a mãe. A reação dela foi balançar a cabeça, como quem desiste de tentar entendê-lo.

As conversas seguiram leves à mesa, mas a cada olhar que Dietrich lançava a Emma, ela corava. Talvez se lembrasse, como ele, da noite e seus detalhes. Ele sabia que as mesmas cenas que passavam pela sua cabeça passavam

pela dela. Baseado nos rubores que tomavam o rosto bonito, ele podia quase adivinhar que cenas eram.

Quando os convidados subiram para descansar, Dietrich convidou Emma para passear pelos jardins. Estava frio mas tolerável, e podiam levar as irmãs e sua acompanhante a tiracolo —

desde que mantivessem distância e eles pudessem conversar.

Vestidos de casacos, *muffs* e chapéus de peles, o grupo caminhou pelo mesmo jardim que Emma havia cruzado alguns dias atrás para encontrá-lo na estrebaria. De dia, o jardim trazia algum verde à paisagem estéril do inverno. Não havia nevado, o que facilitava a caminhada, e outros convidados se uniram ao grupo para uma visita aos cavalos.

Dietrich ofereceu o braço e Emma passou o seu por entre o dele.

As irmãs e a acompanhante seguiam logo atrás. Com a ajuda das irmãs, Charlotte e Arabella, eles podiam conversar em paz. Elas sempre tinham algo para ver, apontar e perguntar à acompanhante, de modo que era praticamente impossível ouvir o que os dois conversavam.

— Suas irmãs estão dando um cansaço e tanto na acompanhante de vocês.

Emma sorriu, olhando para trás.

— Vocês são todas assim?

— Assim como, Milorde?

— Espertas.

— Bem, em comparação com as moças com quem está acostumado a se relacionar, talvez.

Dietrich segurou uma risada. As moças com quem se relacionava eram bastante espertas, já que haviam crescido nas periferias da cidade. Mas não ia estragar o momento decepcionando sua companheira, contando sobre suas companhias duvidosas.

— Passou bem o resto da noite? — ele perguntou alisando discretamente os dedos dela.

As bochechas de Emma ganharam a cor dos tomates.

— Mal consegui dormir.

— E ao invés de deixá-la descansar, a chamei para uma caminhada.

Emma sorriu. — Mas não espero ser requisitada a tarde toda.

Quero lhe dar um presente esta noite, mas para isso preciso dormir um pouco.

O interior de Dietrich se agitou. Um presente à noite? Ele queria.

— Que presente? — Ele a olhou, deleitado.

— Estará aqui essa noite, não estará?

— Para onde iria?

— Não sei. Da última vez em que conversamos sobre o que aconteceu na noite anterior, o senhor fugiu.

Dietrich parou no lugar e a olhou. Olhos nos olhos, enquanto ouvia uma voz feminina gritar ao fundo: "Olhe só isso, Frau Herta!"

Emma riu. Suas irmãs estavam tentando lhes dar alguma privacidade.

— Não fugirei mais, Emma.

A voz saiu mais solene do que Dietrich gostaria, mas diabos, era verdade. Ele não iria a lugar algum, não depois de ontem. Sentia-se amarrado a Solitude. A ela.

— Estarei onde a senhorita estiver pelos próximos... —  
*Anos?* —

...Meses.

O sorriso de Emma congelou no rosto. Ele podia ver seus pensamentos girarem atrás dele. Ela recuperou a graça e murmurou, discreta:

— Busque-me às onze.

— Vestido? — Ele perguntou, divertido.

— Muito engraçadinho. Claro que deve me buscar vestido.

— A senhorita virá vestida?

Ela lhe deu um beliscão. Ele fingiu que doeu, mas não doeu.

— Eu só estava de camisola, ontem, porque tentou me sequestrar. Aguardarei ao senhor vestida.

— Que pena — Eles voltaram a andar.

Emma se recolheu logo depois do passeio, e aquela se tornou, para Dietrich, a tarde mais longa do mundo. Ele tentou dormir, mas não conseguiu. Tentou prestar atenção ao sarau de poesia, depois da ceia, mas tudo que sentiu foi sono. Mal via a hora de se recolher sem ser notado. Às dez e cinquenta, depois de beber com os cavalheiros, aproveitou o interesse dos homens pelos jogos de carteados e alegou sono.

Bateu na porta de Emma exatamente às onze, conforme combinado.

Ele pensara muito durante a tarde. Perguntara-se por quanto tempo aquela brincadeira duraria. Se, em algum momento daquela noite, o desejo passaria na frente da prudência e a paixão seria levada a cabo. "Levar a cabo" era uma maneira estranha de dizer que comprometeria uma dama. Ele precisaria formalizar a união.

Era uma decisão de vida, que, até o momento, ele tentava evitar.

Mas quando Emma abriu a porta, Dietrich sentiu uma emoção estranha travar a garganta. Ela estava com os cabelos soltos.

Ondas e mais ondas despencavam sobre seus ombros em direção à cintura. O vestido era menos largo que os usados em ocasiões formais, mas drapeados delicados flutuavam cor de rosa até o chão.

Os olhos, imensos, eram igualmente doces e maliciosos. Não vulgar, apenas juvenil. A malícia de quem havia preparado algo escondido e ansiava por mostrar.

Dietrich quase a pediu em casamento, ali mesmo, na soleira. Foi assim que soube que estava apaixonado.

— O senhor é um relógio suíço, Milorde. Onze em ponto.

— Estava contando os segundos, senhorita. Não permitiria que um só me atrasasse.

Ela achou graça na frase, mas não a levou a sério.

— Vamos? — Ele pediu sua mão. Os corredores estavam vazios e ele não tinha a intenção de acordar a gárgula que ela chamava de acompanhante.

— Espere.

Emma entrou no quarto e voltou segundos depois com uma valise.

— Está de mudança para o meu quarto? — ele brincou, pegando o objeto da mão delicada, testando seu peso. — Espero que sim.

— Acha que eu só teria isso? — Ela riu, corando.

— Tenho um séquito de criados para fazer a mudança, se precisar. Basta dizer.

— Oras, pare com isso — Ela passou a mão pelo braço dele, como se estivessem dando um passeio no parque. — Eles fariam muito barulho. E estamos fazendo algo que pede silêncio.

Dietrich sorriu, sentindo a sensação gelada correr pela coluna.

Eles estavam.

Desde que Emma havia saído de seu quarto, nos primeiros segundos da manhã, ele estava perdido em seu próprio êxtase. Um ano sem sentir a mais divina das sensações

havia aberto seus olhos. Ele queria atingir o pico do prazer, mas com quem passara a ficar importante. Tê-la em seus braços por aquelas poucas horas o fizera perceber algo grande sobre si mesmo.

Ele temia casamentos. Jamais pensara ou quisera desposar alguém, porque os casamentos de sua família eram verdadeiros cativeiros afetivos. Seus pais e tios jamais compartilharam seus leitos com as esposas escolhidas. Nunca demonstraram qualquer afeto por elas. Não que um casamento devesse conter amor; ele não era inocente de achar isso. Mas, por algum motivo que não entendia, a relação que começava como um negócio evoluía para algo diferente. Talvez, por causa da proximidade, uma das partes desenvolvia sentimentos pela outra, como aconteceu com sua mãe, e as amantes acabavam trazendo lágrimas, silêncios intermináveis e rancor ao dia-a-dia. Esses relacionamentos hostis, cravejados de espinhos afiados, deixavam marcas indeléveis em quem estava ao redor.

Dietrich não tinha a menor dúvida de que acabaria em um relacionamento assim, e tentava evitar que sua vida terminasse com

alguém destilando ódio por ele.

Mas ele poderia quebrar o ciclo e desposar alguém que não o desejasse morto pela manhã? Ele duvidava disso, até aquela noite, no baile. E se havia alguém capaz de quebrar alguma coisa naquele reino, esse alguém era ele.

Ele suportaria a caminhada conjunta se soubesse que haveria uma moça de língua ferina caminhando com ele. Se uma afronta não fosse a primeira coisa que ele ouvisse pela manhã, até o fim dos seus dias, ele preferiria sequer não acordar.

Mas, para conseguir aquilo, precisava primeiro conquistar Emma. Ele sabia que ela se sentia atraída por ele, mas atração não bastaria para domar seu espírito irrequieto. Ele queria que ela se apaixonasse por ele. Que viesse até ele por livre e espontânea vontade, como caminhava agora, ao seu lado, rumo à sua cama.

A noite de hoje trazia muito de satisfação pessoal, mas um elemento novo: ele queria mostrar para Emma que eram compatíveis.

Que poderiam fazer daquilo que faziam na surdina, uma rotina.

— Não sei se comentei, mas a senhorita está belíssima essa noite.

— Não deixei que trançassem meu cabelo. Achei que gostaria de vê-los soltos.

Dietrich gastou um tempo olhando para eles, enquanto caminhavam. Ela sorriu, constrangida.

— E eu gostei.

Ela o apertou contra si.

— O Sr. Também estava muito elegante, hoje. Deixou seu valete trabalhar?

— Deixei, e fico satisfeitíssimo que tenha notado. Acho que nunca o vi tão feliz. Ou mesmo feliz.

Eles subiram as escadas e chegaram a um corredor atapetado e largo. Dietrich havia ordenado que nenhum criado circulasse pelo andar. Não queria que Emma se constrangesse, nem que algum temor estragasse a noite.

Ele abriu a porta e a conduziu para dentro. O quarto havia sido arrumado: a lareira estava acesa, as luminárias também. No centro do quarto havia uma mesa posta, com uma tigela de prata no

centro. Pratos e talheres estavam dispostos sobre a mesa, e duas cadeiras colocadas em cada lado. Um castiçal de seis velas, dispostas ao lado da tigela de prata, iluminava o quarto dando-lhe um aspecto romântico.

— Milorde, o que está aprontando? — Emma perguntou parte divertida, parte espantada.

— Gostaria que provasse algo. Mas não agora, depois. Onde coloco a valise?

Emma girou ao redor, procurando um lugar. Então decidiu que a valise poderia ficar em uma enorme poltrona disposta perto da lareira.

Dietrich colocou a maleta sobre a poltrona e voltou. Seu coração pulava, agitado. Suas mãos tremiam de vontade de tocá-la. Emma não parecia mais calma: ela respirava forte, o peito subindo e descendo sob o vestido cor de rosa.

Ele parou tão próximo que seu nariz a tocou. As mãos subiram e desceram pelo braço dela, enquanto ele sentia o cheiro de lavanda com um levíssimo toque de baunilha.

— Quase enlouqueci querendo tocá-la, *Häschen*.

A resposta dela foi segurar seu braço. Ela parecia interessada neles. Na forma como eles se apertavam dentro do casaco, como a jaqueta caía no ombro, como o colete se ajustava à cintura. Ela o explorava com força e contenção cada fissura e reentrância, cada detalhe que podia sentir, pelo tato, por cima da roupa.

— Eu também — ela confessou, baixo.

Dietrich inclinou a cabeça a sua boca procurou a dela. Ela se colocou na ponta dos pés para beijá-lo apropriadamente.

Beijaram-se longa e docemente, apalpando-se por cima da roupa. Ele tirou a jaqueta com a ajuda dela, e ela deixou que ele a apertasse contra o próprio corpo.

— Calma, milorde — ela falou quando os abraços começaram a ficar frenéticos.

— Não me peça calma, Emma. Eu aguentei 13 horas, um sarau de poesia e milhares de segundos tomando chá longe de você. Se meus desejos pudessem tomar a forma humana, seriam uma horda furiosa. Encenariam o ataque dos Hunos, Vândalos, Visigodos e Ostrogodos sobre a Europa.

— Oh, céus. Deixe-me adivinhar o que eu seria.

— Roma — ele mordeu o canto dos lábios dela. — A senhorita seria Roma.

— Não consigo imaginar nada mais esdrúxulo para se dizer a uma moça — ela riu.

— Precisa passar mais tempo comigo — As mordiscadas desceram em direção ao queixo, enquanto as mãos a puxavam pelas nádegas. — Posso falar uma por hora, até o fim da vida.

— Isso dá bastante coisa esdrúxula — Emma disse fechando os olhos e sorrindo, sentindo a ereção do homem roçar na intimidade dela.

— Ah, Deus — Dietrich se embaralhou com os laços que amarravam o vestido. — Só de pensar que em algum lugar sob essa tonelada de roupa a senhorita está nua, enlouqueço.

— O senhor está me assustando, milorde. De novo.

— Isso é bom ou ruim? Já não sei mais.

Emma levou a mão até o corpete e o desamarrou, facilitando o serviço do homem. Ele a virou abruptamente, o flutuar de rendas e laços o fazendo suspirar alto outra vez. Dietrich ordenou severamente a si mesmo que parasse com aquilo. Ele era um herói de guerra. Precisava exalar maldade e rigidez, e não a sensibilidade de uma cantora de ópera. Ele tinha um nome a zelar, pelo amor de Deus.

— Por que está suspirando, milorde? — Emma girou o rosto para trás.

— Porque minha cabeça é uma confusão de vozes. Umas a querem muito, outras a querem demais. Não estou mais sequer ouvindo a razão por baixo dos gritos.

— Recipientes vazios fazem realmente mais barulho.

Ele riu, finalmente conseguindo desfazer o nó que segurava o corpete. O vestido de Emma desceu, caindo em um amontoado de tecido aos seus pés. O corpo esguio e delicado foi revelado, coberto por uma camada finíssima de algodão.

— Sequer me dei ao trabalho de colocar espartilho. Aleguei falta de ar.

— Roubarei seu ar com beijos — ele murmurou, levando os lábios ao pescoço dela. Emma gemeu quando os beijos

encontraram a pele quente. As mãos morenas do duque subiram até os montes dos seios, a sua ereção encaixou-se entre as bandas do traseiro dela. Dietrich poderia morrer de prazer, ali, naquela noite. O

cabelo de Emma descia escuro e lustroso até o meio da cintura, como uma cortina castanha. Ela se ofenderia se ele a comparasse com a cauda de um cavalo? Provavelmente. Por isso mesmo ele uniu o cabelo entre os dedos e o ergueu, mordiscando a pele alva de sua nuca.

— Posso dizer com o que o seu cabelo, assim, se parece?

— Não ouse — ela falou divertida, e ele puxou de leve o rabo de cavalo, beijando a lateral de seu rosto enquanto sorria também.

Ele a virou.

— Agora sei por que tem uma personalidade tão absurda — ela disse, e ele soltou o cabelo, vendo-o descer sobre os ombros, os braços e as costas dela.

— Por quê?

— Por causa da sua sem vergonhice. Só algo tão absurdo a encobriria.

— Não faço questão de esconder meus desejos, querida — ele alisou seu rosto com as costas da mão, perdido em seus olhos. —

Mesmo sabendo que soam devassos.

Emma riu.

— Pois deveria. É muito mal falado no reino, não sabia?

— Isso a aborrece?

Ela parou por um segundo para pensar. Então, ligeiramente distante, respondeu:

— Por que me aborreceria? Nosso cortejo é uma mentira. Não tenho direito de condená-lo.

*Se me quisesse, isso deveria aborrecê-la,* Dietrich teve vontade de dizer, mas os dedos de Emma trabalhavam ágeis e desciam seu casaco pelos ombros. Ele a ajudou desabotoar o colete, em seguida a blusa, e desceu tudo pelos seus braços. Estava quase nu novamente, faminto por ela, embora se sentisse um pouco mais nu agora do que ontem.

— Emma, eu...

— Não quer saber o que eu trouxe naquela valise? — ela sorriu de lado. O sorriso era tão mal intencionado e prometia tantas coisas

que Dietrich esqueceu o que ia dizer. — Venha, quero mostrar para você.

Ela caminhou com roupas de baixo até a poltrona e abriu a valise. Contra o fogo da lareira, o algodão era quase transparente, e revelava detalhes sinuosos e sensuais.

Quando ela tirou da mala um bloco de papel e pelo menos duas dezenas de lápis de cor, ele precisou chacoalhar a cabeça para se livrar dos pensamentos impuros.

— O que é isso?

— Vou desenhar você.

— Eu?

Os olhos dela brilhavam, animados.

— Sim, você. Sou realmente boa em desenhar pessoas. E quero ter uma recordação de nossas noites aqui em Solitude.

Seria a hora de dizer que não queria ter apenas lembranças dessas duas noites ou estava cedo?

— Sente-se ali — ela pediu apontando para uma das poltronas.

— Agora? Mas pensei que...

— Deixe de ser devasso — ela ralhou. — Se ceder aos seus desejos agora, não o desenharei. E amanhã partiremos daqui, e não terei mais a chance de desenhá-lo.

Ele se sentou sem camisa em uma das poltronas, incomodado.

Eles partiriam amanhã. Os dias em Solitude chegaram ao fim.

Emma sentou-se à frente. Ela apoiou o papel sobre o colo e escolheu, dentre os lápis da valise, um específico para começar.

— Como devo me sentar? — ele perguntou, apoiando os cotovelos nos joelhos.

Emma o estudou.

— Sente-se como se estivesse sozinho e pensativo.

Dietrich fez uma pose esnobe, para roubar um sorriso de Emma.

E roubou.

— Você não está levando isso a sério — ela riu, e Dietrich achou sua risada mais agradável que o coro de mil anjos. — Sente-se de qualquer maneira, milorde. Desde que olhe para mim.

— Isso será fácil.

Ele recostou na poltrona, descansando as mãos nos braços aveludados do móvel, e dobrou as pernas.

— Pernas abertas — ela ordenou, olhando para elas.

— Isso vale para a senhorita também?

Ela segurou um sorriso e fez rapidamente que não. Valia apenas para ele.

Ele obedeceu e abriu as pernas. Sob a luz dourada da lareira, Emma estava quase etérea. As sombras do rosto delicado a deixavam mais... mulher. Com o jogo de luzes, os seios estavam visíveis, ou pelo menos a silhueta deles, através do tecido fino. As calças femininas, abertas no meio, incendiavam a imaginação do duque. Pequeno Dieter também já tinha visto. E reagido à visão.

— O senhor é simplesmente terrível — ela disse concentrada em traçar as linhas no papel, parando apenas para olhá-lo de vez em quando.

— Não tenho culpa se decidiu me desenhar praticamente nu, senhorita.

— O senhor tem culpa de quase tudo. Sua *animação* é culpa sua, sim.

— A senhorita reergueu um morto. O ressuscitado agora acha que lhe deve reverência.

Emma parou com o lápis sobre o papel, segurando uma risada.

— Sinto-me... *miraculosa*. — Emma brincou.

— E é. Praticamente uma santa.

Ela ergueu os olhos, e o olhar que lançou não continha muita santidade.

Aquilo mexeu com Dietrich de maneira explosiva. Ele queria saltar sobre ela, mas ela estava tão compenetrada e bonita que seria uma pena tirá-la da posição em que estava. Decidiu, ao invés, deslizar a mão até a virilha estufada, inicialmente com o intuito de ajeitar pequeno Dietrich no lugar, mas o gesto transformou-se em algo mais. Mais provocativo. Mais cheio de sensações.

— "Ressuscitado" — ela repetiu olhando furtivamente para a calça estufada. — É assim que o chama?

Dietrich soltou uma gargalhada alta.

— Não. Eu o chamo de pequeno Dieter — Falou, adicionando:

— Embora ele não seja pequeno.

Emma levou a mão à boca, escondendo o riso enquanto os ombros chacoalhavam.

— Isso é absurdo — ela disse voltando aos lápis.

— Ele conversa comigo — Dietrich tateou a mesa ao lado e serviu-se de bebida, adorando que ela estivesse ouvindo aquilo de bom humor. Trazendo o copo à boca, completou:  
— Ele acabou de me falar que quer dizer oi.

Eles se entreolharam, sorrindo.

— Mais tarde — ela disse baixo. — Ainda não terminei de desenhá-lo. Na verdade, mal comecei. Mas gostei do toque do copo na mão.

Ele posou por mais um tempo para ela, aproveitando a exótica sensação de ser analisado em detalhes. Ele estava sem camisa, com a frente da calça armada, sendo escrutinado por uma jovem perfeita que às vezes inclinava o rosto e o olhava como se ele fosse especial. O modo como o cabelo atrapalhava o desenho, e ela o prendia atrás da nuca em um arranjo improvisado; a forma como as mãos dançavam sobre o papel apoiado sobre os joelhos.... Tudo na cena o comovia e, de certa forma, emocionava.

Comparar seus sentimentos com uma horda de Hunos era ridículo: Dietrich estava mais para uma procissão de senhoras idosas. E nem fazia questão de lutar mais: estava apaixonado. Não entendia bem como rendas, babados, tanta seda e laços combinavam com uma língua tão afiada quanto dentes de serpente, mas combinavam. Por isso decidiu, ali, que a desposaria. Ele se casaria com a Srta. Thiessen. Como, ainda não sabia. Mas aceitaria sua língua comprida porque com ela viria o resto da garota e havia algo nela que ele queria. Aquele espinhal merecia ser vencido, nem que por força da curiosidade.

Ou do amor.

Dietrich alisou, melancólico, o companheiro inchado. *Você sabia que ela era especial, não sabia, companheiro?* Dietrich

geralmente se enganava quando usava muito a cabeça, mas não seu amiguinho. *Você sabe direitinho do que gosta.*

— Se não parar de mexer no ressuscitado, perderei a concentração.

— Não estou fazendo questão que a mantenha.

— O senhor é muito insensível. Não deseja ver meu desenho pronto?

— Prefiro ver a desenhista pronta.

— A desenhista estará pronta quando o desenho ficar pronto.

Fique quieto, por favor.

Ele ficou. Por um minuto. Então perguntou:

— Emma, já pensou em mudar de ideia quanto a... algo que acreditava *improvável*?

— Algo "miraculoso"? — ela perguntou, concentrada no desenho.

— Pode-se dizer que sim — ele pensou.

— Não sei. Pode ser mais específico?

Dietrich limpou a garganta. Falar sobre casamento era mais difícil que pensava.

— Sobre o futuro. Algo que não acreditava caber em sua vida, mas talvez tenha se enganado. Pode caber.

— Não — ela respondeu. — Todas as vezes que achei ser possível fazer algo, essa coisa mostrou-se impossível apesar

de meus esforços.

Dietrich suspirou. Ela não havia entendido. Ele tentou de outra forma:

— Eu digo: nem sempre queremos realmente o que *queremos*.

Ou queremos apenas até encontrar a pessoa certa.... Então mudamos de ideia. Por causa da *pessoa*.

O lápis parou nas mãos de Emma. Ela pensou rapidamente a respeito, então deu de ombros.

— Não acho que esteja entendendo, milorde.

— Por exemplo, esse nosso *acordo* — o duque resolveu ser mais direto. — Não acha que podemos fazê-lo durar mais um pouco?

Emma parou no lugar. Os dedos brincaram com o lápis, então ela soltou:

— Não sei. Agora que seu pequeno amiguinho renasceu, não precisa mais de mim.

— Ele não é pequeno.

— Eu sei — ela o olhou rapidamente, corando. — Como estava dizendo, em breve o senhor fará algo que justificará o fim do cortejo.

Estou tentando me preparar para isso — ela apontou para o desenho, quase melancólica.

Dietrich teve vontade de ajoelhar-se aos seus pés e dizer para esquecer aquilo, mas foi interrompido pelo sorriso mais triste que já tinha visto Emma dar. Não chegou a durar um

segundo: ela chacoalhou o ar de melancolia, afastou a valise e virou o desenho.

— É apenas um esboço. Sabe o que é um esboço? Algo que pode ser melhor trabalhado depois. Mas as curvas e linhas principais estão aqui. — ela passou o dedo com a ponta escura sobre ele.

Dietrich olhou para o desenho, a o que viu o desnor-teou.

Ele pousou o copo sobre a mesinha e se levantou, tomado por batidas exageradas no peito. Se entendesse melhor o que o peito dizia, declararia-se agora para a Srta.. Thiessen. Mas os exóticos hieróglifos que as batidas enviavam precisavam primeiro de alguma tradução para chegar à boca.

— Estou verdadeiramente tocado, senhorita — Ele pegou o desenho e o girou contra a luz da lareira. O duque estava representado ali em poucas e precisas linhas. O jogo de luzes, a posição relaxada, as feições até mesmo duras do rosto. Emma era realmente muito boa. — A senhorita desenha esplendidamente.

Emma sorriu, estudando os traços no papel.

— Eu precisaria de mais kajal para terminar seu peito — ela disse pousando casualmente a mão sobre o peito de Dieter.

— Porque ele é largo? — ele perguntou, tocado pelo gesto simples de sentir o calor de sua mão ali, onde batia o coração.

— Por causa dos pelos no centro — ela deslizou o dedo por ele, e, tranquilamente, depositou ali um beijo.

Foi o tempo de Dietrich lançar o desenho sobre a poltrona e pegá-la no colo, sem dizer uma palavra. Ela soltou um gritinho de susto. Ele a levou com passos decididos e certos até a cama, que, ele podia jurar, ainda tinha o cheiro dela. Ele a deitou entre as almofadas e a beijou apaixonadamente.

Tão apaixonadamente que ela perdeu o ar.



28

E

um aperto tão grande no peito quando girou o desenho que achou que fosse gemer de dor. Por que raios precisava estar tão tocada por ele? Por que não podia ter, apenas por um dia, um coração masculino que suportasse a intimidade sem ultrapassar as barreiras do amor?

Sabia que se entregaria naquela noite aos seus beijos e carícias e amanhã partiria dali, para sempre. O duque voltaria à sua vida de divertimento e devassidão e ela a sua existência tranquila. Havia muito o que fazer quando voltasse — precisava mandar novos desenhos para a sociedade botânica, esperaria o contato do Sr. Stiff e tentaria convencer — ou começar a convencer — seu pai de que seu destino estava em outro continente.

Mas, ao invés de estar feliz, sentia-se miseravelmente infeliz.

Algo havia complicado suas opções. Algo grande e quente, de personalidade inominável, indecência gloriosa e um talento inquestionável para beijos.

Dietrich a agarrou de súbito e a jogou na cama, sem que ela ao menos entendesse o que fez para despertar seu fogo. Eles estavam novamente aos beijos. Sem quase nada que os separasse: uma camada de algodão, da parte dela; uma calça de camurça, da parte dele.

Calça, esta, que logo estava no chão.

O modo como ele parava os beijos para olhá-la a desnorteava.

Havia sentimento ali. Quanto? O suficiente para tratá-la como uma rainha. Ela gostava disso nele. Ele não era frio. Era quente e delicado, e, Emma sabia, tinha o coração mole para alguns assuntos. O que deixava tudo pior.

Ela não fez questão de esconder o carinho que sentia por ele, por isso acariciou seu rosto, e beijou-o candidamente enquanto ele

a despia. Sentiu a pele áspera do queixo dele, onde uma sombra de barba crescia, arrastar sobre a sua pele. O frescor do hálito envolver seu rosto. A beleza clássica e simétrica do rosto adorado iluminar-se quando ela suspirou.

— Você é real? — Ele perguntou, erguendo a camisa simples que ela vestia, procurando o laço que segurava a calça no lugar.

Ela fez que sim.

— Quero mais que beijos, Emma.

— Sabe que não devemos — ela respondeu, sentindo os pelos da nuca se erguerem. Seu corpo queria o mesmo que o dele.

— Mas e se fôssemos até o fim, essa noite?

— Não pode fazer isso comigo, milorde.

Ele parou com as mãos sobre a barriga dela. Parecia pensativo.

— Mas.. e se? — Ele insistiu. — Responda, Emma. Pense comigo.

Os sentimentos de Emma, formados às pressas em meio a um dilúvio de sensações, soaram alertas. Como os sinos das igrejas soavam quando o rio subia às pressas, e os moradores das margens entendiam como sinal para a fuga. Ela não queria pensar em todos os motivos pelo qual não deveria. Arruinaria a noite.

A vida inteira, se ela não acordasse daquele sonho.

— Não — ela tirou a mão dele de dentro do cóis da ceroula.  
—

Precisamos manter o acordo.

O acordo era um barco seguro, lá Emma estava a salvo. Ceder aos desejos dele a fariam sofrer, e ela não queria sofrer. Estava apaixonada por um homem que foi claro quanto às suas intenções, mas estava, no momento, emocionado por conseguir se excitar novamente. Se ele não conseguia perceber que estava fazendo confusão, ela percebia. Ele estava confundindo as coisas.

Eles não tinham futuro juntos.

Confiava nele, admitia; gostava verdadeiramente dele. Mas isso não a tornava mulher para ele. Ele se casaria com alguém capaz de desempenhar funções que sua posição exigia. E uma delas era dar-lhe herdeiros.

A Emma restava a vida pela qual lutasse. E ela lutaria para ir embora. Só não queria partir levando a lembrança de ter se entregado a um homem que nunca seria seu.

Ele a despiu em silêncio. E beijou silenciosamente cada centímetro de seu corpo com seus lábios macios — algumas partes, íntima e longamente — resignado pela decisão dela. Quando ela estava nua, ele se deitou ao seu lado e enroscou o corpo forte ao seu: coxas com coxas, peito com peito, boca com boca. A pressão do membro rígido contra o seu ventre era um tormento que ela precisou suportar calada. Ele não a forçou, mas contraía-se de vontade de tempos em tempos, e o quadril parecia ter um tipo de vontade própria quando as carícias ficavam afoitas. Ele a beijou entre os seios, na barriga, e a enlouqueceu lá embaixo. As mãos de Emma deslizaram centenas de vezes pelas costas nuas e suadas, apertando sua pele cheia de desejo contido. Suas pernas às vezes o abraçavam, e ela pensava em como seria fácil ser penetrada, se quisesse ou permitisse. Então eles mudavam de posição, e substituíam os prazeres para tirar a ideia da cabeça.

Emma queria muito senti-lo dentro dela. Por duas vezes quase pediu que ele a tomasse, que ela não se importava. Mas as mãos dele, sentindo sua fraqueza, vinham para salvá-la, fazendo a sua mágica, e ela se extasiava ao redor de seus dedos. Dedos morenos que visitavam seu íntimo, entrando escorregadios em sua cavidade, fazendo-a gemer e arquear as costas. Ele explorou seus picos com a língua,

carinhoso e delicado, com as mãos e a boca. Emma perdeu a timidez, e o beijou inteiro também: do pé bonito e macio, cujos dedos eram salpicados por fios sedosos, passando pelas coxas grossas até o quadril estreito, ornado pelos cachos curtos que circulavam sua masculinidade. Então ela tomou seu membro na boca outra vez. Inteiro. Arranhou suas coxas de leve, sem perceber.

Sentiu seu cheiro, mordiscou sua cicatriz quase invisível. Dietrich atingiu o ápice e ela testemunhou, do início ao fim, o êxtase completo de um homem, do avultamento do desejo ao jato extasiado sobre a barriga tesa. Ela o ajudou a limpar o líquido da pele, excitada pela cena e emoção crescente. E quando achou que aquilo encerraria a noite, ele disse que queria mais.

Ela havia acabado de devolver o pano que usou para limpá-lo à bacia sobre a mesa, quando ele se levantou e segurou junto a um dos mastros da cama. Ela sorriu ao ver o brilho malvado nos olhos

do duque, sem desconfiar como ainda podia haver fogo em seu corpo.

— O que está fazendo? — Ela perguntou quando ele a segurou no lugar.

— Quero retribuir o presente que me deu.

— Na verdade, o presente foi minha retribuição. Estamos quites.

— Isso quer dizer que, se eu desigualar nossa contagem, depois terá que quitar outra vez?

— Céus, o senhor não tem limites!

Ele a encostou na madeira e se inclinou sobre ela, beijando-a delicadamente na curva do pescoço. Estavam ambos nus, colados e suados. O membro de Dietrich ainda estava flácido, mas menos flácido do que um segundo atrás.

— Não tenho, Srta. — A mão dele subiu pela sua barriga, agarrou um de seus seios e começou a torturá-lo com carícias pecaminosas. — Nunca tive. Provavelmente nunca terei.

Coitada de quem o desposar, Emma pensou em brincar, mas o simples pensamento daquele homem brincando assim com outra mulher trincou seu coração. Emma desejou, por um segundo, ser aquela mulher.

— E o que pretende comigo, aqui? — Ela espantou a tristeza e fechou os olhos, tentando aproveitar a carícia incrível. O duque roçou o corpo no dela, beijando e chupando o que encontrava no caminho. E no seu caminho havia pintas, dois mamilos, um umbigo e o lado interno da coxa.

— Pretendo fazê-la desmaiar sobre mim.

— Mas nós, mulheres, mal notamos quando desmaiamos...  
—

Ela o provocou gemendo as palavras, segurando-se na coluna da cama quando Dietrich ajoelhou à frente, erguia uma de suas pernas e enfiou o rosto entre elas.

— Você notará dessa vez — ele disse baixinho, lá de baixo, e Emma se contorceu. A textura úmida e quente da língua contra a carne sensível a fez gemer alto. Ele a estava chupando. Com vigor, de um jeito que ela não sabia ser possível.

Ela levou as mãos até o cabelo farto de Dietrich, arrastando a unha em seu couro cabeludo. Ela o queria tanto. De tantas formas.

Seu quadril começou a se movimentar sozinho, como se tomasse o

controle do resto do corpo. A sensação exuberante de acúmulo elétrico a fez curvar os dedos dos pés e quase roubou a força dos joelhos. Ela puxou seus cabelos e aguardou, entregue, a onda se abater sobre ela. E a onda veio, e a levou. Ela desfaleceu, segura, nos braços mais fortes que já viu.

Dietrich a levou até a cama. Seu peito mais uma vez a amparava depois do prazer.

Emma não sabe quanto tempo ficou abraçada a ele, mole, ofegando contra sua pele depois da explosão. Ela afundou o nariz no corpo perfumado e tentou expulsar os sentimentos que anuviavam a mente. Era apenas uma aventura. A única antes de seguir com a vida.

Mas com o duque acariciando seu cabelo e se aconchegando contra ela, tudo ficava mais difícil.

Em algum momento, a paz o cansou e ele subiu sobre ela outra vez. Seu rosto ficou próximo, os braços ao seu lado, para evitar sufocá-la sob o peso do corpo. O membro encaixou-se naturalmente entre as pernas dela, como se não coubesse em nenhum outro lugar, e ela percebeu que

ele estava rijo outra vez. A cabeça pressionava contra a entrada úmida. Os suspiros dele eram a prova de que ele usava todo o seu autocontrole para obedecê-la.

Obedecer-se é que estava ficando difícil.

— O que está fazendo, seu tolo? — Emma perguntou, entre arfadas, no ouvido dele.

— Eu daria cada quilômetro de minhas terras pelo avanço de alguns centímetros.

Aquilo foi de uma eloqüência sublime. Passariam-se mil anos e nenhum outro homem diria a ela as mesmas palavras, e ela sabia.

Ela envolveu seu rosto entre as mãos e beijou com doçura.

— Essa foi a coisa mais dramática que ouvi na vida, milorde.

Talvez tenha sido a coisa mais dramática que ele disse, realmente. Ajeitando-se sobre ela, o duque afastou o cabelo suado de Emma da frente do rosto. Os olhos escuros estavam nos dela.

Havia um vinco novo entre as sobrancelhas masculinas, um ar de comovente verdade.

— Meu coração pertence agora a você, *Häschen*. Deixe-me avançar e farei de você minha duquesa.

Emma parou com as mãos em seu braço. Um arrepio frio subiu por seus nervos.

— Não brinque com isso.

— Não estou brincando — ele ajeitou o quadril entre as pernas dela, e Emma sentiu a cabeça do membro

acomodar-se à sua entrada. Um centímetro, e ele a invadiria. Um único centímetro e ela seria uma terra conquistada. Emma latejava de um prazer quase dolorido; ela podia jurar que ele também. — Não é a hora de dizer o que sinto, Emma, mas não me importo. Estou me apaixonando por você. Minuto após minuto. A cada um deles, mais.

Emma tentou empurrá-lo. Aquilo era cruel. Ela jamais pensaria que ele seria cretino a ponto de dizer algo daquela magnitude apenas para consumir um ato carnal.

— Como pode ser tão ordinário? — Ela perguntou, empurrando-o. Ele não se moveu um milímetro.— Como pode falar algo assim para... para conseguir a permissão de alguém?

Só então Dietrich percebeu que ela não havia acreditado nele.

— Você acha que acabei de me declarar porque desejo... — Ele olhou para ela nua, sob ele, e piscou. Tentou ficar indignado, mas então Emma viu suas feições enternecerem.

— Eu jamais faria isso, querida. Escute-me — ele ajeitou os braços fortes ao redor dela, e as coxas potentes prenderam as suas.

Ele poderia tomá-la se quisesse, mas tudo que ele parecia querer era convencê-la de que a queria pelas vias certas. Ou quase certas.

— Quero-a desesperadamente, com ou sem a noite de hoje.  
O

que não quero mais é o acordo que firmamos na sua casa. Meus sentimentos mudaram. Meu mundo, na verdade,

mudou. E começou a mudar na noite em que te conheci, Emma.

Emma paralisou sob ele.

— Não está me dizendo isso para ter uma única noite comigo?

— Não, coelhinho. Quero você todas as noites, não apenas nesta. Ao meu lado. Na verdade, sob mim. E se uma afronta sua não for a primeira coisa que ouvir ao acordar, sequer faço questão de acordar.

Emma tateou os braços duros do duque, confusa pela estranha e inebriante formação de palavras. Todas as noites? O que era a soma de todas as noites, senão uma vida?

Aquilo se parecia muito com uma declaração. E ia ao encontro de suas vontades mais íntimas.

— O senhor é um tolo — Emma balbuciou, apertando as unhas na carne dura. — Um ... um irresponsável, um homem...

— Perdidamente apaixonado.

Dietrich ergueu um canto da boca, lançando a ela o infame sorriso de lado.

— Não pode estar apaixonado por mim — Emma socou seu bíceps, vendo a própria mão voltar sem causar nele sequer um repuxo de nervos. Ela sentia o peito pular contra o dele, as peles suadas e coladas denunciando o quanto ela estava emocionada. —

O senhor foi claro quanto a isso. E, se me lembro bem, eu também.

Não acho que nós...

— Pra quem sofre de asma, a senhora tem um fôlego danado para brigar.

Emma exalou, duplamente chocada. Lágrimas discretas acumularam-se no canto dos olhos, e uma fraqueza obscena tomou suas pernas. Ela se viu ajustando-se a ele. A pressão do ponto mais sensível dela e a dele se uniram, como se colados. Como todo o resto.

— O senhor está apaixonado por mim?

Ele fez tranquilamente que sim, beijando a lateral úmida de seus olhos.

— Por quê? — ela perguntou com um miado.

— Porque antes achava que preferiria a morte ao casamento. E

hoje prefiro a morte a perdê-la.

— Não está dizendo isso porque...

Ela olhou para a união de corpos deles. Não passaria um sabre entre suas barrigas.

A resposta de Dietrich foi ajustar-se ainda mais, de forma mais íntima, e balançar languidamente a cabeça que não.

— Eu daria tudo para consumir o ato esta noite, Emma. Mas jamais mentiria.

Quem era, agora, a idiota ali? Porque Emma sentia-se uma. Ela procurou a boca do duque com a sua, e o beijou de um jeito que insinuava, de maneira implícita, avance. Como o louco que ele era.

Como os Hunos sobre Roma.

Roma se rendia.

Mas o avanço veio em forma de beijo longo e profundo, cheio de carícias castas e gemidos suaves, que terminou com um sorriso cúmplice que liquefez seus ossos.

Se ela permitia, ele faria. Dietrich moveu o quadril de leve para que ela o sentisse. Emma afundou os dedos entre as mechas dele, erguendo os joelhos por instinto. Ele segurou sua coxa, e forçou mais um centímetro. Enquanto ela se perdia na beleza daquele homem que eclipsava o teto pintado de anjos, riu. Foi inevitável. Era como realizar uma fantasia, só que mil vezes mais real. Havia um homem moreno de falanges cabeludas tapando a visão do teto do quarto. Ele era o sonho das mulheres inconsequentes.

— Poderá doer, coelhinho — Ele impulsionou mais uma vez, e doeu. As sobancelhas de Emma se uniram, e um vinco de dor crispou o rosto. Ardia mais do que doía. Mas era um ardor de alargamento, que pedia apenas tempo. Dietrich viu a expressão de Emma e a beijou novamente. Com mais força, mais volúpia. Os dedos dele acharam uma fresta entre os corpos e se enfiaram ali, onde o membro dele sumia nela. Ela sentiu algo, um cintilar ou tipo de choque, quando ele tocou no botão macio. Sem sair de dentro dela, ele a circului, e circului, e circului, e um minuto depois Emma pediu que ele parasse.

Ele largou a boca dela, o som de beijos sendo interrompido pela frase:

— Está doendo?

— Não — ela respondeu. — Está acontecendo outra vez.

O cintilar. A onda crescente.

Ele sorriu, e quando forçou o falo adiante, entrou finalmente nela.

Ela soltou um gritinho, arrastando o rosto no peito suado, achando o alívio em uma mordida leve no peito moreno. Dietrich não queria perder a beleza daquela entrega, mas o corpo assumiu as funções, expulsando a cabeça do ato. Ele saiu e entrou, perdido nas próprias sensações, ouvindo a leve agonia de Emma. Penetrou-a repetidamente, entranhando-se no corpo feminino como se fosse sua primeira vez. Quase era. Mas ele estava atento, dessa vez.

Cheirava o cabelo dela, sentia seu nervosismo com a ponta da língua. E em breve o entra e sai deixou de doer, porque ela gemeu

diferente. As paredes internas e escorregadias se acomodaram a ele, sugando-o em um vai e vem insano, que ela chamou, naqueles poucos minutos de êxtase, de o mais profundo amor.

Se Emma tivesse conseguido pensar, não teria permitido ser desvirginada. Mas a última coisa que ela fez, naquela noite, foi pensar.

Momentos depois, Dietrich retesou, belo e escultural, e derramou dentro dela jatos e jatos de prazer. Em seguida, abriu os olhos e a encarou, em choque.

Havia acontecido. Um ano depois, sua abstinência estava suspensa.

Pequeno Dieter recolheu-se, exausto e satisfeito, e o duque tombou ao seu lado como se tivesse acabado de vencer a última batalha de uma guerra. Por longos segundos ele só ficou ali, deitado, os dedos pressionando os olhos fechados. Naqueles segundos, Emma deu-se conta de que havia sido desvirginada.

Ela precisou encarar os anjos do teto. Chocada, com pânico moderado, perdidamente apaixonada pelo homem tombado ao lado.

Em todo caso, perdida.



29

A

de Solitude se deram em meio a sorrisos calorosos e sinceros agradecimentos. A duquesa acompanhou os hóspedes até a saída, e acenou para cada carruagem que se distanciava. As Thiessen seguiram por último, para desespero de Emma. Ela tinha certeza que a paixão que a consumiu até o raiar do dia estava explícita em seu rosto.

Estava na de Dietrich.

Ela o evitou no café da manhã, mas na hora da despedida foi inevitável encontrá-lo.

As entranhas de Emma eram um só nó, apertado e gelado, o que a fazia pousar constantemente as mãos na frente do ventre na tentativa de controlar os arrepios involuntários.

Quando Dietrich a achou, na saída, aproximou-se ignorando absolutamente tudo e todos.

— Por onde andou? — Ele falou baixo para não chamar atenção.

Charlotte e Arabella fizeram uma mesura e arrastaram Frau Herta para longe, mantendo-se a alguns metros do casal. — Estava se escondendo de mim?

Emma olhou ao redor, irritada com a pergunta. Sim, ela estava, mas não queria que ninguém soubesse. Ou ele soubesse. Desde ontem sentia-se zozza e com os pulmões sobrecarregados. A explosão de sentimentos e sensações havia excedido sua capacidade de tolerância. Sentia-se acuada, à espera de algo. Um pedido de casamento totalmente inapropriado? Uma dispensa que a deixaria arrasada? *Ela corria esse risco?* Havia se perguntado aquilo milhares de vezes durante a noite. Entregar-se antes do casamento, ouvira milhares de vezes, era a coisa mais indigna que uma mulher podia se prestar a fazer. Fora tola e indigna o suficiente para fazer exatamente aquilo, e agora relutava entre aguardar um

pedido de casamento — algo que até poucos dias atrás sequer sonhava — e seguir a vida com a honra manchada.

*Como pode ter se deixado levar pela lábia mansa daquele deus romano? Justamente o homem que duas semanas atrás havia passado cinco dias enfiado em um bordel?*

Além da confusão mental, a cabeça acumulava uma dor de cabeça que fazia tudo parecer exagerado.

— Fale baixo, milorde — Emma ralhou. Mal suportava olhá-lo. A vergonha a consumia de um lado, e um desejo atordoante reivindicava o outro.

— Pensei em anunciarmos nossas intenções antes que os convidados partissem — Ele falou, disparando a respiração de Emma. — Acabei dormindo demais. A noite passada me cansou.

Emma o olhou de soslaio e fez uma careta ao ver que ele ria de lado. E que o furinho em seu queixo foi tudo que a mente nublada assimilou. Ele parecia realmente recuperado. Invejou-o por conseguir dormir tão bem depois de duas noites inconsequentes e esplendorosas. Ela, por sua vez, estava exausta. Física- e mentalmente.

— Não vamos anunciar nada — Emma disse, a neblina que tomou seus sentidos a fazendo soar irritada. — Estou cansada e preciso ir para casa. Por favor, afaste-se.

O duque não tinha percebido que estava próximo demais, ou que as irmãs de Emma os olhavam com olhos arregalados.

— Desculpe. Quero resolver isso logo.

— Deixe-me retornar para Stuttgart, milorde. Dormir — ela disse baixo, evitando olhá-lo. — Foi tudo intenso e rápido demais. Eu tinha planejado caminhos diferentes até... ontem.

— Só espero até amanhã, Senhorita — Ele respondeu firme.  
—

Amanhã cedo irei até sua residência e conversarei com o seu pai sobre desposá-la.

— Por favor — Emma pediu, dessa vez mais agoniada. —

Preciso de tempo para falar com ele. E com minhas irmãs — ela olhou para as duas, paradas mais adiante. Emma sabia que a segunda conversa talvez fosse ainda mais difícil que a primeira.

Elas perguntariam se ela enlouqueceu. O que aconteceu com os

planos de viagem. Como pode ter caído na lábia mais antiga do mundo.

Não cabia a Dietrich argumentar com ela agora. Talvez por isso, pela primeira vez na vida, ele foi sensato e apenas pediu sua mão, depositando nela um beijo curto e casto.

— Eu a vejo amanhã — ele se despediu educadamente.

— Amanhã — Emma respondeu, parte sua sentindo-se querida, a outra parte, encurralada.

A viagem para Stuttgart foi feita devagar. Charlotte queria ouvir as novidades, mas Emma dormiu sobre o ombro de Frau Herta, exausta. Ela não conseguiu conversar com as irmãs antes do almoço, já que a ocasião reuniu o pai e seu gerente geral, um senhor barrigudo de aparência flácida que sempre demonstrava pouco interesse por elas ou por suas opiniões femininas e dispensáveis. Esse homem, que consideravam desprezível, geralmente monopolizava as conversas e nunca as deixavam falar.

Elas mal tiveram tempo de contar para o pai tudo que viram e viveram no castelo de Solitude. Herr Thiessen não se interessava por saraus e concertos, mas quis saber de Emma como foi o cortejo.

— O duque é muito respeitoso, papai — Emma respondeu, olhando para o prato. Teve medo que o pai perguntasse por que estava vermelha, ou se estava tendo um ataque de alergia. Se o pai notou sua mudança de cor, ignorou.

— Respeitoso? — o gerente geral levou o garfo à boca, enchendo-a de batatas. — O nono duque não é conhecido por sua respeitabilidade.

Emma olhou para o pai.

— O cortejo pode ser encerrado caso ele se mostre descortês —

Herr Thiessen disse para o prato, aborrecido pelo comentário. Seria isso que ele ouviria quando apresentasse o futuro genro ao redor?

Ele não parecia feliz, e as vísceras de Emma se inflamavam ao notar aquilo.

— Emma acabou de ser apresentada a ele — O pai continuou.

— Uma visita curta à família não implica em um casamento.

O pai voltou a comer, lançando um olhar inescrutável à filha.

Emma limpou a boca no guardanapo, sentindo-se mal. Queria mandar o homem cuidar de suas próprias filhas, ou perguntar quando o duque havia sido descortês com ele. Mas não teve tempo.

Charlotte, notando a tensão, puxou assunto com o pai, e o assunto foi esquecido.

Mais tarde, quando o pai já havia retornado ao trabalho e Emma e as irmãs conseguiram alguns minutos sozinhas, elas se sentaram ao redor da mesa da sala e Emma contou sobre a noite.

Parcialmente.

Contou que o duque tinha planos de desposá-la. Ao ouvir a notícia, Charlotte precisou se sentar.

— Emma, isso é tão romântico! — Arabella vibrou. — Foi tudo tão rápido, e tão mágico! E os Württemberg são tão ricos e poderosos... — Arabella disse, arregalando em seguida os olhos, como se pensasse em algo além: — Ah meu Deus, você será uma duquesa??

Algo frio e pesado se enroscou na barriga de Emma.

Só Charlotte não parecia animada. Algo em sua expressão indicava preocupação. Ela não reconhecia mais a irmã. Até poucos dias atrás, Emma se debruçava sobre mapas e fazia planos de viver a vida, e arrumar um jeito de ser incluída em uma expedição. Como podia ter dispensado tão rapidamente seus planos para aceitar a corte de um homem que acabara de conhecer?

Era como se Emma lesse os pensamentos de Charlotte. As duas haviam sido íntimas demais, por tempo demais, para não perceberem que algo entre elas havia cindido. Durante os anos em que Lady Malícia existiu, muito em função das limitadas condições de Emma, elas foram mais que um suporte uma para a outra. Foram cúmplices e amigas. Discutiram juntas as humilhantes situações femininas pelas quais as amigas, hoje casadas, passavam em seus matrimônios. Fizeram pactos de não sucumbirem às pressões daquela ordem. Combinaram de envelhecerem juntas quando a sociedade lhes desse as costas por as

considerarem cidadãs pouco úteis. Escreveram e sonharam juntas com homens que não

existiam, e de certo modo divertiam-se por eles não existirem, pois assim podiam permanecer juntas.

E agora Emma sentia-se traindo a irmã por ter se apaixonado.

Sentia-se miseravelmente infeliz por sair dos planos da irmã. Por deixar de ser, aos seus olhos, sua aliada.

Estava longe de ser simples, ela sabia. Ela ainda era a mesma, e, ao mesmo tempo, era outra. Ela também não se reconheceu durante aqueles últimos dias. Jamais conhecera um homem como Dietrich — parte sua dava graças a Deus por isso —, e não sabia que seu corpo podia reagir de maneira tão retumbante a um homem. Seu interesse por ele nada tinha a ver com seu título ou herança; estava muito pouco preocupada se zanzaria solitária por Solitude, ou que título ganharia se o desposasse. Sonhava, no entanto, com seus braços e seus lábios, e ansiava a cada segundo em vê-lo.

Desejava envelhecer ao lado dele. E seus olhos enchiam-se de lágrimas quando pensava nisso.

— Casamento, Emma? — Charlotte perguntou.

Casar-se era entregar ao marido o controle da vida. Era abrir mão de um ideal, e afirmar que aquela luta, tão delas, pertencia agora apenas a uma.

Charlotte enxugou uma lágrima furtiva e abraçou a irmã. Elas permaneceram um tempo abraçadas, de luto por algo que havia chegado ao fim. Algo novo se iniciava, e Charlotte estava feliz por Emma. As histórias, afinal, fizeram-se reais.

O corsário moreno arrebatou seu coração, como piratas faziam tão bem.

— Quando ele formalizará o pedido? — Charlotte perguntou soltando a irmã.

— Amanhã. Ele virá conversar com papai.

Um silêncio desconfortável ameaçou invadir o espaço entre elas, mas Charlotte não permitiu.

— Não dê ouvidos ao que o gerente disse, está bem? —

Charlotte pegou as mãos de Emma. — Ele é um idiota. Você sabe, o desrespeito é invisível entre os homens. Se o perguntássemos, agora, se ele foi despeitoso à mesa, ele diria para nos calarmos, desrespeitando-nos outra vez. Gente como ele sequer desconfia

que é tão ou mais desrespeitoso conosco que o mais desrespeitoso dos homens. Ele não é digno para falar do duque.

— Eu sei — Emma beijou as mãos da irmã, grata por haver um carinho daquele tamanho na vida dela.

Elas ainda se abraçaram por alguns segundos, depois se afastaram. Charlotte aguardou o momento certo, então disse:

— Acho que Lady Malícia se encerra aqui.

— Não diga isso! — Arabella pediu, sentando-se ao lado delas.

— Lady Malícia também ilumina meus dias!

— Você já acredita no romance, minha irmã. Não precisa dos livros.

— Não faça isso, Charlotte — Emma implorou. — Ouvir isso faz meu coração doer um pouco mais!

— Querida, você era a minha inspiração para continuar escrevendo. Não precisa mais de mim.

— Mas e todas as mulheres que lêem os livros? — Arabella perguntou. — O leitor com quem se corresponde?

Charlotte balançou a cabeça, irritada com o assunto.

— Esqueça aquele homem. Não conseguiria mais fazer nada disso sem o seu apoio, Emma. — Charlotte respondeu sem emoção. — Lady Malícia começou por sua causa. Com o seu final feliz, Lady Malícia se encerra.

Arabella e Emma se olharam. O que havia acontecido com Charlotte?

— Minhas histórias terminam aqui e agora — Charlotte anunciou.

— Nunca mais escreverei uma palavra.

E dizendo isso, deixou a sala.

A noite foi passada inquieta. As lembranças da noite anterior —

quentes, ardorosas, quase oníricas — misturavam-se ao medo.

Emma precisava conversar com Dietrich sobre um assunto importante que não fora falado. Jamais deveria ter permitido que ele a tocasse antes de contar sobre a recomendação

dos médicos, em que foi desaconselhada a ter filhos. Aquelas palavras, ditas pelo

antigo médico da família, anos atrás, nortearam todos os seus desejos posteriores, alteraram seus planos de vida e eram motivo de sua angústia, no momento. Uma mulher incapaz de gerar outra vida era pouca coisa naquela sociedade.

Uma duquesa incapaz de gerar herdeiros, por outro lado, era algo enorme.

Emma nunca questionou o diagnóstico médico. Ele gostava dela e das irmãs, era uma alma gentil que acompanhava a família há anos. Fora o médico de sua mãe, também, e alguém de confiança de seu pai. Foi ele quem explicou a Emma que o esforço do parto poderia exauri-la a ponto de não conseguir parir a criança. Então seriam duas mortes para um marido tolerar: a dela e a do filho.

Emma sentiu-se culpada por anos por esse marido que jamais teve, e essa criança que jamais teria. Pensar em engravidar era, para ela, algo da ordem do impossível.

"Se pudermos evitar a desgraça, minha filha, vamos evitá-la...", ela lembrava da voz do médico. "Algumas mulheres nascem para serem mães, outras, para serem tias".

Agora, na cama, vendo as sombras dançarem no teto escuro, Emma pensava no que havia feito, nas responsabilidades que tinha e como podia amenizá-las para si e para os outros. Ela precisava entender que jamais poderia acompanhar o duque em suas caminhadas ou cavalgadas por Solitude. Que jamais poderia dar a ele um herdeiro. Que sua decisão de permanecer solteira era uma forma de ser generosa com o mundo.

Ao mesmo tempo, seu coração definhava só de pensar em deixá-lo.

Para piorar tudo, uma dúvida ainda mais cruel se insinuava: e se ela já estivesse grávida?

A noite trouxe pesadelos, mas o pior deles viria bem cedo, na manhã seguinte.



30

A

de Emma foi desacreditar a notícia. Empurrar

o jornal para longe, para não ter que ler o que ela dizia. Mas lá estava ela, aberta sobre a mesa, como um lembrete de que, depois do café da manhã, precisariam encará-la. Ela não iria embora.

Herr Thiessen levou a xícara de chá a boca sem olhar ao redor, evitando as filhas. Ele não admitia ser empurrado para aquele mundo de superficialidade e inconseqüência por causa de um nobre fanfarrão. Ele geria um império sólido e durável, e trabalhava desde os doze anos, sem cessar, para ser obrigado a passar por aquilo.

Ele tinha funcionários. Responsabilidades que a aristocracia ou os inconseqüentes que escreviam aquela coluna jamais

conheceriam.

Por Deus, ele impulsionava economicamente o reino adiante!

Dormira muitas noites entre as máquinas que ajudou a projetar, gastara metade da vida suando ao lado de um alto forno para ver seu nome ou o de suas filhas em uma coluna idiota lhe roubou não só o humor, mas lhe devolveu uma raiva que há tempos não sentia.

Fofocas eram esdrúxulas e infantis. Serviam àqueles que faziam pouco para o progresso, e não poupavam ninguém.

Que não tivessem poupado sua Emma o fazia querer dar um basta em tudo.

Carrancudo, ele não fazia questão de conversar com as filhas, silenciosas. Nem sabia o que dizer a elas. Elas olhavam para os seus pratos sem saber como comer. Frau Herta, que foi quem leu primeiro a notícia, orientava a criada a prestar mais atenção e não tropeçar para não derrubar o chá, mas era ela quem estava fora do eixo.

A coluna do *Württembergisches Blatt* permanecia aberta sobre a mesa, cheia de maldades e, infelizmente, verdades.

**S**

**?**

**N**

**S**

**.**

**A**

,

**E**

1,

,

,

.

**M**

:

**. E**

**. O**

**A**

,

**? V**

,

,

,

...

*Uma conhecida viúva?*

*Na noite do baile?*

Desde que Emma lera a coluna, tentava entender em que momento do curto tempo passado entre o baile e ontem pode ter cabido uma viúva.

E por que havia uma?

Ou como a coluna sabia sobre ela?

O suor brotava frio na nuca, trazendo desconforto. O medo de ser exposta em um jornal popular crescia no estômago como um

pão no forno. Lágrimas umedeciam de tempos em tempos os olhos, por não saber em quem acreditar. Em Dietrich? Como poderia?

*Quem seria aquela viúva?*

O pai terminou o café da manhã, limpou a boca com o guardanapo e o pousou ao lado do prato, com movimentos vagarosos. Ele fez questão de ler a coluna. Por longos segundos permaneceu parado, as mãos sobre a mesa, o silêncio sepulcral.

Herr Thiessen não costumava explodir, mas ver uma filha sua mencionada em uma coluna, e seu pretendente, mais uma vez exposto por comportamentos inadmissíveis, exigia toda a sua calma.

As irmãs se entreolhavam de tempos em tempos. Tudo que Arabella e Charlotte sabiam era que Emma estava triste e confusa, e não podiam oferecer qualquer tipo de consolo. Provavelmente havia uma viúva, e ela continuaria existindo depois do casamento.

Ninguém podia esquecer que o baile e os dias em Solitude tinham em vista arrumar uma noiva para o herdeiro do

ducado, mas que o coração do homem não era parte do acordo.

Ele desposaria Emma, mas manteria a vida que lhe aprouvesse.

O matrimônio era sempre um bom negócio para uma das partes, e raramente para a outra.

— Emma — Herr Thiessen finalmente falou. — Acompanhe-me, por favor.

O pai se levantou arrastando a cadeira no chão e Emma se encolheu pelo barulho. Aquelas conversas nunca acabavam bem.

Ela o seguiu calada, esperando que ele impusesse a ela algum tipo de dificuldade para rever o duque. Uma parte sua temia aquilo: que alguma força externa a impedisse de ver Dieter. Uma parte sua achava que seria a única forma de afastá-la dele .

Emma entrou na biblioteca cabisbaixa e vencida. Estava apaixonada por um idiota libertino, a pessoa mais improvável do mundo para encantá-la. E desde que o jornal chegara em suas mãos, uma hora atrás, ela sabia que haveria dores no seu horizonte.

— Emma — Seu pai finalmente falou, depois de passar pelos estágios da incompreensão e da raiva, e moderar bem o que iria dizer. — Não sei como acabou envolvida com esse senhor, ou foi envolvida nessa situação constrangedora. Na verdade, o como não

me interessa. Não me debato muito sobre ele, sou melhor em encontrar soluções. Precisamos afastá-la o mais rápido possível desse senhor. Ele é inteiramente inadequado, como

repetidamente vemos no jornal. Vou mandar hoje uma carta para sua tia em Heidelberg, ela poderá passar um tempo com vocês até que parem de ligá-la ao duque. Enviarei vocês três para lá. Notícias geralmente perdem força com o tempo.

A notícia emudeceu Emma. Segundos se passaram até que ela reagisse:

— Não, papai, não precisamos ir para Heidelberg! — Em sua cabeça, pensamentos sobre Dietrich, a Sociedade Botânica e a vida em Stuttgart colidiam. — Podemos resolver isso de outra maneira!

— Não há outra forma de resolver. Ficar em Stuttgart está fora de questão.

— Vamos ouvi-lo — Emma pediu, pousando a mão sobre o coração acelerado. — Ele pode esclarecer o que a coluna quis dizer.

— A coluna não *quis* dizer nada. Ela disse!

— Pode não ser verdade!

— Alguma vez a coluna mentiu?

Emma lembrou-se das poucas conversas trocadas com Dieter. A coluna foi maliciosa, mas não mentiu.

— Como se não bastasse ter que aguentar os cochichos no clube de cavalheiros, agora todos ao meu redor comentarão como posso ter aceitado a corte de um homem que frequenta prostíbulos e mantém amantes na sociedade! Francamente, Emma. Que você não veja o tamanho disso me aborrece.

Emma sentiu o ar falhar.

*Afastar-se de Dietrich.* Essa era a imposição.

As palavras embolavam-se na garganta, pedindo para sair.  
As mãos amassavam-se, nervosas.

*Ele não é de todo inadequado. Preciso ouvi-lo.*

*Quem era essa viúva?*

— Não — Emma conseguiu falar.

Já era mortalmente constrangedor estar ali, ouvindo um sermão de seu pai. Ter que lidar com a dor de Charlotte e perceber que se apaixonara por um homem de comportamentos erráticos era demais. Sentia-se uma tola, uma estúpida, uma jovem levada pelas

emoções, tendo que aguardar que outros ajeitassem o que ela não conseguia ajeitar sozinha.

— Não está em suas mãos dizer não — o pai respondeu, duro, tirando uma folha timbrada de dentro da gaveta. Ele molhou uma pena no tinteiro e debruçou-se sobre o papel, o rosto crispado de desgosto e preocupação. Herr Thiessen estava irredutível. Em circunstâncias normais, demitiria os responsáveis e seguiria com a rotina. O que fazer quando se tratava de filhas e sentimentos? Não era à toa que achava as máquinas seres melhores de lidar.

— Não precisa ser assim — Emma disse baixo, sem coragem de encará-lo.

— Sim, precisa. Há nobres toleráveis e intoleráveis, e aquele senhor está na segunda classe. Como pude ter permitido essa aproximação, não sei. — O pai resmungou.

— Há outra saída.

O pai a olhou com frieza.

— Se pensa em continuar a ver esse homem desmoralizado, desista. Você não o verá mais.

Emma enxugou as lágrimas, cheia de dor. Como explicaria para ele que talvez não tivesse a opção de *não* desposá-lo? Que havia sido arruinada por ele. Poderia estar até mesmo...

Oh, Deus, tudo menos isso.

Se ela estivesse grávida e o duque fosse obrigado a desposá-la, como o encararia até o fim dos seus dias? Isso se sobrevivesse à gravidez.

Ela fora alertada.

Emma afundou o rosto entre as mãos e começou a chorar. Os soluços chegaram ao pai, mas ele os recebeu sem comoção.

Certamente pensara "mulheres e suas emoções", ou "ela superaria rápido aquele fim".

— Se agirmos rápido, garantiremos no futuro um pretendente mais adequado. Mais responsável.

Mas Emma continuava a lutar entre o que desejava do fundo do coração e a realidade que batia à porta, sem dó.

O pai estalou a língua, incomodado com as lágrimas.

— Querida, não desejará ver seu nome constantemente mencionado nessas colunas inúteis. Sei que sofrerá, e causará

males irreparáveis às suas irmãs. — A voz dele estava enternecida, mas apenas o suficiente para quebrar a horrível dureza das palavras: — Sofrerá sabendo que seu esposo pode trazer ... — Herr Thiessen pausou. — ... doenças incuráveis para dentro do lar? Que manterá mulheres fora do casamento? Não confio nessa gente, Emma. Eles não seguem os princípios que seguimos. Alerto para que não confie neles também.

Ela enxugou os olhos, deprimida, o coração balançando dentro dela, enforcado.

*Por que ela não bastava?*

*Quem era a viúva?*

Dessa vez, a voz da razão lhe respondeu: *A viúva é uma mulher.*

*Ela existe, e você sabe que se perguntar a Dieter, ele dirá que sim.*

*Que ela existe. E ele tentará, com seu charme, fazê-la se esquecer do assunto.*

— O casamento não é a única opção — Emma soltou. Ela mesmo assustou-se quando a frase saiu da boca. Mas o casamento nunca foi a única opção. Não era sequer uma opção até duas semanas atrás.

Agora que Emma tinha a atenção do seu pai, precisava falar.

— Sei que ... que ele não é ideal — Emma lembrou-se das noites enroscadas ao seu lado, em que se sentiu tão única e desejada. *Ele parecia ideal.* — Eu também nunca fui ideal

para os Württemberg. Não sei sequer como pude ter aceito a corte...

Ela balançou a cabeça, arrasada. Doía dizer aquilo, mas ela precisava ouvir aquilo de si mesma. De todos ao redor que a amavam e se importavam com ela, até que ela finalmente entendesse.

— Sei disso — O pai suspirou, pousando a pena sobre o papel.

Seu tom de voz era calmo, com uma ligeira acentuação aflita. —

Quis mencionar o assunto mas não tive coragem. Achei por um momento que, se o conhecesse melhor, chegaria sozinha a essa conclusão. Sei que ele possui um título, que é uma família tradicional, mas acredite, minha filha: o casamento para a aristocracia segue regras que desconhecemos e renegamos. Não falo apenas de sentimentos: eles não são necessários no começo do matrimônio, mas são *depois*. Mente quem diz o contrário, ou

então encara o matrimônio como um fardo. Eu e sua mãe... nós nos entendíamos muito bem. Nós nos casamos por desejo de nossas famílias, sim, mas a convivência se transformou em carinho depois de pouco tempo. A harmonia a união me fazia ter prazer em retornar para casa. E, lar, nós só temos um.

O pai exalou, continuando:

— A verdade é que eu não queria tirar de você a chance de ter um pretendente, mesmo sabendo que não seria um bom. — Herr Thiessen esfregou a testa, cansado. — Eu não deveria ter cedido à insistência. Devia ter seguido a lógica.

— Eu não preciso me casar — Emma repetiu com mais vigor, dessa vez como uma forma de lembrar, ela mesma, daquilo. — Não quero me casar, eu... eu desejo, na verdade, participar da próxima expedição para a África.

Herr Thiessen parou de mexer na testa e ergueu os olhos.

— Como?

Agora, que finalmente tinha dito aquilo em voz alta, precisava continuar.

Emma explicou para o pai, em poucas palavras, sobre o que se tratava a expedição. Sobre seus desenhos, e como o botânico em Solitude os considerou bons. Sobre a possibilidade de se ausentar por alguns anos dali. Sobre não querer ficar encarcerada em casa, tomando conta de sobrinhos, ou atrapalhando a temporada das irmãs.

Emma queria fazer alguma coisa da vida, e aquela era a hora.

Cada frase sua direcionada aos ouvidos do pai continham a dose exata de angústia e desespero que o fariam considerar aquela opção.

— Eles partirão em poucos meses — Emma disse, não sem dor.

— Com o tempo, o reino inteiro me esquecerá. Serei produtiva, conhecerei outras culturas. Mas para isso preciso de sua autorização, meu pai.

Herr Thiessen parecia ter sido atropelado por uma locomotiva.

Ela aguardava tudo, menos aquilo.

— Emma, o que está me pedindo é...

*É uma faca cravada no meu coração*, Emma pensou. Mas o que estava sentindo, no momento, não era exatamente isso? Uma dor

aguda e profunda? O duque podia sentir afeto por ela, podia querer desposá-la por pressões sociais e mesmo por atitudes imprudentes tomadas em momentos de passionalidade, mas ele nunca deixaria de viver a vida desregrada por causa dela. Por que deixaria?

Prova disso era essa mulher no jornal. Uma amante de longa data. Alguém com quem ele tinha momentos de paixão, como aqueles que viveu com ela.

Emma enxugou uma lágrima furtiva. Ele a havia escolhido achando que ela lhe daria os filhos que a amante, talvez, não pudesse dar. Dietrich mudaria de ideia quando ficasse sabendo que ela não deveria ter filhos?

Outra lágrima rolou, dessa vez abrindo caminho para muitas outras. Havia um amor imenso e secreto em cada uma delas que derramava. Um que ela levaria embora consigo, e talvez, um dia, a afogasse por dentro. Mas o que podia fazer? Ficar ali e pressioná-lo a desposá-la, para decepcionar-se depois? Ou decepcionar-se agora, sem ter que passar pela vergonha pública de ver seu próprio marido divertir-se com outras enquanto ela o amaria de casa?

Ela se transformaria na bruxa rancorosa que ninguém desejava.

Mas havia uma saída, e os ventos vindos dela sopravam em direção ao continente negro.

O pai estava em choque. O fato de não ter dito não, no entanto, era um bom prenúncio.

Uma batida na porta interrompeu a conversa.

— Papai? — Charlotte colocou o rosto para dentro, olhando brevemente para Emma.

— Agora não, Charlotte.

— O duque de Württemberg-Winnental está aqui.

O coração de Emma parou. As mãos desceram até o colo, na urgência de esconder do pai o quanto tremiam. Herr Thiessen recostou na cadeira, olhou para Emma e disse, sem hesitação:

— Suba.

Emma fez que não.

— Se não se importa, meu pai, gostaria de conversar antes com ele. Talvez haja uma explicação.

— Sempre haverá uma — Ele respondeu, levantando-se. — Não discuta comigo. Suba.

**1** Damas de aço



E

os olhos e se recompôs: alisou a roupa, ajeitou o cabelo e levantou-se também. Herr Thiessen abriu a porta da biblioteca, segurando-a para que a filha saísse. O caminho até o corredor pareceu esticar-se. As pernas de Emma pareciam percorrer, pesadas, aqueles poucos metros, como se ela arrastasse atrás de si um vestido molhado. Seu coração palpitava de expectativa, porque ela sabia quem encontraria no corredor: o amor da sua vida. O indigesto e desprovido-de-limites duque de Württemberg. O tolo que a iludiu com palavras, e não necessariamente

as

mais

bonitas.

Como

podia

estar

emocionalmente envolvida com um homem daqueles? Nem ela mesma conseguia entender. Agora, o ordinário estava ali e ela não sabia se o socava ou o beijava.

Como a mansão dos Thiessen não era como o castelo, onde uma multidão poderia circular por dias sem se esbarrar, ela fatalmente o veria. A saída da biblioteca dava para um longo corredor que culminava no hall de entrada, e ele vinha por ele.

Emma ouviu a voz de Dietrich antes que o visse, e a lembrança de sussurros no ouvido e declarações inesquecíveis foram suficientes para enfraquecer seus joelhos. Ele estava ali. Era constrangedor encontrá-lo em sua própria casa, especialmente quando seu corpo, à revelia da cabeça, estalava à sua presença.

Mas Emma precisava reunir o resquício de coragem e organizar seus pensamentos. Ela não estava perdida, ela só precisava saber da verdade. Talvez, e apenas talvez, a verdade mudasse o rumo para onde as coisas estavam caminhando.

*Havia mulheres que ela não conhecia? Mulheres que ele continuaria visitando, eventualmente, depois que a desposasse?*

Talvez não houvesse. A coluna podia ter inventado aquilo.

Ela viu primeiro as botas, em seguida as pernas poderosas, e, por fim, o resto. Sentia o coração esmurrar contra as costelas e o corpo cintilar pela sua chegada. Ela não estava preparada para encará-lo, mas precisava. Aquele homem sem moral havia torcido sua razão como um trapo encharcado, e ela se sentia seca e exaurida de argumentos para afastá-lo.

Ao erguer os olhos e encontrar os seus, Emma achou que suas pernas fossem ceder.

Ele estava inclassificavelmente deslumbrante, embora cansado.

Vestido com um primor inigualável, lenço perfeitamente ajustado sob o queixo quadrado, a pele morena em contraste com os tons de cinza da roupa. Ela já o vira em bailes e em sua gloriosa nudez, mas jamais o vira tão digno

e apresentável. Era um acinte que um homem daquela estirpe e porte tivesse se interessado por ela, tão comum, mas ele estava ali, olhando-a com preocupação e amor.

Dietrich tinha a expressão severa, mas, ao vê-la, exalou como se estivesse segurando o ar por tempo demais.

— Emma — Ele deu um passo adiante, mas o Herr Thiessen colocou-se entre eles.

— Bom dia, Vossa Graça — o pai cumprimentou o nobre.

Dietrich o respondeu aéreo, sem tirar os olhos da mulher atrás dele.

— Imagino o que o tenha trazido até aqui — Herr Thiessen foi direto ao ponto, como sempre ia. — Por favor — Ele apontou para a biblioteca, convidando o duque a entrar.

Dietrich hesitou. Não estava ali para falar apenas com o pai, o motivo de sua vinda estava parado bem à sua frente. Queria saber como Emma estava. Ele também tinha lido a maldita coluna —

quem não tinha? — e tudo nas feições dela e nas de seu pai indicavam que a situação não estava favorável a ele.

— Milorde — Herr Thiessen insistiu, querendo afastá-lo do corredor e da filha.

Dietrich continuava a encarar Emma.

Ele virou-se para o homem e disse: — Senhor, gostaria de trocar antes algumas palavras com sua filha.

— Não — Herr Thiessen respondeu no ato. — É melhor que nossa conversa seja breve e que o senhor parta o mais

rápido possível.

Herr Thiessen o encarou de igual para igual.

— Não admito mais meu nome em colunas sociais — ele adicionou, firme. — Nunca mais.

— Senhor...

O industrial virou-se para Emma e ordenou em tom férreo:

— Suba, por favor.

Emma hesitou entre ir e ficar. Estava acorrentada aos olhos de Dietrich. Não conseguia imaginar um só dia de sua vida, a partir daquele, em que fosse deixar de amá-lo. Mas ela jamais desobedecera o pai, e desobedecê-lo, ali, traria apenas confusão e dor.

Ela deu dois passos em direção à escada e então parou.

— Emma — O pai repetiu.

Emma subiu o primeiro degrau, agarrada ao corrimão. Como subiria sem perguntar, antes, o que precisava saber? Estava magoada, e a resposta dele poderia ser parte do bálsamo.

— Diga-me, Dietrich — Ela perguntou com os olhos cravados nele. — É verdade o que a coluna disse?

Ela só precisava saber. Se ele dissesse não, sofreria menos. Ou, talvez, enlouquecesse e pedisse ao pai que ouvisse a razão. Uma mentira precisava ser desmascarada, não precisava? O jornal podia ser processado.

*Eles até poderiam ficar juntos, se ele abrisse mão de ter filhos.*

Deus, isso jamais aconteceria, mas a esperança era um sentimento tenaz.

Ela aguardou Dietrich responder, os poucos segundos em que ele pausou parecendo minutos sem fim.

— Há uma viúva? — ela insistiu. — Alguém com quem você se encontra?

Ela viu um calombo descer pelo pescoço moreno.

— Não há mais — Foi a resposta que ele deu.

Emma sentiu o mundo parar. Aquela resposta não era exatamente o que ela esperava ouvir. Por isso ela repetiu a pergunta, continuando a subir antes que o pai a mandasse outra vez.

— Mas houve uma no dia do baile, como a coluna afirmou?  
— O

tom de Emma estava entre a descrença e a acusação. —  
Você

realmente sumiu de seu próprio baile para encontrar-se com uma mulher?

Aquilo tinha importância para Emma. Não teria se ela não o amasse, mas ela o amava. Aquela foi a noite em que se conheceram. Ele dançou com ela. Olhou-a como homem nenhum a olhara, e ... *excitou-se* com sua presença. *Naquela noite ele se sentiu atraído por ela.* Ali começaram os rumores de um noivado.

Ela queria acreditar que fora importante para ele desde aquele momento, e não achava que era exagero se sentir-se ofendida pela notícia de uma amante desolada.

*Haveria amantes no futuro?*

Dietrich estava arrasado. Como se tivesse levado uma queda e se reerguesse, fraco. Todos aguardavam sua resposta. Emma, da escada; Herr Thiessen à frente, as irmãs, que espiavam da sala.

Por um segundo Dietrich fez silêncio, então ele umedeceu os lábios, olhou para a cartola nas mãos e disse, pausadamente:

— Naquela noite, houve.

Algo desmoronou dentro de Emma. Ruiu, pegou fogo, caiu sob um estrondo, causando um cataclisma interno. A base do seu estômago ardeu. Seu ar, tão precioso, sumiu.

Herr Thiessen exalou e indicou, com um gesto brusco, o cômodo privativo. Dietrich entrou, sem destinar a Emma um segundo olhar.

Emma olhou para as escadas, sem conseguir pensar ou sentir mais nada. Ele estava no baile em um segundo, com ela, no seguinte estava na casa de outra? *Quem era aquele homem?* Ela sabia que ele não lhe devia nada, mas, por Deus, um dia depois do baile ele aparecera ali! Naquela mesma saleta, pedindo permissão ao seu pai para cortejá-la!

*Como alguém podia querer tantas mulheres em tão curto espaço de tempo? Como alguém conseguia ser tão frívolo??*

Emma encolheu os ombros ao ouvir a porta da biblioteca se fechar.

Ela subiu o restante do lance de escadas anestesiada. *Oh, Dietrich.* Os fatos começavam a se organizar em sua

cabeça. Ele havia ido atrás da viúva por causa de seu *estado* depois da valsa.

Depois que, talvez, tenha falhado, veio atrás de Emma. Isso a fazia

o quê? Uma substituta? Alguém que o duque podia procurar quando suas partes íntimas não funcionassem com outras?

Emma subiu as escadas ferida e machucada. Maldito fosse aquele homem. Malditos sentimentos que a comiam pelas beiradas.

Ela se jogou na cama e chorou, ouvindo algum tempo depois a porta da casa bater e as rodas da carruagem se afastarem.

*O que seria dela, agora?*

Seus pensamentos, confusos, deixavam vez ou outra algumas preocupações sobreporem-se às outras. *E se tivesse engravidado?*

*Ele a desposaria sem vontade? Ela seria obrigada a tolerar suas amantes?*

Caso ela não estivesse grávida, precisaria viver o mais longe possível daquele cretino devasso, e o odiava de todo o coração por isso. *Maldito, maldito, maldito!*

Horas depois, quando já estava cansada de tanto chorar, foi solicitada a descer. Seu pai queria conversar com ela.

Quando entrou na biblioteca, ouviu de seu pai:

— O que tinha de ser feito, foi feito. Sua graça não a procurará mais. É o melhor para vocês dois.

Emma não conseguiu responder.

— O importante, agora, é ser esquecida pelas colunas incosequentes — ele completou, murmurando em seguida:  
— Um genro daqueles seria péssimo para os negócios.

Emma observou o pai em silêncio. Então viu-se falando:

— Peço, então, que me deixe viajar. Caso eu seja aceita na expedição.

Nem mesmo Emma acreditou na firmeza de sua voz. Mas alguma coisa ela faria. Não conseguiria viver mais ali.

Sem saber o que dizer, ou, talvez, por pura pena, Herr Thiessen fez que sim.

Foi assim que Emma decidiu que seguiria com os planos iniciais.

Como, ela não sabia. Mas faria uma visita à sociedade, e pediria ao Sr. Stiff que finalmente a levasse até o Sr. Barth.

A África e o tempo curariam suas feridas.



3 2

*Dez dias depois*

F

dias terríveis para o nono duque de Württemberg. A conversa com o pai de Emma o arrasou, silenciando-o por dias. Um homem sabia ser duro com outro, mas as palavras do barão do aço fizeram jus à sua alcunha.

O pai de Emma perdeu algum tempo acendendo um cachimbo, como se precisasse fazer algo enquanto pensava. Não porque não soubesse o que diria, apenas ponderava como o faria.

E o fez assim que inalou o fumo, de maneira dura, fria e inalterável:

— Milorde, o cortejo entre o senhor e minha filha Emma está cancelado.

— Sr. Thiessen, espere — Dietrich ergue a mão, pedindo um segundo para falar. — O relacionamento com a senhora, em questão, é um acordo antigo, que... que naquela noite não representou nada, nós teoricamente....

O Sr. Thiessen franziu o rosto, enojado.

— Sinceramente, Vossa Graça, peço que pare. Por favor, pare.

Desconheço seus motivos e não me interesso por eles. Mas gostaria, já que veio à minha casa, que ouvisse meus argumentos para a decisão que estou tomando.

Por respeito, o duque o ouviu.

— Em toda a minha vida, nunca entrei em uma casa de facilidades — o industrial começou. — No começo, porque

não tinha tempo ou dinheiro. Trabalhava até cair exausto de domingo a

domingo, e precisava de minhas forças para trabalhar. Mais tarde, porque conheci uma dama que valia a pena cortejar, e os prazeres frugais deixaram de parecer atraentes. Nos poucos anos em que fomos casados, jamais pensei em ter amantes — ele lançou um olhar gelado a Dietrich. — Jamais. Honrei cada um de meus votos a ela, e fui fiel guardião de sua saúde. Doenças rondam esses locais e as pessoas que os frequentam, e tenho certeza que sabe disso.

Dietrich girou a cartola nas mãos, apertando os dentes. Ele mal acreditava que estava ouvindo aquilo.

— Frequentá-los é um jogo de azar — Herr Thiessen continuou

— E eu não jogo com o que verdadeiramente importa para mim.

Dietrich engoliu em seco.

— É uma ironia perversa que justamente eu tenha perdido minha esposa tão cedo — ele suspirou baixo. — Ela faleceu trazendo minha caçula ao mundo.

— Senhor, eu sinto muito. No entanto, eu...

Herr Thiessen ergueu a mão e soprou a fumaça para longe, perdido em lembranças. Ele ainda não tinha terminado. Dietrich sentiu o peito comprimido, ciente da direção para onde a conversa estava se encaminhando. Sabia, contudo, que discutir com o pai de Emma em sua casa, não lhe traria benefícios. Não quando fora desmascarado. Ele realmente visitou a marquesa de Hammerstein naquela noite. Nunca mais a viu, não sabia quem havia contado sobre ela, mas no

momento aquilo não interessava. Emma não o ouviria hoje, ele a conhecia.

Hoje, o que ele podia fazer para melhorar a situação era ouvir seu pai.

— Quanto a Emma — Herr Thiessen pausou, endurecendo o cenho — Ela me lembra muito minha falecida esposa. Não fisicamente, mas em relação à saúde frágil.

Seus olhos estavam duros nos do duque.

— Se procura uma esposa para lhe dar um herdeiro, milorde, entenda que Emma não é essa moça. Não consigo parar de pensar que ela acabaria tendo o mesmo fim que a mãe. Fomos avisados da saúde frágil de minha mulher. Fomos cautelosos, cercamo-nos de doutores, e no fim achamos que, já que dois partos haviam sido

bem sucedidos, o terceiro seguiria igual. Ela morreu no terceiro, deixando para trás três crianças.

Herr Thiessen apoiou os cotovelos sobre a mesa. Do cachimbo erguia-se uma fumaça estreita, que parecia dançar contra a luz.

— Por sorte tive o apoio de uma senhora, amiga da família, que dedicou sua vida a criá-las, amá-las e protegê-las. Alguém que o senhor, ouvi dizer, trancou em um banheiro alguns dias atrás.

O olhar de Herr Thiessen estava duro como o aço.

— A nobreza não enxerga seus criados, mas não somos como vocês.

Dietrich não abaixou a cabeça, mas não conseguiu encarar o barão do aço quando disse:

— Peço perdão pelo gesto impensado.

Ele não conseguia raciocinar direito. Toda aquela conversa sobre Emma e sua saúde estava entalado em sua garganta. Não esperava ouvir aquilo, naquele momento. Dietrich sentiu raiva de si mesmo.

Por estar ali, ouvindo aquilo. Por envergonhar-se de ações que eram tão corriqueiras para ele. Ele havia agido como um garoto, mas não era um. Era apenas um irresponsável egoísta.

— Gostaria de me desculpar com a senhora Herta, se me permitir.

Herr Thiessen fez um sinal de que estava pouco interessado em suas desculpas.

— Um dia tomará consciência de seus atos, meu jovem.

Perceberá o quanto é absurdo que uma classe ostente o ócio como troféu, e o quanto a falta de responsabilidades faz os nobres agirem como crianças mal educadas.

Herr Thiessen se levantou, e Dietrich se levantou também, sabendo que seria inútil argumentar. Precisava ir embora. Que Deus o ajudasse a mudar a opinião daquela gente, mas no momento, se insistisse, só conseguiria deles desprezo e aversão.

No mais, precisava livrar-se primeiro do desprezo que sentia por si mesmo.

— Peço que esqueça Emma — Herr Thiessen pediu. — Deixe-a ser feliz, sonhando com suas aventuras quiméricas. Eu e o senhor sabemos que ela não irá a lugar algum. Não por que não tem competência, ou por que eu a impediria, mas porque somos uma

sociedade absurdamente tola no modo de tratar as mulheres. Não o acuso se já não tiver percebido isso, de forma alguma; eu mesmo precisei de uma vida e três filhas para enxergar a verdade. Não posso mudar os nossos tempos. Na verdade, não posso mudar quase nada. Esta é apenas uma constatação. Deixe Emma sonhar.

Continuarei provendo e cuidando dela, e tentando proteger as três do mundo. Mas faça questão que elas se casem bem.

Herr Thiessen olhou para Dietrich elegantemente vestido para a ocasião, e deu outro trago no cachimbo.

— O senhor precisa de outro tipo de mulher — O homem murmurou. — Quanto a Emma, ela precisa de alguém que entenda sua condição e não exija dela filhos. Acredito que, pelos rumores, esse marido não pode ser o senhor.

Dietrich precisou de muitos dias para se recuperar daquela conversa. Durante esses dias, caminhou sozinho pelos campos de Solitude, testemunhando seu degelo lento. Cavalgou pelas planícies de Württemberg tentando dimensionar o tamanho do que possuía e do que era de sua responsabilidade. Pensou na conversa dolorida que tivera com o industrial e também em Emma.

Ele a amava, era um fato. Amava de um jeito profundo e sincero, de uma forma que anulava inteiramente a vida anterior e o fazia querer ser diferente. Ele não tirara a razão

de seu pai. Como podia exigir dela um herdeiro, tão caro ao ducado, se a colocaria em risco?

Como imaginar uma vida em que poderia perdê-la, caso a engravidasse?

Doíam-lhe as entranhas pensar que Emma tentaria embarcar na expedição e não conseguiria. Queria confortá-la, protegê-la, trazê-la para perto, para o mundo dentro de seu abraço. Mas não sabia se podia, ou devia.

Amava-a de uma forma estranha. Ainda não haviam brotado as palavras certas para descrever que tipo de amor aquele era. Mas sabia que as palavras viriam. Nasceriam como as primeiras flores de março, porque algo estava sempre surgindo ou nascendo.

O que faria com todas aquelas palavras, no entanto, ele não sabia.

Ele se arrastava por Solitude à noite, sentindo-se egoísta, mesquinho e inquieto. Se ele a roubasse para si, talvez a matasse.

Se a deixasse partir, a veria casar com algum idoso, mais preocupado com companhia do que com herdeiros, e seria para sempre infeliz.

Talvez ela nunca se casasse. Nem com ele nem com ninguém, como disse no primeiro encontro.

Sem saber como chegar a alguma solução, Dietrich bebia. Muito, com um talento inquestionável para a quantidade. Bebia até tombar nos corredores e precisar ser carregado pelas pernas pelos criados até seu quarto.

Até que um dia, sentindo o profundo desespero no peito e olhando para o bloco que Emma havia esquecido em seu quarto, ele arrancou uma folha e decidiu que precisava colocar para fora o que sentia. Arrancaria à força a solução de dentro dele. As palavras viriam por bem ou por mal.

Foi assim que escreveu para ela a primeira de muitas cartas.

— Emma, uma carta! — Arabella chegou correndo, balançando um envelope nas mãos.

Emma ergueu os olhos do livro que tentava ler. Era o décimo que começava, sem sucesso. Nenhuma página, nenhuma letra, na verdade, estava conseguindo arrebatá-la nos últimos dias. Ela pegou a carta das mãos da irmã e a girou, devagar, como andava fazendo qualquer coisa.

Então ela arregalou os olhos e olhou para Arabella

— É da Sociedade Botânica.

Arabella levou as mãos à boca.

Emma abriu o envelope com as mãos trêmulas. Foi a coisa mais rápida que fez nos últimos dias. Ela correu os olhos rapidamente pelo papel, seguindo cada linha com a atenção de uma águia.

Absorveu cada palavra da carta como se fossem líquidas, e ela,

uma esponja. Quando finalmente abaixou o papel, olhou para as irmãs e murmurou:

— Eles receberam meus desenhos. Os novos, assinados com o meu nome.

— E? — Charlotte se sentou à beira do sofá.

Os últimos dias haviam sido horríveis para Emma. O silêncio do duque a estava matando, e a falta de resposta da Sociedade também. Emma chorava dia e noite, e não havia nada que as irmãs pudessem falar para consolá-la. Não saber o que havia sido discutido naquela biblioteca entre o pai e o duque doía tanto quanto as notícias maldosas da coluna, que não paravam de sugerir teorias para o fim do cortejo.

Emma inflou o peito, sorrindo pela primeira vez em dias:

— Eles querem que eu vá amanhã na sede. Querem conversar comigo.

Charlotte e Arabella se jogaram sobre ela, abraçando-a. As três permaneceram por um tempo unidas, temerosas e ansiosas pelo que viria. A expedição estava em seus últimos ajustes, e aquele poderia ser um dos últimos meses de Emma com elas.

— Dará tudo certo — Charlotte disse acariciando os cabelos da irmã, segurando as lágrimas. — Eu sei que dará. Faremos dar.

Emma fez que sim, que acreditava nisso.

E por acreditar, chorava ainda mais. Mas por outro motivo.

Horas mais tarde, Charlotte deixou Emma e Arabella descansando no quarto e desceu as escadas. Não era possível que o duque tivesse esquecido Emma com tanta facilidade. Aquilo estava estranho, e Charlotte não gostava de situações que pareciam estranhas. Ela tinha um sexto sentido para elas, e seu instinto nunca falhava.

No mais, ela também era uma mulher que acreditava em evidências. Há dois dias, vira da janela o carteiro entregar algumas cartas ao mordomo, mas apenas uma chegou à sala. Quando

perguntou a Frau Herta onde estavam as outras, a governanta disse que só havia sido entregue aquilo a ela.

O pai estava controlando a chegada das cartas.

Com Herr Thiessen no trabalho e Frau Herta ocupada, Charlotte entrou no escritório do pai e fechou a porta, tomando cuidado para não fazer barulho. Em silêncio, olhou ao redor.

A escrivaninha do pai, no canto, estava limpa e organizada.

Talvez limpa e organizada demais.

Charlotte deu a volta nela e foi direto na gaveta. Tentou abri-la, mas estava trancada.

— Ah, papai — ela tateou por baixo do móvel, os dedos correndo cuidadosos a madeira trabalhada até achar o nicho onde havia uma chave escondida. — Ninguém conhece melhor os lugares secretos dessa casa — ela murmurou, tirando a chave do nicho.

Ao abrir a gaveta, encontrou exatamente o que esperava encontrar.

Cartas do duque. Quatro, no total.

Pegando-as, ela decidiu que as entregaria a Emma e lidaria com a ira do pai mais tarde. Não tinha medo dele, e duvidava que o pai defendesse aquela atitude se confrontado. Mas então, foi sobressaltada por um medo sem

forma. Olhou para as cartas e se perguntou o que, exatamente, poderia haver ali. Seriam todas cartas de amor? Claro que sim.

Mas e se fossem apenas pedidos de desculpas e nada mais?  
E

se o duque alegasse que eles estavam melhor separados?  
Que o cortejo fora um erro, ou algo assim?

Cautelosa, Charlotte sentou-se no sofá e girou as cartas entre os dedos. Precisou corrigir-se: três cartas eram do duque, a quarta, não. Não tinha o lacre ducal nem estava endereçada a Emma.

Era endereçada ao pai.

Charlotte colocou a carta no final da pilha e trouxe a última do duque às vistas. Ainda estava em dúvidas se devia lê-la. Não se sentia bem abrindo a correspondência da irmã, mas não entregaria a Emma um cancelamento de cortejo. Não agora.

Decidiu de rompante, então, abrir a carta postada por último. Se houvesse algum tipo de rejeição, Charlotte acreditava que estaria naquela última correspondência.

Ela quebrou o lacre ducal, em cera vermelha, maldizendo o pai por ter imposto tal dor a Emma. *Por que não mostrar a ela as cartas e aliviar seu sofrimento?*

Emma sentia-se enganada e esquecida. Se o alívio para alguns de seus machucados estivesse ali — não todos, ela sabia — seria capaz de discutir com o pai.

A carta começava com o duque perguntando por que Emma não o respondia. Ele pedia novamente o seu perdão.

Implorava para que ela lhe desse algum consolo, porque ele padecia de saudades, sem respostas. Houve uma tentativa, nas linhas seguintes, de escrever um poema. Charlotte se contraiu ao ler as frases, achando que Emma talvez não devesse mesmo ler aquilo: ninguém merecia ler rimas tão pobres. Mas embora fosse um poema bastante feio, o nível de doçura da carta havia encantado até mesmo ela, a mais fria das irmãs.

A última folha, em especial, era arrebatadoramente doce.

*"Por fim, Emma, você não faz ideia de como entrou de forma fulgural em minha vida. Quisera eu ter a fruição das palavras dos grandes poetas: provei ali em cima que não tenho. Se a tivesse, escreveria versos sem fim sobre meus sentimentos. Posso dizer, apenas, que eles mantêm-se firmes, fortes e eretos como os antigos obeliscos. E como não sei escrever cartas de amor - estas foram as primeiras - , peço que as releve se as considerar idiotas demais.*

*Pego-me, hoje em dia, perdido sem você. Quero-a, sem saber se devo. Soube pelo seu pai do triste prognóstico que lhe foi dado sobre ter bebês. Das semelhanças entre a senhorita e sua mãe, que compartilhavam o mesmo problema de saúde. Como impor-lhe tal destino, sabendo o que pode acontecer se insistir em me casar com a senhorita? Que desgraça poderia recair sobre nós por simplesmente amá-la?*

*Saber disso não impede, no entanto, que eu a ame mais que a amava ontem. Estou apaixonado, Emma, memorize essas palavras.*

*Como nunca imaginei ficar. Como jamais desejei, sequer, me sentir.*

*Leia e releia essas linhas, meu amor: para cada traço escrito em tinta preta sobre este papel, peço que considere o enorme espaço branco entre elas. Esse espaço é o vazio de sua ausência. Por isso, meu coelhinho, escrever mil vezes que a amo não basta. O vazio só parece aumentar.*

*Não sendo eu um poeta, como percebeu, deixo que os verdadeiros lhe passem a mensagem. Cito Goethe, o maior de todos. Que o maior entre os maiores consiga mostrar, com seus versos, a dimensão do que a senhorita tornou-se para mim.*

*Pensamentos Noturnos*

*Johann Wolfgang von Goethe.*

*Tão belas na rútila luz soberana,*

*Guia do navegante aflito, sem norte*

*(E sem recompensa, divina ou humana),*

*- Tenho dó de vocês, estrelas sem sorte,*

*Sem jamais amar e sem saber do amor!*

*Tangendo, incansáveis, as horas eternas*

*Na ronda do tempo das vastas esferas,*

*Vocês vão cumprindo percursos sem conta.*

*Mas eu, se nos braços dela permaneço,*

*Da noite que passa - e de vocês - me esqueço.*

*Com amor,*

*Dietrich*

Charlotte voltou a dobrar o papel e respirou fundo. Estava para colocar o maço de cartas sobre a mesa — bem visíveis, de modo que o pai entendesse que não adiantaria mais escondê-las —

quando ficou curiosa a respeito da última.

As cartas endereçadas ao pai eram sistematicamente agrupadas em um escaninho, para serem respondidas com presteza. Estavam sempre às vistas e jamais em gavetas. Mas aquela, não. Estava escondida junto com as outras, como se precisasse manter-se secreta, ou dissesse respeito ao mesmo assunto.

Charlotte hesitou com o envelope nas mãos.

Ao ler novamente o nome do pai escrito no campo de destinatário, achou a letra estranhamente semelhante a outra, uma bem mais conhecida.

A carta estava aberta. Já havia sido lida.

Ela sequer viu quando a tirou do envelope.

Enquanto passava os olhos pelas linhas, Charlotte levou a mão à boca. A carta dizia respeito a ela?

Um homem se apresentava ao industrial do aço como um empresário solteiro à procura de uma esposa. Pedia educadamente permissão para visitá-los qualquer dia, pois havia ouvido que a mais velha era solteira e desejava conhecê-la.

Charlotte estudou primeiramente a mensagem, em seguida, a letra estranhamente familiar. *Você está imaginando*

*coisas, ela pensou, voltando a guardar a carta.*

Em seguida, pegou uma folha de papel e rascunhou rapidamente algumas palavras:

*"A Vossa Alteza, o nono duque de Württemberg-Winnental Vossa Graça, venho por meio desta avisar que a senhorita Thiessen estará amanhã, às dez, na Sociedade Botânica Real. O motivo da*

*reunião é desconhecido, mas acontecerá com o Sr. Barth, organizador da expedição à África. Acredito que gostaria de saber disso, e talvez pudesse alterar o curso de algo que está em andamento, mas não deveria estar. Não, pelo menos, pelos motivos alegados.*

*Emma nunca recebeu suas cartas, mas farei com que as receba hoje.*

*Assinado: uma amiga."*

Charlotte dobrou o papel e o enfiou em um envelope.

— Para quem não acredita no amor, até que você está bastante sentimental — disse a si mesma.

Ela entregou o bilhete nas mãos de um criado e enviou-o à residência dos Winnental, alguns blocos de distância dali.

— Entregue o bilhete em mãos, por favor. Caso o duque não esteja, alugue uma charrete e vá a Solitude.

O criado assentiu e partiu.



3 3

A

na Sociedade Botânica começou às dez em ponto, como ditava a pontualidade germânica. Arabella e Frau Herta permaneceram no primeiro andar das dependências do edifício renascentista, no centro de Stuttgart, enquanto Emma, acompanhada por Charlotte, subiram para a reunião.

Era um dia azul, de céu limpo e ar frio. Do lado de fora, a primavera começava a dar os primeiros sinais: campânulas brancas brotavam tímidas da terra, erguendo-se e despencando em delicadas flores de pétalas brancas e botões amarelos. Alguns pássaros solitários retornavam do exílio no sul, e passavam em pequenos bandos pelo retângulo iluminado da imensa janela.

Ninguém conversou naquela manhã. O pai havia insistido em vir, mas Emma pedira à irmã que a acompanhasse. Fosse a resposta um sim ou um não, preferia ter Charlotte ao seu lado.

Quinze minutos depois, as irmãs estavam de volta. Desceram as escadarias em silêncio, sob os olhares espantados de Arabella e Frau Herta, e tinham os queixos erguidos e a expressão inescrutável. Arabella se levantou, disparando pelo saguão.

— A reunião já acabou?

Ela parou ao lado das irmãs, sem entender. Não se passara nem mesmo um quarto de hora.

— Para nós, sim — Emma respondeu, trocando olhares com Charlotte.

— Como assim? — Arabella olhou de uma para a outra. — Você está na expedição? Eles aceitaram sua solicitação?

Emma ergueu o braço para que a irmã caçula se aconchegasse a ela, e juntas caminharam pelo saguão austero em direção à saída.

A sede da Sociedade Botânica não escondia para quem havia sido feita: paredes de tapeçaria escura, cortinas pesadas, presença

unicamente masculina. Cabeças de animais empalhadas, trazidos da África e de outros lugares remotos, enfeavam as paredes, em uma demonstração cafona de força bruta, crueldade e poderio subjugador. Entre os pequenos grupos masculinos que olhavam para elas, o assunto não girava em torno de folhas, frutos e plantas: girava em torno delas, e o que elas poderiam estar querendo ali.

Giravam também em torno de domínio e lucro, e em formas de ganhar status, benefícios e mais riquezas.

Uma porta pesada era tudo que as separava da rua. Sons de charretes confundiam-se com o burburinho dos transeuntes, e Emma mal via a hora de sair dali.

Ela sentia o peito leve. Muito leve. Como se, de pedra, seu coração tivesse virado uma bolha de sabão.

— Diga logo, Emma — Arabella fez uma mesura ao senhor que abriu a porta para elas, sentindo o vento gelado atingi-las. — Eles aceitaram sua presença na expedição?

Emma olhou pela última vez para trás, para a tão sonhada Sociedade Botânica, lembrando-se das palavras da duquesa de Württemberg. Talvez apenas Emma e o Sr. Stiff estivessem, de fato, preocupados com plantas e desenhos.

Aquelas pessoas não estavam.

— Eles me recusaram — Emma disse, ajudando a irmã a ajeitar a touca sobre a cabeça. Seu tom de voz era quente, inteiramente diferente do vento gélido que as envolvia. — A reunião durou apenas o tempo de explicarem que meus desenhos eram bons, mas que a Sociedade ainda não estava preparada para aceitar mulheres.

— Embora tenham sugerido que Emma poderia ir, caso casasse-se futuramente com um dos expedicionários — Charlotte adicionou, rolando os olhos.

Arabella olhou penalizada para Emma.

— Sinto muito, Emma. Muito mesmo.

Emma sorriu para a irmã.

— Eu, não.

Desde a difícil conversa com o pai, no dia anterior, em que o acusou de ter escondido as cartas do duque, percebera que a África era uma fuga. Sempre tinha sido.

O que ela desejava, de verdade, era a vastidão, a liberdade e a vontade de fazer algo da vida. Estes eram seus desejos

sinceros e imutáveis — a forma de realizá-los, apenas caminhos transitórios.

Teria sido uma aventura e tanto conhecer outro continente, mas não queria se distanciar das irmãs apenas por não poder ter, como elas um dia teriam, filhos e um lar.

Especialmente quando havia encontrado em casa um amor verdadeiro.

— No mais, aborreceu-me que não aceitam mulheres — Emma resmungou. — Como se importasse a um desenho quem o desenhou.

— Tomara que esses metidos a valentões se percam no meio daquelas florestas! — Arabella praguejou, levando imediatamente uma cotovelada de Frau Herta.

— Não acho que Emma deva ficar chateada — Charlotte disse ajeitando o manto escuro sobre as costas. — Ficar pode trazer mais alegrias do que partir.

— Será?— Emma respondeu, suspirando fundo.

As cartas de Dietrich eram um fator importante para o seu estado de espírito no momento. Ela esperava em breve reencontrá-lo e ouvir sua situação. Escreveria naquele dia mesmo uma carta para ele.

As quatro saíram do edifício, e a pesada porta bateu atrás delas, encerrando aquele capítulo.

Emma desceu a escadaria pensando nos últimos dias. Na primeira carta de Dietrich, ele contou sobre a marquesa, quem ela era e que tipo de “arranjo” tinham. No calor do momento, Emma havia ficado levemente chocada e enciumada, mas admitia que não tinha sido enganada. O

acordo firmado com ele havia sido claro: sem envolvimento. Dietrich não mentira em momento algum.

Na segunda carta, Dietrich assumia que fizera muitas estripulias em sua vida de solteiro, e, muito provavelmente, continuaria a aparecer nas odiosas colunas sociais. Enquanto houvesse jornais nesse mundo, ele eventualmente estaria neles. Mas prometia não alimentar a mídia com absolutamente nenhum fato novo, a não ser com seu eterno amor pela mulher que havia escolhido para desposar.

Ele completava escrevendo que aquela mulher era ela.

Não precisava existir nem mesmo uma terceira carta para convencer Emma de que o queria, mas havia uma. Uma carta que enterneceria até mesmo um coração de aço. Emma suspirara horas abraçada às palavras singelas e sem rima de uma poesia que ele mesmo havia escrito. Nunca vira, na vida, algo tão desajeitado e adorável.

Quando por fim Herr Thiessen perguntou como seria quando ela engravidasse, sabendo que poderia morrer trazendo um bebê ao mundo, Emma devolveu a pergunta:

O Sr. teria desistido de mamãe se soubesse que ela um dia morreria? Deixado de desposá-la ou ter suas filhas para viver uma vida segura, longe dela?

O pai balançara a cabeça que não.

Sempre haveria o problema de sua saúde. Sempre haveria problemas em geral.

Assim que pisaram na rua, a comoção acordou Emma dos devaneios. Ela ouviu gritos e um relincho, e seu nome, gritado alto.

Quando olhou para a direção de onde vinha o grito, viu um cavalo escuro cruzar a avenida sem atentar para o tráfego ou as carruagens vindas do lado contrário. As irmãs deram um passo para trás, estupefatas, vendo o duque de Württemberg lutar para controlar sua égua, que quase derrubou um senhor que atravessava a rua. Um pinote do bicho botou abaixo uma lixeira de metal, que saiu rolando, atrapalhando o fluxo dos coches.

— *Ach du liebe Zeit* [1](#)— Frau Herta bufou.

— Dietrich? — Emma não conseguia acreditar naquela chegada.

Emma, a égua, parecia outro animal. Arredia, quase empinou com o duque no lombo, e ele teve dificuldades em pará-la.

— Emma — a voz bonita derreteu-se como caramelo sobre ela.

— Não vá. Por favor não embarque para a África!

Charlotte coçou a sobrancelha, como se a chegada ligeiramente absurda não devesse surpreendê-la, mas surpreendia.

Dietrich estava a milhas de distância do homem bem arrumado que apareceu na casa dos Thiessen, dias atrás. Seu cabelo estava revoltado, e seu lenço, para fora do casaco. Ainda assim, tudo que

Emma sentia eram os conhecidos vapores percorrerem languidamente seus circuitos.

— Não embarque nessa expedição idiota — Dieter disse, exaltado. — Você é minha. O amor da minha vida.

Antes que Emma pudesse suspirar, assustou-se com a égua, que bateu irritada o casco no cascalho. Tudo indicava que Dietrich a havia selado às pressas, e a forçado demais. O animal parecia aborrecido e inconformado.

— Milorde, que tal descer da égua para conversarmos? —

Emma perguntou, achando Emma agitada.

— Não posso — Ele reclamou. — Se eu saltar, essa criatura geniosa não me deixará montá-la outra vez.

Ele lançou a Emma, a dama, um olhar malicioso: — Preciso estar montado, caso precise sequestrá-la.

Emma segurou o sorriso.

— O senhor insiste nisso, mesmo sem qualquer histórico de sucesso. Espero que não tenha andado treinando por aí.

Um bom humor inominável tomava conta de Emma. Ela mal via a hora de terem uma conversa como dois adultos normais. Entre quatro paredes.

Sozinhos.

— Não treinei, tem razão — Ele admitiu. — Sendo assim, não me obrigue a sequestrá-la outra vez.

Outra vez? Emma ouviu a voz de Frau Herta atrás dela.

A égua bufou.

— Ela está com um humor terrível — Dietrich explicou olhando para o animal, que dava passos para trás e para o lado.

— Ela conhece o dono que tem.

O duque sorriu. Deslumbrantemente, como era de seu feitio.

— Ah, Emma. Não vá — ele suplicou. — Sei que quer aventuras.

Que é mais destemida que uma dúzia de homens. Mas cada batida do meu coração pertence a você. Cada segundo de silêncio entre elas. Posso fazê-la feliz, aqui.

— Acho que vou desmaiar — Arabella sussurrou ao lado.

Emma também achava. Toda sua expressão — os olhos marejados, as mãos apertadas, o ar retido em expectativa —

denunciava sua emoção.

— Por favor, milorde — ela pediu, delicada. — Desça do cavalo.

Vamos conversar.

— Não me diga que aceitou a vaga na expedição! — O duque entendeu mal o seu pedido. — Emma, querida. Não faça isso comigo!

Um coche passou rente, fazendo a égua virar abruptamente a cabeça, e em seguida o corpo. Dietrich apertou sua barriga com as botas, irritando-a mais.

Emma perdeu a paciência.

— Desça desse cavalo agora mesmo, seu tolo! Não quero perdê-lo antes de desposá-lo.

Aquilo fez Dietrich saltar. Atordoado, ele trouxe a égua sem o menor tato pelas rédeas.

— O senhor parece ter fugido de um manicômio — Emma olhou para os lados, vendo que muitos haviam parado nas calçadas para observá-los. Em seguida olhou para Dietrich: — Devia pentear-se antes de sair de casa. A combinação de cores de seu traje também está um pouco estranha.

— Meu valete é um bêbado relapso — o duque reclamou, lambendo a palma e ajeitando o cacho caído sobre a testa. Em seguida, sorriu de lado. Deslumbrantemente, acentuando o furo do queixo, a ponto de Emma sentir as pernas trêmulas. — A senhorita poderia repetir o que disse há pouco? Sobre desposar-me?

Emma riu, sentindo uma vontade enorme de beijá-lo.

— Não fui aceita na expedição, milorde. Disseram que não estão preparados para aceitar mulheres.

Dietrich paralisou no lugar.

— Como foi mesmo que disseram, Charlotte? — Emma perguntou a irmã.

— "Mulheres desacompanhadas não são confiáveis" — Charlotte respondeu.

Emma voltou a olhar para o duque.

— Que acinte — Ele disse polido, mal escondendo a alegria.

— Esse é o tipo de coisas que ouvimos por aí, Vossa Graça.

Para sociedade de Württemberg, somos "membros pouco confiáveis".

— Não esqueça de "infantis", "bruxas rancorosas" e "criaturas que desmaiam fácil".

— Jamais esquecerei — Ela sorriu para ele.

— Acho, então, que a Sociedade decidiu o nosso futuro, não? —

ele perguntou baixo.

— Não — Emma respondeu, aproximando-se. — Uma valsa, duas noites e três cartas, sim.

Dietrich puxou o ar lentamente, como se um enorme peso tivesse sido erguido de seus ombros. Então olhou-a com olhos incrivelmente doces. Emma sabia que ele a tomaria nos braços e a beijaria ali mesmo, se não fizesse nada, por isso ela ergueu um dedo e fez que não, antes que ele tentasse. Seria um escândalo grande demais para contornar.

— Sabe, agora, da minha dificuldade em ter filhos, não sabe? —

Ela perguntou, querendo que aquele último ponto ficasse claro. Não era o momento nem o lugar, mas a angústia fazia coisas estranhas escaparem pela boca. — Sei da importância que uma criança tem para o ducado. Eu entendo, e gostaria que soubesse disso.

A resposta de Dietrich foi segurá-la. Firme, cada mão sua em um braço dela, e um vislumbre de fogo cruzou sua expressão. Ele abriu a boca para dizer algo, mas sem querer, com o gesto, acabou puxando a rédea de Emma e o animal perdeu a paciência.

Geniosa por natureza, e forçada a galopar de maneira atarantada até ali, a égua andou para trás e Dietrich virou-se, bravo:

— O que há com você?

Emma relinchou no mesmo instante em que uma charrete passou atrás dela. Assustada, ela virou-se, ergueu as patas traseiras e acertou o peito do duque com toda força.

O coice lançou Dieter metros adiante.

Gritos explodiram ao redor.

— Dietrich! — Emma correu até ele, ajoelhando-se ao lado do homem estirado no chão. — Oh, meu Deus, Dietrich... — Ela olhou o corpo inerte. — Você se machucou?

Por longos segundos o duque ficou imóvel, o rosto crispado em uma careta dolorida. As pessoas começaram a se aglomerar ao redor, perguntando se ele estava bem. Emma quis gritar com todos eles. Era claro que ele não estava bem! Charlotte e Arabella

correram até a égua, a fim de segurá-la e tranquilizá-la, enquanto alguém teve a brilhante ideia de chamar um doutor.

Dietrich gemeu, movendo as pernas.

— Graças a Deus! — Emma tateou seu peito, à procura de alguma lesão. Ela não sabia onde ele havia sido atingido, mas pelo que conseguiu ver, fora no centro do peito. Ela tentou amparar a cabeça do duque mas ele sentiu dor. Emma decidiu apenas pegar em sua mão, e conversar com ele até que o médico chegasse.

— Por que Emma lhe deu um coice? — Emma perguntou, segurando suas mãos enluvadas. — O que fez a ela?

Dietrich se contorceu, tentando espremer as palavras entre os dentes:

— Ela nunca saiu de casa antes das dez.

— Não acredito que forçou uma dama a sair apressada, antes de seu horário usual! — Emma ralhou com ele, acariciando a lateral de seu rosto.

— V-vocês são muito geniosas — Dieter murmurou Era oficial: Emma não conseguia mais viver sem ele. Nem mais um dia.

Ambos ouviram Frau Herta ralar com a multidão, perguntando alto se não tinham nada mais proveitoso para fazer do que ficar ali, observando os outros. Dietrich e Emma sorriram um para o outro.

— Preciso de você — ele falou baixo. — Talvez, nesse momento delicado, um pouco menos do que de um médico. Mas preciso.

Muito. — Ele pausou e franziu o rosto, cheio de dor. — Desde que me afastou, tenho sentido coisas horríveis em meu peito.

Emma riu, olhando para a sujeira do casco de Emma exatamente ali, onde doía.

— O Sr. Vai sobreviver — Ela levou a mão até seu coração.

— Não pode me enfeitiçar e sumir — Dietrich continuou baixo. —

Sou um só coração latejando por você.

— Acredito que esteja latejando inteiro, milorde. Não apenas por mim.

A risada de Dietrich entortou sua boca e virou uma careta.

— Maldita égua geniosa — ele xingou, retorcendo-se até que a dor lancinante passasse para voltar a falar. — Quero que pare de se preocupar com essa história de herdeiros, Emma. Quero você com

ou sem eles. Se precisarmos ser extra cautelosos, seremos. Como, só Deus sabe, já que a desejo como louco. — Os olhos do nobre giraram ao redor, conferindo se podia continuar a dizer o que estava dizendo: — As chances de eu engravidá-la depois do acidente que sofri, são baixas. Agora, talvez, nulas.

Era angustiante vê-lo sentindo tanta dor.

— Os médicos dizem que é possível, mas o estrago foi grande

— ele continuou, arfando de dor. — Você sabe. Você viu.

Emma quase tampou a boca do homem para que ele parasse de falar.

— A duquesa diz que a vida acha meios de acontecer, mas sabe o quanto isso me interessa? — Ele perguntou. — Em nada.

Comparativamente, sabe o quanto me incomoda saber que ainda não é oficialmente minha?

Emma fez que não, acariciando seu rosto. A vontade de beijá-lo estava ficando intolerável.

— O tanto quanto essa dor horrenda incomoda.

Emma ignorou que estavam rodeados de pessoas, e aguardavam um médico para levá-lo dali. Ela se inclinou sobre ele e o beijou. Na testa, brevemente, molhando-o com suas lágrimas. Ele a olhou com um misto de assombro e desejo.

— Posso pedir um favor? — gemeu. — Proteja Emma. A turba pode tentar puni-la pelo coice. Você é testemunha que os mereço.

— Você merece — Emma sorriu, chorando, pedindo a Charlotte atrás dela que levasse Emma para longe dali. A irmã respondeu que já haviam feito isso.

Emma acariciou o rosto amado, ouvindo alguém gritar atrás dela que o médico estava chegando, e precisava de alguns homens para auxiliar no transporte. Alguns homens ao redor se prontificaram.

— Case-se comigo ou estou condenado a sofrer assim para sempre — Dietrich pediu baixo, aproveitando a comoção para ser extra dramático. — Não quero, é muito ruim.

— Sinceramente? — Emma sentou-se ao seu lado, ignorando a sujeira, aliviada em saber que a ajuda estava vindo. — Milorde não está parecendo um partido tão bom assim.

Ela ergueu os dedos como no dia do baile, fazendo-o sorrir ao enumerar:

— Libidinoso, mal falado, inconveniente, e, segundo as más línguas, aleijado — Ela o olhou, sorrindo. Erguendo a segunda mão, continuou:— Além de péssimo sequestrador e foco de todas as colunas do reino. Sem contar que é

conhecido entre as paredes de minha casa como “o desperdício de dote.”

Dietrich conseguiu puxar a mão erguida e depositar nela um beijo casto.

— ...E agora, enquanto convalesce no chão, avisa que pode ser estéril.

Eles sorriram cúmplices um para o outro.

— Acho que está tentando me punir, milorde.

— Por favor, aceite a humilde punição de passar os restos dos dias ao meu lado.

— Sem saber que tipo de dano Emma deixou no senhor? —

Emma olhou rapidamente para o corpo estirado na rua. — A oportunidade não me parece muito tentadora.

Pelos gritos, a ajuda se aproximava. Emma apressou-se em dizer, antes que o levassem:

— No entanto, aceito o pedido. O que faria da minha vida, se não tivesse aparecido? Provavelmente continuaria sentada no canto de algum baile, no aguardo de cavalheiros desavisados.

Os olhos de Dietrich eram puro amor em sua direção quando dois homens o ergueram para colocá-lo sobre a maca.

— Foi para o bem de todos — ele teve forças para dizer entre os gemidos. — A senhorita teria matado alguém de raiva. Desposá-la é um favor que faço à sociedade.

Charlotte ajudou Emma a se levantar, e Arabella e Frau Herta começaram a bater a sujeira de sua saia. Emma olhava preocupada para o modo como o moviam. Se algo acontecesse àquele homem ela sucumbiria.

— O senhor provavelmente tem razão — Ela disse, acompanhando a remoção.

— Viu? Não estou sempre errado.

— Até um relógio parado está certo duas vezes por dia, milorde.

Dietrich riu, o que foi uma péssima ideia.

Emma acompanhou por alguns metros o transporte até a carruagem improvisada para levá-lo até o consultório médico.

Ignorando as ordens e discussão sobre suas cabeças, sobre como fariam para enfiar um homem tão grande no veículo, Dietrich soltou:

— Amo você. Sei que foi rápido, mas juro que amo.

Emma riu, enxugando o canto dos olhos. Ela sentia.

— Sou mais rápida que o senhor nisso também — Ela troçou, afastando-se para dar espaço para os voluntários. — Apaixonei-me primeiro. No segundo em que o vi.

— Quantos minutos tem o Danúbio Azul, Emma? — ele perguntou.

— Não sei. Sete, oito minutos?

— Cheguei com apenas sete minutos e meio de desvantagem.

Não estou tão atrás assim.

Aquilo foi demais para Emma. Ela o beijou. Na boca. Na frente dos voluntários. Para horror de Frau Herta e de todas as senhoras e senhores que acompanhavam o acontecimento.

Um ultraje daquele tamanho seria lembrado por dias como um gesto deplorável: uma moça solteira beijando o duque, à vista de todos.

Talvez se transformasse, no dia seguinte, no maior escândalo do reino.

— Você vai ficar bem — Ela sussurrou, vendo-o ser colocado no veículo. — Ainda vamos nos infernizar por muitos anos.

— Sequer faço questão de sobreviver se não for para ser assim.

**1** Minha nossa! Ou “Ai meu Deus”



3 4

0

alegres do lado de fora da capela de

Solitude. A construção, considerada a jóia do castelo, estava repleta de representantes da aristocracia e da classe industrial, gente escolhida a dedo pela duquesa Wilhelmine e a família da noiva.

A música potente do órgão ainda reverberava na alma dos presentes quando o casal caminhou em direção à saída. Estavam felizes, e o sorriso de cada um ali provava que naquele enlace havia algo nobre e raro.

Envoltos por arranjos de flores claras, iluminadas pelo sol que incidia pelas janelas arqueadas e, por fim, velados por querubins barrocos que os olhavam do teto, Emma Thiessen e Dietrich Alexander Friedrich Wilhelm von Württemberg-Winnental estavam, enfim, casados.

Emma passaria a se chamar Emma von Württemberg-Winnental.

Havia sido elevada à nobreza pelo próprio rei, e tornava-se, a partir dali, a nova duquesa do pequeno reino.

Wilhelmine sentia-se estranhamente tocada. Pelo enlace, por Dietrich e Emma, por tudo. Como se presenciasse algo poderoso e único começar, e soubesse que era responsável por ter alinhado eventos e unido quem deveria ser unido.

Ela secou diretamente o canto dos olhos com um lenço e o guardou sem que ninguém a visse.

Theo parou ao seu lado, oferecendo-lhe o braço, e eles caminharam juntos por alguns metros, atrás dos noivos.

— A senhora é realmente admirável — Theodor comentou.

— Eu sei — Ela respondeu. — Prepare-se, porque é o próximo.

Theodor riu, fazendo que não.

— Não tente vir com planos para cima de mim, mamãe. Não tenho o coração mole de Dietrich.

Mas ao erguer as vistas, o conde de Urach deu de frente com os Thiessen, e algo elétrico disparou por ele. Wilhelmine sentiu. O

corpo inteiro do conde retesou.

Os convidados seguiram da capela para um dos elegantes salões de Solitude, onde as festividades continuariam. Emma, em um vestido branco cravejado de pedrarias, sentou-se ao lado do marido, arrebatadoramente charmoso dentro de uma farda de gala escura, de colarinho vermelho e dragonas douradas. Elas faziam com que os ombros do duque, já largos, parecessem ainda maiores.

— Foi uma epopeia, não foi minha querida? — Dietrich depositou um beijo na mão da esposa. — Uma manhã já se passou. Restam apenas dois dias e meio de festejos.

— Socorro — Emma sussurrou gentil de volta, e ambos voltaram a sorrir para os convidados.

Com a abundância de vinhos e cervejas, que fluíam como riachos, a festa foi deixando para trás o requinte planejado e assumindo outras formas. A parte aristocrática, tão orgulhosa por distanciar-se dos costumes populares, nada pôde fazer quando as antigas tradições de casamento germânicas começaram a ser encenadas.

Os amigos de Dietrich, *Courassiers* que lutaram ao seu lado na guerra, foram os primeiros a puxarem a tradição. Uma coroa de murtas foi trançada, ali mesmo no salão, e colocada sobre a cabeça da noiva. Considerada pelos

romanos antigos um símbolo do amor além da morte, adornar as noivas com a planta era desejar ao casal felicidade conjugal permanente.

Outro amigo de Dietrich organizou a popular brincadeira da *noiva errada*. Uma senhora saída sabe Deus de onde entrou no salão, vestida de noiva, acompanhada de um tenente vestido como o noivo. Eles circularam pelas mesas fazendo os convidados rirem, ameaçando lançar feitiços sobre os noivos, em uma simbologia às tentações do mundo. Emma e Dietrich precisavam resistir aos avanços brincalhões como forma de demonstração de que estavam

sendo sinceros e honestos em suas intenções conjugais, e resistiram bravamente, como resistiriam às tentações do mundo.

A brincadeira rendeu risadas e até Wilhelmine, depois de algum tempo, estava batendo palmas para o filho, que soava divertidamente sério demais às tentações. Até mesmo a condessa de Hagen, Dietrich notou, batia palmas enquanto gargalhava, em uma prova de que tradições não tinham fronteiras, e que apenas o tempo — e as frescuras — as apagavam.

— Até a duquesa entrou na brincadeira — Dietrich cochichou no ouvido de Emma. Então, dando-se conta do que havia dito, corrigiu-se: — Espere. Você é a duquesa, agora.

Sim, ela era. Mas Emma olhava preocupada para a frente.

Dietrich seguiu seus olhos até chegar à irmã, Charlotte.

Ela estava sentada, silenciosa, ao lado da irmã e do pai. Os olhos estavam levemente vermelhos e ela parecia ter chorado.

— O que houve com ela?

— Não sei — Emma murmurou. — Ela está estranha. Há dias tento arrancar dela a verdade, mas ela está fugindo de mim.

— Acha que é porque você está saindo de casa?

— Não. Não é isso.

— Talvez algo referente ao pretendente de Amsterdam?

— Talvez — Emma pausou, pensativa. — Embora eu não entenda. Por que ela aceitaria o cortejo desse empresário de quem nunca ouvimos falar? Justo Charlotte, tão...

Emma pausou.

— Ela não parece feliz. Tentei dizer isso a ela, mas ela não quis me ouvir.

— Acha que está sendo forçada a aceitar um cortejo que não deseja? — Dietrich perguntou, deslizando uma mão atrevida pela coxa de Emma.

Emma deu um tapa em sua mão.

— Pare com isso, seu desaforado. Estamos falando sobre coisas sérias.

— Estou a ponto de explodir, coelhinho. Os preparativos para o casamento quase me enlouqueceram.

— Você não moveu um dedo para preparar nada. Deixe de ser dramático.

— Os preparativos a afastaram de mim — Ele olhou para Emma, linda com a coroa de flores. — Não conseguimos

passar um único minuto a sós desde que pedi sua mão!

— Isso é verdade — Emma concordou afastando a mão atrevida.

Ela voltou a olhar para Charlotte.

— Ontem, durante o *Polterabend*, ela quase não se alegrou —

Emma disse. — Sei que fez força para parecer bem, mas ...

Emma não conseguiu achar palavras.

Charlotte parecia triste? Ansiosa? Seu sofrimento era visível.

A *Polterabend*, ou noite do barulho, era o costume alemão de quebrar porcelanas na noite anterior ao casamento. Acreditava-se que os cacos dos pratos e vasos lançados ao chão traziam boa sorte, e que o barulho afastava os maus espíritos. A mansão dos Thiessen se encheu de amigos e conhecidos, e as celebrações duraram até tarde da noite.

— *Scherben bringen Glück* — Dietrich sussurrou em seu ouvido.

*Cacos trazem sorte*, dizia o antigo ditado.

Para Emma, sem dúvida, trouxeram. Mas por algum estranho motivo, cacos descreviam bem o estado atual da outrora altiva irmã.

Eram os cacos de Charlotte que angustiavam Emma.

— Seja lá o que aconteceu a ela, descobrirei — Emma disse taxativa.

— Tenho certeza que sim. Mas considere que ela pode estar triste por perder você. *Eu* estaria.

Um sorriso sincero embelezou o rosto amado.

— Talvez seja isso — ela concordou.

— Olhe, sei que não gostará do que vou dizer, mas tenho um plano para alegrá-la — Dietrich falou.

— Oh, Deus. Um plano seu.

— Precisamos arrumar um marido para ela. Daqui, de Stuttgart.

Para que vocês permaneçam juntas. É melhor que um empresário holandês, não acha?

— Ele não é holandês, é alemão. E discordo que precisemos achar alguém para ela. Quem precisa encontrar alguém é *ela*. E

mesmo assim, se desejar.

Dietrich deu de ombros, as mãos enluvadas erguendo-se em um gesto de quem havia tentado.

— Você tem razão — ele admitiu, por fim. — Embora não faltem jovens distintos e disponíveis no reino.

— Ah, é? — Emma olhou ao redor. — E onde eles estariam?

Pelo que Emma podia ver, os amigos de Dietrich se preocupavam mais em manter suas canecas de cerveja cheias do que poupar a dignidade.

Talvez seu marido tivesse falando do *outro lado*. O lado onde aquele bando de gente silenciosa e horrorizada

observava as brincadeiras como se jamais tivessem visto uma na vida.

Infelizmente, o lado digno da festa tinha poucos atrativos para a irmã voluntariosa.

Talvez, com exceção, do irmão de Dietrich: Theodor.

— Dieter — Emma chamou o esposo, observando como o irmão loiro e alto de seu marido parecia perdido em pensamentos. — Por que Theodor nunca se casou?

Não era incomum que jovens nobres vivessem uma vida de ostensiva solteirice, mas Theodor não parecia fazer o tipo devasso.

Ele era bonito, solteiro, mas sempre solitário. Agora que Emma atentava para isso, o achava isolado e solitário *demais*.

— Ele é criterioso em excesso— Dietrich deu um gole na cerveja vinda do mosteiro vizinho, presente dos monges por ocasião do casamento. — Pessoas como ele terminam sozinhos.

— Criterioso como?

— Sabe a importância que dei por muito tempo às minhas responsabilidades ducais? — ele perguntou.

Emma pressionou os olhos, dizendo com tato: — A importância praticamente inexistente?

— Exato. Agora imagine o oposto. *Esse é Theodor*.

Emma pôde ter uma boa ideia de que tipo de pessoa era Theodor, baseado no exemplo.

Theodor, o conde de Urach, vivia a alguns quilômetros de Stuttgart, no condado concedido pelo rei Karl ao oitavo duque, seu pai, muitos anos antes. Theodor geria suas terras com eficiência.

Segundo o pai de Emma, ele ouvira no clube de cavalheiros que o

conde havia fechado um negócio extremamente proveitoso, ligado à cada vez mais bem sucedida indústria têxtil.

— Sua mãe ainda não começou a procurar uma noiva para ele?

— Com o nosso casamento, talvez esse seja seu próximo projeto.

Emma olhou para Charlotte, tão triste sentada ao lado do pai, e para Theodor, do outro lado do salão.

— Talvez...

Ela interrompeu o que ia dizer. Pensando melhor, desistiu. Voltou a mexer nas tâmaras dispostas sobre a mesa, levando uma à boca.

— Theodor não ouve o coração — Dietrich imaginou o que Emma queria, e achou melhor dissuadi-la da ideia. — Ele é um homem digno e correto, mas jamais desposaria uma mulher por amor.

— Que triste— Emma suspirou, bebericando seu vinho adocicado, temperado com um leve toque de ervas aromáticas. — O

casamento só é tolerável com amor.

— Concordo — Dieter falou batendo a caneca vazia sobre a mesa. — Ele não faz ideia do que está perdendo.

Com as festividades entrando noite adentro, as brincadeiras continuavam. Houve o tradicional leilão do sapato de noiva, onde o delicado adereço foi passado entre os convidados, incitando um leilão, para que ao final o sapato fosse arrematado pelo noivo e retornado à amada.

A sapatilha de Emma foi arrematada por cinqüenta Gulden e devolvida à noiva.

— E quanto ao sequestro, Vossa Graça? — Gritaram os couraceiros quando Dietrich terminou de calçar a duquesa.

Os convidados riram e bateram palmas. O sequestro de noivas era uma tradição nos casamentos alemães. A origem da brincadeira podia ser rastreada até a idade média, e era unicamente baseada na lenda chamada "lei da primeira noite". Segundo se contava, em épocas remotas era concedido à nobreza o direito de deflorar a noiva de seus camponeses na noite de núpcias. Se aquilo algum dia foi verdade ou não, talvez algum dos ancestrais de Dietrich pudesse dizer, mas nos dias de hoje encenava-se uma brincadeira: os sequestradores, geralmente amigos do casal, levavam a noiva a

uma taverna na cidade, enquanto deixavam para o noivo algumas dicas de como encontrá-la.

— Não sequestramos damas nesse reino! — Dieter ergueu a taça e riu cúmplice para os amigos.

— Uau. Sem raptos de donzelas? — Uma voz desconhecida soou da entrada. — Que tipo de casamento alemão temos aqui?

Todas as cabeças se viraram para a porta.

Quem perguntara aquilo fora um homem alto e magro, recém chegado, que caminhava lentamente em direção ao centro do salão.

Emma olhou para Dietrich, confusa. Quem era aquele?

— Hans? — A duquesa se levantou, levando a mão ao peito.

—

Hans, é você?

Hans, o irmão mais novo de Dietrich, estava de volta depois de anos na América.

A duquesa abriu caminho até ele, seguida por Theo. Desde o início da guerra ninguém o via. Hans decidira viajar para a América e escrevia raramente.

A família se abraçou, sem notar que Hans trouxera companhia.

Um homem de aparência exótica aguardava na entrada do salão, e observava silencioso e discreto a reunião suntuosa.

Emma já havia visto pessoas como ele nos livros: cabelos negros compridos, feições quadradas, pele avermelhada.

Quando largou a mãe, Hans caminhou finalmente até Dietrich.

Eles deram um abraço apertado, batendo as mãos nas costas do outro. A diferença entre eles era gritante: Dietrich era moreno e enorme; Hans, pálido e magro.

Dietrich virou-se para Emma e a apresentou ao irmão:

— Hans, essa é a minha esposa, Emma. Milady, esse é meu irmão, Johannes.

— É um prazer conhecê-lo, senhor — Emma fez uma mesura, deslizando os olhos até o indígena parado na entrada. — O senhor e seu amigo são muito bem vindos nessa festa.

Hans não esperava a recepção calorosa.

— Não gostaria de nos apresentar seu amigo? — Emma perguntou, sorrindo para o estrangeiro. Os olhos escuros de Hans reluziram, e ele trocou olhares com o irmão.

Com algum receio, Hans respondeu:

— Temo que sua aparência cause furor no salão, caso o apresente aos noivos.

— Gostamos de causar furor — Emma sussurrou de volta, e Dietrich balançou a cabeça, concordando.

Se havia algo que os dois faziam bem, juntos, era aquilo.

A expressão taciturna do homem diminuiu.

— Fico sinceramente lisonjeado, milady — O caçula dos Württemberg disse, discretamente comovido. — Já estimo-a como uma irmã por acolher meu bom amigo.

Ele fez uma mesura e se afastou para chamar o companheiro.

Dietrich suspirou ao lado.

— Ah, coelhinho — ele falou, vendo Hans andar até o estrangeiro. — Onde, nesse reino, teria encontrado outra mulher como a senhora?

— Gostei do *senhora*. — Emma sorriu maliciosa para Dietrich. —

Pode me chamar assim mais vezes. Soa tão... *sério*.

— Eu chamarei — a voz de conhaque prometeu.

Horas depois, exausta e feliz, Wilhelmine parou ao lado do Sr.

Thiessen.

— Foi uma boa noite — Ela comentou, olhando os casais bailarem na festa.

— Sem dúvidas, foi — Herr Thiessen concordou.

Wilhelmine virou-se para o industrial carrancudo e falou:

— Não somos conhecidos por nossa passionalidade, Senhor Thiessen, mas sinto que o duque fará a duquesa feliz.

Herr Thiessen deu um gole na bebida, pensativo, e olhou para o casal.

— Aguardamos que sim. Embora espere que este seja o último nobre na nossa família.

A duquesa olhou para o lado, testemunhando o olhar dolorido trocado entre Charlotte e Theodor.

— Eu não contaria com isso — Ela se despediu dele com um gesto polido. — Pode ser que em breve testemunhemos uma nova

história.

— Emma? — Arabella aproximou-se de Emma e Minna, a jovem prima dos anfitriões. — Charlotte quer falar com você.

— Comigo? — Emma virou-se, procurando a irmã.

— Não aqui — Arabella falou. — Lá fora.

— Aconteceu alguma coisa?

— Ela apenas pediu que a chamasse — Arabella deu de ombros.

Desculpando-se com a convidada, Emma deixou o salão e andou até o corredor. Nada. Ela virou a direita e chamou Charlotte duas vezes.

Emma olhou para um lado e para o outro, sem ver ninguém. Não havia viva alma ali.

Quando estava para voltar para o salão, foi imobilizada bruscamente por trás. Mãos fortes a seguraram pelos braços, e um capuz foi colocado sobre sua cabeça.

— O que está acontecendo?? — Ela se agitou, tentando se soltar, mas não tinha força para lutar contra dois homens. Eles a carregaram até um nicho escondido e a entregaram a um terceiro.

Mãos firmes e conhecidas a seguraram.

— Shhh — o terceiro homem fez, virando-a.

Trazendo as mãos até suas costas, ele as amarrou firme.

— Eu vou matá-lo — Emma avisou.

— De amor? — O estranho beijou seu pescoço, e ela se encolheu.

— Se der, considere-se morto.

O duque a ergueu do solo, encapuzada e amarrada, e a carregou escadaria acima, fazendo-a prometer que ela deveria, ao menos, tentar.

Tradição era tradição.

FIM



3 5

A

, Dietrich colocou Emma no

chão. Ela parecia desorientada, sem saber onde estava. Dietrich adorou vê-la assim.

— Acho que mantereí você amarrada, coelhinho.

— Que maldade — ela ronronou, sendo empurrada gentilmente para trás até encostar em uma superfície dura. Era a mesa de trabalho dele, pelo que sentiu.

— Sou malvado — Ele disse aproximando-se, erguendo a borda do saco macio para que seus lábios encontrassem a pele do pescoço da esposa.

Emma gemeu quando o caminho morno e úmido desceu por ela e continuou por cima da renda branca do vestido.

— Tire meu vestido — Ela pediu, ansiosa pelos beijos do marido.

Haviam se beijado nos últimos dias, mas nunca parecia o suficiente.

— Ainda não.

Emma arregalou os olhos, sem enxergar nada além de escuridão. Ele estava, realmente, sendo malvado.

Ela o ouviu remover coisas da mesa e jogar outras no chão.

Então, ele a segurou pelos ombros e a virou.

— O que vai faz...

— Shhh.

Ela foi colocada de frente para a mesa, e antes que pudesse perguntar o que ele pretendia, sentiu seu corpo colar quente e duro às suas costas.

Os beijos acharam seu pescoço, logo os dentes também. As mordidinhas a fizeram se contorcer, e ela desejou estar desamarrada para tocá-lo. Com o ventre colado à mesa, ela sentiu as pernas dele procurarem o vão entre as dela, por cima das milhares de anáguas.

— Não quero despi-la — ele sussurrou perto de sua orelha, arrastando as mãos pelo seu quadril. — Também não quero

tirar seu capuz, nem desamarrá-la.

Aquilo ergueu cada um de seus pelinhos

— O que quer comigo, então? — Ela perguntou com a boca seca, sentindo-se dolorida entre as pernas.

— Quero-a assim. Rendida.

— Não faz seu estilo gostar das indefesas, milorde, ou não teria me desposado.

Ela ouviu a risada rouca em algum lugar próximo ao ouvido.

Dentro do saco, ela sorriu também.

— Confesso que não gosto. Mas vejo uma graça infinita em ver minha esposa atrevida amarrada, e saber que posso usufruir do que é, agora, oficialmente meu.

— Não tinha reparado em como era possessivo.

— A senhora não conhece todos os meus lados — Ela sentiu a virilha do duque encaixar entre suas nádegas. — Fui um bravo soldado também, sabia? — As mãos de Dietrich passearem pela renda dos braços, subindo e descendo, carregando o controle de Emma para longe.

De olhos fechados, sentindo-se imersa em um caldo quente, ela respondeu:

— Imagino-o belo e imponente sobre a égua, de uniforme, lutando contra os franceses...

— Tenho muitos defeitos, mas não sou covarde.

— O senhor se casou comigo. Quer prova maior?

Ele riu novamente, a risada rouca e curta fazendo a pele de Emma crepitar de desejo. Ela sabia que era inútil resistir aos avanços inéditos, que a pusera em uma posição que jamais imaginara estar. Ela podia elaborar argumentos e dominar a própria mente, mas quem dominava seu corpo era *ele*. Sem chicotes, amarras ou correntes. Beijos, era tudo que ele usava. Beijos bastavam.

As mãos de Dieter desceram pelos braços dela, saltando do cotovelo para as ancas.

— Vire-me — ela pediu, baixinho, mas o duque estalou os lábios, fazendo que não.

— Quero-a exatamente assim, coelhinho. Para apreciá-la de costas. — Ele baixou mais ainda o tom, sua voz fervente soando como um sopro no ouvido: — Quero ouvi-la choramingar quando eu a penetrar...

Emma quase soluçou. Ela ouviu aquilo, realmente? Seus ombros se encolheram e ela sentiu as pernas se espremerem. Só de pensar que ele estava falando sério, ela sentia o formigar delicado tomar conta das pernas e crescer por ela. À medida que os dedos fortes iam subindo camada por camada de suas saias, seu corpo travava um embate: deitava na mesa ou jogava-se para trás, encolhida de agonia?

Era escandaloso o modo como o queria. Decidiu inclinar-se para frente e deitar sobre as mãos atadas, a lateral da face colando-se à madeira, enquanto os lábios de Dietrich encontravam sua nuca. Os dedos continuavam a subir pela saia. Por não conseguir enxergar, os outros sentidos estavam acesos, como recipientes sobre chama máxima, fazendo seus líquidos borbulharem.

— Linda — Seu marido murmurou, livrando as nádegas da última camada de seda. Entre ela e Dietrich só havia agora sua roupa mais íntima, que na verdade sequer precisava ser removida, dada a fenda entre as pernas. — *Minha duquesa...*

O que Dietrich fazia era um cortejo às suas curvas: passeios delicados e reverentes por suas paisagens. Emma sentiu o corpo empinar, em uma reação audaciosa e impensada. A visão deve ter incendiado seu marido, porque o passeio reverente deu vez ao estouro de uma manada.

Barulhos de mil coisas acontecendo a fizeram arregalar os olhos.

Cintos caíram no chão, botões foram arrancados, roupas desceram e subiram, tudo ao mesmo tempo. Seu nome se misturou a grunhidos ansiosos. Quando a última peça de tecido foi erguida e ela sentiu o frio do cômodo envolver suas partes íntimas, sentiu sua mão.

Ela havia se embrenhado por trás, pelo meio de suas pernas, deslizando em direção aos seus pêlos íntimos. Colheu sua essência como uma colher colhia mel, até Emma se contorcer.

— É bom, não é, coelhinho?

Emma fez que sim, cedendo sob o peso de sua mão até relaxar sobre a mesa. Sentiu cheiro de cera na madeira; do perfume de Dietrich, tão conhecido e masculino, e do tecido que envolvia delicadamente seu rosto. E sentiu, em meio a tudo, a pressão do membro masculino tocar o lugar onde ela ardia por ele.

Dietrich deitou-se sobre ela, o membro encaixado entre suas nádegas, o peso de seu peito sobre suas costas. — Eu

poderia possuí-la aqui, agora. Você gostaria disso?

Emma fez que sim, sem ar.

— Mas como posso fazer isso, justo na nossa noite de núpcias?

— O nariz dele correu seu pescoço para cima e para baixo, tentador. — Você deve estar sonhando com algo mais romântico e tradicional...

Aquele homem não fazia ideia do que a fazia sonhar. Emma fez que não, sem ar.

— Desejo.... Desejo o tradicional... — ela disse, fraca...

— Como? — Ele perguntou com os lábios em sua pele.

— ...Desejo o tradicional *também*, milorde — Ela concluiu, as palavras saindo atrapalhadas.

As mãos de Dietrich congelarem em suas ancas. Espere: ele estava chocado com o que ela disse? *Oras, que parasse de provocá-la, então!* Ainda bem que estava amarrada, ou o socaria.

A voz dela saiu bem mais firme quando ela se virou e disse:

— O tradicional pode esperar.

Então ele finalmente soltou outra risada — menos seca e curta, e bem mais apaixonada — e a abraçou por trás, prendendo-a entre os braços fortes.

— Que sorte a minha, Emma.

Emma também se considerava bastante sortuda no momento, mas achou melhor parar de falar. Sonhara por

tempo demais com o corpo de Dietrich para recomeçar tudo em cima de uma cama. No mais, estava perfeitamente excitada naquela posição desconhecida, que jamais lera ou vira ser encenada em livro algum.

Ela sentiu a ponta do membro tocá-la onde ela implorava por alívio. Ela se ajeitou, querendo-o. Ali, ou na cama — queria-o em qualquer lugar e de qualquer jeito.

Dietrich a penetrou centímetro por centímetro, ajustando-se a ela como havia se ajustado quase dois meses antes, quando se descobriram em Solitude. Mãos em seus ombros, e aquela bendita pressão que a fazia querer gritar.

Ela mal acreditava que estava sentindo novamente aquela sensação. Entreabriu os lábios quando ele forçou adiante, movendo-a sobre a mesa. Estava sendo preenchida por ele. Completamente, inteiramente, deliciosamente. Presa e amarrada, suspensa por coxas grossas, seus pés mal tocavam o chão. Ela encostou a testa na madeira e respirou fundo, sentindo-o bombear dentro dela, uma perna entre suas coxas para poder entrar melhor. Ela lembrou vagamente de ter falado seu nome. De ter *gritado* seu nome. De gemer, alto, quando o vai e vem frenético a fez alcançar o orgasmo mais delicioso dos poucos que sentira na vida.

Dietrich tombou sobre ela, exausto e sem fôlego, e arrastou o rosto masculino e moreno em sua nuca, lambuzando-a de suor. Tão cru e primitivo, tão *exatamente* o que ela desejava dele.

— Solte-me. — Ela pediu, e ele a soltou. Arrancou o saco de pano de sua cabeça e a virou. Os olhos dele eram poços escuros e profundos. Os dela, um misto de fascínio e amor.

Seu cabelo estava grudado na testa, os cachos libertos do penteado. Dietrich aproveitou para soltá-los de vez.

Olhando para a expressão apaixonada do homem de sua vida, ela enlaçou seu pescoço e o beijou. Apaixonadamente. Ele retribuiu com tudo. Com as calças arriadas, presas pelas botas que iam até os joelhos, o membro já não tão flácido assim.

Eles caminharam agarrados até a cama. Tombaram sobre ela, ela por baixo e ele por cima, as franjas douradas da dragona do ombro dele roçando nela.

— Coelhinho — Ele a olhou de um jeito malvado. — Você está agora na minha gaiola.

— Deus, até isso soa pervertido vindo de você.

— Quer menos pervertido? Sei ser também. Mas gosto de perversões. E, pelo jeito, você também.

Ela tentou socá-lo nos braços, mas ele não deixou.

— O que quer que eu faça? — Ele perguntou.

— Tire minha roupa — ela pediu, alisando sua camisa. — Quero sentir você.

Emma deixou que ele a despisse, peça a peça, e quando estava nua como Vênus saindo do mar, viu cada curva sua encaixar-se na dele. Beijos ruidosos e mãos atrevidas passearam por toda a parte.

Ele estava suado e melado; ela também.

— A saudade quase me matou. Aquela sua preceptora é uma leoa. Nada consegue passar por ela.

Emma fez que sim. Ele tinha toda razão.

— Quando fecho os olhos e penso em você, juro por Deus, Emma, que ela parece com o dedo em riste, fazendo “não”.

Uma risada borbulhou de dentro dela.

— Agora que somos oficialmente marido e mulher, podemos ficar a sós o tempo que quisermos.

— Espero que a imagem dela suma rápido da minha cabeça  
—

Dietrich estremeceu.

— Eu também — Emma riu.

Alguns minutos depois, Emma lembrou de algo. Ela interrompeu o carinho no peito do amado e ergueu o rosto.

— Dieter, não tomamos nenhum tipo de precaução.

— Precaução com o quê?

— Oras, para não engravidar.

Ela não pensara nisso. Sequer passara por sua cabeça que poderia engravidar.

— Não se preocupe — Ele beijou sua mão, tranquilo. — Não será tão fácil assim.

Algo em Emma dizia para ela não acreditar.

— Você acha?

— Tenho certeza — ele a trouxe de volta à posição confortável de antes, concluindo:— Alguma vez falhei com

você?



## EPÍLOGO

### **Oito meses e meio depois**

— A

... do nosso... casamento! — O grito de

Emma ecoou pelo corredor, e os criados se encolheram.

Hora da nova contração.

A voz de Dietrich chegava abafada do quarto:

— Guarde seu fôlego, meu amor — O duque soava preocupado e paciente, embora claramente não demonstrasse muito tato para o momento: — Você poderia respirar o dobro se parasse de gritar...

Os criados balançaram a cabeça um para o outro, fazendo que *não*. Só um pai de primeira viagem diria aquilo a uma mulher parindo.

O som de algo quebrando dentro do quarto os fez encolher outra vez.

Desde que as contrações começaram, seis horas atrás, o medo tomou conta de Solitude. Uma parteira foi chamada, assim como um médico, mas Emma queria um tempo a sós, sem a confusão que havia sido armada no quarto. Dietrich, sozinho, já estava dando trabalho suficiente, adicionando àquela "outra coisa" — a chegada do bebê — um pouco mais de drama.

O duque parecia um animal enjaulado. Não respeitava as ordens dadas pelos mais experientes e entrava e saía do quarto a cada poucos minutos, precisando tanto ou mais de ar do que a própria esposa.

*A duquesa era fraca*, era a frase exaustivamente repetida entre os criados. Eventualmente esses comentários chegavam aos

ouvidos de Dietrich e ele se exaltava. Ele sabia que ela não tinha fôlego para longas cavalgadas, caminhadas ou esportes ao ar livre, mas *precisava* ter para trazer seu filho ao mundo.

*Seu filho*. Só de pensar nisso, o duque se alterava outra vez.

No entanto, o que não chegava a seus ouvidos era que a duquesa tinha bastante fôlego quando se tratava de argumentar com o esposo. Entre a criadagem, era de praxe fofocar sobre a maneira como eles discutiam o tempo todo. As criadas mais íntimas alegavam que a duquesa não deixava nenhum tipo de ironia passar sem que uma resposta fosse lançada de volta, e rápido. *Que rapidez!* Elas costumavam comentar.

Já os valetes e empregados da cozinha resmungavam entre eles que nenhum palácio da terra seria grande o suficiente para conviverem com uma mulher assim. " *É claro que a*

*duquesa não tem fôlego! A palavra, afinal, não é um tipo de sopro?"*

Apenas aqueles mais íntimos do casal entendiam que Emma e Dietrich não brigavam: eles conversavam. Que o duque estava sempre perguntando a opinião de Emma sobre tudo e ela sempre tinha uma opinião a respeito. Quando ela falava, ele a ouvia — e aquilo era mais precioso que o ar.

— Se você não parar de me aborrecer eu vou *estapear* você! —

o grito feminino decidiu a abertura da porta mais uma vez. Dietrich deixou o cômodo, acompanhado por Arabella.

— É melhor ficar aqui, milorde — a jovem dama disse. — Vossa graça está atrapalhando lá dentro.

Dietrich esfregou o rosto com as mãos, desorientado. Olhou para cima, bufou. Voltou a andar de um lado para o outro no corredor, sem saber o que fazer com a angústia.

— Se Emma...

Ele não conseguiu terminar a frase.

Se algo acontecesse a ela, ele morreria. Ele só conseguia ter medo. Por ela, pelo bebê, pela sua família.

Um herdeiro, pelo amor de deus. Ele havia conseguido — na verdade, ainda não conseguira — um herdeiro para o bendito ducado. Mas a que preço?

Era aquilo que o desesperava. Precisava de Emma em seu futuro, não podia perdê-la. Não depois que sua alma resolvera

deixar seu corpo para habitar a dela. Sequer sabia mais como voltar para casa.

— Senhorita — ele se virou para Arabella. — Acha que ela...

— Não — Arabella respondeu tranquila, os olhos azuis duas piscinas calmas e serenas. — Emma é muito mais forte do que aparenta.

— Mas ... Mas sua mãe...

— Nossa mãe se foi porque era sua hora de partir, milorde. Não é a hora de Emma.

Dietrich sequer escondeu a careta.

— Pelo amor de Deus — o duque deu meia volta, irritado com a tranquilidade da cunhada. O indígena que Hans trouxera da América havia contaminado a todos com suas ideias estranhas sobre destino, céu, inferno e o diabo a quatro. Até mesmo Emma, tão racional, gostava de ouvi-lo. Ele não entendia como aquelas ideias estapafúrdias ganharam terreno na cabeça dela, mas ganharam. E

cresceram.

— Se ao menos Charlotte estivesse aqui! — Dietrich bradou, irritado.

Emma tinha chorado muitas vezes nos últimos meses por causa da irmã distante. Sentia falta dela. Ela havia se mudado meses atrás para Berlin com o novo marido, um homem misterioso que “atraía todo tipo de energia ruim”, segundo Kâheeso.

Dietrich chacoalhou a cabeça. Estava, ele mesmo, invocando as ideias primitivas do amigo de Hans? As ideias

de "Cansado Ainda Erguido", tradução de Kâheoeso, o haviam contagiado.

— Onde está Kahe? — Dietrich olhou ao redor. Ele desistira de aprender o nome do homem, e agora todos os chamavam assim. —

Ele poderia fazer um de seus feitiços, aliviar a dor de Emma, sei lá!

— Ele se ofenderia com a simples sugestão, milorde — Arabella retrucou, as mãos tranquilamente unidas na frente do avental. —

Kahe não é um curador, ele é um visitante em nosso país. No mais, viajou com o Sr. Hans para visitar Lorde Theodor e nenhum deles se encontra em Solitude.

— Ah, Ótimo! — O duque chutou um vaso contra a parede, quebrando-o em pedaços. — Todos espalhados por essa maldita Alemanha, enquanto o bebê decide vir ao mundo!

— Dietrich?

A voz da mãe o fez parar no lugar.

O timbre que até aquela noite sempre fora associado a esculachos agiu, por motivos que ele não entendia, como um bálsamo. Se havia alguém capaz de ajudar Emma, era sua mãe.

— Mamãe, as contrações de Emma estão cada vez mais fortes.

— É mesmo? — Ela respondeu com as feições sérias, os olhos cravados nos dele. — Pela gritaria, ninguém

adivinharia. Soube que está dando trabalho para a pobre mulher — ela disse para o filho.

— Não estou dando trabalho. Só estou preocupado.

— Ele está dando trabalho a Emma ? — Wilhelmine perguntou à jovem senhorita Thiessen.

Arabella fez timidamente que sim.

Wilhelmine entregou a ela um pacote que trazia nas mãos e olhou feio para Dietrich.

— O que é isso? — a jovem perguntou.

— Chegou de Berlin. Aqui diz: *para a duquesa de Württemberg, em mãos.*

Arabella apalpou o pacote, notando que havia um livro ali dentro.

Um livro fino, mas ainda assim, um livro. Ela olhou lívida para Dietrich.

— Entregarei a Emma antes que a próxima contração venha —

Arabella avisou voltando ao quarto e fechando a porta.

Wilhelmine observou a porta bater. Em seguida, olhou para o filho, visivelmente transtornado.

— Estou desesperado, *Mutti.*

— Eu sei, *mein Lieber.*

Dietrich tinha medo que o ar faltasse à esposa. Que algo acontecesse. Ele ouvira casos sobre mulheres que morriam

em partos. Em toda família havia uma tia ou uma prima que havia falecido assim.

— As coisas podem dar errado. Como deram na família dela — a voz de Dietrich saiu embargada, como se uma comporta interna não permitisse que sua voz saísse.

— Confie que dará tudo certo.

Dietrich grunhiu.

— Confiar é o problema!

Wilhelmine deu meia volta, decidida a aguardar na sala ao lado, onde um chá quente a esperava. Estava muito velha para certas coisas.

— Só não entendo como a moça que não devia ter filhos e o homem sem um testículo conseguiram uma criança tão rápido —

Ela resmungou baixo, fazendo a fileira de criados prensarem a boca para não rirem.

— Fique tranquilo, Dieter — A ex duquesa falou alto. — A sorte está do lado de vocês!

Dentro do quarto, Emma caminhava curvada e com as pernas ligeiramente abertas, na típica marcha das grávidas. Ela sentia estranhas urgências. A primeira delas era caminhar entre as contrações, que vinham fortes e cada vez mais frequentes. A outra era irritar-se com qualquer coisa, mas especialmente com Dieter.

Ninguém havia avisado que doía tanto. *Ou haviam?* Certamente haviam. Ela não havia sido enganada sobre isso, ou algo assim.

Mas definitivamente havia sido enganada pelo marido avoado que a convencera de que era “praticamente estéril”.

E ali estava ela, tendo um bebê.

— Emma querida — Arabella foi até ela, pegando em seu braço e a trazendo de volta para a cama. — Deite-se, por favor.

— Como pode doer tanto? — Emma gemeu.

— Vai sair um bebê de sua... Bem, *dali*. Seu corpo está se preparando para isso.

— Mas é praticamente impossível! — Emma começou a respirar mais rápido, sentindo vontade de fazer como os cachorros faziam quando cansados. — Não...pode....ser.

— Já está sendo — Arabella ajudou Emma a se recostar nos travesseiros. — Tem certeza que não quer que a parteira assuma daqui?

— Não — Ela balançou a cabeça. — Onde está Frau Herta?

Emma gostaria que Frau Herta estivesse ali. Ela era a figura mais próxima de uma mãe que conhecia, e saberia o que dizer e o

que fazer sem melindres. Bastava Dietrich tendo chiliques naquele quarto, ela não queria ninguém ali que não conhecesse.

— Ela está chegando — Arabella a tranqüilizou.

— Como consegue se manter tão calma? — Emma perguntou levando a mão à coluna, como se ela estivesse se partindo no meio.

Sua vontade era gritar maledicências pela janela. Socar alguém ou alguma coisa.

— Sinto-me mesmo incrivelmente calma — Arabella parou, notando o pacífico estado de espírito que a tomava. — É como se tudo no mundo tivesse se ajeitado, Emma. Como se só você e o bebê existissem.

Emma teria rido se uma violenta contração não a tivesse envergado ao meio. Ela soltou um grito, inclinando o corpo para a frente. Arabella acariciou seu cabelo, ajeitando as cobertas.

— Vou chamar a parteira.

— Não! — Emma gritou, voltando a cair de costas na maciez dos travesseiros. — Ainda não. Não está na hora ainda. Eu sinto.

Ela respirou fundo, sentindo os pulmões responderem ao pedido por ar. Como podia uma caminhada exauri-la enquanto um parto lhe concedia fôlego? A natureza era mesmo estranha.

— Adoraria que esse momento fosse nosso — Emma murmurou, suada e cansada. — Meu, seu e de Charlotte. Não queria parteiras nem médicos — ela disse sem entender por que estava falando aquilo.— Bella, desculpe-me por ter gritado. Gritar alivia.

Arabella limitou-se a sorrir e acariciá-la no rosto.

— Eu também queria que ela estivesse aqui — Arabella falou. —

Acho, no entanto, que ela arrumou um jeito de estar.

Emma olhou sem entender para a irmã.

— É de Charlotte. — Ela entregou o pacote a Emma.

Os olhos de Emma encheram-se de lágrimas.

— Acha que é finalmente um pedido de socorro? — a duquesa perguntou, rasgando raivosa o embrulho.

— Charlotte não pedirá socorro — Arabella riu. — Mas deu um jeito de vir até você.

Ao abrir o embrulho, cuidadosamente empacotado em um envelope limpo e embalado em seda, Emma deparou-se com um livro. A visão do casal na capa a fez esquecer completamente onde

estava, o que estava fazendo e o que teria nos braços daqui a poucas horas.

Nada além de um livro. Fininho, quase uma revista.

Na capa, Trudy e seu corsário se abraçavam, o corpo forte e másculo do homem moreno protegendo com ferocidade o corpo frágil de sua amada. O título, sugestivo, fez Emma sorrir: *O nascimento do bebê pirata*.

Ao olhar para o ventre inchado da personagem, Emma riu. Ou chorou, já nem sabia mais.

— Ah, meu Deus, isso é tão...

— Doce — Arabella completou, sentando-se ao lado da irmã.

— Leia para mim — Emma pediu. — Se eu não sobreviver, quero que... que diga a Charlotte que eu a amo mais que tudo. Mais do que amo Dietrich, e minha nova vida. Só não mais que você, e ...

— Emma alisou o próprio ventre —... e o bebê.

Arabella beijou sua cabeça, respondendo tranquila:

— Você dirá isso a ela pessoalmente. — Olhando para a barriga de Emma, perguntou por curiosidade: — Gostaria que o bebê fosse uma menina ou um menino?

Emma encostou a testa suada no ombro de Arabella quando a próxima contração veio. Ela se retorceu, mas como estava mais calma, sentiu menos dor.

— O ducado quer um menino.... — ela pegou ar, ajeitando-se na cama. — Mas eu queria uma companheira. Como vocês foram para mim.

Arabella abriu a revista e começou a ler, como sempre fez:

*"Trudy retornara à civilização. O amor nascido naqueles poucos meses a engrandecera, mas a deixara inadequada para a vida civilizada. "Quem seria capaz de ser feliz ao lado de um selvagem?"— Ela às vezes se perguntava. Então via-se respondendo: "Uma criatura tão selvagem quanto ele."*

*Quando seu ventre começou a crescer, soube que era hora de retornar. Mas como acharia um fantasma em meio aos mares de azul infinito? Ele dissera antes de*

*partir que se desejasse um dia encontrá-lo, deveria espalhar aos quatro ventos que o procurava, e ele a acharia.*

*Trudy espalhou rumores de que um enorme tesouro estava sendo transportado em uma nau da coroa. Que dentro daquele baú existia algo que seu pirata sonhava.*

*Não durou para que navios de velas negras cercassem a nau, e a invadissem.*

*Ele a havia encontrado.*

*Eles se olharam quieta e profundamente enquanto reféns eram colocados em fila no convés. Os tripulantes e até mesmo o capitão pediram clemência, afinal tinham famílias e uma senhorita grávida à bordo, mas piratas eram piratas.*

*O corsário caminhou silencioso até ela, as mãos calejadas e masculinas ao lado da espada, os olhos correndo pela pele alva e lisa, tão contrastante com o seu eterno bronzeado.*

*Trudy sentiu o cheiro de seu suor, de sal, de sol, de paixão. Ela fechou os olhos, quase doente de vontade de ser novamente tocada por ele.*

*Sem preâmbulos, ele a arrebatou entre gritos e choros de misericórdia, e a levou para dentro do navio.*

*Havia tanto o que saquear, tantas riquezas e jóias, tantos bens para levar, mas assim que se viram sozinhos, tudo que ele quis saquear, ele saqueou.*

*Ele a beijou apaixonadamente. Com sua boca, seu corpo e sua alma. Um beijo cheio de gemidos baixos e murmúrios de saudades. Tateando o ventre da amada, soube que ali crescia algo seu. Que havia achado seu tesouro ao mesmo tempo que havia sido feito escravo.*

*Jamais imaginou que o amor traria isso: grilhões, aliado à liberdade do que antes batia preso no peito.*

*Ele, tão bem guardado por oceanos profundos, rendeu-se ao toque de uma moça de cabelos castanhos*

*e olhos assustados. Ela, tão protegida por seus desertos áridos, hoje florescia pela força do amor.*

*— Como faremos agora? — Trudy perguntou, aos beijos, agarrada à sua camisa.*

*— Não sei. Mas sei que faremos juntos — foi a resposta.*

A contração seguinte veio um pouco mais rápido, embora menos dolorida. Ou Emma estava tão emocionada e atenta a outras dores, que não percebeu a própria?

Arabella continuou:

*"Na noite em que o filho do pirata veio a mundo, os deuses pagãos enviaram suas oferendas. Raios, trovões, chuvas e ventos. No casebre encoberto entre palmeiras altas, perdido em uma ilha semi deserta e paradisíaca, duas senhoras conversavam com Trudy na língua estranha e melodiosa que ela aprendera a falar. Elas iam e vinham com panos e louças, entoando cânticos de vez em quando, chamando a criança para vir. Estavam em sintonia com o mundo, porque o mundo era o que era justamente por causa de momentos como aquele.*

*Elas diziam "Empurre!" Na língua estranha e Trudy obedecia ao que o coração e o corpo entendia.*

*Ela empurrava. Longe da família e das amadas irmãs, mas não triste e nem sozinha, porque sua tarefa era maior do que ela própria, e mulheres, nessas horas, encontravam-se e ajudavam-se.*

*Uma rede delas estava ali. Mulheres que cantavam e sabiam, do fundo da alma e por meio da experiência, como fazer o mundo girar.*

*Não eram no fim as máquinas de aço que empurravam o mundo adiante. O que movia a roda da vida eram*

*empurrões que milhares de outras como ela deram, como ela estava dando, agora.*

*Seu pirata moreno também estava ali, com ela.*

*Observando sua falta de ar com tocante comoção.*

*Atento a cada movimento do peito que em breve alimentaria seu filho.*

*Com as mãos na sua, ele falava:*

*— Pense nos campos verdes do seu país, meu amor.*

*Pense nas savanas douradas e sem fim, onde o sol parece tocar a terra. Pense nos oceanos, nos seus mil tons diferentes, e na brisa que move nossas velas.*

*Pense em vastidões.*

Emma pediu que Arabella parasse de ler e chamasse Dietrich. E

a parteira.

A dor atingiu seu último grau, tão violenta que ela sentiu que poderia morrer, então passou.

Um último empurrão e Emma se deitou, de olhos fechados, sentindo a roda se mover.

E, no seu colo, foi colocado o décimo duque de Württemberg-Winnental.

FIM

**O U T R O S L I V R O S D A A U T O R A Obrigada por lerem  
Lady Audácia!**

Pesquisas indicam que 20-40% do sucesso de uma obra está na propaganda do boca-a-boca.

Deixem sua avaliação na **Amazon e no Skoob**, entrem em contato

[.karinaheidr@gmail.com](mailto:karinaheidr@gmail.com)), recomendem o livro para uma (ou mais

amigas)!

Para visitarem o **blog *Diários de uma Lady***, cliquem aqui!

<https://karinaheid.wixsite.com/diariosdeumalady>.

Se quiserem conhecer outras obras da autora, aqui estão elas: *Fantasia*

### **[A Jornada das Bruxas](#)**

*Romance Adulto*

### **[A Última Peça](#)**

### **[Sessenta Noites em Trindade](#)**

### **[Meu Capitão: Sessenta Noites em Trindade 2](#)**

### **[Sexo, Amor e Outros Estragos](#)**

### **[Selvagens](#)**

### **[Mascarado](#)**

### **[A Morte e a Donzela - Parte 1](#)**

### **[A Luz e a escuridão - Parte 2](#)**

**O Lado Bom do Inferno**

**A Garota da Música**

**Lady Trapaça**

**Lady Malícia (lançamento: Julho 2020)**

*Contos e Antologias*

**Spin-off de Selvagens: a história de June e João**

**Homens de Farda**

**Doze por Doze: “Janeiro”**

Quer *me* conhecer? Clique aqui:

[www.karinaheid.com.br](http://www.karinaheid.com.br)

Meu trabalho com escrita terapêutica:

[www.ocaminhointerior.com](http://www.ocaminhointerior.com)

S O B R E A A U T O R A

P

, professora de alemão, psicóloga e escritora — tudo que é legal ser, já fui (e sou). Sou também mãe de duas crianças lindas e esposa parceirona. Já corri o mundo e morei em um monte de lugares. Adoro falar sobre livros, técnicas de escrita e papos psi!

Se quiserem falar comigo, sabem onde me encontrar <3

[www.karinaheid.com.br](http://www.karinaheid.com.br)

# Document Outline

- [Title Page](#)
- [Contents](#)
- [Copyright](#)
- [Dedicatória](#)
- [O livro vem com um blog?](#)
- [Prólogo](#)
- [Chapter 1](#)
- [Chapter 2](#)
- [Chapter 3](#)
- [Chapter 4](#)
- [Chapter 5](#)
- [Chapter 6](#)
- [Chapter 7](#)
- [Chapter 8](#)
- [Chapter 9](#)
- [Chapter 10](#)
- [Chapter 11](#)
- [Chapter 12](#)
- [Chapter 13](#)
- [Chapter 14](#)
- [Chapter 15](#)
- [Chapter 16](#)
- [Chapter 17](#)
- [Chapter 18](#)
- [Chapter 19](#)
- [Chapter 20](#)
- [Chapter 21](#)
- [Chapter 22](#)
- [Chapter 23](#)
- [Chapter 24](#)
- [Chapter 25](#)

- [Chapter 26](#)
- [Chapter 27](#)
- [Chapter 28](#)
- [Chapter 29](#)
- [Chapter 30](#)
- [Chapter 31](#)
- [Chapter 32](#)
- [Chapter 33](#)
- [Chapter 34](#)
- [Chapter 35](#)
- [Epílogo](#)
- [Outros Livros da Autora](#)
- [Sobre a Autora](#)